

Henrique Andrade

A BEM DA VERDADE

Estudo crítico-analítico da obra
"OS QUATRO EVANGÉ-
LHOS" ou "REVELAÇÃO
DA REVELAÇÃO" de J. B.
Roustaing em face da "TER-
CEIRA REVELAÇÃO" co-
dificada por Allan Kardec.

EDIÇÃO PRÓPRIA

1946

Henrique Andrade

A BEM
DA
VERDADE

EDIÇÃO PRÓPRIA

1946

Henrique Andrade

A BEM DA VERDADE

Estudo crítico-analítico da obra "OS QUATRO EVANGELHOS" ou "REVELAÇÃO DA REVELAÇÃO", de J. B. Roustaing em face da "TERCEIRA REVELAÇÃO" codificada por Allan Kardec.



RIO
EDIÇÃO PRÓPRIA
1946

PREFÁCIO

Este livro de Henrique Andrade é daqueles que se impõe só pelo nome do autor, conhecido como é nos meios espiritistas pela sua robusta inteligência aliada a uma vasta cultura e pelos seus profundos conhecimentos da Doutrina, sendo, porisso, dispensável qualquer apresentação, que de nada poderá influir no julgamento do leitor. Não o entendeu assim esse ilustre confrade que, confiado na nossa grande e antiga amizade, fortalecida por sentimentos ajins, exigiu que prefaciassemos o seu trabalho, sem o que — disse-nos — o mesmo não estaria em forma. Por esse e outros motivos adiante expostos pegamos da pena para tão nobilitante tarefa.

A muitos espiritistas se afigurará inconveniente a publicação de um livro como este, em que o autor, sem dúvida, um dos mais sinceros e abnegados propagandistas do Espiritismo, analisa a obra "OS QUATRO EVANGELHOS", também chamada "REVELAÇÃO DA REVELAÇÃO", publicada na França, por J. B. Roustaing. Essa proclamada inconveniência está em que a referida obra editada pela Federação Espírita Brasileira e por ela difundida, tem sido o pomo de discórdia entre muitos espíritas brasileiros.

Discordamos, todavia, dessa opinião, pelo simples fato de não darmos ao conceito de fraternidade uma tão vasta extensão. Certo é que a idéia de fraternidade envolve a de solidariedade, mas se admitirmos que a teoria do Sr. Roustaing está errada, como tudo o faz crer, seríamos então levados à solidariedade no erro e esta é tão prejudicial, como condenável é a solidariedade no crime. O assunto é controvertido. Discutamo-lo, pois, para que não seja incluída, assim de ajogadilho, na doutrina espírita, que tem por escopo a Verdade, uma teoria duvidosa, quicá errônea. Foi o que fez Henrique Andrade e fê-lo ungido dos mais nobres e elevados propósitos, com sabedoria, elegância de expressão, fraternalmente, sem ferir, portanto, susceptibilidades, visando apenas impedir o naufrágio da dou-

trina, que nos é tão cara, no oceano das hipóteses ainda não confirmadas e que, ao contrário, apreciadas à luz da ciência, da razão e do sentimento, opresentam-se mais inverosímeis do que verdadeiras. E fê-lo ainda, como claramente expõe na "EXPLICAÇÃO NECESSÁRIA" com que abre o seu livro, a convite de um confrade que, adepto da teoria roustainiana, julgou-se ofendido por um sensato e fraterno comentário, publicado em "Mundo Espirita", desfavorável à propaganda dessa teoria feita pelo rádio e sob a responsabilidade da Hora Espirita Radiofônica.

* * *

Mas, para falarmos prefacialmente sobre o livro de Henrique Andrade, necessário se torna dizer algo, embora o mais resumidamente possível, sobre a obra que levou Henrique Andrade a escrever "A Bem da Verdade", cujo título, por si só demonstra o nobre e elevado objetivo do autor.

* * *

Como se sabe, o Sr. J. B. Roustaing, rico bastonário de Bordeus, contemporâneo de Allan Kardec, tendo se convertido ao Espiritismo pela leitura dos dois primeiros livros da Codificação Kardeciana, viu-se de repente envolvido numa nuvem de misticismo, "sentindo a necessidade de uma revelação nova, de uma "Revelação da Revelação".

Em Dezembro de 1861, — diz o Sr. Roustaing no Prefácio da sua obra, foi-lhe transmitida do Além uma longa mensagem, por intermédio de Mme. Collignon, assinada por Mateus, Marcos, Lucas, João, "assistidos pelos apóstolos, incitando-o a empreender a explicação dos Evangelhos em espirito e verdade". Em Maio de 1865, — declara ainda o Sr. Roustaing, "todos os materiais estavam preparados, tanto a respeito dos Evangelhos como dos Mandamentos"; e em "termos precisos" lhe foi dado o aviso para publicar a obra que seria a nova "revelação". E assim, ainda em vida de Kardec, quando a Codificação não estava terminada, surgiram em 1866 no campo das letras espíritas, revolucionando-o atômicamente, "OS QUATRO EVANGELHOS" recebidos e coordenados pelo Sr. J. B. Roustaing. Data daí o primeiro cisma no Espiritismo, pois que nessa obra o autor, transmitindo o pensamento dos seus informantes espirituais, pretendeu introduzir, sem maior exame, na doutrina espírita, como parte integrante, a teoria de que Jesus viera ao mundo com um corpo fluidico e não carnal, como nós outros, simples mortais, mas também filhos de Deus. Com essa duvidosa teoria pretendeu o Sr. Roustaing, ou os espíritos que se apresentavam como sendo os dos evangelistas, explicar a virgindade de Maria, o mistério do nascimento de Jesus e todos os fatos tidos como miraculosos passados na sua vida terrena.

Começou desde esse momento a odisséia do grande missionário. Apesar de ferido no que ele, de certo, mais prezava na vida, isto é,

a magna doutrina cuja elaboração lhe fôra confiada pelo Alto, Allan Kardec limitou-se a fazer na "Revue Spirite de Junho de 1867, uma crítica sensata à obra de Roustaing, "não aprovando nem desaprovando as suas teorias, confiando ao tempo o direito de as sancionar ou contraditar".

Foi quanto bastou para que os discípulos do Sr. Roustaing caíssem de rijo em cima de Kardec, atirando-lhe verdadeiras catilinárias, que o mestre não desceu a responder. Serenamente, com o seu alto espírito de renúncia, coração alanceado pelos dardos da ingratidão e da inveja, continuou o seu apostolado. E, conforme havia prometido no artigo da "Revue Spirite" acima referido, externou depois em "A Gênese", com mais precisão, mas sempre em termos fraternos, o seu modo de ver, radicalmente contrário à natureza fluidica do corpo do Nazareno.

Verifica-se, assim, que data do cisma roustainiano a desunião na família espírita, a qual, iniciada na França, estendeu-se aos espíritas brasileiros, desde que a Federação Espirita Brasileira resolveu patrocinar a causa do Sr. Roustaing, considerando a sua obra como complementar da de Kardec.

Diversos confrades nossos, e dos mais cultos, em sinal de protesto, escreveram livros e artigos contradizendo a teoria do corpo fluidico do Nazareno, baseados sempre em argumentos de ordem científica e moral.

Mas em "A BEM DA VERDADE", a obra do Sr. Roustaing é combatida, não, apenas, com argumentos generalizados de ordem científica e moral visando tão somente a teoria fluidica do corpo do Nazareno, e sim com a precisão devida, sendo detalhadamente estudados os seus principais capítulos, debulhadas uma a uma as explicações que os intitulados evangelistas deram aos versículos dos Evangelhos, ficando provadas à luz da razão, do bom senso e do discernimento, as contradições, incongruências e absurdos de tais explicações.

Para provar que a revelação roustainiana não pode ser considerada como complemento da Terceira Revelação codificada por Allan Kardec, como pretende que o seja a Federação Espirita Brasileira, o autor mostra a contradição que existe entre as suas revelações em vários de seus postulados, sendo a mais convincente a que se refere à encarnação e reencarnação dos espíritos. Pretende o Sr. Roustaing que a encarnação não é uma necessidade, como a estabelece Kardec, e sim um castigo, por isso que o espírito desde o seu nascimento ou criação progride no espaço e se, quando atinge à um relativo desenvolvimento, peca por orgulho, inveja ou ateísmo é então atirado em uma "substância humana" (!) aos mundos mais ou menos inferiores para expiar a sua falta.

Por tudo isso tira o nosso confrade uma segunda conclusão, tal seja a de que "a obra do Sr. Roustaing fôra ditada por espíritos outros que não os seus signatários, com o "único fito de trazer a discórdia e a sizania no meio espirita e, mais que isso, lançar a confusão e o descrédito na obra da Terceira Revelação que QUATRO ANOS ANTES, Allan Kardec havia publicado como o resultado do ensino acorde de MILHARES de espíritos, dados por DIVERSOS médiums e em VARIAS localidades."

E, "in bone fide", não se pode negar que o autor está cheio de razões.

Reunindo em um livro de mais de 400 páginas os 120 artigos que publicou semanalmente em "Mundo Espirita", Henrique Andrade trouxe valiosa colaboração à bibliografia espirita, assim enriquecida com uma obra verdadeiramente notável que fixa em páginas cheias de sinceridade, ao lado de argumentação lógica e metódica, os extravios, os erros e os absurdos, a que foi arrastado o Sr. Roustaing pelas ingestões inconscientes das teorias que Mme. Collignon supunha receber dos espíritos que foram, quando na terra, os quatro evangelistas.

Mas não foi, de certo, para os nossos confrades imbuidos de idéias preconcebidas e ainda sob a influência do magnetismo roustainiano que Henrique Andrade escreveu tão belas páginas. Estes, dado o espírito religioso e místico que os anima, continuarão a respirar na atmosfera de "Os Quatro Evangelhos", cheia de aparências e mistérios. Os fúlgidos ensinamentos deste livro servirão, entretanto, para espantar as sombras da dúvida com que, porventura, tenham mergulhado os iniciados na doutrina, cujas mentes em formação se sintam perturbadas pela ação reflexa das idéias lançadas pelo Sr. Roustaing.

Obra reconstrutiva por isso que procura reconduzir a doutrina de Allan Kardec ao seu verdadeiro curso, "A BEM DA VERDADE" so será verdadeiramente apreciada no seu justo mérito pelas gerações vindouras que, mais evoluídas, não se deixarão influenciar por uma renovação religiosa, que sob o rótulo de "Revelação da Revelação" representa apenas uma teologia dogmática, portanto, incompatível com o grau de adiantamento intelectual da Humanidade.

Em suma, o livro de Henrique Andrade, livro mais que fulgurante, pois que fecundo em ensinamentos uteis, veio iluminar com os seus clarões o roteiro traçado por Allan Kardec, para que dêle não nos desviemos, na certeza de que, assim procedendo, não ficaremos estacionários, pois dentro da Codificação, cuja defesa é tão sabiamente feita, há movimento, há vida, há evolução. Abri-o, pois, leitor amigo, e lede-o com atenção, pois ele foi escrito por um confrade ilustre que acima dos preconceitos, do comodismo e do interesse, coloca o amor à Verdade.

GENERAL ARARIPE DE FARIA

A

Allan Kardec

Com o meu mais profundo respeito e a minha mais ardente súplica invocadora do seu perdão para a mesquinha pobreza de linguagem com que procurei defender a sua obra e exaltar o seu nome glorioso.

H. A.

EXPLICAÇÃO NECESSARIA

A obra do Sr. J. B. Roustaing que tem o pomposo titulo: REVELAÇÃO DA REVELAÇÃO — OS QUATRO EVANGELHOS SEGUIDOS DOS MANDAMENTOS EXPLICADOS EM ESPIRITO E EM VERDADE PELOS EVANGELISTAS ASSISTIDOS PELOS APÓSTOLOS E MOISÉS”, nunca me mereceu o menor crédito como obra mediúnica tida como “Revelação” de ordem divina e parte integrante da “Terceira Revelação” codificada pelo missionário, Sr. Allan Kardec, como proclama e propaga a Federação Espirita Brasileira.

Quando em 1919 iniciei a minha jornada de espiritista, o primeiro livro que tive a grande ventura de ler, para enriquecimento e fortalecimento do meu espírito, foi “O LIVRO DOS ESPÍRITOS”, e, a seguir, por efeito dessa leitura, o “EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO” e as demais obras de Allan Kardec que formam a Codificação do Espiritismo. Por ter tido essa iniciação no Espiritismo, nunca me cansarei de dar graças a Deus. Devo declarar, também, que a minha iniciação foi intuitiva, espontânea, e não motivada por qualquer manifestação mediúnica nem originada pela tangência da dor física ou moral.

Despertado o meu espírito pela leitura desses livros, verdadeiros tesouros de sabedoria e inexgotáveis fontes de energias consoladoras, reli o “Livro dos Espíritos” mas, já agora com o intento determinado de estudar a doutrina que tanto me deslumbrara e tanta confiança no futuro me havia dado.

As obras de Leon Denis, mereceram a minha preferência na continuação do meu aprendizado. Grande foi o conforto espiritual que senti após a leitura do “Depois da Morte”, sem dúvida a obra prima do grande escritor. Nenhuma dúvida

surgiu ao meu espírito ao ler tôda a obra de Leon Denis; nada ali encontrei que me perturbasse, nada que pudesse ensombrar sequer, a claridade produzida em meu espírito pelas obras de Kardec. Observei que tudo quanto Leon Denis magistralmente ensinava nas páginas encantadoras de suas obras, se continha, em essência, na obra de Kardec, o que veio, reconheço hoje, fortalecer e preparar o meu espírito para futuras lutas.

Atraído pela propaganda, adquiri, em seguida, "Os Quatro Evangelhos" ou a "Revelação da Revelação", do Sr. J. B. Roustaing, obra editada pela Livraria da Federação Espirita Brasileira. Com o mesmo desejo de aprender, com a mesma vontade de enriquecer o meu espírito e preparar-me para pôr em prática o que já havia apreendido na codificação de Kardec, iniciei, imediatamente, a leitura do primeiro volume.

Devo confessar que ao ler o Prefácio da tão anunciada obra, logo no seu início, senti um estremecimento em meu espírito, que para logo se alertou. A seguinte afirmativa que se lê à pág. 65 desse Prefácio: "... senti a impotência da razão humana para penetrar as trevas da letra e, desde então, a necessidade de uma revelação nova, de UMA REVELAÇÃO DA REVELAÇÃO...", não me parecia coadunar-se com a natureza da obra, pois revelava já uma certa dose de personalismo.

Sem nenhuma idéia preconcebida, no entanto, continuei a leitura com atenção e firme desejo de melhor fixar o que já havia apreendido estudando Kardec. Qual não foi, entretanto, a minha surpresa, o meu estarrecimento, quando verifiquei que uma nova teoria sobre a personalidade do Cristo se objetivava nas páginas confusas do primeiro volume da obra, teoria que contrariava as afirmativas dos Espíritos Superiores ditadas a Allan Kardec.

Tanto quanto estava ao alcance da minha inteligência e da minha incipiente cultura, analisei e confrontei o que havia lido na obra do Sr. Roustaing com o que se continha na Terceira Revelação, de Allan Kardec. Para logo deduzi não ser admissível a teoria exposta em "Os Quatro Evangelhos" do Sr. Roustaing quanto à natureza do corpo de Jesus, por flagrante infringência da lei natural, por contrária à razão, à lógica, ao bom senso e aos ensinamentos contidos na Terceira Revelação. Resolvi, pois, não prosseguir na leitura.

Verifiquei, mais tarde, que a obra do Sr. Roustaing não era aceita pela maioria dos espíritistas, com crédito firmado na doutrina; como também, com profunda tristeza, vim a saber que muitos espíritas haviam discutido o assunto, sem chegarem a um resultado satisfatório, sendo certo que muitos deles não souberam manter a devida atitude no período da discussão, o que motivou o rompimento de velhas relações, senão mesmo o aniquilamento de velhas amizades.

Ciente de tudo isso, e não desejando concorrer para uma possível revivescência da luta, jamais consenti que pelas colunas de "Mundo Espirita", semanário de minha exclusiva orientação doutrinária, se discutisse a questão do "corpo fluido de Jesus", ou se ventilasse a questão Roustaing.

Embora rejeitando a teoria de Roustaing, por não acreditar serem dos espíritos de Mateus, Marcos, Lucas e João, o que ele recebera através da mediunidade da Sra. Collignon, jamais discuti esse assunto, sustentando sempre ser a Terceira Revelação codificada por Kardec, a fonte verdadeira do Espiritismo, única consagrada pela universalidade dos Espíritos e aceita no mundo inteiro.

* * *

Como então justificar o aparecimento de "A BEM DA VERDADE"?

E' o que se torna necessário explicar, e o vou fazer, para que se saiba como muitas vezes somos levados a exercer certas funções na vida, independentemente do nosso querer, mas levados por uma circunstância qualquer que bem pode ser o efeito de uma causa cuja origem se perde nas brumas do passado.

Certa vez, recebi do Prof. Leopoldo Machado, o fraterno convite para ser um dos diretores de "Hora Espirita Rádio-fônica", cujo programa era difundir o Espiritismo através do Rádio. Excusei-me, alegando carência de tempo para mais essa tarefa de real merecimento para o seu organizador e grande valia para a disseminação da doutrina. Aceitando a minha justificativa, o Prof. Leopoldo Machado, como compensação, exigiu de mim que tomasse parte em tôdas as reuniões de diretoria, colaborando, assim, com os demais companheiros na organização dos programas a serem irradiados. Não me era lícito recusar a distinção; e durante cerca de três

anos colaborei em todas as reuniões de diretoria da "Hora Espírita Radiofônica" e tomei parte em todos os seus programas declamando "PALAVRAS ÀS CRIANÇAS" e "ATUALIDADES ESPÍRITAS".

Quando a Federação Espírita Brasileira iniciou a propaganda da nova edição de "Os Quatro Evangelhos" do Sr. J. B. Roustaing, uma forte campanha se fez sentir no meio espírita contra essa propaganda. O Sr. Mariano Rango D'Aragona lançou à publicidade um verdadeiro libelo contra a Federação Espírita Brasileira, num opúsculo intitulado "CRISTO, SIMULADOR?". O Gal. Araripe de Faria, pela "Hora Espiritualista" irradiou uma série de artigos combatendo com energia e argumentos indestrutíveis a obra do Sr. Roustaing. Nessa campanha não tomei parte ostensiva; apenas, como jornalista que tem noção de suas funções e de sua responsabilidade como diretor de um órgão de orientação e propaganda da doutrina, noticiei o fato e confirmei a posição de "Mundo Espírita" sempre ao lado do mestre Allan Kardec e só nele reconhecendo o Codificador do Espiritismo, o missionário da Terceira Revelação.

Tendo o Prof. Leopoldo Machado deixado a presidência da "Hora Espírita Radiofônica", substituí-o nesse cargo o Sr. Prof. Ismael Gomes Braga, que entendeu dever a "Hora Espírita Radiofônica", — que até então se havia mantido numa posição de absoluta neutralidade, — propagar, também, a excelência da obra do Sr. Roustaing, como parte integrante da Terceira Revelação.

Claro que pela minha posição definida na doutrina, sustentando sempre a obra de Kardec e só considerando como obras fundamentais do Espiritismo as por ele codificadas, não podia silenciar ante a brusca mudança de orientação da "Hora Espírita Radiofônica", tanto mais quanto desde o seu início, vinha eu emprestando-lhe o meu concurso em todos os programas.

Como jornalista, e desejoso de evitar futuras contrariedades para os dirigentes da "Hora", escrevi o artigo que ora reproduzo, publicado na edição de "Mundo Espírita" de 27 de Fevereiro de 1943.

PROPAGANDA IMPERTINENTE

"Há três anos passados, por feliz iniciativa de Leopoldo Machado, fundou-se nesta cidade, a "Hora Espírita Radiofônica".

A propaganda do Espiritismo pelo rádio foi o único objetivo criado pelo seu idealizador. Os seus programas de irradiação obedeciam a uma minuciosa seleção na matéria a ser irradiada, tanto na forma como no fundo. Nada que pudesse causar melindres ou simples constrangimento aos espíritas ou que viesse a desfigurar os altos objetivos que a sociedade colimava, seria irradiado. As polêmicas, os ataques diretos, as represálias foram banidos do seu programa.

Um nobre exemplo da firmeza dessa exemplar atitude assumida desde o início de sua existência, ela o deu quando se viu duramente atacada pela Sociedade de Medicina e Cirurgia, que tudo fez para conseguir o seu aniquilamento.

Não foram poucos os originais rejeitados pela comissão de censura da "Hora" por conter assunto que poderia ferir suscetibilidades de terceiras pessoas.

Ultimamente, porém, estamos verificando, com profundo desgosto, a inobservância daquela norma de ação que tão alto mantinha a "Hora Espírita Radiofônica" no conceito dos espíritas de todo o país.

E' sabido, ninguém o ignora, que a imensa maioria dos espíritas do Brasil e, talvez, a unanimidade dos espíritas do resto do mundo só reconhecem em Allan Kardec, o codificador da doutrina dos espíritos, o ÚNICO missionário a quem foi confiada a missão de receber dos espíritos a Terceira Revelação.

Quando surgiu em 1866 uma "quarta revelação" lançada pelo advogado francês, Sr. J. B. Roustaing, não a aceitaram as mais cultas e destacadas mentalidades que então se entregavam ao estudo da doutrina.

Aqui, no nosso Brasil, houve quem iniciasse uma forte campanha de propaganda no sentido de ser reconhecida e adotada como doutrina essa "quarta revelação", colocando-se, assim, o Sr. Roustaing como missionário, também, em igualdade de condições com Allan Kardec.

A despeito, porém, do grande prestígio do seu poderoso padrinho, a "Quarta Revelação" não se popularizou. Antes, trouxe sérios dissídios à família espírita, dissensões e inimizades que ainda hoje persistem.

Fracassada essa tentativa, houve como que um ar-mistício que vinha durando alguns anos para felicidade geral.

Surge, novamente agora a campanha inglória de fazer ressurgir o Sr. Roustaing, sombreando-se Kardec.

A empresa é audaciosa, temerária e perigosa, e só a compreendemos, repetimos, instigada pelos espíritos malignos como disse o grande Leopoldo Cirne em seu primoroso livro "O Anti-Cristo".

A "Hora Espírita Radiofônica" acaba de se filiar publicamente a essa campanha, quebrando assim, aquele compromisso assumido no seu programa inicial. O que o seu culto presidente, Ismael Gomes Braga irradiou na quinta-feira última, como propaganda de exaltação a Roustaing, nos impõe o dever de tornar público essa nova orientação da Hora Espírita Radiofônica, que já havia conquistado a simpatia dos espíritos que desejam ver propagada a Terceira Revelação.

A hora é de apaziguamentos, é de confraternização, é de união, é de solidariedade em tudo, estamos nós, espíritistas que propagamos a doutrina, a dizer todos os dias e por todas as formas de publicidade ao nosso alcance. A "Hora Espírita Radiofônica" em todos os seus programas e pela voz de todos os seus colaboradores, concita e conclama os espíritos a se unirem e a se amarem para exemplo do que pregam, e é nisto que consiste a beleza do seu objetivo e a grandeza do seu ideal. Por que, pois, numa hora destas, reviver uma questão que traz o ódio em seu bojo?

Que os dirigentes da "Hora Espírita Radiofônica" saiam do atalho e retomem a estrada larga que Leopoldo Machado lhe tracejou ao idealizá-la. Se o fizerem fortalecerão os elos da solidariedade que devem unir os espíritistas; se, no entanto, persistirem, colherão o que semearam".

Neste artigo, onde a censura? onde a descortezia? onde qualquer agravo a quem quer que seja? Nada disso. O que nele se lê, o que ele exprime, é uma fraterna advertência, um aviso ou um pedido de amigo para evitar dissabores. O que ele contém, é um gesto de fraternidade e o cumprimento de um dever jornalístico. Quem acompanha a trajetória do Es-

piritismo entre nós, bem há de verificar que não criei "um caso", mas expuz uma verdade e tentei salvar o prestígio e o futuro da "Hora Espírita Radiofônica".

Em resposta a esse meu artigo que, repito, não envolvia nenhuma "censura" à "Hora Espírita Radiofônica", mas tão somente o desejo de evitar o que aconteceu, o Sr. Fred. Figner, fez publicar em "Vanguarda", na edição de 4 de Março de 1943, o seguinte:

"CARTA ABERTA AO "MUNDO ESPÍRITA"

Li com espanto no "Mundo Espírita" de 27, a censura à "Hora Espírita Radiofônica", pela "impertinência" de se referirem a Roustaing na sua propaganda da doutrina.

Não sabia, mas fiquei sabendo agora, que tudo que venha do Alto, seja de que procedência for, precisa do "publique-se" do "Mundo Espírita" e dos que só leem pela sua cartilha sem o que, está no index, e que todos que já fazem uso da razão, os que já se libertaram de pensar pela cabeça dos outros, estão sujeitos ao seu ódio.

Então, somente aquilo que veio por intermédio dos poucos médiuns que estiveram em contacto com Kardec, e que por ele foi codificado, formando aquele prodígio de doutrina, é a terceira revelação? Não afirmou o próprio Kardec que a Revelação é progressiva e de acordo com a evolução mental da humanidade?

Se Kardec julgou conveniente não entrar nas indagações de certas passagens dos Evangelhos, para evitar choques que na ocasião não era aconselhável, quererá isto dizer que ninguém mais tem o direito de analisar e estudar em espírito e verdade e aprofundar-se nos conhecimentos evangélicos?

Se a "Hora Espírita Radiofônica" conclama a todos os espíritos, a se unirem e se amarem, isto certamente não deve impedir, a quem quer que seja o uso do seu livre arbítrio e da razão que Deus nos outorgou para a nossa evolução e progresso.

Nunca pode compreender que a falta de compreensão, por parte de uns, de certos pontos da doutrina ou interpretação dos textos evangélicos, e a livre manifesta-

ção pública dessa interpretação, possa "trazer ódio em seu bojo", como proclama o "Mundo Espirita".

O ódio, neste caso, é a demonstração tácita de espíritos tacanhos e atrasados, que do Espiritismo nada assimilaram.

Ninguém está procurando fazer ressurgir Roustaing, porque não se trata de Roustaing, e sim da elucidação de certos ensinamentos evangélicos, e no caso do "único", que certos espiritistas não assimilaram: "Na verdade vos digo que, entre os nascidos de mulheres não se levantou outro maior que João Batista; mas o menor no reino dos céus é maior do que ele". (Mat. 11:11, Lucas 7:28). Este é o ponto nevrálgico! Jesus teria sido menor que João Batista ou Ele não nasceu de mulher.

Mas, se há quem não quer fazer uso da razão ou que não esteja em condições de compreender um "corpo fluido", será razoável que me seja tolhida a liberdade que Deus me concedeu, de propagar, segundo o meu entendimento, a Verdade, e isto provoque ódios contra a minha pessoa?

Que espécie de discípulos de Jesus são os que se detram empolgar pelo ódio, por tão pouca coisa?

Allan Kardec, no "Livro dos Médiuns", no fim do 3.º capítulo, diz o seguinte, à página 47:

"Isto pelo que nos diz respeito. Os que desejem tudo conhecer de uma ciência devem necessariamente ler tudo o que se acha escrito sobre a matéria, ou, pelo menos, o que haja de principal, não se limitando a um único autor. Devem mesmo ler o pró e o contra, as críticas, como as apologias, inteirar-se dos diferentes sistemas, afim de poderem julgar por comparação.

Por esse lado, não preconizamos nem criticamos obra alguma, visto não querermos, de nenhum modo, influenciar a opinião que dela se possa formar. Trazendo nossa pedra ao edifício, colocamo-nos nas fileiras. Não nos cabe er juiz e parte e não alimentamos a ridícula pretensão de ser o único distribuidor da luz. Toca ao leitor separar o bom do mau, o verdadeiro do falso".

Ora, parece que os que consideram "Propaganda Impertinente", a referência à obra de Roustaing, não estão

de acôrdo com Kardec, e não estando com Roustaing, devem estar ao serviço da treva. Será?

E a "Grande Síntese", que, a meu ver, está acima de Kardec e de Roustaing, estará também no index?"

(ass.) FRED. FIGNER

Dada a figura respeitável do Sr. Fred. Figner, signatário da "carta aberta", e pela muita consideração que sempre me mereceu, entendi que me cabia o dever de uma resposta explicativa do meu gesto.

Essa resposta, moldada em termos que não destoam dos elementares princípios de uma boa educação, foi publicada na edição de "Mundo Espirita" de 13 do mesmo mês de Março e está assim redigida:

RESPOSTA À "CARTA ABERTA" DE FRED. FIGNER

É princípio elementar de boa educação: toda a carta merece uma resposta, mormente quando essa carta é tornada pública. O meu prezado confrade Fred. Figner, a quem muito considero e respeito, — já pelos seus méritos como espirita devotado, já pela sua idade e longa experiência da vida — fez publicar em "Vanguarda", de 4 do corrente, uma "Carta aberta" ao "Mundo Espirita", na qual se mostra agravado pelos termos de meu artigo "Propaganda impertinente" inserto em "Mundo Espirita", de 27 de Fevereiro último. Sinto-me, pois, na obrigação de dar a essa carta a devida resposta.

E o faço agradecendo, de início, a consideração que lhe mereceu o meu artigo que tanto o assustou, a ponto de supor ser necessário o "publique-se" de "Mundo Espirita", para a divulgação de "tudo que venha do Alto".

Assim não é, mas... talvez que se assim fosse, muita heresia e muito disputério não seriam propalados em letra de forma.

Mas, que disse eu no meu artigo que tanto magoou o sr. Figner?

Disse apenas, que a "Hora Espirita Radiofônica" iniciou a propaganda da obra do sr. Roustaing, obra essa que

não é aceita pelo consenso geral, que só aqui no Brasil se tenta oficializar, motivando essa tentativa sérios dissídios entre os espíritas. E porque assim tem sido, conclamei os dirigentes da "Hora Espírita Radiofônica" a não prosseguirem, para evitar a revivescência de uma velha questão que traz o ódio em seu bojo.

Penso que isto não é novidade nenhuma. Ninguém ignora que a questão Roustaing tem sido, e sempre foi, motivo de azedume, de inimizades, de separatividade entre os espíritas, não só do Brasil como também da França.

Se esse dissídio ou o ódio que essa questão gera "é uma demonstração tácita de espíritos tacanhos e atrazados que ao Espiritismo nada assimilaram", como diz o sr. Figner, nem por isso devemos cooperar para aumentar o mal, antes, cumpre-nos evitá-lo.

A verdade, porém, é que após a última refrega — e já lá se vão uns bons pares de anos — os promotores da oficialização de Roustaing entre nós, se achavam em silêncio, o que permitiu uma paz relativa entre todos e um princípio de confraternização esboçado pelos discípulos de Kardec, mas não amplamente aceito pelos defensores de Roustaing.

Por que, pois, reviver, agora, essa malfadada questão? Se sabemos que, por este ou por aquele motivo, não importa, ela irrita os ânimos e arrasta a uma discussão que leva os contendores a extremos de linguagem que nos envergonha como espíritas, por que revivê-la? repetimos. Por que forçar a aceitação de uma doutrina que é repelida pela imensa maioria dos espíritistas e que não vingou nem mesmo no ambiente onde nasceu?

Foi isto apenas que pretendi evitar, e ninguém dirá que me afastei do Evangelho procurando evitar novas lutas que nenhum proveito trazem.

Ninguém por certo acreditaria que visei impedir o exercício do livre arbítrio de quem quer que seja, como interpretou o sr. Figner ao ler o meu artigo. Bem sei que isso seria uma desmedida tolice, uma incomparável ignorância.

O sr. Figner e todos os que aceitam a teoria do sr. Roustaing, têm o inquestionável direito de pensar como entenderem, de interpretar o Evangelho a seu modo, de aceitar ou recusar teorias ou princípios desta ou daquela filosofia por que têm o seu livre arbítrio.

Mas, esse mesmo livre arbítrio que lhes dá o direito de propagar Roustaing, me outorga, também, o direito de defender a obra de Kardec e de alertar os que de boa fé confiam nos que têm a responsabilidade de propagar a doutrina. Foi o uso desse direito que exerci.

A "Hora Espírita Radiofônica" já se definiu. Continuará na propaganda de Roustaing. Usa um dos seus direitos. Eu continuarei a defender a obra de Kardec contra todos aqueles que tentam usurpar-lhe o mérito ou diminuir a sua gigantesca personalidade.

Estou, também, usando o meu direito de pensar livremente.

E continuemos amigos para não justificar o que expendi no meu artigo que motivou a sua "Carta aberta".

HENRIQUE ANDRADE

Parecia-me encerrado o pequeno incidente. Assim não aconteceu, no entanto. E' que ao Sr. Figner estava reservada mais uma tarefa de relevante importância dentro do Espiritismo: a de concorrer para que surgisse a primeira obra de análise crítica sobre "Os Quatro Evangelhos" de J. B. Roustaing, mostrando à luz da razão, da lógica e do bom senso, ser absurdo considerá-los como revelação de ordem divina, tal qual é considerada a Terceira Revelação codificada por Allan Kardec.

Assim foi que, certamente, influenciado pelos espíritos a serviço do bem e da verdade, fez publicar em "Vanguarda" de 18, ainda do mesmo mês de Março do ano de 1943, o seguinte artigo que é bem um amistoso e fraterno convite a mim feito para estudar a obra do Sr. Roustaing. Eis o artigo:

ROUSTAING, COMPLEMENTO DE KARDEC

"O sr. Henrique Andrade dignou-se a responder, pelo "Mundo Espírita", do dia 13, a minha carta aberta de 4 do corrente. Agradeço os conceitos que externou a respeito deste pobre velho, mas não concordo, no fundo, com a sua opinião de que esta questão devia ser encerrada e o Evangelho fechado, devendo, tão somente, ser estudado o que Allan Kardec, "sponte sua", achou, que na ocasião convinha abordar.

O próprio Allan Kardec, explica que ele, e não os espíritos, julgou conveniente não suscitar questões, não entre os espíritos e sim entre os ferrenhos inimigos da nova luz que surgia; os espíritos reveladores, porém, acharam de conveniência abordar o Evangelho todo e explicá-lo em espírito e verdade até o último versículo, o que de maneira nenhuma desprestigiou a obra de Kardec. É o seu complemento.

O fato é que a grande maioria dos que combatem Roustaing, inclusive, creio, o dr. Henrique Andrade, não o leram e em vez de se desencadear a luta pelos inimigos da Verdade, são os espíritas que dão o exemplo de indisciplina evangélica, desobedecendo ao preceito de Jesus de "Amai-vos uns aos outros", e segundo afirma o dr. Henrique, chegam a se odiar.

Certamente que há muita coisa que seria melhor se não surgisse em letra de forma, como diz o dr. Henrique Andrade, mas, como no Espiritismo não há autoridade suprema na terra para impedir que se publiquem comunicações e mesmo livros que deturpam a verdade, estas obras desaparecem e são esquecidas, sem terem prejudicado a doutrina, que aparece límpida, tanto nas obras de Kardec como nas de Roustaing.

O fato é, como eu disse na minha carta aberta, toda questão gira apenas em torno do versículo onze, capítulo onze, de S. Mateus, vers. 28, do cap. 7 de S. Lucas: "Na verdade vos digo, que entre os nascidos de mulheres, não se levantou outro maior que João Batista; mas o menor no reino dos céus, é maior do que ele". O corpo fluidico de Jesus.

É de lamentar que o dr. Henrique não tenha querido discutir o assunto e assumir "sponte sua" a obrigação de defender uma causa que ninguém ataca...

Ninguém ataca Kardec, e eu mesmo, tenho distribuído centenas de Evangelhos segundo o Espiritismo e so meia duzia de Roustaing.

Certamente, se os inimigos de Roustaing passassem os olhos pelo folheto "A personalidade de Jesus", estudo magistral de Leopoldo Cirne, esta luta inglória entre irmãos acabaria de uma vez. Mas, como de tudo isso resulta a maior propaganda da Verdade, talvez seja um bem. Quem sabe?

Bezerra de Menezes, Bittencourt Sampaio, Maia Lacerda, Ignacio Bittencourt, Sayão, Richard, Cirne e uma pleiade de precursores de quem o Ignacio foi o último a desincarnar, aceitaram e pregaram o Roustaing, e os que os aceitam como mestres e os reverenciam, são os seus inimigos mais ferrenhos, sem conhecer a obra. Como isto entristece! Sejamos mais cristãos e não nos deixemos empolgar pelo espírito da treva que só pela divisão julga poder combater a verdade. A verdade não pode ser vencida, os vencidos somos nós que não oramos e vigiamos."

(ass.) FRED. FIGNER

Estava lançada a luva. Respeitosamente a levantei, aceitando o convite para discutir o assunto.

E assim surgiu este trabalho que por constantes e repetidas solicitações de muitos espíritas ora sai publicado em volume, sob a minha inteira responsabilidade.

Tenho a certeza de que sem o concurso de ordem espiritual não poderia levar avante tão grande tarefa, dividida em 120 artigos, publicados semanalmente sem uma só interrupção.

A minha consciência está tranquila. Durante os dois anos e meio dispendidos com a publicação dos 120 artigos, não recebi de um só Espírito a mais sutil advertência tendente a fazer-me suspeitar que caminhava em terreno falso; pelo contrário, recebi, muitas vezes, animosas exortações e inconfundíveis provas de conforto espiritual.

Agradeço ao sr. Fred. Figner o ter-me proporcionado a execução deste trabalho cujo valor — tenho a certeza — um dia será reconhecido.

HENRIQUE ANDRADE

ACEITANDO UM CONVITE

O meu amigo e muito prezado confrade Sr. Fred. Figner está desejoso de ver discutida, no terreno que a dignidade humana e a compreensão dos nossos deveres espirituais nos impõem sempre, é claro, a obra do Sr. Roustaing. Sustenta o illustre confrade haver sido o Sr. Roustaing um missionário como o foi Allan Kardec e, conseqüentemente, ser a sua obra um complemento da de Kardec. Eu, por minha vez, usando do mesmo direito de pensar livremente, de analisar e de raciocinar, mantenho a minha convicção em negar-lhe o caráter de missionário e, conseqüentemente, a autoridade que se lhe quer emprestar nos domínios da doutrina.

Confesso que jamais alimentei o desejo de discutir esse assunto pela imprensa, mas dado o convite tão fraterno que o meu amigo Sr. Figner me faz para que estude a obra de Roustaing, vou tentar fazê-lo, tendo o cuidado, primeiramente, de implorar ao Pai aquela indispensável assistência espiritual afim de me resguardar, tanto quanto possível, de qualquer influência estranha perturbadora do meu raciocínio ou capaz de modificar, embora momentaneamente, os meus sentimentos de cristão.

O resultado do meu estudo, da minha observação, do meu raciocínio eu o trarei franca e fraternalmente para estas colunas, não desejo muito sincero de cooperar com os de boa vontade para que a verdade surja luminosamente para todos, afim de ser possível o conagração dos espíritas pela unidade de ação e exemplificação da fraternidade que o Cristo ensinou.

Dito isto, iniciarei o meu primeiro estudo raciocinando sobre as afirmativas contidas no artigo "ROUSTAING, COMPLEMENTO DE KARDEC" de autoria do meu amigo e confrade Sr. Figner e publicado em "Vanguarda", de 18 do corrente.

Hoje, a primeira delas, que está assim redigida:

"O próprio Allan Kardec explica que ele, E NÃO OS ESPÍRITOS, julgou conveniente não suscitar questões, NÃO ENTRE OS ESPÍRITOS e sim entre os ferrenhos inimigos da nova luz que surgia; os espíritos reveladores porém acharam de conveniência abordar o Evangelho todo e explicá-lo em espírito e verdade, até o último versículo, o que de maneira nenhuma desprestigiou a obra de Kardec. E' o seu complemento".

Quero crer que o autor dessa afirmativa não mediu, devidamente, o valor e o sentido dessas expressões, pois elas valem, por atribuir ao excelso codificador do Espiritismo a suspeita de haver o mesmo falido na sua missão.

Na verdade, se Kardec, que sabia achar-se incumbido da missão que lhe fôra revelada pelo Espírito de Verdade, recebeu dos espíritos superiores aquilo que foi mais tarde revelado a Roustaing, seu contemporâneo, e não lhe deu curso, não codificou essa revelação, receioso de "suscitar questões entre os ferrenhos inimigos da nova luz que surgia", evidentemente, ele traíu o seu mandato, ele decaíu da confiança dos seus guias, ele faliu na sua missão. Este raciocínio, parece-nos insofismável. Kardec foi o missionário escolhido para o grande empreendimento. Se os espíritos tivessem necessidade de lançar mão de outro homem, da mesma época, para completar a chamada 3.^a Revelação que fôra confiada a Kardec, indubitavelmente, a única conclusão lógica, irretorquível, insofismável a que se chega é que o Sr. Alan Kardec, falira na sua missão.

Vê o meu amigo Figner a que aberração chega, na tentativa de justificar ser a obra de Roustaing um complemento da de Kardec.

Eu estou certo, repito, que a intenção do amigo Figner ao redigir o seu artigo não foi a de proferir semelhante blasfêmia nem a de sustentar semelhante heresia. Contudo, lá está escrito.

Ora, seja-me concedido o direito de tirar uma conclusão de tudo isso, fruto do meu raciocínio.

E essa conclusão é a seguinte:

Se Allan Kardec não faliu na sua missão e se havia necessidade de ser conhecida a natureza fluidica do corpo de Jesús, a Allan Kardec, o missionário escolhido, e não a outrem, teriam os espíritos feito tão sensacional revelação.

E a paz reinaria no espírito dos futuros espíritas, evitando que eles, mais tarde, viessem, como vieram, em prejuízo da unidade da doutrina, a constituírem as correntes hoje chamadas de Kardecistas e Roustaingistas.

E aí encontro eu, o primeiro argumento, que me faz descrever da obra de Roustaing, e que me dá a certeza de que ela não é, nem pode ser, por isso mesmo, o complemento da obra de Kardec, como o meu estimado confrade e amigo Fred. Figner e outros confrades ilustres sustentam, convictos de estarem com a verdade.

II

A segunda afirmativa do Snr. Figner está assim redigida:

"O fato é como eu disse na minha "carta aberta", toda questão gira apenas em torno do versículo onze, capítulo onze, de S. Mateus, vers. 28 do cap. 7 de S. Lucas: "Na verdade vos digo, que entre os nascidos de mulheres, não se levantou outro maior que João Batista; mas o menor no reino dos Céus, é maior do que ele".

Em verdade, todos os que defendem e propagam a obra do Snr. Roustaing e, conseqüentemente, sustentam ser o corpo de Jesús de natureza fluidica e não humana, tendo, ele, pois, vivido entre nós em "aparência" e não em "realidade", têm como sólido ponto de apóio às suas convicções os famosos versículos de Mateus e de Lucas, a que também se apegou, agora, o Snr. Figner para iniciar, publicamente, o debate sobre essa malsinada questão que tem trazido a separatividade entre os espiritas e provocado explosões de ódio como a daquele infeliz que, talvez, hoje, já esteja sentindo as angústias do remorso a instigar-lhe o arrependimento.

De fato: forçoso é confessar que, se os que não aceitam a teoria de Roustaing consideram Jesús nascido de mulher como nascem os demais homens, e se, como dizem os citados evangelistas, João Batista é o maior nascido de mulher, a conclusão lógica a que se é levado é que João Batista é maior do que Jesús. Sendo isto um incomensurável absurdo, a conclusão forçada seria a de que Jesús não foi nascido de mulher e assim justificada estaria a hipótese do corpo fluídico sustentada pelo Snr. Roustaing.

Mas, pergunto eu, teriam mesmo os Evangelistas escrito em seus livros esta declaração tão incisiva, tão concludente, tão insofismável, como proferida pelo Cristo? A mim mesmo interroguei, desejoso de estudar para aprender: teria mesmo o Cristo dito que dentre todos os homens nascidos de mulheres João Batista era o maior deles? E a dúvida que é sempre uma força instigadora para o conhecimento da verdade, impeliu-me a investigar na sua fonte originária a referida passagem evangélica. Foi o que fiz, "com aquela humildade necessária que o estudo requer para ser bem sucedido" como me pediu que o fizesse o meu amigo Snr. Figner em seu último artigo de 24 do corrente.

E não sei se bem melhor fôra não o tivesse feito. Tranquiliza-se-me no entanto, a consciência porque, se o escândalo espoucar não foi êle por mim provocado. Eu fui convidado para estudar a obra de Roustaing, e o estou fazendo e continuarei a fazê-lo com o único fito de alcançar a verdade.

Dito isto, e como é de meu hábito para evitar possíveis dúvidas, transcreverei sempre os textos sobre os quais versar o estudo a ser feito.

Vejamos, pois. O texto que nos fornece a Vulgata, referente a essa passagem no Evangelho segundo Mateus, é o seguinte:

"Amen dico vobis, non surrexit inter natos mulierum major Joanne Baptista: qui autem minor est in regno coelorum, major est illo. (Cap. 11 V. 11).

Este versículo foi assim traduzido na Bíblia de Antônio Pereira de Figueiredo, edição de Harrison & Filhos, de Londres, em 1866:

"Na verdade vos digo, que entre os nascidos de mulheres não se levantou outro maior que João Batista: mas o que é menor no reino dos céus, é maior do que êle".

O Snr. Roustaing, no 2.º volume da sua 1.ª edição de "Les Quatre Evangiles" houve por bem traduzir assim o citado versículo 11:

"11 — En verité, je vous le dis: Nul d'entre tous

ceux qui sont nés de femmes, n'a été plus grand que Jean Baptiste; mais celui qui est le plus petit dans le royaume des cieus est plus grand que lui".

Na última edição de "Os Quatro Evangelhos", recentemente publicada pela Federação Espírita Brasileira, este mesmo versículo recebeu a seguinte tradução:

"Em verdade vos digo: Nenhum dentre quantos hão nascido da mulher foi maior do que João Batista, mas aquele que fôr o menor no reino dos céus é maior do que ele".

Esse, o tão decantado versículo, na sua fonte e conseqüentes traduções, a que se apegam os defensores do corpo fluídico de Jesús, para afirmar que se acham com a verdade no tocante à natureza do corpo de Jesús. Analisemos os textos e busquemo-lhes o sentido. Para tanto, mister se faz que conheçamos o motivo, a causa que determinou essa afirmativa de Cristo, e só assim, poderemos alcançar, com exatidão, o verdadeiro pensamento do Mestre. A passagem completa é a seguinte:

7 — *"E, partindo êles, começou Jesús a dizer às turbas, a respeito de João: Que fostes ver no deserto? Uma cana agitada pelo vento?"*

8 — *Sim, que fostes ver? Um homem ricamente vestido? Os que trajam ricamente estão nas casas dos reis.*

9 — *Mas então que fostes ver? Um profeta? Sim, vos digo eu, e muito mais do que profeta;*

10 — *Porque é êste de quem está escrito: Eis que diante da tua face envio o meu anjo, que preparará diante de ti o teu caminho.*

11 — *Em verdade vos digo que, entre os que de mulher têm nascido, não apareceu alguém maior do que João Batista; mas aquele que é o menor no reino dos céus é maior do que ele".*

Pela transcrição desses cinco versículos, se depreende, facilmente que êles se completam, formando um só sentido, uma só lição do Mestre.

Pelo versículo 9 se compreende que o Cristo se referia

a um PROFETA; e o versículo 10 nos mostra claramente que esse profeta aludido no versículo anterior é João Batista.

E só então, após haver dito isto, é que Jesús proferiu a afirmativa de que dos nascidos de mulheres nenhum havia maior que João Batista.

"Dos nascidos" diz o texto. "Dos", quais?

Indubitavelmente DOS PROFETAS, pois era dos profetas que Jesús estava falando, como se evidencia do versículo 9.

Logo, o meu raciocínio me induz a concluir ser a interpretação exata desse versículo, a seguinte: **EM VERDADE VOS DIGO QUE DENTRE OS PROFETAS NASCIDOS DE MULHERES, JOÃO BATISTA É O MAIOR**, e não, como acreditam os defensores do corpo fluídico de Jesús: dentre os **HOMENS** nascidos de mulheres, João Batista é o maior.

Mas, admitamos, para argumentar, que eu esteja em erro, e a verdade esteja com o meu prezado amigo Snr. Figner que me levou a estudar Roustaing. Para me certificar se estou ou não com a bôa interpretação, prossigo no estudo, e encontro em Lucas, Cap. 7, vers. 26 a 28, também invocado pelo amigo Figner, o seguinte:

26 — *"Mas que saistes a ver? Um profeta? Sim, vos digo, e muito mais do que profeta.*

27 — *Êste é aquele de quem está escrito: Eis que envio o meu anjo, diante da tua face, o qual preparará diante de ti o teu caminho.*

28 — *E eu vos digo que, dentre os nascidos de mulheres, NÃO HÁ MAIOR PROFETA do que João Batista; mas o menor no reino de Deus é maior do que ele".* (grifo meu)

Esse versículo 28, confirma a minha interpretação, o meu raciocínio ao estudar os versículos de Mateus.

Lá está, positivamente esclarecido, que Jesús se referia aos PROFETAS existentes e que existiram na terra, nascidos de mulheres, é claro. Logo, a sua pessoa não estava em jôgo, por que êle, Jesús, não era um profeta igual aos demais, era sim o Messias prometido, o Messias profetizado.

Em face de tão evidentes e positivos textos evangélicos, aos quais bem se poderia aplicar a regra jurídica "interpretatio cessat in claris", eu confesso que tornei a perguntar a mim mesmo, como era possível fazer-se destes textos evangélicos, fundamento decisivo, argumento seguro para a prova esmagadora do corpo fluídico de Jesús!

E a inspiração que sempre desce do Alto aos que procuram a verdade para com ela esclarecer os que se debatem na dúvida ou os que se obstinam no erro, desceu em meu socorro e pude então descobrir a causa, a razão por que essa passagem evangélica invocada pelo meu amigo Figner têm levado alguns espíritas a aceitar a obra de Roustaing e a crer que Jesús, viveu entre nós, num "corpo aparente".

E' que, — e com que dôr eu o declaro —, a tradução portuguesa da obra de Roustaing, muito mais lida que a edição francesa já exgotada, nesse passo, se afastou tanto do original francês, que permitiu uma conclusão diametralmente oposta àquela a que o Cristo quis chegar, e que os seus evangelistas Matheus e principalmente Lucas esteriortiparam nos seus respectivos Evangelhos. Essa a dolorosa verdade. Que Jesús ilumine todos os cérebros e tôdas as consciências para que possam julgar com acerto e evangêlicamente o que estou afirmando, não com o intuito de destruir ou combater mas, unicamente, com o desejo de esclarecer, e a bem da verdade. Cumpre-me provar o alegado. E' o que faço:

O texto original de Lucas, que se acha no Cap. 7, v. 28 da Vulgata latina que Jerônimo organizou por determinação papal, é o seguinte:

"Dico enim vobis: Major inter natos mulierum propheta Joanne Baptista nemo est. Qui autem minor est in regno Dei, major est illo".

A Bíblia de Antônio Pereira de Figueiredo nos dá a seguinte tradução:

"Porque eu vos declaro: que entre os nascidos de mulheres NÃO HÁ MAIOR PROFETA, que João Batista, mas o que é menor no reino de Deus é maior do que êle". (grifo meu).

Por sua vez, a Bíblia dos Protestantes, traduzida por

João Ferreira de Almeida, assim traduziu o citado versículo 28:

E eu vos digo que, entre os nascidos de mulheres, NÃO HÁ MAIOR PROFETA do que João Batista; mas o menor no reino de Deus é maior do que êle". (grifo meu)

O Snr. J. B. Roustaing, na sua obra que estamos estudando "Les Quatre Evangiles", 1.^a edição, de 1866, a autêntica, sem adendos, a que contém o prefácio assinado, na íntegra, sem os cortes que se encontram em outros exemplares de uma suposta 2.^a edição, nos dá a seguinte tradução francesa, de acôrdo com a Vulgata e com a Bíblia:

28 — *"Car je vous dis qu'entre tous ceux qui sont nes de femmes, IL N'Y A POINT DE PROPHÈTE PLUS GRAND QUE JEAN BAPTISTE; mais celui qui est le plus petit dans le royaume des cieux est plus grand que lui". (grifo meu)*

Vejamos agora, como êste mesmo versículo 28 do Cap. 7 do Evangelho segundo Lucas, assim fielmente vertido para o francês pelo Snr. Roustaing, foi traduzido para o português na última edição de "Os Quatro Evangelhos", de J. B. Roustaing, editada pela Livraria da Federação Espírita Brasileira.

Assim se lê, no Tomo 2.^o à pág. 227:

28 — *Pelo que, eu vos digo que, dentre os que hão nascido de mulher, nenhum ainda houve maior do que o profeta João Batista; mas, aquele que fôr o menor no reino de Deus é maior do que êle".*

Ora, entre o dizer-se que: "dentre os nascidos de mulheres NÃO HÁ MAIOR PROFETA do que JOÃO BATISTA, e o dizer-se que "dentre os que hão nascido de mulher, NENHUM AINDA HOUE MAIOR DO QUE O PROFETA JOÃO BATISTA", há, incontestavelmente, uma imensa diferença. A tradução portuguesa, modifica, essencialmente, o pensamento do Cristo, relatado pelos Evangelistas Mateus e Lucas, fornecendo, assim, um "aparente" elemento de convicção aos que julgam que Jesús tinha um corpo carnal como tinha João Batista, porque se tivesse êle seria menor que João.

Será preciso dizer mais alguma coisa? Certo que não. Os que têm olhos de vêr, vejam.

Que o meu amigo Figner me perdôe se estudei de mais.

Esse argumento, pois, tão largamente invocado pelos adeptos de Roustaing para alicerçar a convicção que têm do corpo fluídico de Jesús, não tem a menor valia, o menor valor probante, porquanto, evidentemente, nessa passagem da vida do Cristo êle ensinou, simplesmente, que de todos os PROFETAS nascidos de mulheres, João Batista foi o maior. Foi o maior dentre os profetas e não dentre os homens. E o foi, incontestavelmente.

III

Era meu desejo não mais voltar a meditar sôbre êsses versículos, em face do que me foi dado verificar. Contudo, como o meu bom amigo, Snr. Figner a quem devo a generosidade do seu convite para estudar a obra de Roustaing, como o estou fazendo, em sua "carta aberta" disse girar tôda a questão do corpo fluídico de Jesús em tôrno dêsses versículos, eu me permito a liberdade de trazer ao conhecimento dos meus pacientes leitores, mais uma pequena observação minha, fruto dêsse meu estudo que outro objetivo não tem, repito, senão o de esclarecer e nunca o de combater ou de agredir quem quer que seja que pense diversamente. Ei-la:

Admitindo-se, para argumentar, que o Snr. Roustaing foi um missionário igual a Kardec, a quem os Evangelistas assistidos dos apóstolos revelaram o que deixaram de revelar a Kardec, era natural que a essa passagem evangélica que constituiria um forte elemento de convicção para a implantação da nova revelação que estavam fazendo, um largo e exaustivo comentário fôsse feito, como em outras passagens, menos importantes, o fizeram.

Assim pensando, e ávido de conhecer como os Evangelistas comentaram esses versículos, abri o 2.^o volume da 1.^a edição de "*Les Quatre Evangiles*", e às págs. 68 e 69, verifiquei que os Evangelistas apenas revelaram que com êsses versículos quis Jesús dizer que por mais elevado que seja, o Espírito sofre sempre a influência do corpo que o constrange, concluindo os Evangelistas com a "revelação" de que:

"João humanizado era naturalmente menos do que João, espírito, e se Jesús o comparou com o

menor no reino dos céus foi para que os homens compreendessem a DIFERENÇA ENTRE O ESPÍRITO LIVRE DE ENTRAVES E O ESPÍRITO APRISIONADO NO CORPO”.

E terminam os Evangelistas com mais esta “revelação”:

“Jesús, além disso, afirmara indiretamente e sob um véu que só a atual revelação levantaria, que ele, Jesús, era superior a João, fora da humanidade”.

Para evitar possíveis dúvidas, transcrevo do original a citada passagem. Ei-la:

“Jean humanisé était naturellement moins que Jean, ESPRIT, et, si Jesus a établi une comparaison entre lui et le plus petit du royaume des cieux, c'était pour faire comprendre aux hommes la différence entre L'ESPRIT LIBRE D'ENTRAVES et l'esprit EMPRISONNÉ dans le corps”.

“Jesus, en outre affirmait indirectement et SOUS VOILE QUI NE DEVAIT ÊTRE LEVÉ QUE PAR LA RÉVÉLATION ACTUELLE, QU'IL ÉTAIT, LUI SUPÉRIEUR A JEAN, EN DEHORS DE L'HUMANITÉ”.

Extraordinária revelação essa que os espíritos superiores dos Evangelistas trouxeram ao Sr. Roustaing para conhecimento da humanidade! Jesús era superior a João Batista!!!

Seria que Allan Kardec houvesse negado essa verdade?

Como se acaba de ver, o comentário dos Evangelistas nesse passo do Evangelho em nada nos autoriza a supor possa o versículo 11 do Cap. 11 de Mateus e o versículo 28 do Cap. 7 de Lucas, servir de argumento para a afirmativa de que Jesús não revestiu um corpo carnal.

O que éles, Evangelistas, revelaram foi que o espírito por mais elevado que seja, sofre sempre a influência do corpo que o constrange, e, também, que o espírito de Jesús é superior ao de João, fora da humanidade.

Ora, isso não constituía novidade em 1866, por isso que

em 1857, já Allan Kardec havia dito, como ensino dos espíritos.

Mas, se nada encontrei que me pudesse esclarecer sobre o caso em estudo, contudo não foi perdido o tempo consumido, pois que tive oportunidade, de encontrar, mais uma vez, o que não mais queria encontrar: uma discordância, por supressão, entre o texto do original francês e a tradução da edição portuguesa feita pela Federação Espírita Brasileira.

E' preciso provar. E o farei.

Tanto na 1.^a edição da obra de Roustaing, a editada por ele em 1866, como a chamada 2.^a edição que também tem a data de 1866 e que contém em seu bojo uma publicação feita em 1882, dezesseis anos depois!!!, se lê, à pág. 68 do 2.^o volume, o seguinte:

“En verité, je vous dis, ajoutait Jesus, en parlant de Jean à la multitude, qu'entre tous ceux qui sont nés des femmes, nul n'a été plus grand que Jean-Baptiste. IL N'Y A POINT EU DE PROPHÈTE PLUS GRAND QUE LUI: mais celui qui est le plus petit dans le royaume des cieux est plus grand que lui”. (grifo meu)

Vejamos agora o que se lê na tradução portuguesa:

“Em verdade vos digo, acrescentava Jesús, falando de João ao povo, que nenhum dentre quantos hão nascido de mulheres foi maior do que João Batista. mas aquele que fôr menor no reino dos céus é maior do que êle”.

Do cotejo desses dois trechos, se verifica facilmente, que na tradução foi omitida a declaração de Lucas “il n'y a point de prophète plus grand que lui”.

A que atribuir essa ogerisa pelo versículo do Evangelista Lucas? Não sei, nem desejo indagar, porque, repito, não é meu intento destruir obras ou reputações, mas apenas apresentar elementos que possam esclarecer os que desejam ser esclarecidos à luz dos fatos, da razão e da verdade.

Sei que terei de amargar o ódio e o desprezo de alguns para que provado fique mais uma vez que a questão Rous-

taing é obra das trevas e por isso só pode gerar o que ela tem gerado e está gerando.

Cumpra-se, no entanto, a vontade de Deus. A hora é de afirmações e de testemunhos.

Se possível, continuarei a estudar, satisfazendo assim, o desejo e o convite do meu muito prezado amigo Fred Figner.

HENRIQUE ANDRADE

IV

O Snr. Figner teve a gentileza de nos mandar, por mão amiga, uma pequena brochura, recentemente editada pela livraria da Federação Espírita Brasileira, com o sugestivo título: "A Personalidade de Jesús", de autoria do nossos saudoso amigo Leopoldo Cirne. A oferta exprime, é claro, o desejo que tem o ofertante em esclarecer-nos, e, quanto ao editor, o de opor a opinião dos que não aceitam a teoria de Roustaing a grande figura de Leopoldo Cirne, cuja autoridade em Espiritismo é por todos respeitada.

Na verdade, o notável estudo de Leopoldo Cirne, é o mais completo trabalho que conhecemos em abono da personalidade extra-humana de Jesús. A sua projeção no cenário do Espiritismo foi grande, e porque ele era um sincero, gozou sempre do maior respeito e acatamento no meio espírita.

A reprodução, pois, em volume, dos seus artigos publicados no "Reformador", em 1903, como o fez a Federação Espírita Brasileira, foi, não há dúvida, um valioso reforço à intensa propaganda da obra de Roustaing por ela iniciada.

Mas, perguntamos, teria Leopoldo Cirne, com todo o peso da sua autoridade e da sua responsabilidade no meio espírita, aceito, *sem reservas, integralmente*, a obra de Roustaing?

Aceitou Leopoldo Cirne, como exclusivamente ditados pelos Evangelistas assistidos pelos Apóstolos, tudo o que se contém em "Os Quatro Evangelhos" de Roustaing?

São perguntas essas que merecem resposta, e precisam ser esclarecidas, a bem da verdade, para que se possa aquilatar com acerto, até onde e quanto a opinião de Leopoldo

Cirne pode influir no espírito dos que desejam se orientar nessa questão.

Presidia Leopoldo Cirne a Federação Espírita Brasileira em 1903, quando iniciou, em "O Reformador", a série de artigos, ora enfiados em volume.

Nessa época, Leopoldo Cirne, ao ler a obra de Rousstaing impressionou-se, vivamente, com a nova teoria ali aventada, do corpo fluídico de Jesús. Daí a sua análise, o seu estudo. Em 1935, porém, 32 anos após, Leopoldo Cirne numa demonstração evidente do seu grande amor à verdade e do seu imenso desejo de servir, com imparcialidade e justiça à causa do Espiritismo, não teve dúvida em opor sérias restrições à obra de Rousstaing, diminuindo-lhe, assim, o grau de credibilidade que nela depositou em 1903.

Realmente, quem ler a sua última obra, publicada em 1935, sob o título "ANTICHRISTO — SENHOR DO MUNDO", cujo valor não precisamos encarecer, disse se certificará, ao ter conhecimento desta sua apreciação, que bem vale por um julgamento:

"Devemos acrescentar, a propósito da 'Revelação da Revelação', que, reconhecendo embora a profundidade de muitos de seus ensinamentos, a par da magnitude do plano, verdadeiramente original, em que foi plasmada, NÃO TEMOS DÚVIDA EM ADMITIR QUE A FORMA EXPOSITIVA, RECHEADA DE FATIGANTES REPETIÇÕES, DENUNCIA UMA SUSPEITA COLABORAÇÃO OCULTA".

Que quer dizer: "Uma SUSPEITA colaboração oculta"?

Em uma obra mediúnica colaboração suspeita só pode ser a proveniente de espíritos mistificadores. Se, pois, Leopoldo Cirne não tinha dúvida em admitir uma suspeita colaboração oculta na obra do Snr. Rousstaing, ela não pode, evidentemente, ser tida como paradigma da doutrina dos espíritos, e muito menos ser encaixada, como se pretende, na Codificação de Kardec, como complemento da 3.^a Revelação.

Mais adiante, referindo-se à epígrafe "Espiritismo Cristão", que se vê encimando o título da obra "JESUS, NEM DEUS NEM HOMEM", diz Leopoldo Cirne, em nota, à página 292, do seu livro o "ANTICHRISTO":

"Sob essa mesma epígrafe é que foi publicada a 'REVELAÇÃO DA REVELAÇÃO' — outro título pretencioso, constituindo uma das suspeitas insinuações que, a nosso ver, logrou o inimigo insinuar nessa obra admirável, fazendo-a um misto de luz e sombras e tornando assim necessário que, para aceitação dos magníficos ensinamentos que contém, seja empreendido um considerável trabalho de joejamento e síntese, que, eliminando as ociosas repetições, do mesmo modo que certas excessivas pormenorizações, conserve em suas grandes linhas estruturais o pensamento superior que lhe deu origem.

Esse trabalho — não o duvidamos — será um dia realizado com o amor e a humildade que requer, sob a indispensável inspiração do Alto".

Seria preciso mais clareza para se proclamar a rejeição da obra como REVELAÇÃO DOS ESPÍRITOS SUPERIORES?

Que superioridade têm esses espíritos que se torna necessário um considerável trabalho de joejamento e de síntese no que revelaram?

Mas então, é crível que espíritos, como os Evangelistas que se propuseram a "revelar" a Rousstaing o que não revelaram a Kardec, precisem da mão e da inteligência do homem para joear o que disseram como "reveladores"?

E' o caso de meditarmos.

Está, pois, documentado que Leopoldo Cirne já em 1935 opunha sérias restrições à obra de Rousstaing, vendo nela, também, como os que a não aceitam, uma "suspeita colaboração oculta". E hoje? Esperemos.

E como não é possível aceitar-se uma revelação de ordem divina, como é, sem dúvida, a 3.^a Revelação, contendo uma suspeita colaboração oculta, claro é que a obra de Rousstaing não pode ser tida, como o pretendem, integrando a codificação de Kardec.

V

Dissemos em o nosso último estudo que Leopoldo Cirne, apesar de haver escrito em 1903 vários artigos favoráveis ao corpo fluidico de Jesús, (artigos êsses que a Federação, valendo-se do incontestável prestígio daquele estudioso e culto confrade acaba de editar em volume) reconheceu, em 1935, haver sido Mme. Colignon — a única médium com quem trabalhou o Snr. Roustaing — vítima de uma “suspeita colaboração oculta”. Isto vale dizer que essa obra, que é **ABSOLUTAMENTE MEDIÚNICA** como o afirma o Snr. Roustaing ao prefaciá-la, não pode ser tida como Revelação da Verdade.

E', sem dúvida, grave essa afirmativa de Leopoldo Cirne, não só porque ele foi, incontestavelmente, um dos valores mais fulgurantes dentre os expoentes que entre nós doutrinarão e doutrinam, ainda, sobre Espiritismo, como também porque, a despeito de tudo, foi o seu nome buscado para sustentar a defesa da obra Roustaingiana que, por mais uma invigilância de seus responsáveis, retornou ao tablado da discussão pública.

E como pôde Leopoldo Cirne chegar a essa conclusão? Quem o conheceu entre nós, sabe que ele pelo seu caráter ímpoluto, pela grande sinceridade com que pautava sempre os seus atos e pelo provado culto que rendia à Verdade, porque nunca ninguém o apanhava em flagrante mentira, só lançaria publicamente essa afirmativa após haver estudado e analisado detidamente a obra em questão. E esse estudo essa análise, só poderiam ser feitos mediante a aplicação dos conhecimentos que ele haurira nas obras fundamentais de Allan Kardec. Para se discutir Espiritismo, para se analisar uma obra mediúnica e conhecer-se da sua origem, se boa ou má, se verdadeira ou falsa, indispensável é a aplicação do mé-

todo e dos princípios contidos nas obras de Kardec, e isto, pela simplicíssima razão de que foi êle, incontestavelmente, o codificador da doutrina dos Espíritos, e que recebeu, em primeira mão, os ensinamentos reveladores das leis que presidem os fenômenos espíritas.

Assim, sempre que se queira saber, com segurança, sobre o valor de uma determinada obra ou determinado trabalho de origem espírita e produção mediúnica, forçoso é recorrer-se ao Codificador da doutrina para saber como êle ensina que devamos agir para chegarmos à conclusão que desejamos obter.

Isto posto, e como — mais uma vez o repetimos —, não temos outro desejo senão o de trazer elementos de convicção para os que desejam se inteirar do valor desta obra que Leopoldo Cirne, Leon Denis, Ernesto Bozzano e muitos outros afirmam ter sofrido a intervenção suspeita de espíritos outros que não os Evangelistas, seus autores, vamos aqui reproduzir o que Kardec nos ensina sobre as “Revelações”, afim de se verificar se a obra de Roustaing resiste à análise comparativa que lhe dê os fóros de ser, realmente, como se quer fazer crer, uma nova Revelação das Verdades divinas, como o foi a Terceira Revelação recebida por Kardec.

Em seu formidável e magistral trabalho, “CARÁTER DA REVELAÇÃO ESPÍRITA”, que precede o seu livro “A Genesis”, Allan Kardec, entre outras muitas elucidações, nos dá a seguinte:

“Por sua natureza, a revelação espírita tem duplo caráter: participa ao mesmo tempo da revelação divina e da científica. Participa da primeira, por ter sido o seu aparecimento providencial e não o resultado da iniciativa nem de um designio premeditado do homem; porque os pontos fundamentais da doutrina provêm do ensino dado pelos espíritos encarregados por Deus de esclarecer os homens acerca de coisas que eles ignoravam, que não podiam aprender por si mesmos, e que lhes importa conhecer. hoje que estão aptos para compreendê-las. Participa da segunda, por não ser este ensino privilégio de indivíduo algum, mas a todos facultado do mesmo modo; aqueles que o transmitem, e os que o recebem, não são seres PASSIVOS, dispensados do trabalho da observação e pesquisa, porque não fazem renúncia do seu entendimento e li-

vre arbitrio; porque não lhes é interdito o exame, mas, ao contrário, recomendado; enfim, porque a doutrina não foi DITADA JÁ PERFEITA, nem imposta à crença cega; porque é deduzida pelo trabalho do homem, da observação dos fatos que os espíritos põem sob seus olhos, e das instruções que lhe dão, instruções que ele estuda, comenta, compara, e donde tira as conseqüências e aplicações. Em uma palavra, O QUE CARACTERIZA A REVELAÇÃO ESPÍRITA É A SUA ORIGEM SER DIVINA, A SUA INICIATIVA PERTENCER AOS ESPÍRITOS, E A SUA ELABORAÇÃO SER O PRODUTO DO TRABALHO DO HOMEM".

A seguir, Allan Kardec mostra, com exemplos, com fatos, a aplicação desse princípio, e o faz, como sempre, de forma clara, precisa e compreensível. É o que irá constituir o nosso próximo artigo, como preparo a estudos posteriores.

VI

Referimo-nos, no estudo anterior, ao substancial estudo que Allan Kardec nos ofertou em seu livro "A Genesis", no tocante ao caráter da Revelação Espírita, mostrando que o que a caracteriza é a sua ORIGEM ser divina, a sua INICIATIVA pertencer aos espíritos, e a sua ELABORAÇÃO ser o produto do trabalho do homem.

Para explicar claramente o seu pensamento, para que todos o compreendessem, Kardec, com aquela sabedoria e aquele critério exuberantemente demonstrados em toda a sua Codificação, esclarece:

"O Espiritismo procede exatamente da mesma forma que as ciências positivas, aplicando o método experimental. Fatos de nova ordem se apresentam, que não podem ser explicados pelas leis conhecidas; ele os observa, compara, analisa e, remontando dos efeitos às causas, chega à lei que os rege; depois, deduz as suas conseqüências e busca as aplicações úteis".

Essa a lição do mestre.

Um exemplo de que assim é? Ele próprio nô-lo dá, dizendo: Há espíritos que se não julgam mortos, e, no entanto, os Espíritos superiores não nos vieram dizer, antecipadamente: "Existem espíritos que crêm ainda viver a vida terrestre, que conservam seus gostos, costumes e instintos". O que fizeram, então os Espíritos Superiores? Provocaram a manifestação desses espíritos para que nós os observássemos, os estudássemos. E nós, depois de verificarmos que tais espíritos

não tinham ainda noção do seu novo estado, porque nos afirmavam se acharem ainda vivendo a vida terrena, concluímos por estabelecer o princípio, a regra, de que tais manifestações denotavam provirem de espíritos pouco adiantados moralmente, e também, que são peculiares a certos gêneros de morte.

Foi pois a observação de um fato, e o conseqüente estudo de seus efeitos e suas causas que fez nascer a teoria. Assim é em relação aos outros princípios da doutrina.

Ora, isto posto, vejamos agora se a obra de Roustaing pode ser tida como uma Revelação de ordem divina, isto é, se a SUA INICIATIVA PERTENCE AOS ESPÍRITOS e se sofreu o trabalho de elaboração do homem quanto à aplicação do mesmo método científico usado nas ciências positivas, para ser tida como uma verdade. Vejamos.

No primeiro volume, como Prefácio do autor, encontramos, com suficientes detalhes, a narração de como surgiu a obra, e o que se passou com a pessoa do seu autor, o Snr. J. B. Roustaing.

Diz-nos êle, nesse prefácio, que certo dia de janeiro de 1861 um distinto clínico da cidade de Bordeaux, seu torrão natal, lhe falara da "possibilidade das comunicações do mundo corpóreo com o mundo espiritual, da doutrina e da ciência espíritas". Sem nenhuma fé definida, não aceitando o "sobrenatural" por ser a derrogação das leis da natureza, e com a sua vida "irresistivelmente presa à pesquisa da verdade, na ordem física, moral e intelectual", deliberou informar-se cientificamente, "primeiro pelo estudo e pelo exame, depois pela observação e pela experimentação, do que haveria de possível, de verdadeiro ou de falso nessa comunicação do mundo espiritual com o mundo corporal, nessa doutrina e ciência espíritas".

Temos pois, diante de nós, um homem de cultura, porque advogado, sem fé definida, e que se propõe a se informar CIENTIFICAMENTE, o que de verdadeiro ou de falso há na doutrina e ciência espíritas.

Note-se, desde já, que NÃO FOI NENHUM FENÔMENO que o levou a estudar a lei que o regulava, como se deu com Allan Kardec; mas sim a simples notícia de um médico amigo que lhe dissera da POSSIBILIDADE das comunicações entre os dois mundos, o corpóreo e o espiritual.

E como procedeu o Snr. Roustaing, para se informar cientificamente sôbre o que haveria de verdadeiro ou de falso na doutrina e ciência espíritas, que até então lhe eram absolutamente desconhecidas?

E' o que começaremos a verificar no próximo estudo, à luz da própria confissão feita pelo Snr. Roustaing.

VII

Dissemos no nosso último artigo que o Snr. Roustaing deliberara, *sponte sua*, informar-se, CIENTIFICAMENTE, do que haveria de possível, de verdadeiro ou de falso na comunicação do mundo espiritual com o mundo corporal, na doutrina e ciência espíritas.

Salientamos, em seguida, ante essa declaração do autor dos "Quatro Evangelhos", que NÃO FOI NENHUM FENÔMENO espírita que o levou a estudar a lei que o regia.

Pode parecer a muitos que a forma, o modo, por que o Snr. Roustaing foi levado a realizar a obra que estou analisando, não tem a mínima importância para a solução do objetivo que estamos visando esclarecer: o de não merecer a obra de Roustaing o mesmo conceito, o mesmo crédito e a mesma reputação que merece a de Allan Kardec, o único codificador da Terceira Revelação.

Aos que assim pensam, diremos, no entanto, que quando se ventilam questões desta ordem, quando se investiga sobre a autenticidade ou não de um documento, qualquer que ele seja e qualquer que seja a sua natureza, todos os elementos de convicção, tôdas as circunstâncias, todos os detalhes por mínimos que sejam, têm que ser observados, estudados, e coordenados para servirem de base, de fundamento à conclusão que se busca para o estabelecimento da verdade.

Em tôda a investigação científica nenhum elemento de prova pode ser desprezado.

Isto posto, prossigamos.

Ante essa declaração do Snr. Roustaing, de haver ele DE-

LIBERADO INFORMAR-SE CIENTIFICAMENTE, sobre o que de POSSÍVEL, VERDADEIRO OU FALSO, haveria na doutrina e ciência espíritas, poder-se-á dizer, em sã consciência que o resultado desse *trabalho científico* seja o produto, a consequência de uma INICIATIVA DOS ESPÍRITOS SUPERIORES, característica essencial que é, da Revelação Divina, como nos ensina Kardec, na Gênese ?

Onde há premeditação, deliberação antecipada de se conhecer algo, há iniciativa própria, há manifestação da nossa vontade, do nosso querer, do nosso livre arbítrio.

Quando somos levados a estudar um fenômeno, a descobrir uma lei, a estabelecer um princípio, a realizar uma obra, impulsionados por um fato produzido por entidades espirituais em virtude de uma lei ainda não conhecida, ou não proclamada, poderemos então, afirmar que o resultado desse nosso estudo, dessa nossa investigação, é de INICIATIVA DOS ESPÍRITOS.

A "Terceira Revelação" codificada por Allan Kardec, é, incontestavelmente, de iniciativa dos Espíritos.

Kardec que era um homem de vasta cultura, cientista de fama, professor emérito, doutor em medicina, bacharel em direito, filósofo de conceito firmado; nascido católico e educado no protestantismo, não podia ignorar a letra do Evangelho nem desconhecia, também, as várias concepções religiosas estabelecidas pelos vários crêdos e correntes de todos os matizes. E no entanto, com todo o seu saber, com tôda a sua cultura, não teve Kardec a iniciativa de se informar, cientificamente ou não, sobre o que de verdadeiro ou falso se continha nos Evangelhos. Mas quando soou a hora de dar início à sua missão, no ano de 1854, ouviu do seu amigo, Snr. Fortier, a afirmativa de que uma mesa girava e respondia às interrogações que se lhe faziam, ao que o mestre respondeu que só acreditaria quando se lhe provasse que uma mesa tinha cérebro para pensar e nervos para sentir. Isto em 1854.

Em 1855, um outro amigo de Kardec, Snr. Carlotti, falou-lhe da intervenção dos espíritos, relatando fatos que, diz Kardec, ao invés de o convencer, aumentaram-lhe as dúvidas que tinha sobre a possibilidade de tais fenômenos.

Somente em Maio de 1855, *um ano após a comunicação do Snr. Fortier de que as mesas giravam e respondiam a perguntas formuladas*, é que o Snr. Allan Kardec assistiu à primeira sessão espírita, na residência da Snra. Plainemaison,

onde, então, os espíritos lhe patentearam uma série de fenômenos cuja causa lhe era desconhecida.

Ante os fatos, ante os fenômenos que acabava de presenciar viu Kardec a revelação de uma nova lei, e então, SÓ ENTÃO, se decidiu a estudar os fenômenos para conhecer-lhes a causa.

E dêsse estudo, dessa investigação, dêsse trabalho cujo valor, cuja grandeza, cujo mérito, talvez ainda hoje não se lhe conheça a extensão, surgiu a "Terceira Revelação" com o nome de Espiritismo.

Essa a forma, o modo pelo qual Kardec foi levado a realizar a sua Codificação.

Convenhamos que ela foi bem diferente da forma e do modo com que o Snr. Roustaing foi levado a compor a sua obra.

Os fatos, — iniciativa dos espíritos — levaram Kardec a receber a Terceira Revelação; uma deliberação preconcebida de descobrir, cientificamente, a existência ou não de uma verdade, — iniciativa própria — levou Roustaing a publicar os "Quatro Evangelhos".

Mas prossigamos:

Uma vez tomada a deliberação de se informar cientificamente do que haveria de possível, de verdadeiro ou de falso na doutrina e ciência espíritas eis como procedeu o Snr. Roustaing:

Primeiramente leu o "Livro dos Espíritos" de Allan Kardec e depois de lê-los, eis o que ficou sabendo:

"Compreendi mais do que nunca, diante da pluralidade dos mundos e das humanidades, assim como de suas hierarquias; da pluralidade das existências e da respectiva hierarquia, que os homens, no nosso planeta, são de uma inferioridade moral notória; de uma inferioridade intelectual acentuada relativamente às leis a que estão sujeitos na terra os diversos reinos da natureza e às leis naturais a que obedecem os mundos e as humanidades superiores, por meio das quais aquelas leis se conjugam na unidade e na solidariedade.

Sim, essa ignorância é imensa, quanto aos

meios de apropriação das leis de um planeta superior a um planeta inferior, quando um messias, enviado por Deus em alta missão, toma um corpo de conformidade com a sua natureza espiritual e relativamente harmônico com uma esfera inferior, qual a terra, para aí se manifestar entre os homens, para lhes traçar as diretrizes da regeneração humana, para lhes trazer a luz e a verdade veladas e destinadas a ser descobertas progressivamente, conforme aos tempos e às exigências de cada época.

Compreendi a necessidade das revelações progressivas, vindo sucessivamente levantar, pouco a pouco, o véu e patentear aos olhos dos homens, de modo a iluminá-los sem os deslumbrar, a luz que os tem de guiar nas suas indagações e ajudar a progredir na trilha da verdade".

Vê-se da transcrição que o Snr. Roustaing após ter compreendido que "os homens do nosso planeta são de uma inferioridade moral notória; de uma inferioridade intelectual acentuada relativamente às leis a que estão sujeitos na terra os diversos reinos da natureza" compreendeu, mais e ainda, a "NECESSIDADE DAS REVELAÇÕES PROGRESSIVAS, vindo sucessivamente levantar, pouco a pouco, o véu e patentear aos olhos dos homens, de modo a iluminá-los sem os deslumbrar, a luz que os tem de guiar nas suas indagações e ajudar a progredir na trilha da verdade".

E porque assim compreendeu... tornou-se um missionário patenteando aos olhos dos homens a nova luz que é a "Revelação da Revelação".

Acompanharemos nos artigos subseqüentes, a marcha dos fatos que levaram o Snr. Roustaing a realizar a sua deliberação de se informar cientificamente sobre o que de possível, verdadeiro ou falso, haveria na doutrina e ciência espíritas.

VIII

Depois de haver lido o "Livro dos Espíritos" de Allan Kardec, e de, após a sua leitura, haver compreendido que "os homens do nosso planeta são de uma inferioridade moral notória e de uma inferioridade intelectual acentuada relativamente às leis a que estão sujeitos na terra os diversos reinos da natureza" passou o Snr. Roustaing a estudar o "Livro dos Médiuns"; depois compulsou os livros da filosofia profana e religiosa, antiga e recente, os prosadores e os poetas que refletem as crenças, bem como os costumes dos tempos; per-lustrou os livros das duas revelações, o Antigo e o Novo Testamento, e dêsse vasto estudo a que se dedicara verificou que o mundo espiritual era bem o reflexo do mundo corporal e que na verdade era um fato a comunicação do mundo espiritual com o mundo corporal, e também aprendeu que a revelação de Deus é permanente e progressiva.

Mas, apesar de tudo isso, apesar de haver a moral sublime de Cristo resplandecido a seus olhos em tôda a sua pureza, como confessa, uma coisa não pôde compreender o Snr. Roustaing: A ORIGEM e a NATUREZA espirituais de Jesús, a sua POSIÇÃO ESPÍRITA EM RELAÇÃO A DEUS E AO NOSSO PLANETA, os seus PODERES e a sua AUTORIDADE.

Transcrevemos essa passagem do seu livro para evitar possíveis dúvidas:

"Mas, se por um lado a moral sublime do Cristo resplandeceu a meus olhos em tôda a sua pureza, em todo o seu fulgor, como brotando de uma fonte divina, por outro lado, tudo permaneceu obscuro, incompreensível e impenetrável à minha razão, no

tocante à revelação sobre a origem e a natureza espirituais de Jesús, sobre a sua posição espirita em relação a Deus e ao nosso planeta, sobre os seus poderes e a sua autoridade".

"Quanto à revelação sobre uma origem, uma natureza, ao mesmo tempo humanas e extra-humanas de Jesús, sobre o modo de sua aparição na terra, tudo, como antes, se conservou igualmente obscuro, incompreensível e impenetrável à minha razão".

E depois de aludir à morte de Jesús, ao desaparecimento do seu corpo, à sua ressurreição, às suas aparições e sua ascensão às regiões etéreas, assim conclue, espantosamente, o Snr. Roustaing:

"senti a impotência da razão humana para penetrar as TREVAS DA LETRA e, desde então, a necessidade de uma revelação nova, DE UMA REVELAÇÃO DA REVELAÇÃO".

Quer nos parecer que dessa narrativa pode-se deduzir, sem receio ou dúvida, o haver nascido, no espírito do Snr. Roustaing, a idéia de uma nova revelação que viesse dissipar as trevas que ocultavam a verdade sobre aqueles fatos que ele sentia impotente a razão humana para esclarecer. E' bem uma iniciativa.

Digamos, agora, o que se passou depois de haver o Snr. Roustaing se convencido da NECESSIDADE de uma nova revelação, de uma REVELAÇÃO DA REVELAÇÃO. Assim nos conta ele:

"Em dezembro de 1861, foi-me sugerido ir à casa de Mme. Collignon que eu não tinha a satisfação de conhecer e a quem devia ser apresentado, para apreciar um grande quadro mediunicamente desenhado, representando um aspecto dos mundos que povoam o espaço. Lá fui. Oito dias depois voltei à casa de Mme. Collignon com o intuito de lhe agradecer o acolhimento que me dispensara por ocasião da visita que lhe fizera para ver aquela produção mediúnica. NO MOMENTO EM QUE ME PREPARAVA PARA SAIR, Mme. Collignon sentiu na mão a impressão, e agitação fluidicas bem co-

nhecidas dos médiuns, indicadoras da presença de um espírito desejoso de se manifestar. A instâncias minhas, ela condescendeu em se prestar à manifestação mediúnica, e, NO MESMO INSTANTE a mão, fluidicamente dirigida, escreveu o seguinte:

Segue-se a mensagem assinada por Mateus, Marcos, Lucas e João, assistidos pelos apóstolos, mensagem esta a que se torna necessária uma referência a ser feita no próximo artigo, que nos mostrará como o Snr. Roustaing recebeu a investidura de missionário da Revelação da Revelação.

Não devemos nos esquecer de que a comunicação reveladora da missão do Snr. Roustaing, como nos diz êle, foi recebida por Mme. Collignon no momento em que ele se despidia de uma visita de cortesia que lhe fizera.

IX

Eis a comunicação reveladora da missão do Sr. Roustaing:

“E” transitória a época em que vos achais; em toda parte os obreiros da destruição se esforçam por derruir os antigos monumentos, já solapados nas suas bases; outros procuram construir novos monumentos, onde se possam abrigar as almas inquietas; mas, em geral, os que destroem não se preocupam com o que deve substituir o que fôr destruído; os que tratam de construir não se mostram seguros a respeito das bases em que hajam de assentar o monumento do futuro. A vós, espíritas, é que incumbe reunir os materiais esparsos, escolher as pedras boas para sustentar o edificio do futuro, eliminar cuidadosamente tudo o que do tempo tenha recebido a marca da vetustez e dispor os fundamentos do templo onde a verdade terá os seus altares e donde espargirá sua luz.

“Meti mãos à obra, pois que os espíritos indecisos flutuam entre dúvidas que lhes são semeadas nos corações e a fé de que precisam; seus olhos nada mais podem distinguir nas trevas de que os cercaram e buscam no horizonte uma luz que os ilumine e sobretudo que os tranquilize.

“Cumpra que essa luz lhes seja mostrada, porquanto desapareceu a confiança que depositavam nos dogmas da Igreja; falta-lhes esse apoio. Apresentai-lhes o esteio sólido da nova revelação.

“Que eles enfim reconheçam que o Cristo, a

nobre e grandiosa figura que lhes foi mostrada pairando, no alto da cruz ignominiosa, sobre o mundo, não é um mito, uma legenda. Mostrai-lhes também que os véus em que o envolveram é que o roubaram aos olhares deles, não lhes permitindo ver mais do que uma forma indecisa, incapaz de lhes satisfazer à razão.

Mostrai-lhes que os milagres, proclamados maquinalmente por uns e negado por outros sistematicamente, são atos naturais derivados do curso ordinário das leis da natureza e cuja impossibilidade só existe na ignorância do homem relativamente a essas leis.

"A vós, pioneiros do trabalho, cabe a tarefa de preparar os caminhos, enquanto esperais que aquele que há de vir para traçar o roteiro comece a sua obra.

"Com esse objetivo nós, oh! bem amados vimos incitar-vos a que empreendais a explicação dos Evangelhos em espírito e verdade, explicação que preparará a unificação das crenças entre os homens e à qual podeis dar o nome de **"REVELAÇÃO DA REVELAÇÃO"**.

"São chegados os tempos em que o espírito que vivifica substituirá a letra que produziu seus frutos, de acordo com as fases e as condições do progresso humano, e que agora mata, se mal interpretada.

Ponde-vos à obra; trabalhai com zelo e perseverança, coragem, atividade e não esqueçais nunca que sois instrumentos de que Deus se serve para mostrar aos homens a verdade; aceitai com simplicidade de coração e reconhecimento o que o Senhor vos dá; tende sempre nos vossos pensamentos e atos a humildade, a caridade, a abnegação, o amor e o devotamento aos vossos irmãos e sereis amparados e esclarecidos.

"Quando todos os materiais estiverem reunidos e fôr chegado o momento de se tornar conhecida, de publicar-se esta obra **DESTINADA A CONGREGAR TODOS OS DISSIDENTES DE BOA FE'**, ligando-os por um pensamento comum, sereis pre-

venidos. — Dezembro de 1861 — Mateus, Marcos, Lucas, João, assistidos pelos apóstolos".

E mais adiante, textualmente, declara o Sr. Roustaing:

Chamados desse modo a executar essa obra da revelação, que certamente de nosso "motu proprio" não ousariamos tentar, incapazes, ignorantes e cegos que eramos, metemos ombro à tarefa".

Está na sua íntegra a famosa comunicação que a médium Mme. Collignon recebera dos espíritos de Mateus, Marcos, Lucas, João, assistidos pelos apóstolos, no MESMO INSTANTE em que o Sr. Roustaing se despedia, cerimoniosamente, de Mme. Collignon, quando a visitara pela segunda vez, não para permutar idéias sobre Espiritismo, mas, para agradecer-lhe, cortêsmente, as atenções que ela tivera para com ele oito dias antes, quando a visitara pela primeira vez.

Ora, nós espíritas que procuramos estudar a doutrina, que observamos com a atenção precisa os fatos que nos são mostrados pelos espíritos nas suas manifestações, que aprendemos em Kardec e subsequentemente da palavra amiga dos espíritos esclarecidos, ser a concentração e o ambiente fatores de alta valia, senão mesmo indispensáveis em determinadas condições e para determinadas comunicações de ordem superior, não podemos deixar de estranhar, a extraordinária facilidade, a surpreendente ligeireza com que Mme. Collignon sem o menor preparo ambiente, recebeu dos espíritos de indiscutível grandeza a revelação de uma missão a ser realizada pelo ilustre visitante que tinha diante de si.

Notemos, mais, que era a segunda vez que se viam o Sr. Roustaing e Mme. Collignon, e que nada se conhece de sua mediunidade nem tão pouco nos relata o Snr. Roustaing como e onde se realizaram as sessões de trabalhos mediúnicos a que diz haver assistido e que lhe convenceram de que a comunicação do mundo espiritual com o mundo corporal era uma das leis da natureza e que não existia a barreira que a sua "ignorância e a influência de preconceitos vulgares" lhe fizeram ver "intransponível entre os vivos e os mortos segundo a carne".

Junte-se a tudo isto, que o investigador, o analista, o desejoso de conhecer a realidade ou a falsidade de um fato, a autenticidade ou não de um documento, tem por dever não

desprezar, antes coligir para fundamentar a sua conclusão final, a declaração seguinte, feita, segundo o Sr. Roustaing, pelos próprios espíritos que lhe ditaram a revelação da sua missão: Mateus, Marcos, Lucas e João:

"Damos nomes para EVITARMOS NOMEAR AQUELE QUE, POR NOSSO INTERMÉDIO, dirigiu estes trabalhos e dirigirá os que ainda temos que fazer sejam empreendidos". (Vol. IV, pág. 74).

A quem quiseram se referir os 4 evangelistas? Quem será êsse "aquele" que por intermédio deles dirigiu os trabalhos que vieram a constituir "Os Quatro Evangelhos"?

O Espírito de Verdade?

E por que essa declaração?

Será que os Evangelistas tiveram receio de assumir a responsabilidade da obra? Não é isso aceitável, em espíritos de tal hierarquia.

Se foi o Espírito de Verdade que dirigiu a "Revelação" da Revelação" por que não se fez êle conhecido como o fizera quando revelou a Kardec a sua missão de codificador da doutrina?

São perguntas estas cabíveis e cuja resposta não se obtém facilmente.

E agora, que objetivamos a famosa mensagem reveladora da missão que se quer atribuir ao Snr. Roustaing pedimos aos que nos lêem o confronto com o que se passou com o Snr. Allan Kardec.

Era nosso desejo reproduzir aqui, para maior fidelidade, o que a respeito se encontra nas "Obras Póstumas", mas isso seria demasiado para as colunas de um semanário.

Quem quer que acompanhe todo o gigantesco trabalho a que se dedicou o Sr. Allan Kardec, desde que teve conhecimento de que uma mesa podia responder às perguntas que se lhe faziam, até a organização completa dessa monumental e portentosa obra que é a Codificação do Espiritismo, contra a qual não prevalecerão as forças ocultas que até hoje continuam tentando destruí-la, ficará conhecendo, para poder bem julgar do mérito do missionário, como êle procedeu no trato com os espíritos, o lugar em que eram realizadas

as sessões experimentais, o que êle perguntava aos espíritos, o que os espíritos lhe respondiam para esclarecê-lo nas dúvidas que tinha, quais foram os diversos médiuns que se prestaram a receber os espíritos comunicantes e até a data precisa de cada uma dessas sessões.

E tudo isto, note-se, antes de lhe ser revelada a sua missão, vale dizer, do começo de 1855 até 12 de junho de 1856, quando o "Espírito de Verdade" lhe confirmou e reafirmou a missão que vários espíritos lhe haviam insinuado.

Essa mensagem, assinada "Espírito de Verdade", se bem que conhecida de todos os espíritos, nós a publicaremos no próximo número, para que se veja e se sinta a disparidade existente entre ela e a que acima transcrevemos, dada ao Snr. Roustaing, pelos Evangelistas Mateus, Marcos, Lucas e João como intermediários, que dizem haver sido, daquele cujo nome evitaram de nomear.

X

No nosso último artigo transcrevemos a mensagem recebida por Mme. Collignon, segundo a qual o Sr. Rous-taing fôra investido da missão de receber dos Evangelistas Mateus, Marcos, Lucas e João a obra que deveria chamar-se "REVELAÇÃO DA REVELAÇÃO".

Transcrevemos, ainda para confronto, as palavras que a Kardec ditou o Espírito de Verdade confirmando e reafirmando o que diversos outros espíritos lhe haviam dito acerca da missão que iria realizar. Eis o seu teor:

12 de Junho de 1856.

Em casa de N. C. — médium Mlle. Aline C.

A MINHA MISSÃO

P. (à Verdade) Bom Espírito, desejo saber o que pensais da missão, que alguns Espíritos me atribuíram. Peço-vos que me digais se esses dizeres foram uma prova para o meu amor próprio. Tenho, como sabeis, o maior desejo de contribuir para a propagação da verdade, mas, do papel e de simples trabalhador ao de missionário chefe, imensa é a distância; e eu não sei o que possa justificar em mim, um tal favor, de preferência a tantos outros, que possuem talento e qualidades, que não tenho.

R. Confirmo o que te foi dito, mas aconselho-te a maior discrição, se quiseses ser bem sucedido. Tu saberás, mais tarde, coisas que te explicarão o que agora te surpreende. Não te esqueças de que

tanto podes vencer como falir; neste último caso, outro te há de substituir por que os desígnios de Deus não assentam sobre a cabeça de um homem. Nunca fales, portanto, da tua missão, pois seria um meio de falir. Ela não pode ser justificada senão depois da obra acabada, e tu nada ainda fizeste. Se a acabares, os homens saberão, cedo ou tarde, reconhecê-lo, porque é pelos frutos que se conhece a qualidade da árvore.

P. Não desejo furtar-me a uma missão, em que nem sei como acreditar. Se, pois, estou destinado a servir de instrumento às vistas da Providência, que ela disponha de mim. Neste caso, eu reclamo a vossa assistência e a dos bons Espíritos.

R. Não te faltaremos com ela; mas inútil será se, da tua parte, não fizeres o que te incumbe. Tens o teu livre arbitrio e, portanto, cabe-te usar dele como entenderes. Ninguém é fatalmente constrangido a fazer coisa alguma.

P. Quais as coisas que me podem fazer cair? Serão insuficiências da minha capacidade?

R. Não; mas a missão dos reformadores é cheia de tropeços e perigos. A tua é rude, previno-te, porque tens que revolver e formar o mundo inteiro. Não suponhas que basta publicar um livro, dois, dez e ficar tranquilo em casa; não: será preciso expor a tua pessoa. Levantarás contra ti ódios terríveis; inimigos encarniçados conjurarão a tua perda; serás alvo da maledicência, da calúnia, da traição, até dos que te parecem mais dedicados; as tuas melhores instruções serão desprezadas e adulteradas; mais de uma vez vergarás ao peso da fadiga; em uma palavra, haverá uma luta quase constante, e o sacrifício do teu repouso, da tua tranquilidade, da tua saúde, e até da tua vida; porque, sem isto, viverias mais tempo. Pois bem: Nem um passo para trás tu debes dar quando, em vez de um caminho juncado de flores, encontrares, sob os teus pés, urzes, agudas pedras e venenosas serpentes. Para tais missões não basta a inteligência; é preciso, principalmente, para agradar a Deus, humil-

dade, modéstia e desinterêsse, porque Ele abate os orgulhosos, os presunçosos, e ambiciosos.

Para lutar contra os homens é preciso coragem, perseverança e inabalável firmeza; igualmente é preciso prudência e jeito para levar as coisas de modo a não comprometer os sucessos por medida ou palavras intempestivas; é preciso, finalmente, dedicação, abnegação e disposição para o sacrifício.

Já vêes que a tua missão é subordinada a condições que só de ti dependem.

Espírito Verdade”.

Como diferem essas mensagens tanto no fundo como na forma!

A primeira impressão que temos diante dêsse final da dem geral sobre o Espiritismo, procurando refletir o aspecto da época quanto ao estado de religiosidade reinante, e concita os *espíritos em geral, todos êles indistintamente* a construir “o templo onde a verdade terá seus altares e donde espargirá sua luz”.

Em seguida, se refere à necessidade de substituir os dogmas da Igreja pela verdade da nova revelação, mostrando que Cristo não é um mito e que os milagres são atos naturais derivados do curso ordinário das leis da natureza, como se tudo isso já não fôsse dito por Kardec na sua codificação.

E quanto à missão? Apenas isto:

“com esse objetivo vós, oh! bem amados, VIMOS INCITAR-VOS A QUE EMPREENDAIS a explicação dos Evangelhos em espírito e verdade, explicação que preparará a unificação das crenças entre os homens e à qual podeis dar o nome de “REVELAÇÃO DA REVELAÇÃO”.

Convenhamos que um simples incitamento a empreender a explicação dos Evangelhos em espírito e verdade, o que aliás, Kardec já havia feito superiormente, é coisa bem pouca para se considerar quem o recebe um missionário da revelação divina.

Será preciso analisarmos a mensagem reveladora da missão confiada a Kardec? A imensa diferença entre uma

e outra, quer no fundo quer na forma, repito, é por demais expressiva e concludente.

O Espírito de Verdade que a subscreve, na beleza de sua linguagem concisa e precisa, não entra em divagações nem exorta os espíritas ao trabalho que lhes cumpre, mas dirige-se, exclusivamente a Kardec e lhe revela a sua missão, traçando-lhe a trajetória a ser seguida, avisando que tanto poderá êle vencer como falir, e, finalmente, advertindo-o dos escolhos e perigos inerentes à missão dos reformadores.

Nessa mensagem reveladora da missão do Mestre, não há a mínima referência aos dogmas da Igreja, nem detalhes sobre o que viria a receber o missionário dos *DIVERSOS ESPÍRITOS* destinados a lhe transmitir a Revelação, que na ordem das revelações divinas é a “terceira”, e, por isso, chamada Terceira Revelação”.

Rogamos a atenção do leitor para esta circunstância de altíssimo valor, de impressionante realidade, e que representa, incontestavelmente, um seguro e irresponsável fundamento para bem se aquilatar do “valor” da missão e da obra do Snr. Roustaing.

A Roustaing foi antecipadamente anunciado pelos espíritos que o incitaram a empreender a Revelação da Revelação, o que lhe seria revelado; a Kardec apenas foi anunciado que lhe cabia, por missão, receber a revelação dos espíritos e que a missão dos reformadores é cheia de escolhos e perigos.

XII

Diz o Sr. Roustaing que, em maio de 1865, quando já havia reunido todos os materiais, tanto com relação aos Evangelhos como com relação aos Mandamentos, fôra avisado, mediunicamente, de tornar conhecida dos homens a obra da Revelação.

Esses "materiais" que o Sr. Roustaing nos diz haver reunido no longo espaço de três anos e meio (Dezembro de 1861 a Maio de 1865) são toda a produção mediúnica que Mme. Collignon recebera dos Evangelistas, nada mais.

Frisemos bem, pois cumpre não esquecer, que toda a obra de Roustaing, a chamada REVELAÇÃO DA REVELAÇÃO, é fruto exclusivo de duas criaturas que, oito dias antes de iniciarem esse trabalho, NÃO SE CONHECIAM.

Não somos nós que o dizemos, é o próprio Snr. Roustaing que o afirma no seguinte passo (fls. 70 do V. 1):

"O trabalho ia ser feito por dois entes que, oito dias atrás, não se conheciam."

Esta declaração formal exclue, desde logo, toda e qualquer dúvida quanto ao processo da formação da obra. Por ela não se tem a menor dúvida de que, durante três anos e meio esteve Mme. Collignon, UNICAMENTE ELA, a serviço dos evangelistas. Todo o "material" fornecido pelos espíritos o foram através da mediunidade de Mme. Collignon.

Nenhum outro espírito, nenhum outro médium entrevistaram na obra. Ela é o produto dos espíritos que a ditaram, de Mme. Collignon como médium que a recebeu, e do Snr. Roustaing

que reuniu todo esse "material" e, numa extraordinária e inconcebível boa fé, numa inacreditável e mais que excessiva credibilidade, numa quase fanática confiança em sua única médium, falível como todas as médiuns e como todos os médiuns, sujeita às inevitáveis contingências do mundo, o fez publicar na época determinada pelos espíritos que lho revelaram.

Convenhamos que numa obra assim feita por DOIS ENTES apenas, que não se conheciam oito dias antes, e que se entregaram à vontade dos espíritos, sem um controle, sem ao menos admitir a hipótese de que podiam ser vítimas de uma mistificação, não pode merecer aquela mesma confiança que merece a obra de Allan Kardec, feita sob o mais severo e rigoroso controle de centenas de espíritos, de centenas de médiuns, desconhecidos uns dos outros e uns e outros atuando em lugares diversos e distantes.

Pretender-se, pois, como se está tentando, igualar a obra de Roustaing à obra de Kardec, a ponto de considerá-la "obra básica para o estudo do Espiritismo", como o está fazendo agora, E SÓ AGORA, a Federação Espírita Brasileira, é, sem dúvida, sem contestação leal e honesta, uma pretensão que a lógica repele e o bom senso exclue.

Vejamos agora, embora prefuntoriamente, como foi o Snr. Roustaing avisado de que a obra devia ser publicada.

Este "aviso" lhe foi dado em uma longa comunicação que se lê a fls. 71 do 4.º volume, da chamada "REVELAÇÃO DA REVELAÇÃO", e está assinada, como a primeira de 1861, pelos mesmos evangelistas e mais Moisés.

Observemo-la: Inicialmente ela nos retrata o panorama social da época fixado na luta do materialismo contra o espiritualismo; época

"em que, cansados de mentiras, os homens vão ao extremo de rejeitar as verdades, E TEMPO DE OFERECER-LHES UMA LUZ SUAVE, porém firme, que possa clarear esse caos e mostrar aos vacilantes, aos pesquisadores o caminho que eles há tantos séculos perderam".

Isto foi dito, pelos evangelistas assistidos pelos apóstolos, em 1865. Será que eles teriam se esquecido de que Allan Kardec, em 1857, em o "LIVRO DOS ESPÍRITOS", havia

mostrado aos homens vacilantes e pesquisadores o caminho que há tantos séculos haviam perdido?

Quem ignora que Kardec codificando os ensinamentos revelados pelos espíritos ofertou ao mundo a compreensão das sábias e eternas leis que regem os dois planos da vida, destruindo por completo as teorias materialistas por não mais serem admissíveis ante a revelação do poder e da ação do espírito?

Há, porém, nessa comunicação, muita coisa que ao observador imparcial, ao que procura investigar-lhe a autenticidade, merece especial atenção. Ao leitor desprevenido ela se apresenta sem anormalidades que possam gerar dúvidas, mas ao leitor que a lê com o senso interpretativo ela oferece vasto campo para profundas indagações, indagações essas cujas conclusões podem gerar a certeza de sua não autenticidade.

Vejamos:

Dizem os Evangelistas, nessa comunicação, à pág. 73, do 4.º volume:

"A obra que vos fizemos empreender vem mostrar aos homens que, afastada toda e qualquer idéia do maravilhoso, de divindade da parte do Cristo, se podem explicar e pôr em concordância os livros que tiveram por destino conservar o bom grão, envolvendo-o, para isso, numa camada de mistérios, até ao momento em que o solo se devesse cobrir de frutos, isto é, ATE' AOS TEMPOS DA ERA NOVA QUE COMEÇA, EM QUE O ESPÍRITO DA VERDADE, QUE O MESTRE PREDISSE E PROMETEU VAI DESPOJAR DA LETRA O ESPÍRITO e, pela sua obra progressiva e incessante, preparar e realizar o reino da verdade e conduzir-vos ao advento de Jesus, que vos virá mostrar a verdade sem véu".

"Fica sabendo e faz saber a teus irmãos que a obra "que lhes colocas sobre as vistas é uma obra preparatória, ainda incompleta, uma entrada em matéria; que não passa de um prefácio da que sairá das mãos daquele que o Mestre enviará para esclarecer as inteligências e despojar inteiramente da LETRA O ESPÍRITO. Aquele que há de desenvolvê-la e cuja obra também será preparatória NÃO TAR-

DARA' A SE DAR A CONHECER, porquanto a atual geração humana verá os seus primeiros anos messiânicos. E os Messias, isto é, os enviados especiais se sucederão até que a luz reine sobre todos.

Publica esta obra a que darás o título de — "OS QUATRO EVANGELHOS", seguidos dos "MANDAMENTOS", explicados em espírito e verdade, de acôrdo com os ensinamentos ministrados, quanto aos "EVANGELHOS" pelos Evangelistas assistidos pelos apóstolos e, quanto aos "MANDAMENTOS", por Moisés e pelos Evangelistas assistidos pelos Apóstolos".

A primeira impressão que temos diante desse final da comunicação transcrita é que os Evangelistas deixam transparecer uma absoluta ignorância da Terceira Revelação codificada por Kardec. Tem-se a impressão de que o trabalho que eles induziram o Snr. Roustaing a empreender é que é a Terceira Revelação, é a que consubstancia os princípios que formam o corpo da doutrina que chamamos Espiritismo.

Afirmar que a obra de Roustaing vem mostrar aos homens ser possível explicar e pôr em concordância os Evangelhos com rejeição dos chamados milagres, é patentear desconhecer, por completo, a obra de Allan Kardec, pois com esta, outra coisa não visaram os espíritos que a revelaram.

Dizer-se, como nessa comunicação se diz, que o espírito da Verdade que o Mestre predisse e prometeu VAI despojar da LETRA o ESPÍRITO, é, positivamente, fazer "tabula rasa" de tudo quanto os espíritos revelaram a Kardec, é desconhecer, ou melhor, negar intervenção desse Espírito de Verdade no desempenho da missão que a Kardec coube na gênese da Terceira Revelação.

Não menos interessante é a advertência profética que se segue, na peça em análise, quando nos fazem saber que essa obra é uma obra preparatória, incompleta, um prefácio DA QUE SAIRÁ DAS MÃOS DAQUELE QUE o Mestre enviará para esclarecer as inteligências e despojar INTEIRAMENTE da LETRA O ESPÍRITO.

Leram bem, os nossos leitores?

Acima, O ESPÍRITO DA VERDADE prometido pelo Mestre "vai despojar da letra o espírito e pela sua obra, progressiva e incessante, preparar e realizar o reino da verdade";

aqui, uma nova revelação nos diz que a "Revelação da Revelação" é o prefácio de uma outra Revelação que o Mestre enviará para esclarecer as inteligências e despojar INTEIRAMENTE da LETRA o ESPÍRITO.

Além do Espírito da Verdade que já desceu, outro virá, certo maior do que ele, para "DESPOJAR INTEIRAMENTE da LETRA o ESPÍRITO", já profetizaram os Evangelistas em 1865.

E quem será o espírito que virá nos dar a outra obra da qual a "Revelação da Revelação", revelada ao Snr. Roustaing é um simples prefácio?

Que o paciente leitor o descubra neste trecho precioso da mensagem comentada:

"Aquele que há-de desenvolvê-la e cuja obra também será preparatória não tardará a se dar a conhecer, porquanto a atual geração humana verá os seus primeiros anos messiânicos. E OS MESIAS, isto é, os enviados especiais SE SUCEDERÃO até que a luz reine sobre todos.

Isto foi revelado pelos Evangelistas em 1865. Estamos em 1943; 78 anos já se passaram, e ainda continuamos a esperar aquele "QUE NÃO TARDARÁ A SE DAR A CONHECER".

E que dizer-se da mudança do título da obra de "Revelação da Revelação", (comunicação de 1851) para os "QUATRO EVANGELHOS" (comunicação de 1865)?

E a determinação da data, para a publicação em Agosto de 1866?

Nada é preciso dizer. Os que têm simples noções de Espiritismo, sabem perfeitamente como se portam os espíritos de hierarquia superior em face das minúcias e cousas que dizem respeito ao que pertence exclusivamente ao plano físico.

XIII

Colocamos sob as vistas dos leitores mais uma "revelação" dos espíritos que "incitaram" o Snr. Roustaing e a Snra. Colignon a empreenderem a Revelação da Revelação (comunicação de 1861) transformada em "Os Quatro Evangelhos explicados em espírito e verdade" segundo a comunicação de 1865.

Essa nova pequenina "revelação" nos diz que a Revelação da Revelação, ou os Quatro Evangelhos explicados em espírito e verdade

"não passa de um prefácio de que sairá das mãos DAQUELE que o Mestre enviará para esclarecer as inteligências e despojar INTEIRAMENTE da letra o espírito.

"Aquele que há de desenvolvê-la e CUJA OBRA TAMBÉM SERÁ PREPARATÓRIA, NÃO TARDARÁ A SE DAR A CONHECER..."

Uma rápida análise dessa novíssima "revelação" nos mostra que os "iluminados" espíritos que a transmitiram se contradisseram lamentavelmente, o que não é de admitir-se, em se tratando dos Evangelistas assistidos dos apóstolos. Vejamos:

Se a obra de Roustaing não passa de simples prefácio de uma outra que despojará inteiramente da letra o espírito, como se entender que, depois dessa obra já inteiramente despojada, possa vir um outro missionário desenvolver essa mesma obra preparatória que também será de uma outra?

E' bem possível que a intenção dêsesse espíritos fôsse revelar que, à medida que a humanidade caminha na sua eterna evolução, novas partículas da VERDADE lhe são reveladas pelos missionários que se sucederão uns aos outros.

Isso, certo, o que eles queriam dizer. Mas isto não é novidade nenhuma, e muito menos "revelação", pois Kardec já em 1857, em o "Livro dos Espíritos" nos transmitiu tal revelação dos espíritos.

Que os leitores atentem bem para a linguagem, a forma confusa e contraditória dêsse trecho em observação, e nos digam, depois, se em verdade podemos atribuí-lo a Moisés, Mateus, Marcos, Lucas ou João.

Ora, nós que estudamos Espiritismo pela codificação de Kardec, aprendemos que a linguagem dos espíritos, a justeza das suas expressões, a concisão dos seus períodos a par da elevação dos conceitos emitidos, são as características identificadoras dos espíritos comunicantes, não podemos deixar de estranhar os termos, a redação, o estilo, as repetições, as redundâncias enfim, que se encontram nessa comunicação.

E que se segue depois dela?

Segue-se um apêlo do Snr. Roustaing a todos quantos lerem a sua obra, quaisquer que sejam suas crenças ou culto que professem, para que não se pronunciem sobre ela senão depois de a terem lido integralmente e de terem seriamente meditado, porquanto a obra que é explicativa do Evangelho e dos Mandamentos é *indivizível* no seu conjunto.

Lembra em seguida o Snr. Roustaing que a verdade, para triunfar, para ser aceita, tem primeiro que se chocar com as contradições humanas.

Nesse passo da tradução brasileira verificamos alguma coisa que nos causou certa estranheza, por não atinarmos com a sua razão de ser. E' o seguinte que passamos a relatar, tão sómente para que o Snr. Fred Figner tenha a certeza de que não desconhecemos completamente a obra de Roustaing que ele tão fraternalmente nos convidou a estudar.

A tradução feita pela Federação Espírita Brasileira foi "calcada sobre a segunda edição francesa", conforme se lê em "Duas Palavras", apresentação do 1.º volume.

Nessas "Duas Palavras" se consigna, também, que as men-

sagens dirigidas do Alto ao Snr. Roustaing, seriam insertas no começo do 4.º volume da obra.

Muito bem.

Interessado em conhecer a segunda comunicação dada a Roustaing, procuramos no 4.º volume, e realmente lá a encontramos às páginas 71 a 74.

Porém com o que não atinamos, foi a razão que determinou, também, a inclusão nêsse mesmo volume 4.º de um longo trecho, em seguimento à dita mensagem, trecho esse que difere, no original, do existente na chamada segunda edição.

Se a tradução foi "calcada na segunda edição", só o que estiver na segunda edição é que deveria ser traduzido, salvante as duas comunicações referidas na apresentação da obra em "Duas Palavras".

Tal se não deu. E é interessante, porque, no 4.º volume, nêsse trecho traduzido da 1.ª edição, há o salto de um longo período, período êsse que não se encontra na segunda edição.

Mas, se voltarmos ao Prefácio do 1.º volume, vamos encontrar *esse mesmo trecho* aí intercalado, como se *ele existisse* na 2.ª edição francesa, quando, na verdade, *não existe*.

Original e não muito compreensível, é tudo isso, em uma obra que se lhe quer dar os fóros de ser parte integrante da Terceira Revelação codificada por Allan Kardec e que já se vê anunciada como uma das "obras básicas" do Espiritismo.

XIV

Tanto quanto nos foi possível, dada a nossa apoucada inteligência e, sobretudo, pelo amparo dos caridosos espíritos que tanto nos tem fortalecido nesta tarefa, permitindo que nela nos mantivéssemos sempre superior a todos os desafios disfarçados e provocações atrevidas partidas de alguns roustaingistas que já mereceram o nosso perdão por lhes conhecer a causa da intolerância e do enraivecimento, procuramos evidenciar não revestir a obra do Snr. Roustaing as características naturais, nem as indispensáveis credenciais para ser tida, como pretendem os seus defensores, como produto de uma revelação de ordem divina, idêntica à que recebeu o Snr. Allan Kardec, conhecida e estudada no mundo inteiro como sendo a Terceira Revelação.

Isto quanto à forma do seu aparecimento, a sua formação, à sua estrutura. Quanto ao mérito lá chegaremos.

O que nos foi possível verificar para chegarmos a essa conclusão, que apenas veio corroborar a nossa convicção sobre o valor dessa obra, pode ser assim resumido:

a) — não ter a obra de Roustaing o mérito que se lhe quer emprestar, por isso que, nos 79 anos de sua existência, apenas logrou "uma só" edição na França, sendo certo que uma só também, foram as edições em língua inglesa, alemã, italiana e espanhola, edições essas custeadas com a verba testamentária deixada pelo próprio Snr. Roustaing, especialmente para esse fim.

b) — não ter merecido a aprovação da maior au-

toridade de então para julgar-lhe do mérito: o Snr. Allan Kardec — que disse textualmente: "até confirmação mais ampla, não devem ser tidas como parte integrante da doutrina espírita".

c) — tendo sido Kardec o missionário escolhido para receber dos espíritos a Terceira Revelação, e sendo Roustaing seu contemporâneo, não se compreende que os espíritos superiores hajam deixado de revelar a Kardec tão importante e decisiva revelação, para fazê-la ao Snr. Roustaing, apenas 4 anos mais tarde. Se Kardec não faliu na sua missão, — como todos o reconhecem — e se a natureza do corpo de Jesus foi excepcional, fluidica, aparente e se necessário se tornasse esse conhecimento à humanidade, a Kardec e não a Roustaing teriam os espíritos revelado.

d) — haver Leopoldo Cirne, 32 anos após ter aceito a obra de Roustaing, afirmado, categoricamente, ter ele sofrido a intervenção de espíritos suspeitos, como se lê no seguinte passo da sua magistral obra "O ANTI-CHRISTO":
"Devemos acrescentar, a propósito da "Revelação da Revelação", que, reconhecendo embora a profundidade de muitos de seus ensinamentos, a par da magnitude do plano, verdadeiramente original, em que foi plasmada, NÃO TEMOS DÚVIDA EM ADMITIR QUE A FORMA EXPOSITIVA, RECHEADA DE FATIGANTES REPETIÇÕES, DENUNCIA UMA SUSPEITA COLABORAÇÃO OCULTA".

e) — Não revestir a obra de Roustaing os requisitos apontados por Kardec, em Genesis, para ser aceita como uma revelação de ordem divina, por isso que "O QUE CARACTERIZA A REVELAÇÃO ESPÍRITA E' A SUA ORIGEM SER DIVINA; A SUA INICIATIVA PERTENCER AOS ESPÍRITOS E A SUA ELABORAÇÃO SER O PRODUTO DO TRABALHO DO HOMEM".

f) — ser a "Revelação da Revelação" do Sr. Roustaing obra de DOIS ENTES apenas, ele e a médium, Mme. Collignon, a qual somente 8

dias antes havia conhecido, ao passo que a obra de Kardec é a resultante do trabalho de centenas de espíritos, manifestados em lugares diferentes e por diversos médiuns desconhecidos uns dos outros.

- g) — *haver a obra de Kardec conquistado a sanção dos espíritos, cujas manifestações confirmam os princípios codificados, e ser hoje tida como merecedora de estudo pelos mais elevados expoentes da mentalidade humana, ao passo que a obra de Roustaing, mereceu desde o seu aparecimento e continua a merecer até hoje uma formal repulsa por absurda, incoerente e atentatória às leis naturais.*
- h) — *não serem de molde a assegurar-lhes autenticidade ambas as mensagens com que os espíritos que se assinaram Mateus, Marcos, Lucas, João e Moisés, concitaram o Snr. Roustaing a empreender a Revelação da Revelação e a dar-lhe publicidade, visto como a linguagem dessas comunicações, o emaranhado de idéias, a dubiedade de expressões, fazem presumir haver sido a Sra. Collignon vítima da "suspeita colaboração oculta" que o insigne Leopoldo Cirne afirmou existir na obra do Snr. Roustaing.*

Eis aí o que encontramos na obra do Snr. Roustaing, no tocante, *unicamente*, à natureza da obra como "revelação". Quanto ao seu mérito, ao objetivo que ela colima e à teoria que ela tenta implantar no seio do Espiritismo, será assunto para o segundo capítulo desses estudos que vimos fazendo para satisfazer a vontade do nosso bom amigo Fred Figner.

Não concluiremos, no entanto, esse primeiro capítulo, sem trazer para estas colunas a maior opinião dentre todas as opiniões, a de Allan Kardec, que os senhores adeptos de Roustaing, orientados pela Federação, já querem fazer crer que não a condenou, pelo simples fato de haver dito que a obra de Roustaing não se afastava dos princípios exarados no Livro dos Espíritos e no dos Médiuns.

Que os nossos leitores sejam um pouco mais pacientes para não exigirem de nós mais pressa no caminhar.

XV

Encerraremos a primeira parte destes estudos que vimos fazendo sobre a obra de Roustaing, a chamada "Revelação da Revelação", oferecendo à meditação dos nossos leitores o que sobre ela disse o Snr. Allan Kardec, em 1866 (e não em 1867, como erradamente aparece no V. 1.º à página 96, da sua tradução portuguesa).

Ninguém com melhores credenciais que o Snr. Allan Kardec, para nos dizer do mérito da obra do Snr. Roustaing. É uma opinião valiosíssima. E porque o é, encontramos-a inserta no Prefácio do 1.º volume da edição portuguesa do trabalho que analisamos. Duas razões militaram para tal inclusão: a primeira para dela ser tirado um argumento em defesa da obra; e a segunda para dar ensejo à publicação da resposta do Snr. Roustaing, resposta essa que não visou outro fim que o de ferir a pessoa de Kardec como represália ao seu criterioso parecer.

O trecho da apreciação de Kardec que tem servido de argumento aos adeptos e defensores da obra de Roustaing, está assim redigido:

"Esta obra compreende a explicação e a interpretação dos Evangelhos, artigo por artigo, com o auxílio de comunicações ditadas pelos Espíritos. É um trabalho considerável e que tem, para os espíritos, o mérito de não estar em contradição, por qualquer de seus pontos, com a doutrina ensinada no "Livro dos Espíritos" e no "dos Médiuns". As partes correspondentes às de que tratamos no "Evangelho segundo o Espiritismo" o são num sentido análogo".

É deste primeiro trecho que se servem os defensores da obra de Roustaing para afirmar que tendo Kardec dito que ela não contraria o "Livro dos Espíritos", obra básica da doutrina, deve, conseqüentemente, fazer parte integrante da doutrina, como um complemento da codificação kardeciana.

É bem frágil essa suposta defesa, por fragilíssimo o argumento em que ela se esteia. Fragilíssimo porque é o próprio Snr. Allan Kardec quem o destrói linhas abaixo da sua apreciação, explicando, claramente, para evitar qualquer outra interpretação, o que ele quis dizer quando afirmou não contrariar a obra de Roustaing a doutrina dos Espíritos. Aqui está a interpretação fiel do seu pensamento:

"Dissemos que o livro do Snr. Roustaing não se afasta dos princípios exarados no "Livro dos Espíritos" e no "dos Médiuns"; as nossas observações entendem COM A APLICAÇÃO DESSES MESMOS PRINCÍPIOS A INTERPRETAÇÃO DE CERTOS FATOS."

Como se vê, Kardec referiu-se à APLICAÇÃO de princípios da doutrina à interpretação de certos fatos. E quais são esses princípios exarados no "Livro dos Espíritos" e dos quais a obra de Roustaing não se afastou? Sem dúvida a sobrevivência da alma, a comunicação dos espíritos, a pluralidade dos mundos, a sucessão de vidas para a perfectibilidade do espírito, etc., etc.

Os princípios foram observados, mas a interpretação destes mesmos princípios a certos fatos é que não mereceu de Kardec a sua aceitação.

E em seguida Kardec, como que para exemplificar o seu pensamento, cita o caso do corpo fluídico concretizado que Roustaing dá ao Cristo, e nos diz o seguinte:

"Nada há nisso, sem dúvida, de materialmente impossível para quem conhece as propriedades do envoltório espiritual. Sem nos pronunciarmos pro ou contra esta teoria, DIREMOS QUE ELA É, PELO MENOS, HIPOTÉTICA, e que, se um dia, por errônea viesse a ser reconhecida, o edificio desmoronaria à falta de alicerce. Esperaremos, pois, os largos comentários que ela não deixará de provocar da parte dos espíritos e que hão de contribuir para

elucidar a questão. Sem a prejudgarmos, adiantaremos que A ESSA TEORIA JÁ FORAM FEITAS OBJEÇÕES SÉRIAS E QUE, A NOSSO VER, OS FATOS PODEM PERFEITAMENTE SER EXPLICADOS SEM QUE SE SAIA DA CORPOREIDADE CORPORAL."

Aí está, claro, nítido, insofismável o pensamento do mestre sobre a obra de Roustaing. Ninguém dirá que ele a aplaude, que ele a aceita. É o que se depreende desse outro tópico de sua apreciação, que não pode deixar dúvida nenhuma quanto à verdadeira posição em que deve ser tida a obra de Roustaing, em face da doutrina espírita: Ei-lo:

"Conseqüente com o nosso princípio, que consiste em regular a nossa marcha pelo desenvolvimento da opinião, NÃO DAREMOS, até nova ordem, a essas teorias NEM APROVAÇÃO NEM DESAPROVAÇÃO, confiando ao tempo o encargo de sancionar ou contraditar. CONVÉM, POIS, CONSIDERAR TAIS EXPLICAÇÕES COMO OPINIÕES PESSOAIS DOS ESPÍRITOS QUE AS FORMULARAM, OPINIÕES QUE PODEM SER JUSTAS OU FALSAS, que, em todo caso, PRECISAM DA SANÇÃO DA APECIAÇÃO UNIVERSAL e, ATÉ CONFIRMAÇÃO MAIS AMPLA, NÃO DEVEM SER TIDAS COMO PARTE INTEGRANTE DA DOCTRINA ESPÍRITA."

NÃO DEVEM SER TIDAS COMO PARTE INTEGRANTE DA DOCTRINA ESPÍRITA, diz Kardec; e nós pedimos licença para acrescentar: se a teoria apresentada pelo Snr. Roustaing deve ser tida como opinião pessoal dos Espíritos que a formularam e precisam merecer a sanção da apreciação universal, O QUE INCONTESTAVELMENTE AINDA NÃO MERECEU nos seus 79 anos de existência; se essa teoria não pode fazer parte integrante da doutrina espírita, incontestavelmente, o Snr. Allan Kardec, implicitamente, condenou a obra do Snr. Roustaing.

E por que o fez por essa forma, isto é, deixando que cada um depreenda da sua apreciação o verdadeiro sentido do seu pensamento, ao invés de fazê-lo expressamente, com uma declaração formal e fulminante?

A razão é simples. É que se o fizesse por outra forma,

êle teria concorrido senão para destruir ao menos para inutilizar todo o seu gigantesco trabalho de missionário. Bem sabia Kardec pela revelação de seus Guias, que êle seria tentado por muitas formas para falir na sua missão. A repercussão formidável que teve a publicação do "Livro dos Espíritos", o profundo abalo que êle produziu no meio cultural da época, a rápida aceitação e conseqüente propagação que teve a doutrina, tudo isso sofreria como que um verdadeiro colapso, se o codificador da doutrina, o missionário da Terceira Revelação, viesse, de público, mostrando superioridade, combater, discutir, destruir o livro que o Snr. Roustaing apresentava como sendo uma nova Revelação dos Espíritos de Mateus, Marcos, Lucas e João.

Seria um escândalo, uma confusão no Espiritismo nascente. Kardec, o bom senso incarnado, no dizer de Flamarion, Kardec, o missionário, e que soube sempre merecer dos seus Guias espirituais a inspiração de que necessitou, — habilmente, fraternalmente, num sublime exemplo de compreensão da sua missão, sem poder aceitar a obra do Snr. Roustaing, disse, apenas, que não a aprovaria nem a desaprovava até que o concurso universal se manifestasse.

Era a aplicação de princípio doutrinário, que êle fazia, certo de que a sanção da apreciação universal e o critério da concordância dos espíritos, não se dariam. E assim soube evitar um choque tremendo no campo das idéias, choque êsse que traria visível prejuízo para a doutrina.

Não podia, pois, Kardec proceder de outra forma, ao noticiar o aparecimento da obra de Roustaing.

XVI

Em 1868 Allan Kardec deu à publicidade mais um tesouro de sabedoria. "A GENESIS", foi o nome escolhido para imortalizar mais essa obra gigantesca que é bem a representação exuberante da vasta cultura e do profundo saber do seu eminente autor.

Nesse livro, escrito dois anos após o aparecimento da obra do Snr. Roustaing, Kardec, argumentando com os princípios estabelecidos pelos Espíritos e comprovados pela ciência, analisa, amplamente, e sob diversos aspectos e modalidades a teoria do corpo fluidico de Jesús, revivida e sustentada na célebre "REVELAÇÃO DA REVELAÇÃO", que o Snr. Roustaing recebeu dos quatro evangelistas, por intermédio da médium Mme. Collignon.

Quem quer que haja lido esse precioso livro, "A Genesis", com aquela atenção e aquele cuidado com que devem ser lidos os livros dessa natureza, não poderá dizer nunca que o Snr. Allan Kardec haja, por um instante sequer, admitido, como aceitável, a obra de Roustaing.

Em sua primeira apreciação, feita em 1866, o mestre ressalvou, desde logo, a conveniência de se considerar as explicações dadas sobre a natureza do corpo de Jesús, como simples opiniões dos espíritos, pelo que não deviam ser tidas como parte integrante da doutrina espírita, até que se verificasse a sanção da apreciação universal.

Em 1868, dois anos depois, após haver reunido todos os elementos de convicção e, certamente, escudado nas elucidações que recebera de diversos espíritos, Kardec, tratando das aparições, assim leciona no Cap. XIV de sua "Genesis":

O perispírito é invisível para nós no seu estado normal; mas, como é formado de *matéril sutil*, o Espírito pode, em certos casos, por um ato da vontade, fazê-lo passar por uma modificação molecular, que o torna momentaneamente visível. É por essa forma que se produzem as aparições, as quais, assim como os outros fenômenos, não estão fora das leis naturais. Esses fenômenos não são mais extraordinários do que o do vapor, que é invisível quando muito rarefeito, é visível quando condensado.

Segundo o grau de condensação do fluido perispiritual, a aparição é às vezes vaga e vaporosa; outras vezes, distintamente definida; outras, enfim, apresenta tôdas as aparências da matéria tangível; pode mesmo ir à tangibilidade real, ao ponto de se ficar iludido sobre a natureza do ser que se tem diante de si.

As aparições vaporosas são frequentes, e acontece muitíssimas vezes que os indivíduos se apresentam por essa forma, depois da sua morte, às pessoas a quem são afeiçoadas. As aparições tangíveis são mais raras, apesar dos numerosos exemplos perfeitamente autenticados. Se o Espírito quer dar-se a conhecer, imprimirá ao seu invólucro todos os sinais exteriores que tinha quando vivo.

Deve-se notar que as aparições tangíveis só têm as aparências da matéria carnal, mas não as suas qualidades; em razão da sua natureza fluidica, não podem ter a mesma coesão, porque, na realidade, não é carne. Elas formam-se instantaneamente, e do mesmo modo desaparecem ou se evaporam pela desagregação das moléculas fluidicas. Os seres que nestas condições se apresentam NÃO NASCEM NEM MORREM COMO OS OUTROS; VEMO-LOS OU NÃO OS VEMOS MAIS, SEM SE SABER DONDE VÊM, COMO VIERAM. NEM PARA ONDE VÃO; NÃO SE PODERIA MATÁ-LOS, PRENDÊ-LOS, NEM ENCARCERÁ-LOS, PORQUE ELES NÃO TÊM CORPO CARNAL; OS GOLPES QUE LHES DÉSSEMOS CAIRIAM NO VÁCUO.

E depois de nos dizer Kardec, como acabamos de ver, que as aparições tangíveis só têm as APARÊNCIAS da matéria carnal; que em razão da sua natureza fluidica não podem ter a mesma coesão, porque, na realidade, não é carne e que, finalmente, os seres que nestas condições se apresentam, NÃO NASCEM NEM MORREM como os outros, tira êle tôda e qualquer possível dúvida que por acaso pudesse ainda existir no espírito de seus leitores, escrevendo à página 322 a conclusão do seu estudo e do seu raciocínio, nestes termos insofismáveis:

A vida de Jesús sobre a terra apresenta dois períodos: o precedente, e o seguinte à sua morte. No primeiro, desde o momento da concepção até ao nascimento, tudo se passa, com sua mãe, como nas condições ordinárias da vida. Desde o seu nascimento até à sua morte, tudo, em seus atos, em sua linguagem e nas diversas circunstâncias da sua vida, apresenta os caracteres inequívocos da corporeidade. Os fenômenos de ordem psíquica com êle produzidos são acidentais, e nada têm de anômalos, por se explicarem pelas propriedades do perispírito; encontram-se em diferentes graus, noutros indivíduos. Depois da sua morte, ao contrário, tudo nele revela um ser fluidico. A diferença entre os dois estados é por tal forma acentuada, que não é possível assimilá-los.

.....
Depois do suplício de Jesús, o seu corpo lá ficou, inerte e sem vida; foi sepultado como os corpos comuns, e todos puderam vê-lo e tocá-lo. Depois da sua ressurreição, quando quis deixar a terra, não tornou a morrer; seu corpo elevou-se, apagou-se e desapareceu, sem deixar vestígio algum, prova evidente de que esse corpo era de natureza diferente daquele que morrera na cruz; **DONDE E' PRECISO CONCLUIR QUE, SE JESÚS PÔDE MORRER, É PORQUE TINHA UM CORPO CARNAL.**

Em consequência das suas propriedades materiais, o corpo carnal é a sede das sensações e dores físicas, que se repercutem no centro sensitivo do Espírito. Não é o corpo que sofre: é o Espírito que recebe a repercussão das lesões ou alterações

dos tecidos orgânicos. Em um corpo privado do Espírito, a sensação é absolutamente nula; pela mesma razão, o Espírito, que não tem corpo material, não pode sentir os sofrimentos resultantes da alteração da matéria; **DONDE É PRECISO IGUALMENTE CONCLUIR QUE, SE JESÚS SOFREU MATERIALMENTE, COMO NÃO SE PODE DUVIDAR, É PORQUE ELE TINHA UM CORPO MATERIAL DE NATUREZA SEMELHANTE AO DE QUALQUER PESSOA.**

.....
Jesús teve, pois, como toda a gente, um corpo carnal e um corpo fluídico, o que atestam os fenômenos materiais e os fenômenos psíquicos que lhe assinalaram a vida.

Ora, se Kardec afirmou sem reticências, com o desassombro que a sua energia moral lhe dava, que Jesús teve como toda a gente um corpo carnal, e se a obra de Roustaing tem por objetivo principal, senão o único, o de proclamar que Jesús não teve um corpo carnal como toda a gente, mas, sim, um corpo fluídico, como já o entendiam os docetas e os apolinaristas do 2.º século, é claro, é manifesto, é positivo que não se pode considerar, como se pretende, a obra de Roustaing como parte integrante da Terceira Revelação codificada por Kardec.

XVII

Em nosso artigo último deixamos bem evidenciado a opinião de Kardec, clara, positiva, insofismável, quanto à natureza carnal do corpo de Jesús, opinião essa que ele deixou exarada no seu livro "A Genesis", não acidentalmente, mas fundamentada e baseada em duas conclusões de uma logicidade irretorquível.

Bem podíamos dar por terminada esta série de estudos que vimos fazendo com o objetivo único de mostrar que os QUATRO EVANGELHOS, do Sr. Roustaing, também designados pelos espíritos como a "REVELAÇÃO DA REVELAÇÃO", não podem ser considerados como fazendo parte integrante da Terceira Revelação codificada por Allan Kardec, como insistentemente vem proclamando, pela imprensa e pelo Rádio a Federação Espírita Brasileira, única Federação no mundo inteiro, que, semanalmente, em sua sede, estuda, cimenta e ensina publicamente a obra de Roustaing.

Há, porém, uma razão de ordem moral que nos ordena analisar, também, o mérito dessa obra. É que tendo iniciado estes estudos, exclusivamente, para atender ao fraterno convite que publicamente nos fez o prezado amigo e confrade Fred Figner, poderia parecer que, não tomando nós conhecimento do mérito da obra, mostrávamos receio de não podermos opor-lhe objeções que pudessem, senão anular a teoria nela sustentada, ao menos restringir-lhe o grau de credibilidade.

Teremos, portanto, de prosseguir nestes estudos sobre a obra de Roustaing, embora isso amargure alguns confrades, embora se nos esfriem amizades que tanto prezamos, embora sintamos as conseqüências torturantes das vibrações

dos espíritos dá sombra, que se enraivecem ao ver que se lhes desvende o plano ardiloso que arquitetaram e conseguiram executar, revivendo teorias sepultadas nos arquivos dos séculos, com o fito de criar embaraços e retardar a marcha da nova luz que surgia para o mundo como viva expressão do Consolador Prometido: o Espiritismo.

Sim, esta a verdade que se sente.

A razão de ser da obra de Rousstaing, não foi ensinar aos homens que o Cristo teve um corpo fluídico e não carnal, como o havia dito Kardec, interpretando o ensino dos espíritos. Isto é claro, isto é racional. Se meditarmos alguns instantes, concluiremos que essa afirmativa é verdadeira.

Que importava às criaturas o saberem que o corpo do Cristo era fluídico ou carnal? Isto que hoje alguns confrades nossos, de quando em vez, lançam ao público, pela palavra ou pela imprensa, de que "não nos deve importar a natureza do corpo de Jesús, mas sim os seus ensinamentos, a sua doutrina", podemos, também, aplicar à época em que apareceu o livro do Snr. Rousstaing.

E, podemos assim raciocinar: se nós, humanos e cheios de imperfeições, de vícios e de maldades, achamos certo que o que nos deve importar é a doutrina do Cristo e não a fluidez ou a carnalidade do seu corpo, como se admitir, como se crer raciocinadamente que os espíritos superiores, como eram os dos Evangelistas, que viveram com o Cristo na Terra, que o sentiram no coração, julgassem necessário aos homens conhecer a natureza do corpo de Jesús, quando esses mesmos homens mal conheciam a sua doutrina, apenas se iniciavam no aprendizado das verdades reveladas na Terceira Revelação?

Poderiam ignorar, esses espíritos iluminados pelo saber e pelas virtudes que possuíam, que lançar tão transcendente problema à investigação da humanidade seria trazer, sem contestação possível, graves perturbações, dissidências, sectarismos e confusão, pondo assim em cheque o grandioso e extraordinário trabalho que os espíritos haviam, quatro anos antes, realizado por intermédio de Allan Kardec?

Abramos os olhos para ver, e não nos deixemos iludir com as roupagens cintilantes da fantasia!

E depois de bem abrí-los leiamos, meditadamente, esse

pequenininho trecho, que diz tudo, que revela a intenção dos espíritos que o ditaram, que é enfim a mais completa e insofismável confissão do plano habilmente arquitetado pelos espíritos interessados em reviver a divindade de Jesús, igualando-o a Deus. Nesse trecho que se encontra à página 160 do 1.º volume, de "OS QUATRO EVANGELHOS", do Sr. Rousstaing, Jesús já não é mais o filho de Deus, o nosso irmão, é o próprio Deus! Lêde, irmãos:

"Porque a Jesús, Espírito perfeito, QUE CONHECE na imensidade TODOS os fluidos, TODAS as suas propriedades, TODOS os seus efeitos, TODAS as suas combinações e transformações, TODOS os modos de empregá-los, TODOS os segredos da vida e da harmonia universais NOS MUNDOS SUPERIORES, AINDA OS MAIS ELEVADOS, como nos inferiores e no vosso; QUE CONHECE a formação, a produção e a manifestação, A PRIORI, de TODOS os seres, em TODOS os mundos superiores e inferiores, seria impossível materializar, pela associação e apropriação dos fluidos ambientes que servem para a formação dos seres terrenos, os fluidos perispiríticos dos mundos superiores e compor desse modo, para o desempenho da sua missão na Terra, um corpo perispirítico tangível com as faculdades aparentes do homem, as fases aparentes do seu desenvolvimento!"

Diante de tamanha amplitude de sabedoria, que restará ao Cristo saber? Reparemos bem, e é nisto que repousa a fraude da assertiva, que essa sabedoria atribuída pelos espíritos que ditaram a Rousstaing a "Revelação da Revelação", se estende a "TODOS OS SEGREDOS DA VIDA E DA HARMONIA UNIVERSAIS NOS MUNDOS SUPERIORES, AINDA OS MAIS ELEVADOS, o que vale dizer, não haver limitação no imenso saber de Jesús, pois que abrange todos os mundos, ainda os mais elevados; e, mais ainda, como se tudo isso não bastasse, esses mesmos espíritos lhe atribuem o conhecimento da "formação, produção e manifestação A PRIORI, DE TODOS OS SERES EM TODOS OS MUNDOS SUPERIORES!"

Francamente, é excessiva semelhante afirmativa!

Para os Católicos Romanos, ela está certa, certíssima, porque é a base da estruturação da Religião Católica: Jesús é Deus, Jesús é o filho de Deus, Jesús é o Espírito Santo.

Para nós espíritas, Jesús é filho de Deus, irmão nosso, espírito puro, perfeito, mas ainda em evolução e que nunca chegará a ser Deus, porque Deus é incriado; é a Causa de todas as Causas, é o Absoluto, é o Infinito, e não pode haver dois absolutos nem dois infinitos.

XVIII

Segundo o Sr. Roustaing, os espíritos de Mateus, Marcos, Lucas e João, que foram os Evangelista ao tempo do Cristo, "revelaram" ao mundo, em sucessivas mensagens, em 1861 (essa data é muito importante e convém nunca ser esquecida, por distar, apenas, 4 anos da de 1857, quando surgiu o "Livro dos Espíritos" de Allan Kardec), o seguinte:

"que Maria, mãe de Jesús, espôsa de José, não concebeu seu filho segundo a lei natural, mas sim, por obra do Espírito Santo, sem afetar a sua virgindade, que permaneceu intacta, antes e durante o parto, tendo sido, conseqüentemente, a sua gravidez apenas aparente, como também aparente foi o seu parto";

"que Jesús Cristo é um espírito que, tendo sido criado como todos os demais espíritos, simples e ignorante, jamais faliu na sua trajetória evolutiva, até chegar ao estado de "espírito puro" que é";

"que Jesús espírito puro, perfeito, infalido, estava, por isso mesmo, isento do "processus" da incarnation material. Não era, pois, na realidade, filho do homem. O seu corpo era de natureza fluidica, tangível e quase material, por conter na sua formação os fluidos ambientes do nosso planeta".

Essas mensagens que foram recebidas pela médium Mme. Collignon, foram, por ordem dos espíritos que as ditaram, reunidas em volumes e dadas à publicidade, em 1866, sob o título "ESPIRITISMO CRISTÃO OU REVELAÇÃO DA REVELAÇÃO. OS QUATROS EVANGELHOS SEGUIDOS DOS

MANDAMENTOS, EXPLICADOS EM ESPÍRITO E EM VERDADE PELOS EVANGELISTAS ASSISTIDOS PELOS APÓSTOLOS E MOISÉS."

E' esta obra que sustenta a virgindade de Maria, antes, durante e mesmo depois do nascimento de Jesús; que afirma a existência de alguns espíritos, poucos embora, que atingiram à perfeição sideral, sem jamais haverem falido em sua trajetória evolutiva, embora tenham sido criados simples e ignorantes como todos os demais espíritos; que contém a "revelação" sensacional de que Jesús viveu entre os homens apenas em aparência, visto seu corpo ser fluídico e não material como o nosso, — que alguns espíritas do Brasil, orientados pela Federação Espírita Brasileira, estão proclamando ser um complemento, como parte integrante que é, da Terceira Revelação, codificada por Allan Kardec, obra esta que condensa em seu seio princípios doutrinários, em flagrante e manifesta contradição aos que os espíritos transmitiram ao Sr. Roustaing.

São essas contradições que nos cumpre apontar nestes apressados estudos que vimos realizando por estas colunas, contradições que uma vez reveladas, certo gerarão no espírito de quem deseja conhecer a verdade, aquela convicção, que já possuímos, de que a obra do Sr. Roustaing, não é, nada mais nada menos, senão a maior e a mais hábil de todas as mistificações produzidas pelos espíritos de velhos e sábios sacerdotes que viveram na antiga Roma, purpurados ou não, que fizeram e consolidaram a grandeza do Catolicismo à custa da ignorância dos crentes e com a adaptação dos textos evangélicos aos interesses da Igreja e às suas próprias conveniências.

Não é outra a impressão que se tem após a leitura do texto da obra roustainiana, já pela forma com que o pensamento e as idéias ali são plasmados, já pela imensa e incontrastável similitude com os escritos religiosos dos católicos romanos em torno da figura do Cristo e de Maria.

Já observamos, em estudo anterior, que a virgindade de Maria e a personalidade de Jesús são velhas teses debatidas desde os primeiros séculos... Já Santo Ambrósio, lá pelo 4.º século, comentando uma passagem do profeta Jeremias, diz haver Jesús escapado ao pecado original, por ter nascido de uma virgem, graças à sua concepção miraculosa.

A evolução da humanidade se operou, e vinte séculos

após, veio o Espiritismo mostrar aos homens que não há concepção miraculosa, que o milagre de outrora é, hoje, o simples efeito de uma lei manifestada.

A humanidade evoluiu, repetimos, e hoje não mais suporta os dogmas da Igreja, dogmas êsses que, não podemos deixar de reconhecer, tiveram sua razão de ser àquela época, porque a mentalidade de então assim o comportava.

Graças a essa mesma evolução e por força da Revelação divina, sabe-se e compreende-se hoje, que Deus é uno, causa primária de todas as causas, criador de todos os mundos; que cria incessantemente novos mundos e novos espíritos; que suas leis são eternas e imutáveis; que todos os espíritos por ele já criados e os que êle continuamente está criando, são criados simples e ignorantes e atingirão, um dia, à perfeição sideral, sem contudo a Êle igualar-se, porque Êle é Único, Incriado, Absoluto; que por efeito de um de seus atributos, que é o da sua perfeita Justiça, todos os espíritos, perante Êle, são iguais pelo que não há privilegiados, não há excepcionados, sendo certo, por consequência, que todos os espíritos possuirão um dia, não importa quando, pelos seus méritos e por força da lei de evolução, a mesma pureza e os mesmos poderes que o Cristo possuía, quando há quase dois mil anos transitou por êste mundo no desempenho da sua luminosa e excelsa missão.

Estes princípios, estas verdades, que ninguém, de boa fé, ousa contestar e que constituem, hoje, patrimônio da humanidade porque ela os conquistou através dos séculos, de vida em vida serão o alicerce seguro em que procuraremos, com o auxílio que a justiça e a bondade de Deus, concedem sempre a todo aquele que busca, esforçadamente, resgatar o erro de ontem com o sofrimento de hoje, alicerçar os estudos que a êste se seguirão, visando evidenciar os absurdos e as contradições que enxameiam a obra do Snr. Roustaing.

XIX

Maria, mãe de Jesús, aparece na obra do Sr. Roustaing como tendo concebido por obra do Espírito Santo, e não segundo a lei natural que rege as encarnações no planeta Terra.

Antes de abordar o estudo dessa excepcional concepção, queremos deixar consignado nestas linhas a nossa grande admiração e o nosso mais acendrado respeito ao luminoso espírito de Maria que, pelo muito que sofreu como mãe e que pela excelsa missão que desempenhou na Terra, resplandece hoje entre os espíritos mais luminosos que formam a constelação dos espíritos que habitam as mais elevadas esferas que cintilam na imensidão do infinito.

Maria, mãe sereníssima de Jesús, modelo de virtudes, espírito de extraordinária elevação na hierarquia moral dos espíritos sagrou-se, no topo do Calvário, no supedâneo da cruz, genuflexa e entre lágrimas, como a maior expressão da Dôr humana, e o mais vivo e sublime exemplo de uma resignação quase divina!

Sobre a personalidade de Maria, no entanto, nota-se uma grande reserva por parte dos Evangelistas ao narrarem a história do Cristo. Não são muitas as referências a ela feitas, podendo-se, mesmo, dizer que, de mais refêvo, somente duas encontramos: a que sob a epígrafe de "A família de Jesús" se lê em Mateus 12. 46-50; Marcos 3. 31-35 e Lucas 8. 19-21, e a que nos relata a sua imensa dôr ao ver seu amado filho ser curcificado entre dois malfeitores.

Esta significativa reserva dos Evangelistas para com um vulto tão extraordinário como Maria, mormente se a considerarmos como um ente extraordinário, excepcional, privile-

giado por haver concebido um ser por obra e graça do Espírito Santo, única mãe no mundo que teve um filho que não foi gerado, talvez nos forneça novos e aceitáveis argumentos para fortalecer a convicção dos que não aceitam, porque a razão repele, esse privilégio concedido por Deus a Maria.

Sabido é que, segundo a Igreja Católica Romana, Maria conservou sempre íntegra a sua virgindade... Foi virgem antes do parto, durante o parto e mesmo depois do parto. Só assim o Catolicismo poderia estabelecer a divindade de Jesús. Só assim se firmaria o dogma da Santíssima Trindade, segundo o qual Jesús é Deus.

E foi assim, tendo por base a descida de Deus à Terra, na pessoa de seu filho Jesús Cristo que o Catolicismo estabeleceu a série de dogmas que norteou a humanidade cristã. A Igreja de Roma, senhora absoluta das consciências nos primórdios do cristianismo, conduziu a humanidade impondo-lhe o "*credo qui absurdum*". E assim se espalhou, entre os cristãos, a crença de que Jesús nascera de uma virgem, por uma concepção miraculosa de Maria.

Correm os tempos, sucedem-se os séculos, adianta-se o progresso, a humanidade evolue e não mais tem necessidade de crer sem saber porque crê. E então, surge a Terceira Revelação.

E por que surgiu a Terceira Revelação?

Certo para trazer ao homem o conhecimento de leis até então por ele ignoradas; certo para desvendar-lhe os chamados mistérios que entorpeciam o progresso da humanidade; certo para mostrar ao homem que ele é, realmente, alguma coisa maior do que supõe ser, alguma coisa mais do que matéria animada que se dilúe na podridão; certo para desvendar-lhe o radioso futuro que o aguarda se ele seguir a trajetória que a lei do Progresso lhe traça; certo para fazer-lhe compreender melhor e raciocinadamente esse maravilhoso conjunto de leis constituído pelas leis do Trabalho, da Reprodução, da Conservação, da Destruição, da Sociedade, do Progresso, da Igualdade, da Liberdade, e da Justiça.

E que nos diz a Terceira Revelação, de molde a nos elucidar, a nos esclarecer, acerca da concepção excepcional de Maria? Diz-nos que ela aberrava das leis naturais, leis imutáveis, inderrogáveis, por serem estatuídas por Deus; diz-nos que se Maria houvesse concebido por obra e graça do Espírito

Santo, teria violado a lei que Deus estabeleceu para a incarnação dos espíritos na Terra; diz, ainda, que, se assim houvesse sido, Maria, criatura humana, que nasceu como nascem todas as outras criaturas, teria sido privilegiada com uma maternidade excepcional, diferente de todas as outras.

Contrariando, porém, a Terceira Revelação, como procuraremos evidenciar em artigos subsequentes, assim explicam os espíritos que transmitiram os "Quatro Evangelhos" ao Snr. Roustaing a concepção de Maria e o nascimento de Jesus:

"Maria era um Espírito muito puro, Espírito superior, que descera à terra com a missão sagrada de cooperar no preparo da regeneração humana. Em comunhão espiritual com os Espíritos do Senhor, MAS SUBMETIDA À LEI DA INCARNAÇÃO MATERIAL HUMANA TAL QUAL A SOFREIS, médium inconciente, ela recebeu, como médium vidente, audiente e intuitivo, no sentido de ter consciência do ser que se lhe apresentava, a predição que lhe era feita". (V. I — pág. 156).

Temos, pois, a afirmativa de que Maria era um *ESPÍRITO MUITO PURO, MÉDIUM VIDENTE, AUDIENTE e INTUITIVO*.

Sendo embora um espírito *muito puro*, a sua pureza não obsteu, entretanto, que se submetesse à lei da incarnação material humana para exercer na terra a missão sagrada de cooperar com o Cristo, como também, embora espírito "muito puro", tinha a sua inteligência entorpecida pelo involúcro material a ponto de não poder se lembrar do passado. Assim era preciso que acontecesse, dizem os Evangelistas, para que Maria desconhecesse a *ORIGEM ESPÍRITA* do filho que lhe fôra anunciado e acreditasse, como acreditou, na sua verdadeira maternidade.

E agora, vejamos como, segundo a obra de Roustaing, "apareceu" Jesus:

"Jesus houvera podido, UNICAMENTE POR ATO EXCLUSIVO DE SUA VONTADE, atraindo a si os fluidos ambientes necessários, constituir o perispírito ou corpo fluidico tangível que vestiu para surgir no vosso mundo sob o aspecto de uma criancinha. Maria, porém, antes da sua incarna-

ção, pedira, por devotamento e por amor, a graça de participar da obra de Jesus, atraindo, pela emanção de seus fluidos perispíricos, os fluidos ambientes necessários à constituição daquele perispírito. Dessa maneira se tinha que verificar A SUA COOPERAÇÃO, mas de forma para ela INCONCIENTE, porquanto o estado de INCARNAÇÃO HUMANA LHE NÃO PERMITIA LEMBRAR-SE. Assim, ao aproximar-se o momento final da sua gravidez AOS OLHOS DOS HOMENS, ela, INCONCIENTEMENTE, mas ardendo no desejo de cumprir a missão que o Senhor lhe revelara por intermédio do anjo ou Espírito Superior que lhe fôra enviado, ESTABELECEU, PELA EMANAÇÃO DOS FLUIDOS DO SEU PERISPÍRITO, UMA IRRADIAÇÃO SIMPÁTICA, QUE ATRAIU OS FLUIDOS NECESSÁRIOS À FORMAÇÃO DO CORPO FLUÍDICO DE JESÚS. Nenhum efeito, entretanto, teria produzido a ação inconciente de Maria, sem a intervenção da vontade daquele que ia descer ao vosso mundo, Jesus, pois, constituiu ELE PRÓPRIO, PELA AÇÃO DA SUA VONTADE, o perispírito tangível e quase material, que se tornou, tendo-se em vista o Planeta que habitais, um corpo RELATIVAMENTE semelhante ao vosso". (V. I. — pág. 161)...

Semelhante formação do corpo de Jesus nos vai dar ensêjo a uma série de comentários, que serão feitos à luz da Terceira Revelação. Que Deus nos ajude.

XX

Já anotamos no último estudo a observação contida na obra do Sr. Roustaing sobre Maria, a mãe de Jesús. Diz-nos ele, por lh'o haverem transmitido os espíritos, que Maria era um Espírito MUITO PURO, que desceu à terra com a missão de ser mãe de Jesús, que era MÉDIUM INCONCIENTE, vidente, audiente e intuitivo.

Não é sem importância, como possa parecer, essa observação sobre a personalidade de Maria, e isto porque, incontestavelmente, ela está intimamente ligada à vida de Jesús, quer o consideremos como um mortal igual aos demais homens, quer o consideremos como um ser fluídico, não mortal, portanto, porque os corpos fluídicos não morrem, desagregam-se, evaporam-se, diluem-se.

Façamos, pois, algumas rápidas considerações em torno de Maria e, talvez, obtenhamos elementos de valor apreciável que possam esclarecer a velha e já famosa questão de se saber qual a natureza do Corpo de Jesús, se fluídica ou carnal; se Jesús foi HOMEM ou se foi DEUS; se veio destruir a Lei ou se lhe veio dar cumprimento; se desceu à Terra para nela viver e exemplificar a verdade ou se por ela passou como um fantasma impressionante.

Vejamos.

Há uma afirmativa na explicação roustainiana sobre a qual repousa toda a argumentação dos Evangelistas explicadores: É a inciência de Maria sobre a origem de Jesús e sua missão na Terra. Lá está à pág. 156:

"Cumpria que, tanto quanto os homens, a Vir-

gem desconhecesse a origem espírita do filho que se lhe anunciava. A explicação que daremos da concepção, da gravidez e, conseqüentemente, do parto de Maria, como obra do Espírito Santo, vos fará compreender que, não devendo conhecer aquela origem, ela DE FATO NÃO A TENHA CONHECIDO E HAJA ACREDITADO NA SUA MATERNIDADE".

Ora, Maria era "um espírito MUITO PURO", "médium vidente, audiente e sensitivo" que antes de descer à terra houvera merecido do Pai a missão de ser a Mãe de Jesús, como nos diz a "Revelação da Revelação". Essa condição espiritual de Maria, nos sugere uma dúvida, que aqui registramos para estudo e meditação dos nossos confrades: Um espírito muito puro, que desce à Terra para cumprimento de uma missão, e que possui imunidades que, por força da sua elevação espiritual, terão que ser de altíssima potencialidade, poderá viver todo o tempo destinado à execução de sua missão em completo desconhecimento dessa mesma missão que está desempenhando?

Um espírito "muito puro" quando se incarna em um planeta inferior para uma determinada missão, pode ter o completo esquecimento motivado pela incarnação; quando é certo que espíritos outros, ainda muito imperfeitos, muito longe de serem espíritos "muito puros", quando possuem desenvolvida mediunidade têm reminiscências do passado, têm conhecimento embora vago, da missão que estão desempenhando?

A História nos diz o contrário.

Os grandes espíritos como Budha, Platão, Socrates, Mahomet, Moysés, João Batista e outros, médiuns que foram, não agiram inconscientemente durante a missão que desempenharam na Terra. E, se fôr preciso um exemplo mais recente e mais frisante, aí temos Allan Kardec que cumpriu a sua missão com pleno conhecimento dela, revelado pelo "Espírito da Verdade" que o assistia.

Mas... disseram os espíritos ao Sr. Roustaing, era preciso que Maria desconhecesse a *origem espírita* de Jesús, seu filho...

E agora, para terminar, uma ligeira análise sobre o *modus operandi* do nascimento de Jesús, ou seja o parto de Maria.

Em nosso último artigo, transcrevemos, na íntegra, como

"apareceu" Jesús, segundo a narrativa que se vê à pág. 161 do 1.º volume dos Quatro Evangelhos, de J. B. Roustaing.

Nessa explicação se lê que "ao aproximar-se o momento final da sua gravidez aos olhos dos homens" Maria, inconscientemente, "estabeleceu, pela emanção dos fluidos do seu perispírito, uma irradiação simpática que atraiu os fluidos necessários à formação do corpo fluídico de Jesús".

Temos, pois, recapitulando: Maria concebeu por obra do Espírito Santo, teve uma gravidez aparente, e na hora do parto, e só nesse grandioso momento, é que se formou o corpo de Jesús pela união dos fluidos que ela, inconscientemente, irradiou de seu perispírito com os fluidos irradiados pelo espírito de Jesús. Esse o *processus* da formação do corpo de Jesús segundo Roustaing.

Esses fluidos assim combinados deram a tangibilidade necessária para aparentar aos homens um corpo "relativamente semelhante ao nosso".

E', como se vê, um *processus* único, especial, jamais visto nem reproduzido no nosso planeta que tem, como todos os outros, leis naturais que lhe regulam todos os fenômenos, leis que presidem toda a sua evolução desde a sua formação como planeta para habitabilidade de espíritos até as mínimas manifestações da vida que se agitam no seu seio. Essas leis, por serem divinas, naturais, são eternas, imutáveis, inderrogáveis, pois que se assim não fosse Deus, seu autor, perderia um de seus atributos. Para o planeta Terra, plano da vida material, destinado a espíritos em expiação de provas, Deus estabeleceu a Lei da Reprodução, pela união de dois seres de sexos diferentes, quando essa lei preside os destinos do reino animal.

Assim é na Terra, mas não é em outros mundos chamados mundos espirituais ou mundos fluídicos.

Se, pois, em verdade, Jesús nasceu pela união de duas vibrações fluídicas, a lei que presidiu esse nascimento, não foi a mesma lei que tem presidido e continua a presidir o nascimento dos demais seres humanos que venham habitar este planeta. Logo, houve derrogação da lei estatuida para este planeta; logo, Maria, que não sofreu o processo da maternidade, constitue, em face das outras mães, uma aberrante e inconcebível exceção, visto como, como as demais mães deste mundo ela a ele veio pela mesma forma, sob o império da mesma lei, concebida que foi, não por obra do Espírito

Santo, mas, pela união fecundante de dois espíritos, que ao se incarnarem na Terra tomaram sexos diferentes para realizar essa função dentro e em cumprimento da sábia lei de Deus!

Mas, apesar de tudo e tudo contrariando, afirmam os Espíritos que revelaram a "Revelação da Revelação": "o aparecimento de Jesús entre os homens não foi um fato aberrante das leis da natureza".

Veremos no próximo estudo como eles pretendem habilmente incluir tal "aparecimento" dentro das leis naturais que regem a Terra.

XXI

Estamos estudando a "sui generis" teoria roustainiana sobre o aparecimento de Jesús na terra.

Segundo o Sr. Roustaing, o corpo de Jesús se formou pela tangibilização de fluidos emanados da vontade de dois espíritos puros: Jesús e Maria, sendo que Jesús a exerceu conscientemente, e Maria, inconscientemente.

Vamos repetir, textualmente, para uma melhor análise, como o Sr. Roustaing explica essa formação fluídica do corpo de Jesús. Assim nos diz ele, à pág. 161, do 1.º volume:

*"Ao aproximar-se o momento final da sua grávidez aos olhos dos homens, ela, INCONCIEN-
TEMENTE, mas ardendo no desejo de cumprir a missão que o Senhor lhe revelara por intermédio do anjo ou Espírito Superior que lhe fôra enviado, estabeleceu, pela emanção dos fluidos do seu perispírito, uma irradiação simpática, que atraiu os fluidos necessários à formação do corpo fluídico de Jesús. Nenhum efeito, entretanto, teria produzido a ação inconciente de Maria, sem a intervenção da vontade daquele que ia descer ao vosso mundo. JESÚS, POIS, CONSTITUIU, ELE PRÓPRIO, PELA AÇÃO DA SUA VONTADE, o perispírito tangível e quase material, que se tornou, tendo-se em vista o planeta que habitais, um corpo RELATIVAMENTE semelhante ao vosso.*

Quem quer que leia, atentamente, o que acabamos de transcrever e procure sob o império da razão, verificar a

possibilidade dessa realização no nosso planeta sem desvio da lei natural que o rege, para logo se convencerá não só da duvidosa fonte que lhe deu origem, como também da sua patente fragilidade como fundamento de uma nova teoria que vem se opor, flagrantemente, à lei e aos princípios decorrentes da Terceira Revelação.

Tentemos analisar essa engenhosa concepção. Dela decorrem as seguintes conclusões:

1.^a *que Maria, embora tendo conhecimento da sua missão junto a Jesús, pela revelação que lhe fizera o Espírito Superior, agiu, inconscientemente, no momento de "aparecer" Jesús;*

2.^a *que o corpo fluídico de Jesús, foi formado pela emanção dos fluidos do perispírito de Maria, emanção essa que atraiu os fluidos necessários à formação desse mesmo corpo;*

3.^a *que assim se deu por vontade de Jesús;*

4.^a *que foi Jesús quem constituiu, ele próprio, pela ação da sua vontade, o seu perispírito tangível e quase material; e, finalmente,*

5.^a *que esse seu perispírito tangível e quase material, tornou-se, tendo em vista o planeta que habitamos, um CORPO relativamente semelhante ao nosso.*

E' isto que se deduz da explicação dada pelos espíritos que revelaram ao Sr. Roustaing a chamada "Revelação da Revelação", que os dirigentes da Federação Espírita Brasileira insistem, ostensivamente, em propagar como sendo parte integrante e complementar da Terceira Revelação codificada pelo insigne missionário que foi o Sr. Allan Kardec.

* *

Há evidente contradição entre a narrativa da anunciação feita a Maria pelo anjo Gabriel e relatada por Lucas, Cap. I — V. 26 a 38, com essa pretendida inciência de Maria por ocasião do nascimento de Jesús. Que diz Lucas? Simplesmente isto:

.....

"30. O anjo lhe disse: *"Nada temas, Maria; porquanto caíste em graça perante Deus. — 31. E' assim que conceberás em teu seio e que de ti nascerá um filho ao qual darás o nome de Jesús. — 32. Ele será grande e será chamado o filho do Altíssimo; o Senhor Deus lhe dará o trono de David, seu pai, e ele reinará eternamente sobre a casa de Jacob"*.

Maria, pois, em face dessa revelação que lhe fizera o anjo Gabriel, segundo Lucas, sabia que dela nasceria um filho que deveria chamar-se Jesús, que seria grande, seria chamado Filho do Altíssimo, e que reinaria eternamente sobre a casa de Jacob.

Ora, se é verdade que essa anunciação do anjo Gabriel existiu, — o que, digamos de passagem, é duvidosa para muitos, tanto que dela não se ocuparam nem Mateus, nem Marcos, nem João —, não se compreende que sendo Maria, como diz Roustaing, um ESPÍRITO MUITO PURO, e médium vidente, audiente e intuitivo, houvesse ela, na hora precisa do nascimento de Jesús, quando justamente se realizava aquilo que o anjo lhe havia anunciado, se esquecido de tudo e agisse inconscientemente.

Mas, dir-se-á, para invalidar o raciocínio formulado: o que Maria esqueceu, por força da sua incarnação terrena não foi a revelação de Gabriel, foi o desejo manifestado no espaço de cooperar com Jesús na terra. Mas, perguntamos: Teria havido a manifestação desse desejo e teria Deus permitido que êle se realizasse?

Se assim foi, um novo raciocínio estabelecemos para estudo e meditação dos que nos leem:

Para que o espírito que animou na terra o corpo de Maria, pudesse merecer, realmente, do Pai, ser o mais íntimo colaborador do Cristo na sua missão de sacrifício e de amor, seria preciso sem dúvida que esse espírito habitasse uma esfera espiritual muito superior, semelhante ou muito aproximada à do próprio Cristo. A nossa ignorância, embora grande ainda, já nos permite compreender que somente aos espíritos muito puros é dado sentir a vibração emanada diretamente do Cristo.

Mas, sendo assim tão puro o Espírito de Maria a ponto de sentir a vibração do Cristo e de lhe ser permitido ter com Êle uma colaboração tão íntima, pode-se admitir que o seu

invólucro material fôsse assim tão pesado a ponto de lhe não permitir sequer a intuição de que se achava na terra, em missão junto a Jesús, mesmo apesar da anunciação que recebera de Gabriel?

Impossível.

Mas, então, por que os espíritos reveladores da obra do Sr. Roustaing timbram em fazer de Maria um instrumento inconciente da missão que, a seu pedido, dizem, lhe concedera o Pai?

Simplemente para que pudesse ela ACREDITAR NA SUA MATERNIDADE!

Inconcebível, inacreditável semelhante conclusão; mas lá está ela à pág. 156, *in fine*, assim textualmente redigida, pelo Sr. Roustaing:

"Cumprida que, tanto quanto os homens, a Virgem desconhece a origem espírita do filho que se lhe anunciava. A explicação que daremos da concepção, da gravidez e, conseqüentemente, do parto de Maria, como obra do Espírito Santo, vos fará compreender que, não devendo conhecer aquela origem, ELA DE FATO NÃO A TENHA CONHECIDO E HAJA ACREDITADO NA SUA MATERNIDADE."

E dizer-se que ainda há quem acredite nisso, que é, em última análise, a afirmação positiva de que Maria não foi mãe de Jesús, porque Jesús dela não nasceu!!

XXII

A segunda conclusão que se depreende da explicação revelada ao Sr. Roustaing, de como teria sido formado o corpo de Jesús para aparecer na Terra sem afetar a virgindade de Maria é, como vimos no artigo anterior, a seguinte:

2.º *que o corpo fluídico de Jesús foi formado pela emanção dos fluidos do perispírito de Maria, emanção essa que atraiu os fluidos necessários à formação desse mesmo corpo.*

Temos, pois, nessa revelação a afirmativa de que Jesús não nasceu como nascem todos os seres humanos neste planeta. A lei que presidiu a formação do corpo de Jesús, não foi a mesma lei que preside à formação dos seres vivos no planeta Terra.

E' em virtude justamente de não ser a mesma a lei que presidiu o aparecimento de Jesús e a que preside o nascimento dos demais seres na Terra, que os espíritos que revelaram ao Sr. Roustaing a "Revelação da Revelação", lhe disseram que Jesús tivera um "corpo fluídico", e não humano, material.

Essa "revelação" implica duas questões importantes que carecem ser estudadas e resolvidas. Eis a primeira: Sendo diversa a lei que preside a formação dos corpos fluídicos, podem os espíritos que possuem corpos fluídicos habitar mundos onde só existem corpos materiais cuja formação se operou pela união de dois sexos diferentes de acordo com a lei natural da reprodução estabelecida para esses mundos?

Eis a segunda questão: Sendo cada mundo regido por

leis naturais e consequentemente imutáveis, inderrogáveis e eternas, e sendo a Terra um desses mundos onde os espíritos que nela ingressam e vivem estão sujeitos à lei da procreação, o ingresso e a vida na Terra de um espírito cujo aparecimento se deu por efeito de uma outra lei destinada a reger outros planetas, não constitui uma derrogação da lei estabelecida para regular o nascimento dos seres na terra?

Estudemos.

A doutrina dos espíritos nos ensina que há mundos inferiores e mundos superiores. Também nos ensina que, não sendo a constituição física dos mundos a mesma para todos, os seres que os habitam têm, forçosamente, organizações diferentes. Daí a hierarquia dos mundos e a hierarquia dos espíritos.

Quando determinado mundo atinge um determinado grau de evolução os espíritos que nele habitam por serem também, espíritos já muito evoluídos, têm, por força dessa sua evolução conquistada, o seu perispírito muito rarefeito, espiritualizado, e que talvez por carência de uma expressão mais apropriada, dizemos fluídico.

Não se contesta, pois, a existência de mundos fluídicos onde habitam e ainda progridem espíritos com corpos fluídicos.

E como, nesses mundos, se opera o aparecimento dos espíritos que neles ingressam? Evidentemente, não se operará como se opera nos outros mundos inferiores, materiais. E por que?

Porque, evidentemente, esses mundos pela sua constituição física e pela natureza dos espíritos que os habitam, têm leis apropriadas a dirigir-lhes a existência e a primitiva realização de suas finalidades.

Aí nesses mundos chamados fluídicos é que a encarnação dos espíritos certo se dará pela atração de duas vontades, pela condensação especial de fluidos, talvez mesmo, como descreveram os espíritos ao Sr. Roustaing. Será a lei da atração a que deverá reger a encarnação dos espíritos nesses planos de vida; ou será qualquer outra lei que ignoramos. Mas o que podemos afirmar, com absoluta segurança, graças ao que já o nosso progresso espiritual nos permite compreender é que nesses mundos superiores, chamados fluídicos, os seres que neles habitam não são iguais quanto

à sua constituição orgânica aos que habitam a Terra nem, tampouco, a incarnação dos espíritos nesses mundos é idêntica à incarnação dos espíritos na Terra.

Ora, se aceitarmos como verdadeira a narrativa que se contém na obra de Roustaing para nos explicar a formação do corpo de Jesús, incontestavelmente estaremos aplicando num planeta inferior, material, o princípio de uma lei destinada a reger um mundo superior, fluídico, ou cairemos no monstruoso absurdo de considerar a Terra um mundo idêntico, em categoria evolutiva, aos mundos superiores.

Não podia, pois, ter sido o corpo de Jesús formado pela emanção dos fluidos do perispírito de Maria e pela vontade de Jesús. E não podia, repetimos, porque a Terra é, ainda, um mundo material, e porque se tal se desse, derogada estaria a lei da procreação estabelecida para os viventes da Terra.

E é interessante observar que poderíamos argumentar com as próprias palavras do livro do Sr. Roustaing, que confirma mui claramente o que sustentamos, o que vale dizer que a si próprio se contradiz, ou melhor, se contradisseram os espíritos que lhe ditaram a obra.

E' assim que nos diz êle à pág. 159:

"Nos mundos superiores, fluídicos, suficientemente elevados, a VONTADE constitue a base da lei de reprodução. A vontade é que a provoca, operando, sob a ação magnética, a reunião dos fluidos adequados, no seio da família onde a aludida vontade se manifesta".

NOS MUNDOS SUPERIORES, FLUÍDICOS, A VONTADE CONSTITUE A BASE DA LEI DE REPRODUÇÃO. Lê-se na obra de Roustaing, como vimos.

Se a Terra não é um mundo superior, fluídico, e se Maria não exerceu qualquer ação volitiva porque "agiu inconscientemente no momento de aparecer Jesús", como se pode aceitar a concepção roustainiana de que o corpo de Jesús era fluídico, formado como se formam os corpos nos mundos fluídicos?

Não é possível.

Estamos num mundo material e não fluídico, e nos mundos materiais não podem viver senão espíritos revestidos de matéria apropriada à sua condição de inferioridade.

E' o que iremos analisando em estudos sucessivos.

XXIII

Em o nosso estudo sobre a segunda "conclusão" que nos oferece a explicação dada a Roustaing sobre a formação do corpo de Jesús, sustentamos que não sendo a mesma a constituição física dos vários planetas que enchem o espaço e que sabemos ser as diversas moradas da casa do Pai no dizer dos Evangelhos, outra também será a natureza dos seres que os habitam. Mais claramente, podemos deduzir o seguinte princípio: cada mundo é habitado por seres de natureza idêntica à sua constituição física. Daí o seguinte corolário: mundos inferiores, muito materiais, espíritos anda em início de evolução habitando corpos pesados, muito materiais em relação, pois, com o planeta; mundos materiais intermediários, como a nossa terra, espíritos vivendo em corpos materiais mais ou menos pesados de acôrdo com o progresso já adquirido, mas de formação material porque êsse mundo assim o exige, assim o comporta; mundos superiores, espíritos possuindo corpos semi-materiais, mais leves, mais sensíveis, mais espiritualizados; mundos fluídicos, ou melhor, plano fluídico, vivenda dos espíritos puros, cujos corpos são etéreos, fluídicos.

Kardec, no Livro dos Espíritos, nos dá êsse conhecimento através da resposta dos espíritos que lhe ditaram a Terceira Revelação, ao lhes formular Kardec a seguinte pergunta:

"Os seres que habitam os diferentes mundos teem corpos semelhantes aos nossos?"

E os espíritos responderam:

"Sem dúvida que têm corpo, porque é indispensável que o espírito esteja revestido de matéria para

atuar sobre a matéria; mas esse envoltório é mais ou menos material, segundo o grau de pureza que os espíritos tenham atingido, e é o que faz a diferença dos mundos que devemos percorrer; há muitas moradas na casa do nosso Pai, e, por consequência, muitos graus na escala do aperfeiçoamento. Alguns o sabem, e disso têm consciência na terra; outros, falta-lhes muito para estarem no mesmo caso”.

Mais adiante, encontramos uma outra resposta dos Espíritos que completa ou reafirma a que acabamos de citar. Perguntou Kardec:

“A substância do perispírito é a mesma em todos os globos?”

— “Não; — respondem os espíritos — é mais ou menos etérea. Passando de um mundo a outro, o Espírito reveste-se da matéria própria de cada um desses mundos, tão rapidamente como o relâmpago”.

Ora, conhecida a escala dos mundos e sabido que os espíritos criados para habitarem esses mundos em busca daquela perfeição que terão de alcançar um dia, possuem um perispírito, um envoltório do espírito, ou ainda, um corpo, mais ou menos material segundo o grau de pureza a que atingiram; e finalmente que esse perispírito, esse envoltório do espírito ou esse corpo está revestido da matéria própria de cada um desses mundos, como nos revelaram os Espíritos, vamos considerar, se em face desses princípios que constituem a lei, o corpo de Jesus poderia ter sido de natureza fluídica e assim ter vivido no planeta Terra, durante 33 anos.

Basta, já o dissemos, considerar a posição da terra na hierarquia dos mundos, para, em face da lei que nos revelaram os espíritos, não podermos admitir a natureza do corpo fluídico de Jesus, segundo a teoria de Roustaing.

Na terra só habitam espíritos com corpos materiais, a ela apropriados; os espíritos superiores e os puros habitam esferas superiores na hierarquia dos mundos onde somente podem viver espíritos cujo revestimento perispiritual for compatível com a elevação dessas mesmas esferas no concerto dos mundos. Tal é a Lei.

O homem, com o seu corpo material, bruto, pesado, não pode habitar um mundo onde a matéria não tenha a mesma ponderabilidade que tem a da terra. O princípio é o mesmo, mesma é a lei.

E se quisermos nos aprofundar um pouco mais, vamos encontrar essa mesma lei produzindo os seus mesmos efeitos dentro de um campo mais restrito que o Universo, isto é, dentro dos vários ambientes de um mesmo planeta. Os seres que habitam o mar, que têm como seu mundo o oceano, têm a sua constituição material adequada, apropriada à constituição física desse mundo ou desse ambiente que habitam; os pássaros criados para viverem nas alturas têm uma constituição física apropriada a suportar as camadas atmosféricas que percorrem; o homem, da mesma forma; porque tem que suportar o peso da atmosfera terrestre possui um corpo material adequado a permitir-lhe a vida nesse meio. O homem não viverá no fundo do oceano, como na terra não poderá viver o peixe. São as condições de vida submetidas às condições do meio. E' a aplicação da lei eterna da criação divina. “Deus criou os seres e os mundos necessários a esses mesmos seres, para que eles, de mundo em mundo, atinjam a perfeição”.

Admitir a possibilidade de um homem poder viver com o seu corpo material tal qual o possuímos hoje, num mundo onde só vivem espíritos revestidos de corpos fluídicos é, positivamente, incomensurável absurdo enquanto não for revogada a lei de Deus que criou os seres e os mundos para esses mesmos seres progredirem.

Admitir a possibilidade de que um espírito puro, que vive na mais alta esfera de luz, cujo perispírito de tão sutil como que se confunde com a própria essência do seu espírito, possa viver na terra com outro corpo que não o formado da mesma matéria com que são formados os corpos destinados a viver nessa mesma terra, é, da mesma forma, inaceitável, por absurda, enquanto revogada não fôr a mesma lei divina que rege a vida dos seres nos diversos mundos que constituem o Universo, imenso espelho onde se reflete o poder e a sabedoria de Deus!

XXIV

Concluindo a explicação de como se formou o corpo de Jesús, os espíritos que ao Sr. Roustaing transmitiram a chamada "Revelação da Revelação", assim se expressaram:

"Jesús, pois, constituiu, ele próprio, pela ação da sua vontade, o perispírito tangível e quase material, que se tornou, tendo-se em vista o planeta que habitais, um corpo RELATIVAMENTE semelhante ao vosso".

Já tivemos oportunidade, em estudos anteriores, de abordar, embora perfuntoriamente, a formação dos corpos pela simples ação da vontade dos espíritos, "processus" esse que não recusamos aceitar como compatível com os mundos superiores, as chamadas esferas de luz.

A nossa razão admite esse "modus" dos espíritos se incarnarem nos planos muito elevados, nos chamados mundos felizes; e se outras razões não pudéssemos apresentar para sustentação desse princípio por nos escassear o conhecimento exato e integral do que se passa naqueles mundos de nós tão distantes, há contudo, um argumento que à nossa razão se impõe e que a nossa inteligência já conseguiu assimilar, através dos ensinamentos da Terceira Revelação.

Esse argumento, que para nós se reveste de grande importância e quiçá, talvez, encerre a solução satisfatória de alguns problemas em discussão, mas ainda não completamente definidos, consiste na questão do SEXO.

Há quem possa pôr em dúvida que os espíritos de hierarquia superior, os que habitam os mundos felizes, as esferas

luminosas que pontilham a imensidão dos espaços, pela sua elevação, dada a purificação à que já atingiu o seu perispírito, não têm sexo?

Há quem ignore que o sexo nos seres é uma das características da inferioridade dos mundos onde ele existe? Certo que não.

Se assim é, indubitavelmente, nos mundos onde os seus habitantes não se distinguem pelo sexo, o ingresso dos espíritos que aí vão prosseguir na sua evolução há de estar, forçosamente, submetido ao império de uma outra lei que não a mesma lei que preside o nascimento dos seres nos mundos em que a reprodução da espécie se opera pela união de dois seres de sexos diferentes.

E porque é de se admitir que nos mundos muito elevados os espíritos não surjam espontaneamente nem vivam isolados, porque a lei de solidariedade não o permite, é natural, é concebível, é aceitável, que aí, nesses mundos, os espíritos ingressem em corpos fluídicos, tangíveis ou não, formados pela condensação dos fluidos irradiados pelo perispírito do espírito que vai ingressar e do fluido ambiente próprio do mundo, planeta ou plano espiritual que o vai receber.

Para que essa formação fluídica se opere, certo, duas forças agirão: a vontade do espírito ingressante e a vontade conciente, (porque não há vontade inconciente) do espírito ou dos espíritos cujo meio, núcleo ou família, o vai receber.

E' claro que não podemos demonstrar, nem provar a exatidão desse nosso raciocínio. E' bem possível que não seja assim o nascimento ou aparecimento dos espíritos nos mundos superiores, chamados fluídicos ou mundos felizes. São noções muito rudimentares, ainda, que possuímos, transmitidas pelos espíritos que, em colaboração com o Cristo e sob a sua esclarecida direção, revelaram ao mundo, através desse monumento de imperecível sabedoria que resiste e resistirá a tudo e que se chama a Terceira Revelação ou a Codificação dos ensinamentos dos Espíritos, de Allan Kardec.

Assim, repetimos, mais uma vez: se a Terra não é, ainda, um planeta de ordem elevada, um mundo superior onde habitam os espíritos felizes; se, por isso mesmo, dada a sua inferioridade na escala dos mundos, os seres que a habitam possuem sexo e é pela união de dois sexos diferentes que nela se opera a reprodução dos seres, seus habitantes, — aceitar a

formação do corpo de Jesús, como a narraram os espíritos ao Sr. Roustaing, quando disseram que Jesús, êle próprio, pela ação da sua vontade, constituiu o seu corpo, é, incontestavelmente, reconhecer a derrogação da lei natural, de ordem divina que o Criador estabeleceu para a perpetuidade da Harmonia Universal.

Há uma lei geral que rege o Universo inteiro, é a lei da Evolução. Há leis particulares específicas que regem cada um dos planetas que formam o maravilhoso conjunto dos mundos.

Dentro de cada um desses mundos, outras leis existem que regem a vida dos seres que habitam esses mundos, desde o mais inferior ao mais elevado. E' esse ritmo maravilhoso, oriundo das leis sábias, que se vem perpetuando através dos séculos, que constitue a maior demonstração do poder divino. E' essa gigantesca e incomparável harmonia de mundos que nos permite ter uma pálida concepção de Deus.

Uma pergunta, agora, se nos aflora à mente: Teria Deus necessidade de derrogar a sua lei, para ensinar aos homens viventes na Terra qual o CAMINHO, onde a VERDADE, qual a verdadeira VIDA?

E podia fazê-lo?

Certo que não, é a resposta que se impõe.

Absolutamente não, repetimos. Deus não tinha necessidade nem podia derrogar a lei que ele próprio estabelecera para reger o planeta Terra.

Não tinha necessidade, porque a maternidade nunca aviltou ninguém. Ser mãe só pode dignificar o espírito e elevá-lo perante Deus. Não podia fazê-lo, porque as suas leis, por perfeitas são inderrogáveis e, por divinas, são eternas como eterno é o seu Criador.

XXV

Temos, pois, em sucessivos estudos analisado a explicação que os espíritos revelaram ao Sr. Roustaing para fundamentar com argumentos novos, a divindade de Jesús, dando-lhe um corpo fluídico, formado pela emanção dos fluidos de Maria e a "vontade" do próprio espírito de Jesús. Dessa análise concluímos não ser aceitável semelhante revelação, porque:

a) — a condição do planeta Terra, na escala dos mundos, não permite a existência normal e permanente de seres humanos sem corpo material de constituição orgânica adequada às exigências ambientes.

b) — a formação de corpos por atração de fluidos, para o ingresso normal e permanente de espíritos em evolução, só se opera nos mundos superiores, nos planos de alta espiritualidade.

c) — sendo a harmonia dos mundos mantida por leis naturais, de origem divina, essas leis não podem ser derogadas para permitir o ingresso de um espírito, qualquer que seja a sua hierarquia, em um mundo inferior ou superior, com quebra da lei que preside o nascimento ou o aparecimento dos seres nesse mundo.

Mas, não deixa de ser interessante a habilidade com que se houveram os espíritos reveladores da formação do corpo de Jesús, para atender, ou melhor, para poder explicar, mais tarde, todos os atos praticados por êsse mesmo Jesús durante a sua permanência na Terra.

Realmente, se "fluídico" era o corpo de Jesús, formado, não nos esqueçamos, pela emanção dos fluidos do perispírito de Maria, como poderia receber êle os cuidados maternos de Maria, crescer aos olhos de todos e exercer, enfim, todas as atividades naturais à vida humana?

Muito facilmente contornada foi essa dificuldade, com este remate que se lê à fls. 161, "*in fine*":

"Jesús, pois, constituiu, êle próprio, pela ação da sua vontade, o perispírito tangível e QUASE MATERIAL, que se tornou, TENDO-SE EM VISTA O PLANETA QUE HABITAIS, EM CORPO RELATIVAMENTE SEMELHANTE AO VOSSO".

Ora, aqui está, para quem quiser ler com imparcialidade, mais uma declaração que põe em cheque a pretendida fluidez do corpo de Jesús.

Nesse passo, já se não diz que Jesús teve um "corpo fluídico" formado pela emanção dos fluidos emanados do perispírito de Maria, mas afirma-se que foi êle próprio quem constituiu, pela ação da sua vontade, não seu "corpo fluídico", mas o perispírito "*TANGÍVEL E QUASE MATERIAL*", que se tornou, num "*CORPO RELATIVAMENTE*" semelhante ao nosso, tendo-se em vista o planeta que habitamos.

Que se pode compreender por um perispírito "quase material, tangível"? Será um corpo fluídico? Absolutamente, não.

Ao tratar do perispírito, Allan Kardec formulou a seguinte pergunta aos Espíritos que lhe ditaram a Terceira Revelação:

"94 — Donde tira o Espírito esse envoltório semi-material?"

— "Do fluido universal QUE CERCA CADA GLOBO. E' por isso que o envoltório perispiritual NÃO E' O MESMO EM TODOS OS MUNDOS; passando de um mundo a outro, o espírito muda de envoltório, como vós mudais de vestuário".

— Assim — retrucou Kardec — quando os Espíritos que habitam mundos superiores vêm à terra, tomam um perispírito mais grosseiro?

— "Precisam REVESTIR-SE DE UMA MATÉRIA COMO A VOSSA; já o dissemos. (Livro dos Espíritos, pág. 84, 17ª. ed.)

Diante da clareza cristalina desse ensino contido na Terceira Revelação, que se deduz com relação ao enunciado de Roustaing que estamos analisando?

Certamente que êsse perispírito tangível e quase material que Jesús êle próprio constituiu, foi formado pelo fluido universal que cerca o planeta Terra. E qual é o fluido universal que cerca o nosso globo? Sem dúvida o que pela sua densidade está em relação com a natureza material dos corpos que aqui vivem.

Ora, se os Espíritos que habitam mundos superiores, quando vêm à terra precisam de revestir uma matéria como a nossa, no dizer da Terceira Revelação, é claro que o perispírito de Jesús teria forçosamente de ser revestido por uma *MATÉRIA* não *RELATIVAMENTE* semelhante, mas igual à nossa, em cumprimento da Lei.

E tanto isto é verdade que, mais adiante, a fls. 162, Roustaing querendo explicar o emprêgo da expressão "quase-material" que havia usado, diz o seguinte:

"Era quase material, no sentido de que Jesús assimilara, para formá-lo, os fluidos ambientes que servem à FORMAÇÃO DOS VOSSOS SERES".

Vemos aí, aplicado o princípio da Lei.

Se para Jesús formar o seu perispírito teve necessidade de assimilar os fluidos ambientes que servem à formação dos seres que habitam a terra, não se pode afirmar, para sermos coerentes, que o Cristo viveu entre nós com um corpo fluídico, mas sim com um corpo material como é dado viver os seres que habitam o nosso globo.

Dizer-se, pois, que Jesús teve um corpo fluídico, quando os próprios reveladores dessa teoria afirmam que êle teve um *CORPO RELATIVAMENTE SEMELHANTE* ao nosso, dada a condição do nosso planeta, parece-nos um contrassenso, uma ilogicidade, para não dizermos um absurdo.

XXVI

Dentro de um raciocínio lógico, à luz da razão e baseado nos ensinamentos que a Terceira Revelação nos oferta, analisamos a explicação contida nos Quatro Evangelhos de Roustaing sobre a formação do corpo de Jesús, formação essa, convém repetir, que não se operou como se operam a dos demais seres que ingressam no nosso planeta para nele viver uma existência longa ou curta, de expiação ou missionária, mas que resultou, como pretende a teoria roustainiana, da emanção fluídica do perispírito de Maria que atraiu os fluidos necessários à formação do corpo fluídico com que Jesús apareceu, viveu e sofreu na Terra.

Alinhamos argumentos, invocamos princípios, formulamos raciocínios e deduzimos conseqüências; argumentos, princípios, raciocínios e conseqüências que nos levaram a concluir pela inadmissibilidade da incarnação de Jesús na terra pelo processo da incorporação fluídica, processo esse cuja existência não negamos, como foi dito, mas que, como afirmamos, baseado na doutrina, só é realizável nos mundos elevados, de ordem superior onde habitam espíritos que não possuem corpos iguais aos nossos, habitantes que somos ainda de um planeta muito material onde a matéria ainda predomina a ponto, muitas vezes, de dominar o espírito.

Nada mais fizemos, pois, do que aplicar a lei divina, que, por ser divina, é inderrogável.

Encerraremos este capítulo fazendo algumas considerações em torno da exposição feita pelos espíritos da "Revelação da Revelação" como justificativa da formação fluídica do corpo de Jesús.

E' interessante o que vamos analisar, porisso que, para

quem lê com o ânimo de estudar, de compreender, para saber e não como quem lê para matar o tempo, essa justificativa dos espíritos é, de certo modo, como se verá, o reconhecimento de que houve uma excepcionalidade no nascimento de Jesús, um privilégio de que gozou o seu espírito, uma alteração numa lei considerada imutável.

Vejamos, pois, a justificativa dos espíritos que transmitem ao Sr. Roustaing a "Revelação da Revelação", ou "Os Quatro Evangelhos" ou, mais acertadamente, a Quarta Revelação. Assim nos dizem eles, à pág. 164, do 1.º volume:

"Certamente as incarnações fluídicas, idênticas às que se verificam em mundos tais como Jupiter e outros planetas superiores, mais ou menos elevados, seriam uma deslocação das leis estabelecidas e nada há que JAMAIS DERROGUE ESSAS LEIS. Mas, uma tal incarnação, modificada pela aplicação dos fluidos terrenos, se torna uma aproximação um laço entre os dois graus da escala. E' uma ADAPTAÇÃO e não uma derrogação.

Ai temos um trecho que, para quem sabe ler e quer ver o sentido das coisas, não deixa de trazer-lhe ao espírito sérias apreensões sobre o grau de elevação moral e intelectual dos espíritos que isso ditaram. O sofisma, o ardil, as interpretações dúbias, as afirmativas vacilantes não são próprios de espíritos que se dizem designados por Cristo para trazer ao mundo novas Revelações da Verdade.

Dizer que as incarnações fluídicas no nosso planeta "seriam uma deslocação das leis estabelecidas", leis essas que esses mesmos espíritos reconhecem e afirmam que "nada há que jamais as derroque", para, logo a seguir, acrescentar que tais incarnações fluídicas, quando "modificadas pela aplicação dos fluidos terrenos" se tornam uma aproximação (?) entre os dois graus da escala", e concluir, finalmente, que tudo isso constitui uma ADAPTAÇÃO e não uma DERROGAÇÃO, é, incontestavelmente, querer tapar o sol com uma peneira, é querer impor, novamente, aos já esclarecidos pela Terceira Revelação que Kardec codificou, o "credo quia absurdum" que a Igreja Romana estabeleceu para forçar a aceitação dos seus dogmas que ela sabe não mais resistirem a análise da razão humana iluminada pelo progresso dos séculos.

Se "nada há que JAMAIS derroque as leis estabelecidas

como, de boa fé, se poderá admitir que essas mesmas leis sofram “*adaptações*” ou “*modificações*” para justificar um determinado fenômeno? Por que são inderrogáveis essas leis estabelecidas pelo Criador? Certo porque são imutáveis, eternas, perfeitas. E por que são imutáveis, eternas, perfeitas? Porque são de origem divina, todos o sabem, como também sabem que o que é imutável não se modifica, não pode sofrer alteração. E’ o que é, e não pode deixar de o ser, por toda a eternidade.

Há ainda, nessa mesma página da obra do Sr. Roustaing, — dessa obra que a Federação Espirita Brasileira insiste em propagar como fazendo parte integrante da Terceira Revelação codificada por Allan Kardec, e que já levou a direção da Hora Espirita Radiofônica a irradiar que um dia Maria adormeceu e quando despertou tinha a seu lado o menino Jesús, — um pequenino trecho que completa e reafirma o acima transcrito e que também nos poderá servir como elemento de convicção a respeito do “valor” doutrinário desses “Quatro Evangelhos”. Aqui vai ele:

“Assim, pois, compreendi-o bem: HOUVE MODIFICAÇÃO. Os fluidos que servem para a incarnação ou incorporação nos mundos superiores e que vos são invisíveis, foram materializados, tornados opacos às vossas vistas pela associação dos fluidos animalizados que vos cercam, isto é, dos vossos fluidos ambientes, PRÓPRIOS PARA A FORMAÇÃO DOS SERES TERRENOS. Houve, portanto, apropriação dos fluidos superiores ao planeta inferior que ocupais”.

Lá está: **HOUVE MODIFICAÇÃO**. E’ o clarão da verdade que a treva não pôde ocultar.

Esse pequenino trecho que tenta justificar a formação do corpo de Jesús nos dá ensejo, ainda, a formular uma pergunta: Poder-se-ia dar a designação de “corpo fluídico” ao corpo formado pela **MATERIALIZAÇÃO** de fluidos próprios às incarnações nos mundos superiores, associados aos fluidos próprios para a formação dos seres terrenos? Se houve materialização, e se essa materialização se verificou com os **FLUIDOS PRÓPRIOS PARA A FORMAÇÃO DOS SERES TERRENOS**, parece-nos que, dada a necessidade desses últimos fluidos, corpo assim formado terá que ser da mesma natureza dos corpos que têm os seres terrenos.

XXVII

Continuando a série dos pequenos estudos que vimos fazendo em torno da obra do Sr. J. B. Roustaing — “Os Quatro Evangelhos” — vamos hoje formular algumas considerações acerca da interessantíssima narrativa que nela encontramos para explicar a situação de Maria em face do “aparecimento” de Jesús, seu filho.

Essa explicação tornava-se imprescindível ser dada pelos Espíritos, em face do papel que atribuíram a Maria, qual o de ser ela, como espírito muito puro que era, a escolhida pelo Senhor para exercer na Terra a extraordinária missão de ser a Mãe de Jesús.

Se aceitarmos, como os espíritos superiores revelaram a Allan Kardec, o nascimento de Jesús sem derrogação da lei natural que rege a fecundação dos seres no planeta que habitamos, a posição de Maria se enquadra facilmente na nossa compreensão. Ela sintetisa toda a grandeza e toda a beleza da Maternidade; ela é o exemplo único como modelo de todas as mães, porque, ainda nenhuma outra Mãe suportou, com tanta resignação, e tanto amor pela humanidade, dor tão intensa e tão profunda como a que foi por ela sentida, quando acompanhou o cortejo que conduzia seu amantíssimo filho ao monte do Calvário para aí assistir, entre lágrimas, mas submissa, a cena imperecível da crucificação.

Mas, se não quisermos compreender Jesús, assim humano, para preferi-lo Jesús-divino, aparecido por associação de fluidos motivada pela sua própria vontade, formando assim um corpo fluídico, como o Sr. Roustaing aceita e os seus adeptos propagam, indispensável se torna harmonizar essa

teoria com a realidade da vida de Maria e sua posição entre os humanos.

Daí a longa exposição de motivos e justificativas, habilmente encadeados pelo Sr. Roustaing, como obra dos Espíritos que lhe revelaram a obra em análise.

Vamos ver, pelo simples enunciado da teoria sustentada, a quanto ela reduz a personalidade de Maria, dessa mesma Maria que esses mesmos espíritos afirmam ser "um espírito muito puro" que, pela sua pureza, obteve do Pai a permissão de colaborar na missão de Jesus; vamos ver, também, como os espíritos transformam, com uma sem-cerimônia espantosa, a realidade de um fenômeno natural em uma abstração, em uma simples aparência, necessária — afirmam eles — para iludir aquela que merecera a missão de ser Mãe de Jesus; vamos ver, ainda e finalmente, a admissibilidade de espíritos superiores em sabedoria e virtude, porque colaboradores na vinda do Cristo, a se prestarem ao desempenho de papel incompatível com a sua elevação espiritual.

Apreciem os nossos leitores, a habilíssima contextura desta teoria roustainiana:

"Os espíritos prepostos à preparação do aparecimento do Messias na terra reuniram em torno de Maria fluidos apropriados, que lhe operaram a distensão do abdomen e o entumeceram. Ainda pela ação dos fluidos empregados, o mênstruo parou durante o tempo preciso de uma gestação, contribuindo esse fato para a APARÊNCIA de gravidez, pela entumescência e pelos incômodos ocasionados. Maria, sob a inspiração do seu guia e diante desses resultados, que para ela eram o cumprimento da anunciação que lhe fizera o anjo ou espírito enviado, ACREDITOU na realidade do seu estado".

"Seu parto foi igualmente obra do Espírito Santo, porque também foi obra dos Espíritos do Senhor e só se deu na aparência, tal como a gravidez, por isso mesmo que resultava desta, que fôra simplesmente aparente. Tanto quanto da gravidez, Maria TEVE A ILUSÃO DO PARTO, na medida do que era necessário, AFIM DE QUE ACREDITASSE,

COMO DEVIA ACONTECER, NUM NASCIMENTO REAL".

"Passado o tempo normal da gravidez, houve efeito de magnetismo espiritual: os Espíritos prepostos à preparação do advento do Messias COLOCARAM MARIA SOB A INFLUÊNCIA MAGNETO-ESPÍRITA E ELA TEVE COMPLETA ILUSÃO DO PARTO E DA MATERNIDADE".

Em face do que acabamos de transcrever e que se acha impresso às págs. 195 e 196 do 1.º volume de "Os Quatro Evangelhos" do Sr. J. B. Roustaing, obra adotada e difundida pela Federação Espírita Brasileira como fazendo parte integrante e complementar da Terceira Revelação codificada pelo Sr. Allan Kardec, ficamos em sérias dificuldades.

Segundo o Sr. Roustaing, Maria era a encarnação de um "ESPÍRITO MUITO PURO", que pela sua elevação conseguiu merecer a missão de ser Mãe do maior e mais puro espírito que desceu à terra para ensinar aos homens o caminho, a verdade, e a vida. Que espíritos, perguntamos, poderiam ter recebido a incumbência de influenciar o espírito de Maria, que sem sombra de dúvida lhes era muito superior em hierarquia, a ponto de levá-la a acreditar que realmente estava sofrendo as dores do parto, como se estivesse mesmo sendo mãe, quando na verdade, segundo os espíritos do Sr. Roustaing, tudo aquilo era uma simples aparência, uma ilusão, nada mais nada menos que o efeito da ação do magnetismo espiritual?

Será concebível que um "espírito muito puro" para exercer uma missão nobre, tenha necessidade de se deixar iludir por espíritos outros, de menor evolução?

Mas, diz o Sr. Roustaing, assim era preciso: "Maria tinha QUE CRER NUM PARTO REAL e lembrar-se de fatos que lhe cumpria atestar, COMO SE HOUVESSEM OCORRIDO".

Espantoso!

E julgam, assim, render homenagem ao excelso espírito de Maria!!...

XXVIII

Se bem que muitas observações poderíamos ainda deduzir do que se contém na obra do Sr. Roustaing quanto ao "aparecimento" de Jesús na Terra após a gravidez "aparente" de Maria e a grande "ilusão" em que os espíritos superiores a envolveram para que ela crescesse que realmente estava sendo Mãe através de um parto natural, não mais insistiremos na análise dessa teoria aberrante da lei natural que na Terra preside à formação dos seres que nela habitam. O que a nossa razão nos induziu a argumentar em defesa de um princípio imutável, cremos ter sido o bastante para evidenciar a inconsistência da teoria roustainiana que estamos estudando.

Hoje, em continuação, vamos apreciar como os espíritos do Sr. Roustaing nos contam a vida do menino Jesús, desde o seu "aparecimento" até o início da sua vida pública, da sua extraordinária missão.

E', para todo aquele que estuda para saber, uma questão importantíssima essa da primeira infância de Jesús, considerado com um corpo fluídico, semi-material, de aparência humana, mas na realidade um espírito puríssimo agindo em um corpo especial por ele próprio formado por associação ou condensação de fluidos que se tornaram, assim, em estado de tangibilidade, dando aos homens a ilusão de um corpo material igual aos demais corpos humanos que vivem na Terra.

Na verdade, se especial, por fluídico, era o corpo de Jesús, segundo Roustaing, e se assim viveu ele entre os homens durante 33 anos, sem que nunca houvesse alguém sequer suscitado que ele não fosse realmente um homem de carne e osso igual aos demais homens, uma pergunta se impõe aos que não abdicam do direito que possuem de crer com conhe-

cimento de causa. Ei-la: Como se teria processado o crescimento do menino com todo o conjunto daquelas funções fisiológicas a que todo ser humano está sujeito?

Se era necessário que perante Maria e perante os homens, Jesús "fosse tido como um homem", certo devia ele sofrer tôdas as exigências dos organismos humanos, pois que se assim não fosse revelaria ao mundo a sua natureza divina e certo não realizaria a sua missão.

Tratando-se de uma "Revelação" não podiam, pois, os espíritos que a ditaram ao Sr. Roustaing se esquivarem de nos dizer como se processou a primeira infância de Jesús de modo a não levantar a mínima suspeita sobre a sua origem, que "era preciso" fosse tida como humana. Assim nos explicam eles:

"Tudo na vida humana" de Jesús foi APENAS APARENTE, mas se passou em condições tais que, para os homens, houve ilusão, assim como para Maria e José, devendo TODOS ACREDITAR na sua "humanidade", quando, entretanto, ele tão somente revestira e revestia um perispírito tangível conforme já vos explicamos, um corpo meramente perispiritico, e, como tal, inacessível às exigências, às necessidades da vossa existência material.

"Quando Maria, sendo Jesús, NA APARÊNCIA, pequenino, lhe dava o seio — O LEITE ERA DESVIADO PELOS ESPÍRITOS SUPERIORES QUE O CERCAVAM, de um modo bem simples: em vez de ser sorvido pelo menino, que dele não precisava, ERA RESTITUIDO A' MASSA DO SANGUE POR UMA AÇÃO FLUÍDICA, que se exercia sobre Maria, inconciente dela".

Vamos raciocinar.

O "menino" para ser tido como um menino de verdade, necessitava de ser amamentado, como toda criança recém-nascida o é; mas como o "menino" só era "menino" na APARÊNCIA, pois que seu corpo era um "corpo meramente perispiritico", não precisava de ser amamentado, porque não estava sujeito às necessidades da vida material.

Como resolver a questão? Como sair do impasse?

Muito simplesmente. Para os espíritos superiores, não

há dificuldades, tudo se resolve porque eles têm, dado o progresso adquirido, o conhecimento perfeito do que é o fluido cósmico universal, conhecem-lhe as propriedades, sabem manipulá-lo, condensá-lo, dispersá-lo e tornar a condensá-lo, se preciso.

Daí o processo de que se valeram, segundo o Sr. Roustaing, ou melhor, segundo os espíritos dos Evangelistas que lhe ditaram a "Revelação da Revelação", para resolver a questão, atendendo, simultaneamente, às duas posições em que se achava o menino Jesús: como filho do homem, e como obra do Espírito Santo.

Mas, não tenhamos pressa, deixemos para o próximo estudo a análise do processo interessante dessa criação originalíssima, dessa penosa tarefa atribuída aos espíritos superiores, aos espíritos que, por sua evolução, rodeavam o Cristo e podiam sentir-lhe a vibração.

E de tudo isso, era Maria inconciente!

XXIX

No nosso estudo anterior, transcrevemos o interessante e singularíssimo processo de que lançaram mão os espíritos do Sr. Roustaing para explicar como se operava a amamentação do menino Jesús.

Vimos então que Maria — que não sofrera a maternidade e era virgem — possuía leite em seus seios para amamentar seu filho; mas, como o seu filho não era uma criança que necessitasse de ser amamentada porque o seu corpo nada tinha de material, por ser perispirítico ou fluídico, e os corpos fluídicos não se alimentam com substâncias materiais, o leite que Maria sentia sair-lhe do seio pela sucção produzida pelos lábios do menino Jesús, *"ERA DESVIADO PELOS ESPÍRITOS SUPERIORES QUE O CERCAVAM E RESTITUÍDO A' MASSA DO SANGUE POR UMA AÇÃO FLUÍDICA QUE SE EXERCIA SOBRE MARIA, INCONCIENTE DELA"*. E' isto que se lê no 1.^o volume da obra de Roustaing, à pág. 243, ed. 1942.

Temos nessa "revelação" roustainiana dois aspectos que nos atraí a atenção: o primeiro é a intervenção dos Espíritos superiores no trabalho de desviar o leite sugado do seio de Maria; e o segundo a restituição desse mesmo leite à massa do sangue de Maria.

O primeiro aspecto nos causa certa estranheza por considerarmos a natureza dessa atribuição dada a espíritos que forçosamente deveriam ser de ordem muito superior, por isso que só esses espíritos é que poderiam ter merecido a missão de auxiliares diretos do Cristo. Ora, espíritos dessa elevação prestar-se-iam ao desempenho de semelhante tarefa, que

tinha por fim iludir Maria e José que eram espíritos “muito puros”?

Não menos estanhável é a formação do leite no seio de Maria, visto não haver ela sofrido a maternidade que é, como sabemos, a causa determinante, senão mesmo condição *sine qua*, para a sua formação, operada pela decomposição do sangue.

Era preciso, pois, que os espíritos explicassem, também, essa formação. E o fizeram de uma forma espantosa, incrível, que toca às raias do absurdo ou ao grotesco de uma plêria. Vejamos:

“Em Maria, a decomposição se operou porque o sangue, por efeito do magnetismo espiritual e de uma ação fluídica, FOI LACTIFICADO (?). Depois, por ocasião da amamentação aparente, o leite que se formara era, a seu turno, decomposto e cada uma de suas partes, como já o dissemos, restituída à massa do sangue”.

Se o engenho humano tem sempre uma explicação, mais ou menos aceitável, para todos os absurdos, o que dizer dos espíritos quando reunidos para a consecução de um objetivo, qualquer que ele seja?

Era preciso, para evitar possíveis oposições da ciência, dar uma origem ao leite de “Maria, virgem e mãe”. Nada mais fácil: o magnetismo espiritual e a ação fluídica que tudo pode realizar e tudo pode justificar, no dizer do Sr. Roustaing, seriam os fatores para a solução do problema.

E então, doutrinaram os espíritos que vieram revelar ao Sr. Roustaing a “Revelação da Revelação”: *O SANGUE DE MARIA, POR EFEITO DO MAGNETISMO ESPIRITUAL E DE UMA AÇÃO FLUÍDICA FOI LACTIFICADO!*

Mas, — continuam os espíritos transmissores da nova revelação ao Sr. Roustaing, — depois da ilusória amamentação, esse mesmo sangue assim “lactificado” era decomposto pelo mesmo processo porque fôra formado e *RESTITUIDO, NOVAMENTE, A’ MASSA DO SANGUE QUE O ORIGINARA.*

E assim, com essa simplicíssima operação fluídica de “lactificação” do sangue e restituição à fonte originária donde saíra esse mesmo sangue que foi lactificado, se pretende jus-

tificar a manutenção da vida no “corpo aparente” do menino Jsús.

Mas, uma pergunta: se “o leite era desviado quando Maria, inconciente, amamentava o “menino”, qual a necessidade de restitui-lo novamente à massa do sangue de Maria? Por que não formaram os espíritos êsse leite pela materialização de fluidos, e por que não o fizeram desaparecer, finda a impressão ilusória, pela desmaterialização?

Nada, absolutamente, nada revelaram os espíritos ao Sr. Roustaing acêrca das necessidades fisiológicas que o menino Jsús teria tido, “embora aparentemente”, para que fosse tido por Maria, por José e por todos quantos o viam, como um “menino” de verdade, igual às demais crianças recém-nascidas.

Se nada dizem a êste respeito, há parcialidade na argumentação, pondo assim em cheque a “revelação”. É estranhável e denunciador êsse silêncio.

Se, para *ILUDIR* Maria e os homens houve necessidade de ser o menino amamentado, para que essa ilusão se mantivesse e não fosse descoberta, indispensável seria também, que êle mostrasse possuir em perfeito funcionamento tôdas as suas funções fisiológicas.

E, então, temos o seguinte dilema: ou o “menino Jsús” teve “aparentemente” todas as necessidades fisiológicas e os espíritos que o cercavam agiram da mesma forma como agiram para dar a ilusão de que êle, se alimentava, ou, como ser fluídico que era, não possuía necessidades fisiológicas, de nenhuma espécie, e nesse caso, Maria não foi aquela mãe modelo, exemplo dos exemplos, por isso que permaneceu criminosamente indiferente ante a anormalidade alarmente que seu filho patenteava, qual a de não expelir pelas vias regulares os resíduos da alimentação sorvida! Não há como fugir desse raciocínio, dentro da lógica e do bom senso.

Assim não é, entretanto, para os espíritos que ao Sr. Roustaing diziam transmitir a “Revelação da Revelação”. Para esses espíritos, — quem diria? — Maria está assim classificada, à pág. 245 do vol. 1.º:

“Sem compreender o motivo, Maria não era a mãe humana que prevê todas as necessidades do filho e as previne. Ela sentia instintivamente que o

seu filho não precisava dessa vigilância e, junto dele, CUMPRIA MUITO POUCOS DOS DEVERES QUE A MATERNIDADE IMPÕE ÀS MULHERES. Não se infira daí que fosse uma mãe indiferente. Isso quer dizer apenas que, GUIADA PELOS ESPÍRITOS, SEUS PROTETORES E AMIGOS se abstinha de cuidados e atenções inúteis.

Esqueceram-se, êsses espíritos que isso ditaram, que Maria, a mãe de Jesús, para ser realmente mãe de Jesús, perante Deus e perante os homens, teria que ser o modelo de virtudes e o vivo exemplo do amor materno, e como espírito "muito puro" que era, segundo êsses mesmos espíritos, não podia sofrer a influência de espíritos protetores e amigos para que não tivesse cuidados e atenções para com seu filho recém-nascido.

Mas não nos deve causar espanto essas afirmativas dêsses espíritos que o Sr. Roustaing aceitou como sendo os evangelistas Mateus, Marcos, Lucas e João, assistidos dos apóstolos, por que para eles Jesús, aos olhos dos homens, tinha que ser: primeiro, *UM HOMEM* tal como nós; depois, após cumprida a sua missão terrena, *UM DEUS* milagrosamente incarnado; e por último *UM HOMEM* quanto ao corpo e *UM DEUS* quanto ao espírito, ou seja, portanto: um *HOMEM-DEUS!!...*

Não duvidem disto os que nos lêem. Está escrito. Vol. 1.º pág. 242; ed. 1942.

XXX

Terminamos o nosso último estudo mostrando como (segundo os espíritos que revelaram a Roustaing os "Quatro Evangelhos") Jesús tinha que ser considerado perante os homens. A carência de espaço não nos permitiu a transcrição desse trecho revelador. Apenas nos limitamos a dizer que êle se encontrava no Volume 1.º à pág. 242, da edição de 1942.

Mas, tão expressiva e tão positiva e ao mesmo tempo tão concludente se nos afigura essa "revelação" que a obra do Sr. Roustaing nos dá, que julgamos preferível, para evitar quaisquer dúvidas, a sua integral transcrição. Aqui a têm, os nossos leitores para que bem possam avaliar essa obra, como doutrina, e que a Federação Espírita Brasileira anuncie, ousadamente, como sendo uma das obras fundamentais do Espiritismo, entre as de Kardec:

"Sabeis também e já vos dissemos: Jesús TINHA QUE SER, AOS OLHOS DOS HOMENS: — primeiramente, um homem, tal como vós, revestido da libré material humana, exatamente como os profetas da lei antiga; — depois, cumprida a sua missão terrena, um Deus MILAGROSAMENTE incarnado, em consequência da divulgação do que o anjo revelara a Maria e a José, revelação que se MANTIVERA ATÉ ENTÃO SECRETA, e em consequência também das interpretações humanas dadas a essa revelação, as quais prepararam o reinado da letra, transitóriamente necessário como condição e meio de progresso; — por último, um homem tal como vós quanto ao invólucro corporal e, ao mesmo tempo, QUANTO AO ESPÍRITO, UM DEUS: portanto, UM HOMEM-DEUS.

Ora, perguntamos, quem conhece as obras de Kardec, quem as leu e assimilou o que elas ensinam poderá aceitar esse triplice aspecto com que o Sr. Roustaing nos quer fazer crer que o Cristo "tinha que ser "aos olhos dos homens"? Francamente... dizer-se que Jesús foi um DEUS MILAGROSAMENTE INCARNADO na Terra, poderá ser um postulado católico, pode ser um dogma romano, pode ser muito bom catolicismo, mas não é, não será nunca uma verdade proclamada pelo Espiritismo e revelada pelos espíritos que ditaram a Terceira Revelação.

Quem não está vendo, nessa concepção de ser Jesús, ao mesmo tempo, um homem e um Deus a manifestação clara da doutrina católica?

Que meditem, que analisem bem, com ponderação e calma, os que gostam de aprender e têm vontade de estudar.

Prossigamos, agora, analisando como o Sr. Roustaing explica a infância e crescimento de Jesús.

Depois daquela exposição segundo a qual os espíritos superiores auxiliares do Cristo e de Maria para que ambos pudessem realizar a missão que lhes cumpria, desviavam o leite com que Maria supunha amamentar Jesús, fazendo que esse mesmo leite, depois de decomposto, voltasse novamente à massa do sangue de Maria, donde viera após haver sofrido o processo de "lactificação", depois dessa passagem difícil, difficilima de ser compreendida, vamos ver como se sustentou e viveu Jesús os seus primeiros anos.

Foi assim, segundo o Sr. Roustaing:

"Jesús se criou COMO TODOS OS MENINOS PRECOCES DA SUA IDADE, tendo falado e andado muito mais cedo do que as outras crianças, revelando aos OLHOS DOS HOMENS, como AOS OLHOS DE MARIA E DE JOSE, excepcional precocidade".

"Antes de chegada a época de cessar a amamentação ordinária, começou ele a ir para os campos, ou com os outros meninos, ou só. Depois, passou a ir sozinho, a separar-se das demais crianças, a afastar-se das suas vistas, sem jamais pedir de comer ao voltar para casa. Acreditavam todos que se alimentara, como o faziam seus infantis compa-

nheiros, de frutos, ou de mel silvestre, e, sendo a atenção de Maria DESVIADA, para que não se preocupasse com os cuidados maternos, ninguém cogitara de alimentar o menino, de modo diferente. SEM COMPREENDER O MOTIVO, Maria não era a mãe humana que prevê todas as necessidades do filho e as previne. Ela sentia instintivamente que o seu não precisava dessa vigilância e, junto dele, cumpria muito pouco dos deveres que a maternidade impõe às mulheres. Não se infira daí que fosse mãe indiferente. Isso quer dizer, apenas que, GUIADA PELOS ESPÍRITOS SEUS PROTETORES E AMIGOS, se abstinha de cuidados e atenções inúteis".

Raciocinemos:

Dizem os espíritos do Sr. Roustaing que Jesús, ANTES DE CHEGAR A ÉPOCA DE CESSAR A AMAMENTAÇÃO começou a ir para os campos, onde, supunham seus pais, se alimentava de frutos ou de mel silvestre, visto como ao voltar à casa nunca pedira o que comer.

Que idade teria Jesús ANTES DE CESSAR a época ordinária de sua amamentação? Um ano? Dois? Diz o Sr. Roustaing que naquela época as mães amamentavam seus filhos por todo o tempo em que nela o leite se formava, e que isso durava até que a criança contasse dois ou três anos de idade.

Não sabemos, e não nos sobeja o tempo para nos certificarmos, se as crianças nascidas ao tempo em que o Cristo nasceu eram amamentadas até os 3 anos de idade; mas, aceitamos mais essa "revelação" para argumento do nosso estudo.

SE ANTES de cessar a amamentação Jesús ia para os campos e se essa amamentação ia até os 3 anos, vamos dizer que aos 2 anos e meio o menino Jesús deixava a casa materna, sozinho, e ia para o campo, voltava algumas ou muitas horas depois, muito naturalmente, e sem demonstrar cansaço nem vontade de comer. E sua mãe, mãe extremosa, modelo das mães, não se afligia porque supunha naturalmente que seu filho, com menos de 3 anos, já sabia escolher os bons frutos para se alimentar, sem correr o risco de tocar, sequer, em algum fruto venenoso. E assim era, com toda essa naturalidade, diz o Sr. Roustaing, porque A ATENÇÃO de Maria ERA DESVIADA pelos espíritos superiores para que ela não tivesse os cuidados maternos.

Como se vê, é enorme o trabalho dêsses espíritos superiores, já em torno de Maria, lactificando-lhe o sangue e desviando-lhe a atenção para que ela não tivesse os cuidados que toda mãe tem por seu filho, já em torno do menino Jesús, conduzindo-o aos campos com menos de 3 anos e auxiliando-o a desempenhar, assim, a sua missão.

Interessante, essa história... reveladora da excepcional precocidade do filho de Maria e de José.

Mas, dizem os espíritos do Sr. Roustaing: o "menino" ia para o campo, algumas vezes, com outros meninos e às vezes ia sózinho. Esses outros meninos que com êle iam para os campos e que se alimentavam também de frutos e mel, certo teriam a mesma idade de Jesús, mais ano, menos ano. E se tinham a mesma idade seriam todos crianças precoces? Se eram de mais idade não estranhariam a presença entre êles de uma criança de dois anos e meio? (Se é que a amamentação naquela época ia até aos 3 anos).

São perguntas naturais que surgem quando se procura analisar uma opinião, mormente quando essa opinião pretende se revestir com o caráter de uma revelação de ordem divina.

XXXI

Terminamos o nosso último estudo tecendo algumas considerações em torno da infância do menino Jesús, segundo a explicação contida em "Os Quatro Evangelhos", do Sr. Roustaing, onde se lê que Jesús com menos de 3 anos de idade, começou a ir para os campos "sozinho OU COM OUTROS MENINOS, sem jamais pedir de comer ao voltar para casa".

Mais adiante, na página seguinte, encontramos uma declaração dêsses mesmos espíritos que nos parece contradizer a feita anteriormente. Dir-se-á que esta observação é de mínima importância, sem força bastante para trazer grandes prejuízos à narrativa. Assim seria, realmente, se se tratasse de uma obra escrita pelo Sr. Roustaing, fruto exclusivo do seu trabalho, do seu saber; mas, no caso, o aspecto é muito diferente, por isso que se trata de uma obra mediúnica, uma "Revelação" dada pelos espíritos elevados dos grandes Evangelistas, espíritos que pela sua hierarquia e grandeza moral, não podem se desdizer, nem escrever ou discutir assuntos que possam conter afirmativas contraditórias dos princípios estabelecidos pelas leis divinas e já reveladas aos homens.

Apenas para assinalar esse "descuido" na obra do Sr. Roustaing, transcrevemos a citada passagem que está assim redigida:

Aos olhos dos homens, os atos exteriores de Jesús nenhum cunho de singularidade apresentavam. Gostava da solidão e seus hábitos eram tidos por quase selvagens, VISTO NÃO CONVIVER COM OS MENINOS DA SUA IDADE.

Se não convivia com os meninos de sua idade, certo não

iria com eles brincár nos campos. Aliás esta segunda hipótese parece mais adequada para explicar a história da meninice de Jesús, dada a sua proclamada precocidade que poderia despertar nos seus companheiros justificado alarme.

Há, ainda, nesse trecho, uma expressão usada pelos espíritos cuja significação não alcançamos, e nos parece também estranhável: é a de serem tidos como QUASE SELVAGENS os hábitos do menino Jesús. Quem assim os julgou? Seus pais? Os meninos com quem brincava? O povo? Não se sabe.

Mas, prossigamos.

Acompanhemos agora a vida do "menino" até o seu aparecimento no templo, isto é, até aos doze anos.

A "Revelação da Revelação" silencia sobre a vida de Jesús dos 3 aos 12 anos. Apenas nos relata que nesse período Jesús se ausentava de casa, por um ou muitos dias, e quando o fazia dizia a seus pais: "Vou orar". Quando passava, "AS VEZES", alguns dias com a família não participava das refeições, na aparência, dada a sua natureza perispíritica, segundo a revelação do Sr. Roustaing.

Não é muito fácil se compreender a posição de Jesús nesses 9 anos, mais ou menos, perante Maria e José que lhe desconheciam a missão.

E não é fácil porque, a se admitir que Jesús, durante nove anos, passava somente, às vezes, alguns dias com a família, seremos forçados a concluir, uma vez mais, ser muito discutível o amor maternal de Maria, considerando-a inciente da missão do Cristo. Se era preciso que Maria "desconhecesse a origem espírita de seu filho e acreditasse na sua maternidade" forçosamente não podia manter-se indiferente por achar naturalíssima a vida de seu filho fora do lar.

Como então, os espíritos do Sr. Roustaing defendem Maria dessa grave acusação? Muito facilmente, e com o único recurso com que poderiam argumentar: a ação dos Espíritos Superiores. E então, proclamam:

"De tal modo impressionados se achavam seus corações, tão viva fé os enchia, tal a elevação moral de uma e outro, que em ambos tinham grande acesso as inspirações dos Espíritos Superiores,

quando lhes sugeriam o pensamento e a resolução de se não preocuparem com aquele gênero de vida".

Com argumentos assim, atribuindo tudo aos Espíritos Superiores, fazendo dêsses espíritos os mentores da ação e do procedimento de Maria e de José, ora dando-lhes a incumbência esquisita de transformar, por decomposição, o leite de Maria, sugado pelo menino Jesús, em sangue para ser novamente restituído à massa sanguínea donde proviera; ora atribuindo-lhes o papel de desviarem a atenção de Maria para que ela não se preocupasse com os cuidados maternos; ora, finalmente, incumbindo-os de sugerir a Maria a resolução de não se preocupar ela com a vida irregular de Jesús que, com menos de 12 anos, tinha já o hábito de, só às vezes, passar alguns dias em casa; com argumentos de tal natureza, repetimos, não é possível, de maneira nenhuma, aplicar-se à obra do Sr. Roustaing, o princípio basilar do Espiritismo, que manda estudar, investigar, analisar tudo e tudo passar pelo crivo da razão.

Atribuir a um fato que a nossa razão repele, por contrário à lei natural, autoridade bastante para fundamentar uma doutrina, só se compreende, só é admissível imputando-se a esse fato o caráter significativo de um dogma.

Mas, então, não cabe aí lugar para o Espiritismo.

Espiritismo é claridade, é luz, quer que o homem saiba o porque das coisas através o estudo, o raciocínio, a aplicação das leis reveladas. Nada de mistérios, nada de oculto, nada de fantasias, de ardis, histórias imaginárias ou lendas que impressionem os sentidos, fazendo que os homens se esqueçam que têm cérebro para pensar.

E' por isto que o Espiritismo é chamado a Terceira Revelação.

XXXII

Lemos, ainda, na obra do Sr. Roustaing, que tendo Maria e José regressado de Jerusalém, ao cabo de um dia inteiro de viagem, deram por falta do menino e como o não encontrassem entre a multidão que com eles caminhava através dos campos, rumo a Nazaré, voltaram a Jerusalém a procura do menino. E encontraram-no, três dias após, no Templo, sentado entre os doutores, ouvindo-os e interrogando-os. E o que lhe disse Maria, sua mãe, ao vê-lo, após o haver procurado durante três dias? Segundo o Sr. Roustaing, Maria

“manifesta, APENAS a inquietação que lhe causara, assim como a José, a ausência do filho que, sem o saberem, se deixara ficar em Jerusalém, quando, na companhia de ambos, devia regressar a Nazaré.”

E aqui mais uma vez se patenteia o estranhável procedimento de Maria, como mãe, demonstrando, apenas, “inquietação” ao encontrar seu filho após procurá-lo durante três dias. Se Maria ignorava a “origem espírita” de Jesús, e o tinha, realmente, como seu filho, humano, parece-nos que o seu estado d’alma nessa ocasião deveria denotar algo mais que uma simples inquietação. Se, por outro lado, como quer nos induzir a crer o Sr. Roustaing, essa quase indiferença de Maria pelo que se havia passado com seu filho durante êsses 3 dias foi motivada pela experiência dos hábitos do menino que passava dias em jejum completo e se ausentava de casa por muitos dias seguidos, — não deveria ter causado estranheza à Maria a permanência de Jesús em Jerusalém.

Quando Maria deu por falta do menino, em meio da

estrada que palmilhava, bem podia se lembrar que era hábito de seu filho permanecer fora do lar dias inteiros. Por que, pois, se inquietou Maria? Por que voltou ela a Jerusalém a procura do menino quando sabia que em Jerusalém existiam parentes seus que o poderiam acolher?

E quando se indaga o que se passou com Jesús, menino de 12 anos, apenas, nesses três dias os espíritos reveladores de “Os Quatro Evangelhos”, publicados pelo Sr. Roustaing, êsses espíritos que assinaram as suas mensagens com os nomes de Mateus, Marcos, Lucas e João, assistidos pelos apóstolos, respondem:

... “Os que propõem tais questões deveriam propô-las com humildade, com o sentimento da sua ignorância e com o desejo sincero de se esclarecerem, não com uma presunçosa incredulidade, negando as manifestações espíritas, a revelação evangélica e a nova revelação, que traz aos homens os segredos visível com o mundo invisível, a luz e a verdade, as vias e meios de progresso intelectual e moral, pelo saber, pela caridade e pelo amor”.

Oh! Esta resposta de espíritos tão superiores como os dos Evangelistas, nos deixa perplexos! Então, porque se pergunta, porque se indaga de um fato que êsses mesmos espíritos relatam, êles que se dizem portadores da “Revelação da Revelação”, que se dizem enviados do Senhor para trazer aos homens a luz do conhecimento ensinando-lhes a verdade até então oculta, se abespinham, se irritam, e agridem os que formulam perguntas esclarecedoras de uma narrativa dada? ! . . .

Que “presunçosa incredulidade” é essa a que se referem esses espíritos “reveladores”, se essa nova “revelação ainda não era do conhecimento público?

Quem se habituou a ler a Terceira Revelação codificada por Kardec, onde os espíritos com serenidade, fraternalmente, e numa linguagem clara, sem artifícios, sem redundâncias, sem nada que possa gerar dúvidas, nos dão o conhecimento da Verdade, não pôde, de maneira nenhuma, aceitar como dos Evangelistas Mateus, Marcos, Lucas e João, a linguagem áspera, anti-fraterna, contundente que lhes é atribuída na passagem referida.

Mas, o que é interessante, é que, depois da reprimenda injusta, vêm a explicação, vem a "revelação" nestes termos:

Eis o que fez Jesús nos três dias que esteve em Jerusaléms. Ao abrir-se o Templo entrava com a multidão e com a multidão saía, quando o templo se fechava. Uma vez fora dos olhares humanos, desaparecia, despojando-se do seu invólucro fluídico tangível e das vestes que o cobriam, as quais, confiadas à guarda dos Espíritos prepostos a êsse efeito, eram transportadas para longe das vistas e do alcance dos homens. Voltava para as regiões superiores onde pairava e paira, ainda, nas alturas dos esplendores celestes, como Espírito protetor e governador da Terra.

Ao reabrir-se o templo, reaparecia entre os homens, retomando o perispírito tangível e as vestes, QUE O FAZIAM PASSAR POR UM HOMEM AOS OLHOS DOS HUMANOS".

Que os nossos leitores atentem bem nessa "revelação", sem se esquecerem que a Terceira Revelação veio, justamente, revelar aos homens a verdade, espancando a treva, que envolvia o espírito humano, impedindo-o de raciocinar, e de desvendar o misterioso segrêdo com que as religiões sujeitavam as criaturas a crer nos seus dogmas.

XXXIII

Terminamos o nosso estudo anterior com o transcrição do que revelaram os Espíritos ao Sr. Roustaing, como explicação do que fez Jesús durante aqueles três dias que permaneceu em Jerusalem por ocasião da partida de José e de Maria para Nazaré.

Disseram aqueles Espíritos que Jesús permanecia no Templo, entre os doutores, ouvindo-os e com eles discutindo, causando grande admiração pelos conhecimentos que revelava e pela singular sabedoria com que respondia às perguntas que lhe eram feitas, e isto porque, tinha êle apenas 12 anos de idade. Os doutores do Templo ignoravam a origem do menino, e estavam certos de que êle não era o Messias anunciado, em virtude daquele grande morticínio das crianças havido por determinação de Herodes. Isto também se lê na obra do Sr. Roustaing, sem que no entanto nos seja revelada a essência dessa discussão havida entre o Cristo e os doutores. Todos os atos da vida do Cristo encerram um ensinamento, uma lição, uma exemplificação que aprendida, assimilada e praticada nos proporcionará um relativo progresso para o nosso espírito.

Mas, se a "Revelação da Revelação" silencia sobre o fato, não nos deixa ignorantes do que se passara com o Cristo depois de se fecharem as portas do Templo. Para onde iria o menino que assombrara os doutores? Para a companhia de algum parente, que os tinha em Jerusalem? Absolutamente. Aquele menino, que tanto deslumbrara os doutores e os que se achavam no Templo, saía sozinho, muito naturalmente, sem que ninguém o acompanhasse e, uma vez longe dos olhares humanos "desaparecia, despojando-se do seu invólucro

tangível e das vestes que o cobriam, as quais, *CONFIADAS À GUARDA DOS ESPÍRITOS PREPOSTOS A ESSE EFEITO, ERAM TRANSPORTADAS PARA LONGE DAS VISTAS E DO ALCANCE DOS HOMENS*".

Como se vê, temos sempre a mesma derivativa, a mesma causa, para explicar todas as situações em que o nosso espírito é levado, pelo raciocínio e pela boa lógica, à evidência ou à constatação de que em face das próprias narrativas evangélicas, o corpo do Cristo não poderia deixar de ser material.

A facilidade com que os Espíritos que revelaram ao Sr. Roustaing "Os Quatro Evangelhos" fazem desaparecer o Cristo, nos momentos difíceis de uma explicação plausível e racional, já o dissemos, impossibilita-nos a aceitação da "Revelação da Revelação" como obra espírita, de origem divina, de vez que, sabemos todos, a doutrina espírita repele o "credo quia absurdum", para exigir o uso da razão, na análise e estudo de todos os fenômenos.

Mas, notamos ainda, nessa revelação que, em relação às vestes com que Jesús aparecia no Templo como menino de 12 anos, o processo usado era diferente: não desapareciam, eram escondidas pelos espíritos superiores que auxiliavam o Mestre. Por que? Seria porque as vestes do Cristo não eram também de formação fluídica, e assim sendo, não podiam ser desmaterializadas com a mesma facilidade com que se desmaterializava o seu corpo?

Parece que sim. Essa passagem parece-nos assegurar que as roupas que o menino Jesús vestia, eram, de verdade, de pano mesmo, e não fluídicas.

E somos levados a assim acreditar, porque para Maria e para José, o menino nada tinha de diferente dos outros meninos, visto como eles desconheciam a origem divina das crianças; e assim sendo, certo haviam de ter comprado pano em qualquer parte e de alguém estranho ao nascimento do Cristo para a confecção de suas vestes ou suas túnicas. A não ser assim, não sabemos como poderia ter andado o menino, entre os homens, até a idade de 12 anos. E tanto as vestes do menino eram de pano, de fazenda comum, igual às outras, que os Espíritos superiores, diz a "Revelação da Revelação", as escondiam "longe das vistas e do alcance dos homens". Quando o Cristo reaparecia no dia seguinte, para ir de novo para o Templo, os Espíritos superiores iam buscar as vestes que ha-

viam escondido na véspera, e com elas novamente o menino Jesús se apresentava no Templo.

Mas, irmãos que me lêdes, para que Deus nos deu o raciocínio, a razão, o entendimento? Para que veio o Espiritismo senão para alijar da mente humana essas lendas, êsses mistérios dantanho, e fazer surgir a Verdade em todo o seu esplendor?

Se as vestimentas com que o Cristo se apresentava em público eram materiais, isto é, de pano verdadeiro, igual ao pano com que eram feitas todas as outras vestimentas daquela época, poder-se-á admitir, em face da Terceira Revelação, codificada por Kardec, poderem os espíritos que possuem corpos fluídicos durante uma existência de 33 anos, como a que teve o Cristo, segundo Roustaing, se vestir igualmente aos demais espíritos incarnados em corpos materiais? Se fluídico foi o corpo do Cristo, fluídica também deveria ser a sua roupagem. Mas, se fluídica era a sua roupagem, em que situação fica Maria que "acreditava" na humanização de seu filho?

Como surgem as inconseqüências quando uma doutrina não está baseada na verdade revelada!!

Não menos interessante e cheia de originais surpresas é a "revelação" que o Sr. Roustaing recebeu dos Espíritos de Mateus, Marcos, Lucas e João, assistidos pelos apóstolos, em relação à vida de Jesús durante o longo período de dezoito anos decorridos desde que regressou a Nazaré até à época em que deu começo ao desempenho da sua missão.

Esse longo período da vida de Jesús, silenciado pelos evangelistas que nos deram o texto do Novo Testamento, tem sido objeto de intensas pesquisas dos historiadores de todos os tempos, no sentido de positivar a ação de Jesús na sua vida de relação entre os homens.

Por que este silêncio? Parece-nos que só a ausência de Jesús do cenário onde vivera os seus dezoito anos, o justifica. A não ser assim teríamos que aceitar a conclusão de haverem os evangelistas se desinteressado da pessoa do Cristo, ou de ignorarem eles o que se passara com o Mestre, nesse lapso de tempo.

Mas, o que não disseram os Evangelistas ao redigirem o Novo Testamento, "revelaram"-no ao Sr. Roustaing.

Vejamos, mais essa "revelação" esclarecedora desse período da vida de Jesús. Assim está ela redigida a pág. 255 do 1.º vol.:

"Sua APRENTE vida humana transcorreu dividida entre o labor manual e a prática do amor, isto é, da bondade e da caridade para com todos os que o cercavam.

"Passava por viver retirado e buscar a solidão.

CUMPRIA TODOS OS DEVERES OSTENSIVOS DA HUMANIDADE, do ponto de vista da família e das relações com os "pais" e os vizinhos, **SUBMISSO A LEI DO TRABALHO**, que ele teria de fazer com que fosse considerada a maior e a mais justa das leis e adotada por homens que, como vós, se revoltavam contra o seu jugo.

"Tendo vindo para pregar pelo exemplo, Jesús deu o exemplo; mas, repetimo-lo, sua vida exterior NÃO ERA ÍNTIMA E VULGAR COMO A VOS-SA e o gosto que parecia ter pela solidão O ISENTAVA DE TÓDAS AS EXIGÊNCIAS DA VIDA COMUM.

"Maria compreendia e animava esse gosto, por isso que, conforme já o dissemos, sob a influência dos Espíritos seus protetores, ela tendia sempre a favorecer aquela maneira de viver do "filho".

"Durante o tempo que não consagrava à prática da lei do trabalho, por meio do labor manual, à prática da bondade e da caridade, AO CUMPRIMENTO DE TODOS OS DEVERES OSTENSIVOS DA HUMANIDADE, Jesús "se ausentava", afigurando-se a Maria e aos homens que repartia assim o tempo entre os deveres humanos e a prece, SEM QUE JAMAIS O TIVESSEM VISTO FAZER QUALQUER REFEIÇÃO, TOMAR QUALQUER ALIMENTO HUMANO, seja em casa com a família, seja alhures. O que a este respeito vos dissemos, relativamente ao período longo que decorreu desde o seu "nascimento" em Belém até aparentar a idade de 12 anos, se aplica ao período posterior, que vai do seu aparecimento no Templo até ao começo da sua missão, SOB A APARÊNCIA DE UM HOMEM DE 30 ANOS. Maria se habituara a essa existência tal como vos hemos descrito e explicado".

Aí têm, os nossos pacientes leitores que vêm acompanhando esta série de estudos, que tantos desgostos e decepções já nos deram, a história da vida de Jesús dos 12 aos 30 anos, relatada pela "Revelação da Revelação" do Sr. Roustaing.

Da sua leitura para logo se verifica que ela nada revela; porque dizer que Jesús dividiu a "sua aparente vida huma-

na" entre o trabalho e a caridade, não é revelação nenhuma. E se "revelação" existe nessa narrativa será a de que se pode viver neste mundo uma vida aparente, não real.

Mas se nada nos esclarece, nesse passo, a "Revelação da Revelação", por outro lado ela nos evidencia, uma vez mais, a natureza duvidosa da sua origem pelas evidentes contradições que nela se notam.

Um rápido exame, uma ligeira comparação de textos, bastam para assim concluirmos. Raciocinemos:

Diz a "Revelação da Revelação" que Jesús "cumpria todos os deveres ostensivos da humanidade"; e diz, também, no mesmo trecho acima transcrito, que a "sua vida *EXTERIOR* não era *ÍNTIMA E VULGAR* como a vossa e o gosto pela solidão *O ISENTAVA DE TÔDAS AS EXIGÊNCIAS DA VIDA COMUM*".

Ora, se Jesús cumpria todos os deveres ostensivos da humanidade, como se compreender que sua vida exterior não fosse como a nossa e, ainda mais, que ele estava isento de *TÔDAS AS EXIGÊNCIAS* da vida comum?

Se cumpria todos os deveres ostensivos não podia estar isento das exigências da vida comum.

Por outro lado, se Jesús dedicou parte da sua vida ao trabalho manual, submetido à lei do trabalho para que ela fosse considerada a maior e a mais justa das leis, e se cumpria *TODOS OS DEVERES* ostensivos da humanidade, como se aceitar a afirmativa positiva, categórica, indubitável, de que jamais alguém o vira fazer qualquer refeição, tomar qualquer alimento humano, seja em casa com a família, seja alhures?

Notemos, ainda, a expressão "sem que *JAMAIS* o tivessem visto fazer *QUALQUER* refeição, tomar *QUALQUER* alimento", em flagrante contradição com o que disseram esses mesmos espíritos ao se referirem à alimentação do "menino Jesús". Aí, nesse passo, mesmo diante da interessantíssima "revelação" de que os espíritos superiores desviavam o leite de Maria dos lábios do "menino" e o transformavam novamente em sangue para fazê-lo retornar à corrente sanguínea, donde proviera, nos falam esses mesmos espíritos da alimentação do "menino".

Ora, de tudo isto ressalta, numa esmagadora evidência para quem tem olhos de ver e quer fazer uso da Razão que

Deus lhe deu, a intenção preconcebida de fazer de Jesús não um espírito puro que incarnou na Terra em missão entre os homens, mas um ser, que por divino, *APARECEU* entre os homens e entre eles viveu uma vida toda aparente, sem existência real, embora digam que ele veio à Terra para dar o exemplo!

Não menos espantosa nem menos atentatória à excelsitude, à pureza e ao poder do Cristo tantas vezes exaltado na obra de Roustaing que o considera mesmo um quasi-Deus, quando diz que ele

"conhece na imensidade, todos os fluidos, todas as suas propriedades, todos os seus efeitos, todas as suas combinações e transformações, todos os modos de empregá-los, todos os segredos da vida e da harmonia universais nos mundos superiores, ainda os mais elevados, como nos inferiores e no vosso; que conhece a formação, a produção e a manifestação, A PRIORI, DE TODOS OS SERES EM TODOS OS MUNDOS SUPERIORES E INFERIORES..." (V. 1 pág. 165).

é a incrível, mas muito denunciadora "revelação" desses Espíritos quando pretendem justificar os continuos desaparecimentos de Jesús. Eis, segundo os Espíritos que revelaram ao Sr. Roustaing "Os Quatro Evangelhos", a razão pela qual não podia estar Jesús exposto às vistas de todos. Dizem eles:

"A experiência humana deve bastar para vos fazer compreender que, se ele estivesse de continuo exposto às vistas de todos, as atenções se houvessem cansado e o resultado seria, ao chegar o tempo predeterminado, NÃO CONSEGUIR ATUAR TANTO SOBRE AS INTELIGÊNCIAS. (V. 1, pág. 257).

Pasmosa revelação essa!

O Cristo com tantos poderes, que conhecia "a formação, a produção e a manifestação, *a priori*, de todos os seres, em todos os mundos, superiores e inferiores", se estivesse de continuo exposto às vistas de todos, quando chegasse o tempo de realizar a sua missão, *NÃO CONSEGUIRIA ATUAR TANTO* sobre as inteligências!...

E dizer-se que os que aceitam, defendem e propagam a obra do Sr. Roustaing se dizem e se proclamam discípulos de Kardec, o codificador do Espiritismo, que veio trazer luz às consciências, imersas nas trevas do erro!

XXXV

Abrimos o 1.º volume de "Os Quatro Evangelhos", do Sr. Roustaing, e lemos à página 258, mais uma "revelação" que por mais que sobre ela raciocinásemos buscando compreendê-la à luz da Razão, não conseguimos sair da confusão em que ela nos deixou. Diz assim a "revelação":

"O perispírito que servia de invólucro a Jesus se desenvolvia AOS OLHOS DOS HOMENS, de maneira a lhes dar a ilusão do crescimento humano. Não se vos disse já que o perispírito não é da mesma natureza do vosso corpo?"

Qual impossibilidade vedes em que, AOS OLHOS DOS HOMENS, o perispírito revista aparentemente as mesmas propriedades que tem o vosso corpo e em que os fluidos que o compõe sejam igualmente adstritos e se desenvolverem e aumentarem?"

Para vos darmos explicação a este respeito, teríamos que entrar em minúcias acerca da natureza dos fluidos e isso ainda não é possível.

Mas, por que haveis de achar impossível que os fluidos, reunidos sob a ação da vontade de Jesus, tenham seguido marcha progressiva de aparente dilatação, aos olhos humanos?"

Esta "revelação" dos espíritos que ditaram a "Revelação da Revelação" ao Sr. Roustaing, é uma das muitas que carecem ser lidas, pausadamente, com a máxima atenção e um seguro raciocínio fixado em todas as suas expressões.

Se assim ela for lida, ver-se-á que semelhante "revelação" ao invés de vir revelar ao homem uma partícula da verdade divina, — que é o único objetivo das "Revelações", quando elas o são realmente, quando elas se revestem daquelas características alinhadas por Allan Kardec na sua magistral e inconfundível dissertação que tem por título: "*CARÁTER DA REVELAÇÃO ESPÍRITA*" —, ela, muito ao contrário, nos deixa entrever a natureza inferior dos espíritos que a ditaram, levando-nos a concluir, mais uma vez, que o objetivo por ela visado foi unicamente o de criar a dissidência entre os estudiosos da doutrina.

Realmente. Raciocinemos:

Todos nós sabemos que a *TERCEIRA REVELAÇÃO* codificada por Allan Kardec é o consolador prometido; é uma partícula, a mais, da Grande Verdade Divina revelada ao homem pelos Espíritos Superiores. Sabemos todos que ela só veio a ser conhecida vinte séculos após a vinda do Cristo, que nos deu a "Segunda Revelação", e isto porque, indubitavelmente, era preciso que a humanidade se achasse em condições de progresso para poder compreender-lhe o sentido espiritual. Muito bem. Decorre daí que o que se contém na Terceira Revelação, como "revelação", está em relação com o progresso já adquirido pela humanidade, embora uns aprendam com mais exatidão e facilidade que outros, segundo a sua evolução própria. Exemplifiquemos, para melhor compreensão: Devendo os espíritos revelar a Kardec a possibilidade de se comunicarem com os incarnados pelas diversas formas por que o podem fazer, eles também revelaram o processo de que se utilizavam para esse fim, como agiam e quais as leis regentes do fenómeno da mediunidade. E, assim a revelação foi compreendida e se divulgou.

Parece-nos claro que se a humanidade ainda não estivesse em condições de compreender o delicado mecanismo da fenomenologia espírita, certo os Espíritos encarregados de transmitir a Terceira Revelação, não teriam, sequer, abordado a tese, segundo a qual os espíritos desincarnados podem, mediante determinadas condições, se comunicar com os espíritos que se acham incarnados na Terra.

Nada adiantaria uma "revelação de ordem divina" visando o aperfeiçoamento da humanidade, se essa humanidade a não pudesse compreender, pelo seu atraso, ou se essa revelação não fosse acompanhada dos necessários esclarecimentos que a tornassem compreensível à razão humana.

Queremos crer que esse nosso raciocínio, não pode padecer dúvida, em face do que aprendemos na própria "Terceira Revelação", a que foi codificada por Allan Kardec, a que, incontestavelmente, serve de fundamento ao Espiritismo, como Ciência, como Filosofia e como Religião.

Pois bem. Em face desse raciocínio e desses conhecimentos que a Terceira Revelação nos ministra, observemos agora o texto que acima transcrevemos da página 258, do 1.º Volume de "Os Quatro Evangelhos", do Sr. Roustaing.

Dizem os espíritos do Sr. Roustaing que o perispírito que formava o corpo de Jesús *SE DESENVOLVIA* para dar a *ILUSÃO DO CRESCIMENTO HUMANO*.

Mas o crescimento humano, dizemos nós, é uma função da matéria, é a resultante de uma lei biológica, e se o corpo de Jesús nada tinha de material, não estando por isso, sujeito às leis da biologia, como se verificou, então o seu crescimento, como pôde ele passar da infância à maturidade?

Como é possível o crescimento ilusório da matéria?!

Mui facilmente, respondem aqueles espíritos: "pela *DILATAÇÃO DOS FLUIDOS* reunidos pela vontade de Jesús".

Mas, como pode a dilatação dos *FLUIDOS* exercer a dilatação da *MATÉRIA* a ponto de fazer crer aos homens que Jesús estava crescendo à medida que os anos se iam passando?!

"Para vos darmos explicação a esse respeito, teríamos que entrar em minúcias acêrca da natureza dos fluidos e isso AINDA NÃO É POSSÍVEL",

respondem os espíritos.

Ora, se ainda não é possível aos homens conhecer a natureza dos fluidos, e como essa história do "corpo fluidico" de Jesús prende-se, indubitavelmente, à natureza e propriedades dos fluidos, como compreender-se que Espíritos, que se dizem Superiores, venham revelar aos homens que Jesús teve um corpo fluidico, coisa que eles, homens, ainda não estavam aptos a compreender?

Que adiantaria uma revelação dessa natureza, impossível de ser explicada para ser compreendida!!

Explicar uma "revelação" de ordem espírita usando a

fórmula da velha Roma, segundo a qual para Jesús não há o impossível, porque ele tudo pode, por ser o próprio Deus, na Santíssima Trindade, não pode, absolutamente, se enquadrar no Espiritismo, em cujo corpo de doutrina se encontra o preceito de segurança: "Ao exame da Razão é preciso submeter, sem exceção, tudo quanto vem dos espíritos".

XXXVI

Vimos no estudo precedente que os espíritos que revelaram ao Sr. Roustaing "Os Quatro Evangelhos", a despeito de assinalarem que essa obra seria a "Revelação da Revelação", confessaram *NÃO LHES SER POSSÍVEL* dar uma explicação acêrca da natureza dos fluidos.

Estranhamos a afirmativa, porque se foi possível revelar que Jesús tinha um corpo fluidico, também, parece-nos, possível seria a explicação da natureza especial desses fluidos e, o que é mais, a de que o seu nascimento, assim entre os homens não infringiu a lei natural que rege o nascimento dos seres que vivem neste planeta.

Vamos ver, agora, o que nos diz o Sr. Roustaing sobre o batismo de Jesús.

A primeira advertência que encontramos é que Jesús, por ser um espírito puro por excelência, não precisava de ser batizado, porque "não trazia, para ser lavado, um corpo de lama" qual o nosso.

Deixemos de lado a rudeza da expressão "corpo de lama", com que os Espíritos superiores classificaram essa verdadeira maravilha, essa obra prima da criação que é o corpo humano. Esqueceram-se esses "Espíritos superiores" que Maria, mãe de Jesús, tinha também um "corpo de lama", igual ao nosso, igual ao de toda a gente.

Mas, passemos adiante. Se Jesús não precisava de ser batizado, por que o foi? Primeiramente para exemplificar, dizem os espíritos do Sr. Roustaing, e depois para receber a consagração da sua origem, do seu poder, da sua missão. Trans-

crevamos o trecho que isso nos revela e que se encontra à pág. 275, do V. 1, para que se não diga que mal interpretamos:

"Por que então fez Jesús receber de João, diante de todos, o batismo d'água no Jordão, como o faziam o povo e quantos acorriam às margens daquelle rio?"

Para, desde o momento em que entrava a desempenhar publicamente sua missão, prègar pelo exemplo; para receber do próprio Deus, à vista de todos e em confirmação das palavras que antes da sua chegada o Precursor proferira a seu respeito, a consagração da sua origem, do seu poder e da sua missão, como regenerador e salvador da humanidade, como sendo quem a conduzirá à perfeição; para receber essa consagração por uma manifestação derivada do próprio Deus e produzida de molde a que os homens compreendessem que, finalmente, descera à terra o Espírito cuja vinda os profetas haviam anunciado".

Aí está, claramente, redigida, a "revelação" de que o início da missão pública de Jesús foi assinalado pela cena do batismo à margem do Jordão. Foi aí, como está dito, que o povo teve ciência de que havia descido à terra o Espírito que os profetas haviam anunciado.

Vejamos agora, como Jesús recebeu "do próprio Deus a consagração da sua origem, do seu poder e da sua missão, como regenerador e salvador da humanidade".

Foi assim:

"... logo que acabou de ser batizado, Jesús saiu da água e, ao fazer a sua prece, o céu se abriu e UM ESPÍRITO SANTO DESCEU SOBRE ELE EM A FORMA CORPORAL DE UMA POMBA e se ouviu uma voz que dizia: "És meu filho bem amado; em ti hei posto tôdas as minhas complacências".

Vê-se, pois, que não foi uma lenda criada pela mentalidade da Igreja Romana o aparecimento, no céu, de uma pomba que falou logo que Jesús acabou de ser batizado por João Batista às margens do Jordão. O fato se deu; não o contes-

tam os espíritos do Sr. Roustaing; apenas eles nos “revelam” que essa pomba era “aparentemente material”, só era uma pomba para os olhos humanos, por isso que, na verdade, tanto a pomba como a voz que se fez ouvir, nada mais eram do que uma simples manifestação espírita, objetivando chamar a atenção dos homens.

Essa manifestação espírita, dizem ainda os espíritos do Sr. Roustaing, foi produzida por um *ESPÍRITO SUPERIOR* que tomou a forma de uma pomba, capaz de mais fortemente impressionar as inteligências, e por um outro Espírito, também superior, que fez ressoar a voz que se ouviu e pronunciou aquelas palavras.

E nisto, apenas, consiste a “revelação” contida nos “Quatro Evangelhos” do Sr. Roustaing, no que concerne ao batismo de Jesús.

Mas, se como se diz nessa obra, Jesús, fazendo-se batizar, iniciou a sua missão pelo exemplo, e ao mesmo tempo comprovou as palavras que João havia proferido, publicamente, com referência a sua pessoa; se, ainda data daí a anunciação da grande missão do Cristo, a ser verdadeira a narrativa da voz que se fez ouvir, não é possível, por maior que seja a boa vontade dos homens que raciocinam, admitir-se a possibilidade, sequer, de ter Jesús uma vida aparente, um corpo que não era humano, porque era de formação fluídica, uma vez que se saiba que a sua missão consistiu, justamente, no exemplo, no sacrifício.

XXXVII

Após a cena do batismo de Jesús à margem do Jordão, batismo esse cujo único objetivo — afirmam os Espíritos que revelaram ao Sr. Roustaing a “Revelação da Revelação” —, foi o de “receber do próprio Deus, à vista de todos e em confirmação das palavras que antes da sua chegada o Precursor proferira a seu respeito, a consagração da sua origem, do seu poder e da sua missão, como regenerador e salvador da humanidade”, após a explicação interessantíssima, segundo a qual a pomba que apareceu no céu, foi, realmente, um Espírito superior, o chamado Espírito-Santo, que se materializou para chamar a atenção dos homens; encontramos na obra do Sr. Roustaing, o comentário, não menos interessante, sobre a *GENEALOGIA DE JESÚS*”.

Vejamos o que nos “revelam” os Espíritos que levaram o Sr. Roustaing a publicar “Os Quatro Evangelhos”, ou a “Revelação da Revelação”, que veio “revelar” aos homens que Jesús não nasceu de Maria, mas “apareceu” com um corpo fluídico, tangível, assim vivendo entre os humanos durante 33 anos, cumprindo “todos os deveres ostensivos da humanidade”.

De início, assinalemos que esta discutida questão da Genealogia de Jesús, não foi abordada por todos os quatro evangelistas. Somente Mateus e Lucas dela se ocuparam. Também frizemos que ambos não são acordes no seu texto, e, ainda, que a de Mateus inicia a descendência de Jesús desde Abraão, ao passo que Lucas iniciando usa a forma ascendente, no próprio Jesús, filho de José, para terminar em Adão.

Depois de se referirem a nenhuma importância que tem a genealogia de Jesús no tocante ao desempenho da missão

regenedora que lhe coube exercer na terra, assim nos explicam os Espíritos do Sr. Roustaing a razão de ser da genealogia humana atribuída a Jesús:

“Segundo as tradições hebraicas e as interpretações dadas às profecias da lei antiga, o libertador prometido, o Cristo, havia de nascer em Belém, tendo por pai um descendente de David, sendo, pois, êle próprio, pela descendência, um filho de David. A grande obra da redenção estava preparada desde a origem tradicional dos tempos, sem que o homem percebesse, nas condições sucessivamente apropriadas às épocas e às inteligências.

Para a execução dessa grande obra, Maria e José, Espíritos perfeitos, êste, porém, menos elevado do que aquele, nenhum dos dois puros desde o início, ambos inferiores, portanto, a Jesús, Maria e José, dizíamos, incarnaram, cada um num meio depurado, com o encargo de auxiliarem o Messias na sua missão terrena. A pureza de Maria e de José não podia compadecer-se com um meio impuro. Cada um, por isso, escolheu uma família que lhe fôra de antemão preparada, composta, igualmente, de espíritos superiores, se bem que menos elevados do que os deles”.

Facilmente se deduz da transcrição feita, que a razão de ser da genealogia de Jesús entre o texto dos Evangelhos foi para não desmentir, antes confirmar, as profecias da lei antiga, segundo as quais o Cristo **DEVERIA TER POR PAI UM DESCENDENTE DE DAVID**, sendo, conseqüentemente, êle próprio, também, por descendência, um filho de David.

E tanto assim que, que vamos encontrar, mais adiante, à pág. 285 de “Os Quatro Evangelhos” a confirmação integral da nossa dedução, na seguinte passagem:

“Foi com o fim de ligar o nascimento de Jesús a David que se estabeleceu a genealogia, tanto segundo Mateus, como segundo Lucas. Ela é o ponto DAS PESQUIZAS realizadas com esse objetivo”.

Como se vê, os Espíritos do Sr. Roustaing, não negam a genealogia do Cristo como descendente da tribo de David,

antes a confirmam, por necessária, para cumprimento das profecias.

Ora, se se têm por verdadeiras essas profecias, segundo as quais o Salvador do Mundo, descenderia da casa de David e não se nega a autenticidade das duas genealogias que os Evangelhos contêm, embora se reconheça que entre elas existem divergências que, por naturais e compreensíveis, não são de molde a inquinar de falsa qualquer delas, — implicitamente se estará reconhecendo que Jesús foi um ser humano e não um ser fluídico, foi, **REALMENTE**, filho de Maria e de José, criaturas humanas, possuindo embora, espíritos de grande elevação moral.

Cumpre, ainda, não esquecermos da seguinte ocorrência, de suma importância, de capital importância mesmo, para o estudo que estamos realizando, a convite do Sr. Fred Figner que é um convicto do corpo fluídico de Jesús e tem dúvida sobre a natureza do corpo de Maria, aceitando, assim, a possibilidade de ter sido ele também, fluídico, igual ao de Jesús.

Essa ocorrência de capital importância é que não estamos analisando um livro escrito ou comentado por um homem, por um cientista, um escritor em suma, que tem, por isso mesmo, o direito de interpretar, livremente, as Escrituras ou qualquer outra manifestação do pensamento humano.

O nosso caso é diferente, trata-se de uma obra que se lhe pretende dar o cunho de uma “Revelação” de ordem divina. Trata-se de uma produção mediúnica atribuída aos Espíritos superiores de Mateus, Marcos, Lucas e João, assistidos ainda dos apóstolos, obra a que êsses mesmos espíritos deram o pomposo nome de “Revelação da Revelação” ou “Os Quatro Evangelhos”.

Esse caráter que se quer emprestar à citada obra, impõe-lhe a característica essencial de ser uma partícula da verdade revelada, o que exclue, portanto, a existência, em seu texto, de meras suposições, vagas elucidações ou mesmo simples justificativas de fatos não verdadeiros.

Se, pois, a “Revelação da Revelação” afirma que o conhecimento da genealogia de Jesús **ERA NECESSÁRIO PARA PREPARAR O DESEMPENHO DA MISSÃO TERRENA DE JESÚS**, como está escrito a fls. 287, do 1.º vol., lógico é concluir-se que Jesús foi um ser humano, filho de Maria e de José, porque se assim não fôra não teria êle desempenhado, como desempenhou, a sua grandiosa e iluminada missão.

XXXVIII

No capítulo que trata da genealogia de Jesús, encontramos a seguinte pergunta feita pelo Sr. Roustaing aos espíritos que lhe transmitiam a "Revelação da Revelação": — "Qual é, em verdade, de acôrdo com a ciência divina, despojado da letra o espírito, a REALIDADE, quanto à criação do Espírito e do corpo do homem do nosso planeta; a REALIDADE quanto a essa genealogia espiritual de Jesús, "Espírito de pureza perfeita e imaculada"?"

Reconhecendo a complexidade da questão indagada, responderam os espíritos que para resolvê-la seria mistér a solução de um outro problema de ordem mais geral — "o da origem do Espírito, de suas fases e trajetórias, de seus destinos, DESDE O INSTANTE INICIAL DA SUA EXISTÊNCIA ATÉ AO EM QUE CHEGA À PERFEIÇÃO.

E, a seguir nos "revelam" os Evangelistas que ditaram ao Sr. Roustaing "Os Quatro Evangelhos" a origem e formação dos Espíritos.

Transcrevemos o que se lê à pág. 289, do 1.º volume, para meditação e estudo dos interessados em saber a ORIGEM e a FORMAÇÃO dos Espíritos:

"O Espírito, na origem da sua formação, como essência espiritual, princípio de inteligência, sai do todo universal. O que chamamos o "todo universal" é o conjunto dos fluidos existentes no espaço. Estes fluidos são a fonte de tudo o que existe, quer no estado espiritual, quer no estado fluidico, quer no estado material.

"O espírito, na sua origem, como essência espiritual, princípio de inteligência, se forma da

QUINTESSÊNCIA desses fluidos, elemento tão sutil que nenhuma expressão pode dar dele idéia, SOBRETUDO ÀS VOSSAS INTELIGÊNCIAS RESTRI-TAS. A vontade do Senhor Deus todo poderoso, única essência de vida no infinito e na eternidade, anima esse fluido PARA LHE DAR O SER, isto é, para, mediante uma combinação sutilíssima, cuja essência só nas irradiações divinas se encontra, fazer deles essências espirituais, princípios primitivos do Espírito em germen e destinados à sua formação.

"A vida universal está assim, por toda a natureza, em germens eternos, graças a essa quintessência dos fluidos, que somente a vontade de Deus anima, conformemente às necessidades da harmonia universal, às necessidades de todos os mundos, de todos os reinos, de todos as criaturas no estado material ou no estado fluidico.

"Ao serem formados os mundos primitivos, na sua composição entram todos os princípios, de ordem espiritual, material e fluidica, constitutivos dos diversos reinos que os séculos terão de elaborar.

"O princípio inteligente se desenvolve ao mesmo tempo que a matéria e com ela progride, passando da inércia à vida. Deus preside ao comêço de todas as coisas, acompanha paternalmente as fases de cada progresso e atrai a si tudo o que haja atingido a perfeição. Essa multidão de princípios latentes aguarda, no estado cataléptico, em o meio e sob a influência dos ambientes destinados a fazê-los desabrochar, que o soberano Mestre lhe dê destino e os aproprie ao fim a que devam servir, segundo as leis naturais, imutáveis e eternas por ele mesmo estabelecidas.

"Tais princípios sofrem passivamente, através das eternidades E SOB A VIGILANCIA DOS ESPÍRITOS PREPOSTOS, as transformações que os hão de desenvolver, passando sucessivamente pelos reinos mineral, vegetal e animal e pelas formas e espécies intermediárias que se sucedem entre cada dois desses reinos.

"Chegam dessa maneira, numa progressão contínua, ao período preparatório do estado de ESPÍ-

RITO FORMADO, isto é, ao estado intermédio da incarnação animal e do estado espiritual conciente. Depois, vencido êsse período preparatório, chegam ao estado de criaturas possuidoras do livre arbitrio, com inteligência capaz de raciocinar, independentes e responsáveis pelos seus atos. Galgam assim o fastígio da inteligência, da ciência e da grandeza".

Eis aí, como está "revelada" aos homens a origem e formação do espírito. Essa "revelação" merece cuidadoso estudo e ponderada análise, por isso que tendo Kardec também interrogado os Espíritos que lhe transmitiram a Terceira Revelação, êstes lhe responderam, simplesmente: — "Deus criou os Espíritos, como todas as outras criaturas, pela sua vontade; mas, repito, A SUA ORIGEM É UM MISTÉRIO".

E mais frisantemente, ao responderem à pergunta:

— *Os espíritos tiveram um princípio ou existem, como Deus, de toda a eternidade?*

— *"Se os espíritos não tivessem tido princípio seriam iguais a Deus, enquanto que êles são criação sua e submetidos à sua vontade. Deus é de toda a eternidade, isto é incontestável, mas QUANDO E COMO ÊLE NOS CRIOU, NÃO O SABEMOS. Podes dizer que não tivemos princípio se com isso queres dizer que Deus, sendo eterno, deve ter criado incessantemente; MAS QUANDO E COMO CADA UM DE NÓS FOI FEITO, digo-te mais, NINGUÉM O SABE; é aí que está o mistério".*

Teria sido êsse mistério revelado, SEIS ANOS APÓS, pelos Espíritos que ditaram ao Sr. Rousstaing "Os Quatro Evangelhos"?

Veremos.

XXXIX

Pela transcrição que fizemos em nosso último estudo, verificamos como os espíritos que ditaram ao Sr. Rousstaing "Os Quatro Evangelhos", "revelaram" aos homens a origem e formação dos Espíritos, problema também abordado por Allan Kardec, apenas seis anos antes, e que os espíritos não lhe souberam responder. Só o fato de não ser revelado a Kardec tão transcendente mistério para sê-lo, seis anos após ao Sr. Rousstaing, desperta em nós o máximo interesse, por estranhável que é. Daí o cuidado com que precisamos analisar a "revelação" em foco. E' o que procuraremos fazer.

A primeira afirmativa que decorre da "revelação" em apreço é que o Espírito sai do todo universal, isto é, dos fluidos existentes no espaço, fonte de tudo o que existe. Esses fluidos, — diz o Sr. Rousstaing —, são animados pela vontade de Deus, para, assim, constituírem os "*PRINCÍPIOS PRIMITIVOS DO ESPÍRITO EM GERMEN E DESTINADOS À SUA FORMAÇÃO*".

Temos pois, e apenas, conhecimento da formação do elemento primitivo, em germen, destinado à formação do Espírito. Não há, ainda Espírito. Há, podemos dizer, princípio de vida universal. Há, apenas, fluido vitalizado pela vontade de Deus.

Observemos, agora, com a máxima atenção, o que, segundo a "revelação" do Sr. Rousstaing, se processa para que esses "princípios primitivos" *DESTINADOS À FORMAÇÃO do Espírito*, se transformem ou formem, mais tarde, o Espírito. Diz o Sr. Rousstaing:

"Tais princípios (que são os fluidos animados

pela vontade de Deus) sofrem passivamente, através das eternidades e SOB a VIGILÂNCIA DOS ESPÍRITOS PREPOSTOS, as transformações que os hão de desenvolver, passando sucessivamente pelos reinos mineral, vegetal e animal e pelas formas e espécies intermediárias que se sucedem entre cada dois desses reinos”.

Não é possível! Essa “revelação” revela não uma verdade, mas sim, uma das muitas contradições que no dizer de Leopoldo Cirne tornam suspeita a obra do Sr. Roustaing.

E’ positivamente absurda e incoerente essa “revelação”. Com ela os espíritos do Sr. Roustaing nada mais pretendem do que “revelar” o desconhecido com o desconhecido.

Realmente: como se compreender a existência de ESPÍRITOS PREPOSTOS para vigiarem as transformações do fluido universal até o momento em que esse mesmo fluido, depois de passar pelos três reinos da natureza, se transforme em Espírito formado, responsável pelos seus atos, por possuir, só então, o raciocínio e o livre arbitrio?

Atentemos bem. Se os espíritos do Sr. Roustaing nos estão “revelando” a ORIGEM E FORMAÇÃO dos Espíritos, e nos dizem que Espíritos prepostos vigiam a formação dos espíritos, cabe-nos uma pergunta: Quem “vigia” a formação desses “espíritos prepostos? Como falar-se em Espíritos vigilantes, com entendimento, inteligência, raciocínio e livre arbitrio, ao pretender-se, justamente, ensinar como existem os espíritos, como eles se formam, como eles surgem na criação? Não é isto revelar o desconhecido com o próprio desconhecido?

Kardec, que não podia deixar em silêncio essa questão da origem das coisas, quando interrogou os Espíritos se era dado ao homem conhecer o princípio das coisas, obteve a seguinte resposta, que bem evidencia a imensa diferença do quilate dos espíritos que o assistiam e o dos que transmitiram ao Sr. Roustaing a chamada “Revelação da Revelação”:

— “Não. Deus não permite que tudo lhe seja revelado na terra”.

E mais, desejoso de saber, perguntou ainda Kardec se o homem poderia um dia penetrar o mistério das coisas que lhe são ocultas. E os espíritos, sem fazerem literatura, para

revelarem, pela síntese, a grandeza que possuíam, responderam-lhe:

— “O véu vai se levantando para ele à medida que ele se depura; mas para compreender certas coisas lhe são precisas faculdades que ainda não possui”.

E dizer-se que, seis anos após, o homem se depurou tanto e adquiriu faculdade que não possuía, que lhe pôde ser “revelado”, por outros Espíritos mais sábios, e por intermédio de uma só médium, Mme. Collignon, aquilo que seis anos antes não lhe era dado saber!

Por hoje, apenas a evidência do flagrante que observamos. Mas há muito mais que estudar e que analisar nesse passo da obra do Sr. Roustaing; passo importantíssimo, porque a origem e formação dos Espíritos, abrange, sem dúvida, o Espírito do Cristo, e talvez possamos tirar, daí, conclusões de grande alcance para elucidação dessa questão que o Sr. Roustaing lançou no tablado das discussões e que tantas amarguras tem causado aos que se aventuram contrariá-la.

Mas é por isso mesmo; é por ela conter o fermento da discórdia e gerar a dissolução dos vínculos da fraternidade que carece ser combatida, para que a nova geração que primará pela clarividência das coisas espirituais possa dirigir os destinos da humanidade, não mais através as imposições dogmáticas e absurdas, mas à luz da Razão que lhe fará compreender a Verdade em todos os seus esplendores.

XL

Estamos estudando *A ORIGEM E FORMAÇÃO DO ESPÍRITO*, segundo a obra do Sr. Roustaing. Frisamos no nosso estudo anterior que esse transcendente assunto focalizado por Kardec ao codificar o Espiritismo mereceu dos Espíritos que ditaram a Terceira Revelação, uma resposta positiva, clara, categórica, qual a de que Deus não permite que ao homem tudo lhe seja revelado na Terra, resposta esta confirmada por esta outra — “o princípio das coisas está nos segredos de Deus”. (Livro dos Espíritos. Resp. à perg. 49). Não esqueçamos esta observação, importantíssima, tendo-se em vista que a obra de Kardec data de 1857 e a do Sr. Roustaing data de 1866, sendo certo, porém, que essa “revelação” da origem dos espíritos foi dada em 1863, isto é, apenas seis anos após o aparecimento da obra de Kardec!

Prossigamos, pois, no estudo analítico que nos dispusemos fazer, a convite do Sr. Fred. Figner.

Diz o Sr. Roustaing às págs. 289 e 290 do 1º vol. que as “essências espirituais”, “princípios primitivos do espírito em germen e destinados à sua formação”, depois de sofrerem, passivamente, *sob a vigilância dos Espíritos prepostos*, passam sucessivamente pelos reinos mineral, vegetal e animal; e assim chegam, numa progressão contínua, “ao estado intermédio da incarnação animal e do estado espiritual consciente”. Depois, vencido esse período, chegam finalmente ao “estado de criaturas possuidoras do livre arbítrio, com inteligência capaz de raciocínio, independentes e responsáveis pelos seus atos”.

Temos, pois, se bem raciocinamos, que todo Espírito para possuir o livre arbítrio, para ter inteligência capaz de racio-

cinar, para ser independente e ser responsável pelos seus atos, segundo Roustaing, sofre um longo período de formação, originando-se da vitalização do fluido universal pela vontade divina, passando em seguida, em sucessivas transformações, pelo reino mineral, depois pelo vegetal, pelo animal e finalmente pela hominal; tornando-se, só então, responsável pelos seus atos, por possuir o livre arbítrio e raciocínio.

Não nos diz o Sr. Roustaing que o Criador haja feito qualquer exceção ao criar os espíritos. Todos os espíritos, pois, tiveram a mesma origem, o mesmo princípio.

Mas então, aquele espírito que, hoje, nós todos amamos, respeitamos e conhecemos pelo nome de Cristo, também passou pelo reino mineral, pelo vegetal e pelo animal, para depois chegar, como todos os outros, ao estado *DE CRIATURA* possuidora do livre arbítrio.

Transcrevamos mais essa “revelação”, a fim de que não paire dúvidas no espírito dos nossos pacientes leitores. Está ela na página 290 do V. 1, assim redigida:

“Chegam dessa maneira (depois de passarem pelos reinos mineral, vegetal e animal sob a vigilância dos espíritos prepostos), numa progressão contínua, ao período preparatório do estado de espírito formado, isto é, ao estado intermédio da incarnação animal e do ESTADO ESPIRITUAL CONSCIENTE. Depois, vencido esse período preparatório CHEGAM AO ESTADO DE CRIATURAS POSSUIDORAS DO LIVRE ARBÍTRIO, com inteligência capaz de raciocínio, independentes e responsáveis pelos seus atos. Galgam assim o fastígio da inteligência, da ciência e da grandeza”.

Rogamos a atenção dos estudiosos para este passo do trecho transcrito: *DEPOIS, VENCIDO ESSE PERÍODO PREPARATÓRIO, CHEGAM AO ESTADO DE CRIATURAS POSSUIDORAS DO LIVRE ARBÍTRIO . . .*

Como conciliar-se essa “revelação” com aquela outra revelada pelos mesmos espíritos ao Sr. Roustaing e segundo a qual o Cristo presidiu a formação do nosso planeta, vale dizer, já era um espírito puríssimo e perfeito quando se formou a Terra, com seus reinos, mineral, vegetal e animal?

Então somos levados a supor a existência de outro ou

outros planetas formados muitos milênios antes da Terra, que a Terra possui, afim de que através deles, aquela "essência germen", se transformasse, milênios após naquela criatura possuidora do livre arbítrio, de raciocínio, e responsável pelos seus atos que foi o Cristo.

Logo o espírito que conhecemos com o nome de Cristo se não foi no planeta Terra que adquiriu a sua personalidade como Espírito conciente, dotado de livre arbítrio, teria sido, forçosamente, em um outro planeta, cuja criação se perde na poeira dos milênios.

Esse o nosso raciocínio.

Vejamos, agora, como as espíritos do Sr. Roustaing raciocinam para nos fazer crer que Jesús não foi humano.

Assim nos dizem.

"Atingindo o ponto de preparação para entrarem no reino humano, os espíritos se preparam de fato, EM MUNDO AD-HOC, para a vida espiritual conciente, independente e livre.

E' NESSE MOMENTO QUE ENTRAM NAQUELE ESTADO DE INOCÊNCIA E DE IGNORÂNCIA. A vontade do soberano Senhor lhes dá a consciência de suas faculdades e, por conseguinte, de seus atos, conciente que produz o livre arbítrio, a vida moral, a inteligência independente e capaz de raciocínio, a responsabilidade.

Chegando dêste modo à condição de espírito formado, DE ESPÍRITO PRONTO PARA SER HUMANIZADO SE VIER A FALIR, o espírito se encontra num estado de inocência completa, tendo abandonado, com os seus últimos invólucros animais, os instintos oriundos das exigências da animalidade".

E mais adiante:

"De posse do livre arbítrio, podendo escolher o caminho que prefiram seguir, os Espíritos SÃO SUBORDINADOS A OUTROS, prepostos ao seu desenvolvimento. E' então que a vontade os leva a enveredar por este caminho de preferência àquela. Galgado esse ponto, eles se mostram mais ou

menos dóceis aos encarregados de os conduzir a desenvolver.

A vontade, atuando então no exercício do livre arbítrio, traça uma direção boa ou má ao Espírito, que, dêste modo, pode falir ou seguir simplesmente e gradualmente o caminho que lhe é indicado para progredir. Muitos se transviam; alguns resistem aos arrastamentos do orgulho e da inveja".

Para o Sr. Roustaing, Jesús tendo sido dócil aos espíritos encarregados de o conduzir e desenvolver, enveredou pelo bom caminho, nunca falindo, pelo que não chegou a ser espírito humanizado.

E' o que iremos analisar, se Deus nos permitir.

XLI

O capítulo da obra do Sr. Roustaing que estamos estudando, sob a epígrafe — ORIGEM E FORMAÇÃO DOS ESPÍRITOS —, já o dissemos, é de capital importância como argumento decisivo para fortalecer ainda mais a segura conclusão a que chegamos, de ser um verdadeiro absurdo e uma inominável incoerência admitir-se que “Os Quatro Evangelhos” do Sr. J. B. Roustaing sejam uma “revelação” de ordem divina, e, conseqüentemente, uma obra complementar da “Terceira Revelação”, codificada pelo eminente missionário Allan Kardec.

E’ preciso, pois, que tenhamos a máxima atenção ao analisarmos essa passagem da obra em foco, não só porque assim o exige a delicadíssima natureza do assunto ventilado, como também pela sutileza com que agiram os “espíritos reveladores” para poderem assegurar a tese que defendem da infalibilidade do espírito que animou o corpo de Jesús, ou, segundo eles, do espírito puríssimo que animou o perispírito tangível com que Jesús apareceu na Terra e nela viveu, como os demais homens, durante longos 33 anos!

Não tenhamos pressa e façamos do nosso raciocínio, da nossa razão, que é o maior patrimônio que possuímos como homem, como criaturas de Deus, o uso devido.

Vejamos:

Diz o Sr. Roustaing à pág. 306 do 1.º vol., esta grande verdade:

“Sim, vós, nós, todos, todos, EXCETO AQUELE QUE FOI E SERÁ DESDE E POR TÔDA A ETER-

NIDADE, todos fomos, na nossa origem, essência espiritual, princípio de inteligência, Espírito em estado de formação; todos hemos passado por essas metamorfoses, por essas transfigurações e transformações da matéria, para chegarmos à condição de Espírito formado, de inteligência independente, capaz de raciocínio, com a consciência da sua vontade, das suas faculdades e de seus atos, por efeito do livre arbítrio; à condição de criatura independente livre e responsável”.

Esta a lei estabelecida pelo Criador, lei imutável e eterna.

Por ela se depreende que todos nós, sem exceção de nenhum espírito, para chegarmos “À CONDIÇÃO DE CRIATURA INDEPENDENTE, LIVRE E RESPONSÁVEL, tivemos necessidade de passar por sucessivas transformações e metamorfoses.

Acompanhemos agora com muita atenção, como os espíritos do Sr. Roustaing, habilissimamente contornaram a Lei, para “revelar” como o Cristo pôde chegar à condição de Espírito formado e evoluir até o estado de pureza em que se encontra, sem jamais ter passado POR AQUELA TRANSFORMAÇÃO NECESSÁRIA que dá ao espírito “a condição de CRIATURA independente, livre e responsável”.

Vimos que, segundo Roustaing, durante o longo período que leva a “essência espiritual” a se transformar em “espírito formado, pronto para entrar no reino humano, não possui ele livre arbítrio, inteligência independente capaz de raciocínio, consciência de suas faculdades e de seus atos.

Chegados a êsse ponto, isto é, quando já preparados para entrarem no reino humano, vejamos como se opera a preparação do espírito EM MUNDOS AD-HOC para a vida espiritual conciente.

Aquí o grande problema; o ponto culminante da questão.

Deixemos de lado o conhecimento dêsses “mundos ad-hoc” descobertos pelos espíritos do Sr. Roustaing sem contudo nos “revelarem” essa distinção ou que se deve compreender por “ad-hoc”, em se tratando de mundos componentes da criação divina. Continuemos.

E’ completa a inconsciência do espírito terminada a fase de preparação para entrar no reino humano, e isto porque,

como vimos, êle, nesse estado, não tem consciência, não tem responsabilidade. Aqui vai a prova:

“Quando se vos falou do Espírito no estado de infância, no estado, por conseguinte, de IGNORÂNCIA E DE INOCÊNCIA; quando se vos disse que o espírito era criado SIMPLES E IGNORANTE, tratava-se, está bem visto, da fase de preparação do espírito PARA ENTRAR NA HUMANIDADE” (fls. 294, *in fine*).

Agora o “processus” para o espírito atingir o estado de consciência que lhe permite raciocinar e tornar-se responsável pelos seus atos:

“Sob a direção e a vigilância dos espíritos prepostos, o Espírito formado se cobre dos fluidos que lhe comporão o invólucro que chamais PERISPÍRITO, corpo fluidico que se torna, para êle, o instrumento e o meio ou de realizar um progresso constante e firme, desde o ponto de partida daquele estado até que haja atingido a perfeição moral, que o põe ao abrigo de tôdas as quedas; ou de cair, caso em que o perispírito lhe será também instrumento de progresso, de reerguimento, mediante encarnações e reencarnações sucessivas, expiatórias a princípio e por fim gloriosas, até que atinja aquela perfeição moral”. pág. 295, *in fine*).

Quem há que possa de boa fé, com raciocínio e ânimo sereno, aceitar semelhante “revelação” explicativa da “origem e formação do Espírito”?

Se se estuda a origem e formação do Espírito, e os “espíritos reveladores” nos dizem que todos os espíritos, SEM EXCEÇÃO DE UM SO’, antes de possuírem o livre arbítrio, se acham em estado de “simples e ignorantes”, claro é que nenhum espírito em formação poderia se achar sob a direção e vigilância de “espíritos prepostos”, e isto pela simplíssima razão de que não havia, ainda, espíritos formados, com inteligência, livre arbítrio e responsabilidade para servirem de diretores vigilantes de espíritos prestes a entrarem na posse do livre arbítrio.

Se o processo é uno e se se aplica a todos os espíritos, êsses supostos espíritos vigilantes não podem constituir exceção.

Não nos esqueçamos que os Espíritos que transmitiram os Quatro Evangelhos ao Sr. Roustaing, estão revelando “A ORIGEM DO ESPÍRITO (no singular), DE SUAS FASES E TRAJETÓRIAS, DE SEUS DESTINOS, DESDE O INSTANTE INICIAL DA SUA EXISTÊNCIA, ATÉ AO EM QUE CHEGA À PERFEIÇÃO”, como o declaram sem a menor sombra de dúvida à pág. 288.

Vejamos, em prosseguimento, como adquire então o espírito a consciência de suas faculdades, consciência que produz o livre arbítrio, a vida moral, a inteligência independente e capaz de racocínio, a responsabilidade; enfim.

Aquí, a “revelação” dos espíritos atinge proporções descomunais de “sabedoria”, como veremos no nosso próximo artigo.

XLII

Estamos analisando o "processus" para formação dos espíritos, segundo o que foi revelado ao Sr. J. B. Roustaing, em "Os Quatro Evangelhos". Vimos que o Espírito, ou melhor, a essência espiritual, depois de haver passado por tôdas as fases de desenvolvimento através os reinos mineral, vegetal e animal, chega, finalmente, ao ponto de entrar no reino humano, isto é, atinge aquele desenvolvimento que lhe permite possuir a vida espiritual conciente, independente e livre.

Chegado a êsse ponto está o espírito em formação, *em estado de inocência e de ignorância*. Atentemos bem, na situação do espírito nessa fase da sua formação: êle está em estado de INOCÊNCIA e de IGNORÂNCIA, nada sabe, não tem responsabilidade, porque ainda não possui o livre arbítrio, nem consciência.

E como se opera essa transição de "Espírito em formação" para "Espírito formado" conciente, com livre arbítrio e responsável por seus atos? Aqui vai a extraordinária "revelação" dos espíritos do Sr. Roustaing:

"A vontade do soberano Senhor lhes dá a consciência de suas faculdades e, por consequência, de seus atos. CONCIÊNCIA QUE PRODUZ O LIVRE ARBITRIO, A VIDA MORAL, A INTELIGÊNCIA INDEPENDENTE E CAPAZ DE RACIOCÍNIO, A RESPONSABILIDADE".

Estupenda revelação!

Foi a vontade de Deus que deu consciência aos espíritos, tornando-os assim responsáveis pelos seus atos, em virtude do livre arbítrio produzido por essa "consciência" dada!

Temos, pois, o Espírito formado. Ele é, ainda, INOCENTE E IGNORANTE, não nos esqueçamos, mas já possui consciência, já tem livre arbítrio, já tem responsabilidade.

E', então, chegado o momento de possuir o espírito, o seu perispírito, que se torna para êle o instrumento e o meio de realizar o seu progresso.

Vejamos como é interessante mais êsse passo da "revelação" do Sr. Roustaing. Lá está, à pág. 296, do 1.º volume:

"Ao sair do estado intermediário, que precede à vida do livre pensador, para entrar na posse do livre arbítrio, o Espírito organiza a sua constituição fluídica, isso a que chamais perispírito e que é, para nos servirmos de uma expressão que vos seja compreensível, o seu "TEMPERAMENTO", havendo entre êsse e o temperamento humano a diferença de que êste, aos vossos olhos, independe do gênero de Espírito que o corpo encerre, ao passo que O TEMPERAMENTO FLUÍDICO E' RESULTADO DAS TENDÊNCIAS DO ESPÍRITO.

Mas, ousamos perguntar, se o Espírito ainda está INOCENTE E IGNORANTE, como acabamos de ver, como pôde o Espírito ter TENDÊNCIAS capazes de formar o que os espíritos do Sr. Roustaing chamam de "temperamento fluídico"?

Que coisa vem a ser temperamento fluídico?

São questões essas que dariam verdadeiras monografias para quem as quisesse discutir. Esse não é o nosso intuito. O que objetivamos é tão somente mostrar as contradições e as incoerências que se contêm em "Os Quatro Evangelhos" do Sr. J. B. Roustaing, e que constitue uma verdadeiro absurdo e uma intolerável audácia o querer-se considerá-los parte integrante e complementar da "Terceira Revelação" codificada pelo emérito missionário que foi o Sr. Allan Kardec.

Encontramos, adiante, à pág. 308 uma outra explicação —, não menos interessante, mas sem dúvida muito mais confusa e incompreensível —, de como se forma o perispírito.

E' assim:

"Suficientemente desenvolvido no estado animal, o Espírito é, DE CERTO MODO, (?) restituído ao todo universal, mas em condições especiais (?) :

é conduzido aos mundos "ad-hoc", às regiões preparativas, pois que lhe cumpre achar o meio onde se elaboram os princípios constituídos do perispírito. Fraco raio de luz, ele se vê lançado numa massa de vapores que o envolvem por todos os lados. Aí PERDE A CONCIÊNCIA DO SEU SER, porquanto a influência da matéria tem que se anular no período da estagnação, e cai num estado que chamaremos, para que nos possais compreender, de letargia. Durante esse período, o perispírito (?) destinado a receber o princípio espiritual, se desenvolve, se constitui, ao redor daquela centelha de verdadeira vida — toma a princípio uma forma indistinta, depois se aperfeiçoa gradualmente como o germen no seio materno (?) e passa por todas as fases do desenvolvimento. Quando o invólucro está pronto para contê-lo, o Espírito sai do torpor em que jazia e solta o seu primeiro brado de admiração. Nesse ponto, o perispírito é completamente fluidico, mesmo para nós. Tão pálida é a chama que ele encerra, a essência espiritual da vida, que os nossos sentidos, embora sutilíssimos, dificilmente a distinguem. Esse o estado de infância espiritual.

E' então que os altos Espíritos que presidem à educação dos que se encontram assim no estado DE SIMPLICIDADE, DE IGNORÂNCIA, DE INOCÊNCIA, os encaminham para as esferas fluidicas onde deverão ficar durante o seu desenvolvimento moral e intelectual até ao momento em que se achem no uso completo de suas faculdades, e, portanto, em condições de escolher o caminho pelo qual enveredam".

Como se vê, não é fácil compreender-se tão complexa e confusa explicação. Como "revelação", nada revela, emaranha, apenas.

E é assim, segundo a "Revelação da Revelação" transmitida ao Sr. Roustaing, que aquela "essência espiritual" formada de fluido universal vitalizado pela vontade do Criador, chega, afinal, a ser um Espírito formado, com o seu perispírito, seu livre arbítrio, sua consciência, depois de haver percorrido, através milênios, todos os reinos da natureza e ainda os planos intermediários, MAS SEM TER NUNCA INGRESADO NO REINO HOMINAL.

Deduz-se, pois, que Deus não criou os espíritos para serem humanos. A condição de "ser humano" não é, segundo a "Revelação" do Sr. Roustaing, uma das transformações por que passam os espíritos para atingir a perfeição para que foram criados!

Pertencer ao gênero humano não está nos desígnios de Deus, está na VONTADE dos espíritos!

Os mundos materiais foram criados para embelezamento dos espaços e contemplação do Criador, porque os Espíritos criados simples e ignorantes poderão chegar à perfeição e a serem sábios sem jamais habitarem mundos materiais como seres humanos.

São conclusões essas impostas pelo raciocínio, pela análise das "revelações" roustainianas.

E não deixa de causar a mesma admiração, mesmo pasmo, esta outra denunciadora afirmativa, constante, repetida a cada passo, feita por esses Espíritos que o Sr. Roustaing supõe ser o dos evangelistas Mateus, Marcos, Lucas e João: — a de que a origem e formação do Espírito TEVE A ASSIS-TÊNCIA E A COLABORAÇÃO DE ESPÍRITOS PREPOSTOS!

Alinhemos a documentação dessa nossa assertiva:

"Sob a vigilância dos Espíritos prepostos" os princípios primitivos do espírito em germen sofrem as transformações sucessivas pelos reinos mineral, vegetal e animal (pág. 290);

"por força de uma ação magnética, dirigida e fiscalizada pelos espíritos prepostos" a essência espiritual que residia nas paredes do mineral é transportada para outro ponto (pág. 291);

"sob a direção e vigilância dos Espíritos prepostos", o Espírito em formação chega a adquirir a "consciência" de ser (pág. 293);

"sob a direção e vigilância dos Espíritos prepostos" o Espírito formado se cobre dos fluidos que lhe comporão o invólucro que chamais — perispírito (pág. 295);

"os Espíritos são subordinados a outros, prepostos ao seu desenvolvimento", quando de posse do livre arbítrio (pág. 297);

"pela ação dos Espíritos prepostos" congregam os ele-

mentos que formarão o meio cósmico do planeta onde a incarnação de espíritos se há de operar (pág. 299); e, ainda,

“sob a direção e vigilância dos Espíritos prepostos”, o Espírito atrai os elementos destinados a lhe fornecerem o invólucro material (pág. 299).

Podemos, pois, repetir mais uma vez: essa, a estranha e denunciadora forma adotada pelos Espíritos do Sr. Rousstaing, de “revelarem” a origem e formação do Espírito, por intermédio de Espíritos já formados, cuja origem e formação ele não nos diz.

E’ espantoso!

XLIII

Como vimos da citação feita no nosso estudo anterior, o Espírito acha-se, ainda, no estado de simplicidade, de ignorância, de inocência. Chegado a este estado, diz o Sr. Rousstaing:

*“os guias protetores ensinam ao Espírito o que é o livre arbitrio que Deus lhe concede, explicam o uso que dele pode fazer e o concitam a se ter em guarda contra os escolhos com que venha a depa-
rar. O reconhecimento e o amor devidos ao Grande Ser constituem o objeto da primeira lição que o Espírito recebe. Levam-no depois, gradualmente, ao estudo dos fluidos que o cercam, das esferas que descortina.*

Conduzido por seus prudentes guias, passa às regiões onde se formam os mundos, AFIM DE LHES ESTUDAR OS MISTÉRIOS. Desce, enfim, às regiões inferiores, afim de APRENDER A DIRIGIR OS PRINCÍPIOS ORGÂNICOS DE TUDO o que é em qualquer dos reinos da natureza. Daí vai a esferas mais elevadas onde aprende a dirigir os fenômenos atmosféricos e geológicos que observais sem compreender. Assim é que, de estudo em estudo, de progresso em progresso, o Espírito adquire a ciência que, infinita, o aproximará do Mestre supremo”.

E assim, segundo a “Revelação” recebida pelo Sr. Rousstaing, o Espírito faz o seu completo progresso, adquirindo a ciência que é infinita e que o aproximará do Mestre supremo.

Vê-se, mais, que toda essa trajetória o Espírito a faz con-

duzido e sob a assistência dos "seus prudentes guias". Não há necessidade de passar pela escala humana. Tudo se processa no espaço e sob a direção dos espíritos prepostos.

Até aqui não temos sequer conhecimento da existência do homem, do ser humano. E como aparece ele na Criação? Segundo Roustaing, como punição de uma falta cometida pelo Espírito quando fazia a sua evolução no espaço; segundo Kardec, como uma necessidade para a evolução do espírito, por isso que o reino hominal é também, um dos élos da grande cadeia que o Espírito atravessa para atingir a sua perfeição.

Essa tese sustentada pelos espíritos que "revelaram", ao Sr. Roustaing os "Quatro Evangelhos", é de suma importância, porque é uma das colunas mestras em que se apoia toda a obra roustainiana, que sustenta a **INFALIBILIDADE DOS ESPÍRITOS**.

Não abordaremos hoje a solução desse profundo e transcendente problema cuja análise completa não caberia nestas colunas, pois é assunto para uma monografia a ser feita pelos doutos e pacientes investigadores da ciência da alma e da origem das coisas e dos mundos.

O nosso objetivo com o estudo que vimos fazendo, é tão somente, evidenciar, repetimos, que "Os Quatro Evangelhos" do Sr. Roustaing não podem ser tidos como uma "Revelação" de ordem divina, e, muito menos, uma obra complementar da "Terceira Revelação" codificada por Allan Kardec.

Vejamos, então, a origem do homem, segundo Roustaing. Assim está construída a concepção roustainiana:

Os espíritos, durante o longo aprendizado para a conquista daquela ciência e daquela pureza que constituirão para eles a perfeição, ou se mantêm sempre dóceis aos seus guias, desenvolvendo sempre e cada vez mais as suas aptidões sem jamais cair em erro, sem jamais deixar-se arrastar pelo orgulho, pela vaidade ou por qualquer outro sentimento inferior até chegar à perfeição, sem jamais falir, como o Cristo e muitos outros Espíritos a ele iguais em amor e sabedoria, — ou se transviam.

Entre os que se transviam, há os que logo ao ensaiarem os primeiros passos no curso de seu desenvolvimento "teimam em fazer mau uso do livre arbítrio e se tornam obstinadamen-

te orgulhosos, presunçosos, invejosos, indóceis aos seus guias, contra os quais se revoltam".

Outros, porém, só se transviam "depois de terem sido por largo tempo, POR SÉCULOS, dóceis aos espíritos incumbidos de os guiar e desenvolver; depois de haverem trilhado, até certo ponto mais ou menos avançado do desenvolvimento moral e intelectual, a senda do progresso que lhes era indicada". Estes desprezam os conselhos que lhes são dados e, inebriados pela visão dos esplendores que cercam os altos Espíritos, "**DEIXAM QUE O ORGULHO OU A INVEJA OS EMPOLGUEM**".

E agora, transcrevemos o que acontece aos espíritos que se transviam, espíritos esses que, como vamos ver, irão formar o gênero humano, que nunca existiria se não fosse o falimento do espírito quando no seu aprendizado no espaço. Aqui temos:

"Esses Espíritos presunçosos e revoltados, cuja queda os leva às condições mais materiais da humanidade, SÃO ENTÃO HUMANIZADOS, isto é, para serem domados e progredirem sob a opressão da carne, incarnam em mundos primitivos, AINDA VIRGENS DO APARECIMENTO DO HOMEM, mas preparados e prontos para essas encarnações. Incarnam em SUBSTÂNCIAS HUMANAS, às quais não se pode dar propriamente o nome de "corpos".

E que vêm a ser essas "substâncias humanas" existentes nos mundos primitivos preparados e prontos para as primeiras encarnações dos Espíritos que faliram?

"**SÃO CORPOS RUDIMENTARES**", disseram os espíritos ao Sr. Roustaing. E sem maiores explicações distinguem nesses corpos rudimentares O MACHO E A FÊMEA (!!) que não são nem desenvolvidos, nem fortes nem inteligentes!

E, finalmente, para se saírem inteligentemente da dificuldade que eles próprios criaram, assim concluem, sumariamente, os espíritos do Sr. Roustaing:

"O Espírito vai habitar corpos formados de substâncias contidas nas matérias constitutivas do planeta. Esses corpos não são aparelhados como os vossos, porém os elementos que os compõem se acham dispostos por maneira que o Espírito os pos-

sa usar e aperfeiçoar. Podeis formar idéia da criação humana, estudando essas larvas informes que vegetam em certas plantas, particularmente nos lírios. SÃO UMA MASSA, QUASI INERTE, DE MATÉRIAS MOLES E POUCO AGREGADAS, QUE RASTEJA. OU ANTES, DESLISA, TENDO OS MEMBROS, POR ASSIM DIZER, EM ESTADO LATENTE.

E agora, para admiração de todos e espanto dos que não se deixam levar pelas aparências das coisas ou pelas lendas mais ou menos bem urdidas, eis mais uma das muitas inconcebíveis afirmativas desses Espíritos que dessa forma “revelaram” ao Sr. Roustaing “a origem e formação do Espírito desde o instante inicial da sua existência, até ao em que chega à perfeição”. Assim está ela, enfaticamente redigida:

Eis, oh! homem, a tua origem, o teu ponto de partida, quando o orgulho, a inveja, o ateísmo. SURGINDO MESMO NO CENTRO DA LUZ, a indocilidade e a revolta te fizeram falir em condições que exigem a primitiva incarnação humana”.

Veremos, no próximo estudo, quando é que o Espírito cai em falência vítima do orgulho, da inveja e do ateísmo, de forma a merecer a punição de se incarnar, como homem, em um mundo primitivo.

E constataremos, sem dúvida, novas surpresas, novas contradições.

XLIV

Continuemos a apreciar com a necessária atenção, e sobretudo com a ajuda segura de um claro raciocínio, como, segundo o Sr. Roustaing, os Espíritos já formados, isto é, com consciência, com inteligência, possuidores do livre arbítrio e, consequentemente, responsáveis pelos seus atos, vêm a falir, tornando-se “Espíritos de trevas” (sic) e, assim, sujeitos a se incarnarem em corpos humanos para expiação de suas culpas.

São três as causas que podem levar o Espírito a falir: — o Orgulho, a Inveja e o Ateísmo! diz, Roustaing, à pág. 311 do 1.º volume. E assim as explica:

“Já tendo grande poder sobre as regiões inferiores cujo GOVERNO APRENDEM A EXERCER, no sentido de que, sempre sob as vistas dos Espíritos prepostos à missão de educá-los e sob as do protetor especial do planeta de que se trate, aprendem a dirigir a revelação das estações, a regular a fertilidade do solo, A GUIAR OS INCARNADOS, influenciando-os ocultamente, muitos acreditam que só ao merecimento próprio devem o que podem e, desprezando todos os conselhos, caem. E’ a queda pelo orgulho”.

Raciocinemos, paciente leitor:

Vimos, em estudos anteriores, que os Espíritos, uma vez “formados”, isto é, possuindo o livre arbítrio, entram na fase da “infância espiritual” e são, então, guiados pelos tais espíritos prepostos, cuja origem não nos explica o Sr. Roustaing;

depois desse aprendizado, e só depois, quando eles já têm *grande poder* sobre as regiões inferiores; quando já sabem governar, quando já se acham com capacidade moral e intelectual para "GUIAR OS OUTROS ESPÍRITOS" incarnados nas regiões inferiores; quando finalmente, já conseguiram todo esse progresso que certamente, consumiu muitos anos, talvez mesmo séculos, O ORGULHO os empolga por terem eles, espíritos, atribuído a si próprios, ao seu valor pessoal, todo o seu poder de realização!

Deixemos de lado, por enquanto, a hipótese de ser admissível a queda por orgulho, em se tratando de espíritos que nunca incarnaram e que já alcançaram a evolução de poderem governar regiões e guiar espírito incarnados.

Vejamos, primeiramente, o que acontece, segundo o Sr. Roustaing, a esses espíritos que faliram por orgulho:

.....
"São, então, humanizados, isto é, para serem domados e progredirem sob a opressão da carne, incarnam em mundos primitivos, ainda virgens do aparecimento do homem, mas preparados e prontos para essas encarnações. Incarnam em substâncias humanas às quais não se pode dar, propriamente, o nome de "corpos".

E' certo que os espíritos do Sr. Roustaing, mais adiante, à pág. 300, admitem também a seguinte hipótese, que exclue a encarnação em mundos primitivos. Dizem eles:

"Entre os que se transviam, muitos há, também, cujo transviamento só se dá depois de terem sido por longo tempo, POR SÉCULOS, dóceis aos Espíritos incumbidos de os guiar e desenvolver, depois de haverem trilhado, até certo ponto mais ou menos avançado de desenvolvimento moral e intelectual, a senda do progresso que lhes era indicada. Esses INCARNAM EM PLANETAS MAIS OU MENOS INFERIORES, mais ou menos elevados, conforme ao grau de culpabilidade, afim de sofrerem uma encarnação mais ou menos material, mais ou menos fluídica, apropriada e proporcionada à falta cometida e às necessidades do progresso, atenta a elevação espiritual".

Temos então, duas hipóteses: ou a primeira encarnação do espírito no reino hominal se realiza em "mundos primitivos ainda virgens do aparecimento do homem, mas preparados e prontos para receberem essas encarnações", ou a primeira encarnação do espírito no reino hominal se efetua em mundos "mais ou menos inferiores, mais ou menos elevados".

Quais os espíritos que têm a sua primeira encarnação em mundos primitivos?

— *"os que teimam em fazer mau uso do livre arbítrio e se tornam obstinadamente orgulhosos, presunçosos, invejosos, indóceis aos seus guias, contra os quais se revoltam".* (pág. 299).

Quais os espíritos que têm a sua primeira encarnação em mundos mais ou menos inferiores, mais ou menos elevados?

— *os que cujo transviamento só se dá depois de terem sido por longo tempo, por séculos, dóceis aos Espíritos incumbidos de os guiar e desenvolver; depois de haverem trilhado, até certo ponto MAIS OU MENOS AVANÇADO DE DESENVOLVIMENTO MORAL E INTELECTUAL A SENDA DO PROGRESSO que lhes era indicada".*

Mas então, temos, indubitavelmente, duas formas distintas para explicar o aparecimento do primeiro homem, do primeiro "ser humano", em qualquer planeta de ordem material.

A primeira delas é a que nos diz que o Espírito encarna "em substâncias humanas" cujos elementos se acham esparsos na imensidade e que pela ação dos Espíritos prepostos a tal missão, se congregam no meio cósmico do planeta onde a encarnação se há de operar.

A segunda, é a que nos pretende ensinar que nos planetas MAIS OU MENOS inferiores, MAIS OU MENOS elevados, a encarnação é MAIS OU MENOS material, MAIS OU MENOS fluídica, segundo a primeira falta cometida pelo espírito e de acordo com a sua elevação espiritual.

Mas essa orientação, propugnada pelos espíritos que transmitiram ao Sr. Roustaing a obra "Os Quatro Evangelhos", vem, indubitavelmente, pôr em cheque o indiscutível princípio da UNIDADE da criação divina.

E isto não pode ser.

Por que essa discrepância?

Se a essência espiritual em sucessivas e ininterruptas transformações através o reino mineral, o vegetal e o animal adquiriu vida, forma e instinto, por que não se admitir que, da mesma forma e sob o mesmo *processus*, não passasse ela do reino animal para o hominal, aí, adquirindo raciocínio e livre arbítrio para prosseguir na senda de sua evolução até tornar-se espírito puro, perfeito em sabedoria e em virtudes?

E para terminar, uma observação nos ocorre: Será justo que um espírito que por ignorância fez mau uso do seu livre arbítrio, depois de possuir o raciocínio, a vontade, e de ter consciência de que é um espírito formado, se veja, por castigo, reduzido a "uma massa quase inerte, de matérias moles e pouco agregadas, que rasteja ou antes desliza, tendo membros, por assim dizer em estado latente", como nos diz o Sr. Roustaing, serem os corpos desses espíritos nos mundos primitivos?

De que valeria para ele essa primeira incarnação como expiação, como resgate?

De nada, evidentemente. Porque nesse estado nada o espírito aprende que possa trazer-lhe o corretivo à falta praticada e que lhe originou a incarnação. Para que ele aprenda e se corrija, serão precisas outras e muitas outras reencarnações. Mas a reencarnação é sempre a consequência de uma reincidência. Poder-se-á dizer que a primeira reencarnação de um espírito após a sua incarnação num mundo primitivo seja a consequência de uma nova falta cometida por esse espírito na sua anterior e primeira incarnação?

Estarão com a verdade os espíritos do Sr. Roustaing, quando afirmam que o aparecimento do "ser humano" em qualquer dos mundos da Criação, se deu em consequência de uma desobediência do espírito quando em aprendizado na vida espiritual?

Busquemos a resposta na razão esclarecida.

XLV

Segundo a teoria exposta pelo Sr. Roustaing em "Os Quatro Evangelhos", uma vez formado o espírito, isto é, quando ele passa a ter consciência e adquire a posse do livre arbítrio, a sua evolução se faz no plano espiritual, auxiliado por espíritos prepostos que o instruem no conhecimento de todas as coisas e lhe desenvolvem ao mesmo tempo todos os sentimentos até se tornar um espírito perfeito, um espírito puro. Esta é a regra geral, para o Sr. Roustaing. E' a lei. Não há, pois, necessidade de habitar o espírito os mundos materiais para fazer neles o seu aprendizado. Como espírito, envôlto no seu próprio perispírito formado de fluidos sem nunca ter possuído um corpo humano, galga ele toda a imensa escala da evolução até chegar a ser um espírito puro, perfeito, quer quanto ao seu progresso moral, quer quanto ao seu progresso intelectual.

Mas, como poderá o espírito simples e ignorante se transformar em espírito perfeito, puro, capaz de conhecer na imensidade todos os fluidos, todas as suas propriedades, todos os seus efeitos, todas as combinações e transformações, todos os modos de empregá-los, todos os segredos da vida e da harmonia universais nos mundos superiores, ainda os mais elevados, como nos inferiores; de conhecer a formação, a produção e a manifestação, *a priori*, de todos os seres em todos os mundos superiores e inferiores, conhecer, enfim, tudo isso e mais auxiliar a formação de novos mundos, organizá-los e dirigí-los em todas as suas fases de desenvolvimento e progresso, sem nunca ter vivido em um mundo material, sem sentir as exigências da matéria, a necessidade da luta e a experiência que o trabalho proporciona?

Será possível conceber-se um perfeito químico sem que

jamais houvesse ele penetrado em um laboratório, para de experiência em experiência descobrir as portentosas maravilhas com que a química contribue para o progresso da humanidade?

Não nos parece. Como também não pareceu ao Sr. Allan Kardec e aos Espíritos superiores que lhe ditaram a Terceira Revelação.

Sem a incarnação humana, impossível se torna ao espírito conquistar o estado de perfeição moral e intelectual. E' o que se aprende em Kardec, como se poderá ver no "Livro dos Espíritos", Cap. II, sob a epígrafe: *FIM DA INCARNAÇÃO*:

"132 — Qual é o fim da incarnação dos espíritos? — "Deus impõe-lh'a com o fim de os fazer chegar à perfeição; para uns é uma expiação, para outros uma missão. Mas, para atingirem essa perfeição os Espíritos DEVEM PASSAR POR TODAS AS VICISSITUDES DA EXISTÊNCIA CORPORAL; é nisso que está a expiação. A incarnação tem ainda um outro fim: o de colocar o Espírito nas condições de executar a sua parte na obra da criação; é para essa execução que ele toma, em cada mundo, um aparelho em harmonia com a matéria essencial desse mundo, para nele, sob este ponto de vista, cumprir as ordens de Deus; de modo que, ao mesmo tempo que concorre para a obra geral, caminha para o seu próprio aperfeiçoamento".

Aí está o que revelaram os Espíritos ao Sr. Allan Kardec. A incarnação dos espíritos é uma necessidade para que eles atinjam a perfeição.

Mas, Kardec, como que intuitivo de que, 4 anos após, viriam outros espíritos dizer ao Sr. Roustaing que a incarnação não era uma "necessidade", mas sim um "castigo" para os espíritos que faliram por desobediência, orgulho ou vaidade, — formulou logo a seguir esta formal pergunta:

"133 — Os espíritos que, desde o princípio, seguiram o caminho do bem, necessitam da incarnação?"

E os espíritos que o assistiam, dentre os quais se achava

João, o Evangelista — e que, segundo o Sr. Roustaing, também foi um dos que lhe ditaram a "Revelação da Revelação" —, assim lhe responderam:

— "Todos são criados simples e ignorantes; INSTRUEM-SE NAS LUTAS E TRIBULAÇÕES DA VIDA CORPORAL. Deus que é justo, não podia fazer alguns felizes, sem penas e sem trabalho, e, por consequência, sem merecimentos".

E replicou, ainda, Kardec:

— De que serve então ao espírito ter seguido o caminho do bem, se isso o não isenta dos sofrimentos da vida corporal?

E os espíritos responderam:

— "Chegam mais depressa ao fim; demais, os sofrimentos da vida são muitas vezes a consequência das imperfeições do Espírito; quanto menos imperfeições ele tem, menores são os seus tormentos; aquele que não é invejoso, nem ciumento, nem avaro, nem ambicioso, não pode sofrer a consequência desses defeitos".

Este é o ensino dos Espíritos, dado ao Sr. Kardec, repetimos, em 1857.

No entanto, em 1861, os espíritos que revelaram ao Sr. Roustaing "Os Quatros Evangelhos" ou a chamada "Revelação da Revelação", dentre os quais, é bom que se saiba, também se diz que se achava João, o Evangelista, afirmaram o seguinte:

Não; a incarnação humana não é uma necessidade, é um castigo, já o dissemos. E o castigo não pode preceder a culpa.

O espírito NÃO E' HUMANIZADO antes que a primeira falta o tenha sujeitado à incarnação humana. Só então ele é preparado, como igualmente já o mostramos, para lhe sofrer as consequências". (Vol. 1.º, pág. 317).

E mais adiante, à página 320, repisando e reafirmando autoritariamente, assim sentenciam doutoralmente:

“Errôneo, ao contrário, é admitir-se que a incarnação humana seja uma necessidade, tanto para o espírito que, investido do livre arbítrio no estado de inocência e de ignorância, jamais faliu por fazer dele mau uso; que, dócil aos seus guias, trilha o caminho que eles lhe indicam para progredir; como para aquele que, indócil, rebelde e revoltado, faliu por usar mal desse mesmo livre arbítrio.

Errôneo, ao contrário, é admitir-se que a incarnação humana não seja, em princípio, UM CASTIGO, por efeito de uma culpa que o tornou necessário”.

E agora, diante disto que acabamos de transcrever, que digam os homens de bom senso, imparciais e justos, se se pode dizer de boa fé, que a teoria apresentada pelo Sr. J. B. Roustaing NÃO CONTRARIA os princípios doutrinários expostos na Terceira Revelação codificada pelo Sr. Allan Kardec !

E por que Roustaing diverge de Kardec, sustentando não ser uma necessidade a incarnação humana ?

Unicamente para poder sustentar o corpo fluídico de Jesus, senão, mesmo, a sua divindade !

Esta a verdade !

XLVI

Vimos no estudo anterior que os Espíritos que “revelaram” ao Sr. Roustaing a “Revelação da Revelação”, sustentam ser a incarnação humana um CASTIGO e não uma NECESSIDADE para a evolução do espírito, como revelaram a Kardec os Espíritos que lhe ditaram a Terceira Revelação.

Ressaltamos essa flagrante divergência, transcrevendo os respectivos trechos das obras em estudo, para que se não alegue estarmos falseando a verdade.

E porque a Verdade é sempre a Verdade, e por mais que os homens se esforcem por ocultá-la ou mesmo ofuscar-lhe o brilho, jamais o conseguirão, porque ela se manifesta sempre, mesmo dentro de todos os artifícios e ardis com que os homens a tentam ocultar, vamos mostrar aos nossos pacientes leitores, como o próprio Sr. Roustaing, ou os espíritos que o assistiram, sem o quererem, deixam entrever do próprio enunciado de suas conclusões a verdade que julgam poder ocultar.

Assim é que depois de pontificar senhorilmente que

“errôneo, ao contrário, é admitir-se que a incarnação humana seja uma necessidade, tanto para o espírito que, investido do livre arbítrio no estado de inocência e de ignorância jamais faliu por fazer dele mau uso; que dócil aos seus guias, trilha o caminho que eles lhe indicam para progredir; como para aquele que, indócil, rebelde e revoltado, faliu por usar mal desse mesmo livre arbítrio”.

logo após, na página seguinte, que é a 321, nos diz:

"A incarnação E' UMA NECESSIDADE para o Espírito em estado de formação, E' INDISPENSÁVEL ao seu progresso, ao seu desenvolvimento, COMO MEIO DE LHE PROPORCIONAR E AMPLIAR PROGRESSIVAMENTE A CONCIÊNCIA DE SER, O QUE ELE NÃO LOGRARIA SENÃO PELO CONTACTO COM A MATÉRIA. E' A UNIÃO DESSES DOIS PRINCÍPIOS QUE DA' LUGAR AO DESENVOLVIMENTO INTELECTUAL".

Ora, aqui, como vemos, o Sr. Roustaing acha que a incarnação E' UMA NECESSIDADE INDISPENSÁVEL para proporcionar e ampliar progressivamente a "consciência de ser" do espírito em formação. Mas, replicamos nós, o Espírito em formação, segundo as suas repetidas afirmações, NÃO TEM, AINDA, CONCIÊNCIA DO SEU SER, pois que esta só ele a adquire quando possuir livre arbítrio. Se, pois, o Espírito em formação não tem ainda consciência do seu ser, e se, por outro lado, o Sr. Roustaing admite ser a incarnação uma NECESSIDADE INDISPENSÁVEL como meio de ampliar progressivamente a "consciência de ser" do Espírito, forçoso é concluir-se que esta segunda afirmativa destrói ou anula a primeira que nega ser uma necessidade a incarnação dos espíritos para a realização do progresso que lhes cumpre conquistar.

Dissemos que o Sr. Roustaing repetidamente afirma que o Espírito "em formação" não tem consciência do seu ser, e como é, justamente, nisso que firmamos o nosso raciocínio, vamos citar onde se acham essas afirmativas do Sr. Roustaing. Vejamos:

"A essência espiritual, nesse estado (quando "anima" o mineral) se MANTÉM INCONCIENTE DE SEU SER. Ela é, eis tudo". (pág. 291).

"No estado então de simples essência de vida, ABSOLUTAMENTE INCONCIENTE DO SEU SER, ela constrói o mineral, a pedra, o minério, etc..." (pág. 291).

"Quanto MAIS INCONCIENTE é o espírito em estado de formação, tanto mais, direta e incessante é a ação desses Espíritos". (pág. 291).

"Depois de haver passado por essas formas e espécies intermediárias, que se ligam entre si numa

progressão contínua, e de se haver, sob a influência da dupla ação magnética que operou a vida e a morte nas fases de existências já percorridas, preparada para sofrer no vegetal a prova que a espera, da sensação, a essência espiritual, ESPÍRITO EM ESTADO DE FORMAÇÃO, passa ao reino vegetal. E' um desenvolvimento, MAS AINDA SEM QUE O "SER" TENHA CONCIÊNCIA DE SI". (pág. 292, in fine, e 293).

"Repetimos: há sensação. NÃO HA CONCIÊNCIA nem sofrimento. E' um abalo magnético o que a árvore experimenta (quando dela se retira um galho), abalo que PREPARA o espírito em estado de formação para o DESENVOLVIMENTO DO SEU SER". (pág. 293).

"Sempre em estado de formação, pois que NÃO POSSUE AINDA livre arbítrio, inteligência independente capaz de raciocínio, consciência de suas faculdades e de seus atos, o Espírito, sem sair do reino animal, etc..." (pág. 294).

"Atingindo o ponto de preparação para entrarem no reino humano, os Espíritos SE PREPARAM, de fato, em mundo "ad hoc", para a vida espiritual CONCIENTE, INDEPENDENTE E LIVRE". (pág. 295).

Creemos que diante dos trechos transcritos, podemos com segurança afirmar que os espíritos que ditaram a obra do Sr. Roustaing ao revelarem "a origem do Espírito, de suas fases e trajetórias, de seus destinos, desde o instante inicial da sua existência, até ao em que chega à perfeição" (pág. 288), não foram muito cautelosos na exposição dos motivos que deveriam alicerçar a estranha, absurda e inconcebível teoria, segundo a qual o Espírito pode ascender à perfeição sideral sem jamais se haver humanizado, porque, criado simples e ignorante, nunca faliu em toda a sua imensa trajetória, tão grande, tão extensa que não podemos conceber quantos milênios se escoaram na ampolheta do tempo para a sua realização.

E cumpre não esquecer que "Os Quatro Evangelhos" não são o produto da cultura de um homem que se chamou J. B. Roustaing, mas sim uma obra ditada pelos espíritos que dis-

seram ser Mateus, Marcos, Lucas e João e por eles declarada como sendo uma "Revelação" de ordem divina.

Ora, é admissível a existência de tantas incongruências e contadições, como as que já mostramos existir nas páginas percorridas, em se tratando de uma Revelação divina?

Pode-se lá admitir que se pretenda a aceitação de semelhante obra como sendo parte integrante e complementar da Terceira Revelação codificada pelo insigne missionário que foi o Sr. Allan Kardec?

Que digam os que já podem deduzir e concluir.

XLVII

Ainda em torno da questão relativa à encarnação dos espíritos, diz o Sr. Roustaing à pág. 325, do 1.º volume da sua obra "Os Quatro Evangelhos" que estamos estudando a convite do Sr. Fred. Figner, um dos mais convictos defensores dessa mesma obra que, por uma insistente propaganda, pretende a Federação Espírita Brasileira considerá-la como parte integrante e complementar da Terceira Revelação, codificada pelo insigne codificador Sr. Allan Kardec:

"Os mundos se multiplicam ao infinito. A multiplicidade e a multiplicação deles vos deslumbriam. Dentro do quadro acanhado da vossa inteligência não há o que vos possibilite compreender-lhes a extensão numérica. Ainda mais numerosos, todavia, são os Espíritos.

Estes, QUER TENHAM FALIDO, QUER NÃO, chegando a um certo grau de desenvolvimento moral e intelectual, são atraídos para o ESTUDO DOS MUNDOS, DE SEUS PRINCÍPIOS, DE SUAS ORGANIZAÇÕES, e se entregam a esses estudos dirigidos por espíritos de pureza perfeita. Sob essa direção eles trabalham NA CONSTITUIÇÃO DE PLANETAS (?) OS DESENVOLVEM E IMPELEM, DE ESFERAS EM ESFERAS, para as regiões que lhes são próprias. ESSE O MOMENTO EM QUE MUITOS SE TRANSVIAM, DOMINADOS PELO ORGULHO que os leva a desconhecer a mão diretora do Senhor, ou a duvidar do seu poder, duvidando de suas próprias forças. SOA, ENTÃO A HORA DA INCARNAÇÃO HUMANA correspondente ao delito. Em tal

caso, o planeta, que não pode ficar sujeito a perecer por lhe faltar o primitivo obreiro, continua sua marcha progressiva SOB OS CUIDADOS E A AÇÃO DE UM ESPÍRITO SUPERIOR QUE VEM SUBSTITUIR AQUELE QUE FALIU".

Que os mundos se multiplicam ao infinito, e que mais numerosos que os mundos são os espíritos, é uma verdade.

Nesse ponto estamos de acordo com o Sr. Roustaing, e com os espíritos que lhe ditaram a obra. Também nunca afirmamos que ela só contivesse contradições e absurdos. Obra de espíritos inteligentes, não pode deixar de ter em meio do seu texto, algumas verdades, algumas proposições aceitáveis. Isto é claro e bem se compreende, porque só assim poderia ela ter merecido a atenção dos que a aceitam, esquecidos de que, a maior característica de uma "revelação de ordem divina" é não conter ela a mínima discrepância com a verdade, por isso que, como disse Kardec, "toda a revelação eivada de erros ou sujeita à mudança não pode emanar de Deus".

Ao lado, porém, dessa declaração sobre a multiplicidade dos mundos, já de há muito proclamada por Kardec e outros estudiosos da doutrina, encontramos no trecho transcrito uma "revelação" que muito vem aumentar o acervo de argumentos que põem em cheque a obra do Sr. Roustaing, como sendo uma "REVELAÇÃO DA REVELAÇÃO".

Vejamos:

Segundo a citação transcrita, os Espíritos que nunca faliram, quando atingem a "um certo grau de desenvolvimento moral e intelectual", trabalham "sob a direção de Espíritos de pureza perfeita" na "constituição de planetas", desenvolvendo-os e impelindo-os de esferas em esferas, para as regiões que lhes são próprias.

Ora, parece-nos que, quando um espírito chega a conquistar um progresso moral e intelectual que lhe permite merecer o grandioso trabalho de constituir e desenvolver planetas com a assistência de Espíritos de "PUREZA PERFEITA", — certo ele deverá estar isento de certas fraquezas que constituem as imperfeições do espírito.

Reflitamos bem: se um espírito conseguiu progresso moral SEM NUNCA TER FALIDO, êle desconhece o que será or-

gulho, vaidade, ciume, malquerer, inveja, ambição, maus desejos, pensamentos impuros. Se qualquer desses sentimentos o tivesse atingido ele teria falido; justamente por desconhecer esas fraquezas é que ele mereceu ir trabalhar com os "Espíritos de pureza perfeita" na constituição de planetas.

Ora, como se conciliar essa situação de progresso moral e intelectual do espírito com esta afirmativa dos espíritos do Sr. Roustaing:

*".....
Esse o momento em que muitos se transviam, DOMINADOS PELO ORGULHO, que os leva a desconhecer a mão diretora do Senhor, ou a duvidar do seu poder, duvidando de suas próprias forças".*

Como pode ser isso? Então um Espírito QUE NUNCA FALIU, que fez o seu progresso moral e intelectual até chegar ao ponto de constituir planetas, pode deixar-se dominar pelo orgulho? Como pode saber esse Espírito QUE NUNCA FALIU, o que seja orgulho, se orgulho é, justamente, causa de falimento dos espíritos?

Imaginemos quanto tempo, quantos milênios levará um espírito no espaço (segundo Roustaing) a fazer o seu progresso moral e intelectual, SEM NUNCA FALIR, até chegar a constituir planetas!

Dizer-se que um Espírito pelo seu saber, mereceu o dignificante trabalho de "constituir planetas", e, pelas suas virtudes, porque nunca falira, conseguiu gozar a felicidade do convívio com os Espíritos de pureza perfeita; e afirmar-se, como uma verdade, que esse mesmo espírito, depois de tanto ter alcançado em progresso moral e intelectual, se deixou dominar pelo orgulho, é uma dessas afirmativas que não pode se coadunar com a razão esclarecida e que aberrar, indiscutivelmente, dos princípios da doutrina dos Espíritos, da Lei de Progresso e, sobretudo, da Justiça de Deus!

E diz mais, ainda, o Sr. Roustaing:

"Para esses espíritos que assim se transviam, dominados pelo orgulho, soa, para eles a hora da incarnação humana correspondente ao delito".

Raciocinemos:

O Espírito nunca falira; possui, como vimos, progresso moral e intelectual bastante, para permitir-lhe a "constituição de planetas"; o orgulho o domina e ele, deixando-se vencer, torna-se passível de vir a sentir todas as consequências de uma incarnação, castigo necessário à expiação da sua falta. Onde fará ele a sua primeira incarnação? Num mundo primitivo, pois que ele nunca possuiu um corpo humano? Se assim é, de que lhe servirá essa primeira incarnação para abater-lhe o orgulho que o fez cair?

Se, por outro lado, como aliás nos diz Roustaing, a incarnação desse Espírito se dará em mundos "já habitados por espíritos que faliram anteriormente", teremos, então, uma flagrante injustiça; porque esse espírito, que tem a agravar a sua falta a soma de progresso adquirido, vai animar um corpo humano e habitar um mundo mais ou menos perfeito, ao passo que outros espíritos, que faliram no início de sua evolução, quando simples e ignorantes, sofreram a dolorosa incarnação em mundos primitivos, animando corpos humanos adaptáveis a esses mundos.

São raciocínios que fazemos à luz da razão e permitidos pela boa doutrina ensinada pelos espíritos, analisada e coordenada por aquele que foi o missionário escolhido para trazer ao mundo o acervo de verdades que os Espíritos transmitiram não só a ele como a diversos médiuns e em diversos pontos do globo: ALLAN KARDEC!

XLVIII

Não menos interessante, como, também, não menos incompreensível, como "revelação" divina, é o que se lê na obra do Sr. Roustaing, com relação aos espíritos de Maria e de José.

Vamos ver como os espíritos que "revelaram" ao Sr. Roustaing "Os Quatro Evangelhos" classificaram Maria e José, na hierarquia dos Espíritos. Assim o fizeram, à pag. 330, do 1.º Volume:

"Maria e José, dissemos atrás, eram ambos espíritos perfeitos quando incarnaram em missão. Mantemos aqui essa afirmação e a explicamos: ambos eram perfeitos RELATIVAMENTE A VÓS, por isso que possuíam a perfeição moral e intelectual RELATIVAMENTE AO VOSSO PLANETA. Não o eram, porém, COM RELAÇÃO AOS MUNDOS SUPERIORES QUE OS DOIS JÁ HAVIAM HABITADO.

"Eram Espíritos superiores, muito elevados na hierarquia espírita, COM RELAÇÃO A VÓS OUTROS, mas não tinham ainda ascendido ao ponto culminante da perfeição, à perfeição sideral. Eram espíritos bons e devotados, mas que ainda precisavam progredir muito em CIÊNCIA UNIVERSAL, para chegarem àquela perfeição.

"Nenhum dos dois pertencia ao número dos que se conservaram sempre puros. Ambos eram espíritos purificados".

Temos, pois, em face dessa explicação, que, quanto ao

grau de adiantamento, quer moral, quer intelectual, dos espíritos de Maria e de José, eram, ambos eles, **ESPÍRITOS PERFEITOS**, relativamente a nós, humanos da Terra, e isto porque eles possuíam a **PERFEIÇÃO MORAL E INTELECTUAL** relativa ao nosso planeta.

Vamos ver agora, como esses mesmos Espíritos que assim classificaram a evolução espiritual de Maria e de José, definem o que seja um "espírito perfeito", compreendida, é claro, essa perfeição como relativa ao nosso planeta.

Assim definiram os Espíritos do Sr. Roustaing, o que seja um Espírito perfeito, relativamente ao nosso planeta:

"Perfeito, relativamente a vós e ao vosso planeta, é o Espírito QUE SE TORNOU SENHOR DAS PAIXÕES E DELAS SOUBE LIBERTAR-SE, que se despojou de toda impureza de pensamento e, por conseguinte, de ação; que vive animado do mais ardente e devotado amor a todas as criaturas do Senhor, penetrado do sentimento profundo de respeito e de adoração para com o seu Criador; que alcançou o apogeu do amor e do devotamento, mas não da ciência".

Em face do exposto, resulta que, se Maria e José eram **ESPÍRITOS PERFEITOS** e se os Espíritos perfeitos já se acham libertos da influência perniciosa das paixões e já se despojaram de todas as impurezas, e, se, por outro lado, toda a incarnação em corpo humano é sempre um castigo, uma expiação de falta cometida, qual teria sido, pergunta-se, a falta perpetrada por Maria e por José, **ESPÍRITOS PERFEITOS**, que lhes determinou a incarnação terrena?

E mais, ainda. Afirma o Sr. Roustaing:

"Maria sofrera uma incarnação semi-material NUM PLANETA ELEVADO. Incarnação semi-material, dizemos, PORQUE O CORPO ERA FLUÍDICO, participava, por esse lado, da natureza do perispírito". (pág. 331).

Esta nova "revelação" de que Maria já habitara um mundo superior, tão elevado que para habitá-lo somente o pôde fazer com um **CORPO FLUÍDICO**, mais reforça a dúvida que nos assalta sobre o mérito da obra que estamos estudando,

mais nos leva a acreditar na existência de uma "suspeita colaboração oculta" como o afirmou, desassombradamente, Leopoldo Cirne, em sua magistral obra "O Anti-Cristo — Senhor do Mundo".

De fato: Se Maria já possuía um corpo fluídico com o qual habitara um mundo elevado; se era, portanto, um espírito perfeito em relação a nós, por não mais estar sujeito às paixões nem possuir pensamentos impuros, como poderia ela ter falido para merecer uma incarnação na Terra, planeta inferior, cheio de paixões malsãs?

Reperguntamos: que falta poderia ter Maria cometido para tamanha expiação?

E' certo que os Espíritos do Sr. Roustaing, nos revelam uma queda de Maria e uma incarnação como consequência dessa queda. Mas essa queda não foi a que determinou a sua incarnação na Terra, nada nos esclarecendo, portanto, sobre o fato que nos estarrece, qual o de sendo Maria um Espírito perfeito e já tendo habitado um mundo superior, em corpo fluídico, pudesse ter falido tão gravemente, a ponto de merecer uma incarnação na Terra, planeta de expiações dolorosas.

Sobre essa queda de Maria, assim nos contam os espíritos do Sr. Roustaing:

"A queda de Maria foi muito leve, mesmo tendo-se em vista A ELEVAÇÃO QUE, SEM FALIR, ela havia alcançado, tão leve que não seria capaz de vislumbrar no ato que a determinou qualquer indicio da falta, ainda que levíssima. Maria incarnou numa dessas terras benditas porque tanto anseiais. Para vós, pobres criaturas miseráveis, tal incarnação seria invejável recompensa, que tudo deveis fazer por obter. Para Maria FOI UMA PUNIÇÃO, pois que a privou de um estado mais belo". (V. 1. pag. 333).

Ressaltemos, antes de tudo, a expressão "miseráveis" com que os elevadíssimos espíritos de Mateus, Marcos, Lucas e João, nos mimosearam. A delicadeza das expressões, é uma das características do grau de elevação dos espíritos.

Continuemos:

Depreende-se da transcrição feita que Maria nunca hou-

vera falido até chegar àquela situação de habitar um mundo fluídico. Aí cometeu uma falta levíssima, tão leve, que teve por punição uma encarnação em uma "terra bendita" (?) que para nós "pobres criaturas miseráveis" seria esse castigo uma recompensa.

Depois dessa encarnação, Maria ficou purificada "e retomou, SEM MAIS FALIR, o caminho simples e reto do progresso E AINDA O TRILHA, pois que ainda não chegou ao cume, isto é à perfeição sideral".

Ora, concluímos agora nós, com permissão dos doutos: se Maria nunca houvera falido até atingir à perfeição que lhe permitiu uma encarnação fluídica em um mundo superior, a aí faliu, cometendo uma falta levíssima que foi purgada numa "terra bendita", e se, depois disso ela ficou purificada e retomou o seu caminho, SEM MAIS FALIR, como compreender-se e admitir-se, a sua última encarnação na Terra, se na Terra só se incarnam, segundo Roustaing, os espíritos que faliram pelo orgulho, inveja, ciúmes e demais paixões que denotam inferioridade espiritual?

Ou será que também Maria teve, quando na Terra, um corpo fluídico?

E' verdade que, entre os espíritas da primeira linha há um, pelo menos, que assim supõe: o Sr. Fred. Figner!

XLIX

Verificamos no estudo anterior que, segundo o Sr. Roustaing, Maria, após haver habitado mundos superiores onde o seu corpo era fluídico, estado de elevação e progresso esse que o castigo que por ela sofreu, seria para nós uma "invejável" então, nessa altitude, a sua primeira queda; queda levíssima, nos informam os espíritos do Sr. Roustaing, tão leve que o castigo que por ela sofreu, seria para nós uma "invejável recompensa". Depois dessa sua PRIMEIRA INCARNAÇÃO, Maria purificou-se e retomou o caminho simples e reto do progresso, SEM MAIS FALIR, "e ainda o trilha, pois que ainda não chegou à perfeição sideral".

Concluímos nós, diante dessa "revelação" que, se Maria depois de purificada por uma encarnação em um mundo que não o planeta Terra, retomou o seu progresso SEM MAIS FALIR, a sua existência neste nosso planeta, como mãe de Jesús, foi um mito, uma grande mentira, se verdadeira fosse a doutrina roustainiana de que a encarnação dos espíritos é sempre um castigo consequente a uma falta cometida.

Reputamos de grande importância para o estudo que vimos fazendo, esse passo da obra do Sr. Roustaing, e isto porque, como já o temos repetido, trata-se de uma obra ditada por espíritos que disseram ser os evangelistas Mateus, Marcos, Lucas e João, com o caráter de "Revelação divina".

Ora, já vimos em um dos nossos primeiros estudos que a primeira característica de uma "Revelação" de ordem divina, é justamente ser ela portadora de uma verdade. E' a lição de Kardec, em Genesis, pág. 2, ibi:

"Toda revelação desmentida por fatos deixa de

o ser, se for atribuída a Deus. Não podendo Deus mentir nem enganar-se, ela não pode emanar dele: deve ser considerada o produto de uma concepção humana”.

Que essa “revelação” sobre a posição espiritual de Maria, está desmentida por um fato, não resta a menor dúvida, porque ninguém contestou, ainda, a existência de Maria, mãe de Jesus como um ser humano, de carne e osso, que na Terra vivera há cerca de dois mil anos. E se ela existiu, se ela na Terra viveu como qualquer ser humano, teria forçosamente, cometido uma falta grave, a ser verdadeira a teoria de Rousstaing, segundo a qual a encarnação é um CASTIGO e não uma NECESSIDADE.

Confrontemos, ainda, o que os espíritos do Sr. Rousstaing nos disseram à pág. 333 sobre essa primeira queda de Maria, com o que, esses mesmos espíritos disseram à pág. 311, e que foi o seguinte:

“QUALQUER QUE SEJA A CAUSA DA QUEDA, orgulho, inveja ou ateísmo, os que caem, TORNANDO-SE POR ISSO ESPÍRITOS DE TREVAS, são precipitados nos TENEBROSOS LUGARES da encarnação humana, conforme ao grau de culpabilidade, nas condições impostas pela necessidade de expiar e progredir”.

Lá está: “qualquer que seja a causa da queda, orgulho, inveja ou ateísmo, os que caem, tornam-se espíritos de trevas e vão expiar a sua culpa nos tenebrosos lugares da INCARNAÇÃO HUMANA”.

A contradição é pois manifesta!

Vejamos, agora, a situação de José, o espôso de Maria. Este cometeu uma falta mais grave do que a cometida por Maria, e por isso, não a purgou naquelas “terras benditas” (?) onde Maria se incarnou. E’ o que lemos à pág. 334, ibi:

“José, cuja falta fôra mais grave, teve a princípio muitas encarnações na Terra. Mas, quando incarnou para auxiliar a Jesus no desempenho da sua missão terrena, JA’ SÊ HAVIA PURIFICADO mediante sucessivas encarnações em mundos cada vez mais elevados. Grande é presentemente a sua ele-

vação. E’ hoje um espírito superior, porém menos elevado em ciência, do que Maria”.

A situação de José, como espírito, é menos contraditória que a de Maria. José, embora, também, espírito já perfeito quando incarnou para auxiliar a missão de Jesus, já havia tido muitas encarnações na Terra, e conseguido, assim, o estado de purificação, igual ao de Maria.

Mas, se ao tempo da missão do Cristo o espírito de José JA’ ESTAVA PURIFICADO, como o de Maria, pelas sucessivas encarnações que tivera na Terra, qual teria sido a sua nova falta, a sua nova queda, imprescindível para que uma vez mais incarnasse na Terra para ser o Pai de Jesus, o espôso de Maria, visto ser a encarnação dos espíritos um castigo?

Como se conciliar a afirmativa: “Maria e José eram ambos espíritos perfeitos quando incarnaram em missão” (pág. 330); e a elucidação: “espírito perfeito é o que se tornou senhor das paixões e delas soube libertar-se”, com estas perempórias afirmações?

“a encarnação humana não é uma necessidade, E’ UM CASTIGO. E o castigo não pode preceder a culpa. O espírito não é humanizado antes que a primeira falta o tenha sujeitado à encarnação humana”. (pág. 317).

“Errôneo é admitir-se que a encarnação humana seja uma necessidade, tanto para o Espírito que investido do livre arbítrio no estado da inocência e de ignorância, JAMAIS FALIU por fazer dele mau uso; como para aquele que, indócil, rebelde e revoltado, FALIU por usar mal desse mesmo livre arbítrio”.

E’ difícil, muito difícil; impossível mesmo, porque a razão repele e o bom senso exclue.

E no entanto é essa obra, chamada “Os Quatro Evangelhos” de J. B. Rousstaing, que a Federação Espírita Brasileira prega da sua tribuna, propaga pela imprensa e pelo rádio como uma obra imprescindível ao estudo do Espiritismo, por considerá-la parte integrante da “Terceira Revelação” codificada pelo emérito missionário que foi, quer queiram, quer não, Allan Kardec!

L

Vamos abordar hoje um novo capítulo de “Os Quatro Evangelhos” do Sr. J. B. Roustaing. E’ o que se segue ao que trata da genealogia de Jesús que nos levou a tecer uma série de observações que certo terão levado ao espírito dos que vêm acompanhando estes nossos estudos — a certeza de que, à luz da razão e da doutrina dos Espíritos que ditaram a Terceira Revelação, não pode, absolutamente, a obra do Sr. Roustaing ser considerada como parte integrante da codificação de Allan Kardec, como insiste em considerá-la a Federação Espírita Brasileira, unica entidade, dentre as suas congêneres, que a admite, estuda e dela faz larga propaganda.

Esse capítulo é o que se refere ao JEJUM E TENTACÃO DE JESÚS, narrado por Mateus, Marcos e Lucas, nos Capítulos IV, I e IV; vv. 1 a 11, 12 a 13 e 1 a 13, respectivamente.

Negam os espíritos que “revelaram” ao Sr. Roustaing “Os Quatro Evangelhos” a veracidade das narrativas dos Evangelistas. Jesús não jejuou 40 dias no deserto, nem foi tentado pelo demônio. E’ admissível essa negativa, mormente no tocante à tentação, tomada esta no sentido material, porquanto sabemos que o Demo não existe. Por outro lado, sendo Jesús, incontestavelmente, um Espírito elevadíssimo em pureza e em sabedoria, não podia ser tentado por um espírito de ordem inferior. Nem mesmo para exemplificar, ou motivar um ensinamento.

O que, no entanto, nos causa uma certa dúvida, um certo espanto, uma certa confusão, é a forma de dizer usada por esses Espíritos para negarem o fato. Vejamos como se expressam eles:

“Como puderam rebaixar ESSA FRAÇÃO DA

DIVINDADE ao ponto de pô-la em contacto com o demônio, com o MALDITO EXPULSO DO CÊU por Deus, sem se lembrarem de que, assim, era o próprio Deus quem, POR UMA FRAÇÃO DE SI MESMO, descia à condição de parlamentar com o “orgulhoso e poderoso banido”, de ficar até na sua dependência?

Nesse curto período verificamos a afirmativa de ser Jesús uma “FRAÇÃO DA DIVINDADE”; afirmativa essa logo a seguir reafirmada pela declaração de ser o próprio “DEUS QUEM, POR UMA FRAÇÃO DE SI MESMO”, descia à condição de parlamentar com o “orgulhoso e poderoso banido”.

Descuido? Força de expressão?

Absolutamente.

E são os próprios Espíritos “reveladores” que, à página 352 do 1.º Volume, respondendo a uma pergunta feita pelo próprio Sr. Roustaing, que, diga-se a verdade, estranhou a declaração de ser “JESÚS UMA FRAÇÃO DE DEUS”, explicam e confirmam a destoante assertiva. E o fizeram nestes termos:

“Segundo a doutrina que na linguagem humana tem o nome de panteísmo, tudo sai de um só princípio e tudo volta a se reintegrar nesse mesmo princípio para de novo daí sair e voltar, constituindo essas perpétuas separações e reintegrações a rodagem da máquina universal.

“Em menor escala, Jesús e o Espírito Santo SÃO FRAÇÕES DE DEUS, partes integrantes do TODO, formando, pois, com ele a UNIDADE. E’ uma variante do tema do panteísmo”.

E mais adiante, assim concluem:

“A não se querer enquadrar nas idéias panteístas essa maneira de considerar a Jesús e o Espírito Santo, forçoso será encaixá-la no quadro das idéias do paganismo, relativas à pluralidade dos deuses”.

Muito bem. Vamos agora mostrar ao nosso paciente leitor, como há em tudo isso uma flagrante contradição com o que, 4 anos antes, diversos Espíritos de muita elevação moral e intelectual, dentre eles, também, o João, o Evangelista,

citado como um dos "reveladores" da obra do Sr. Roustaing, transmitiram ao Sr. Allan Kardec, o missionário que codificou a chamada Terceira Revelação:

Assim inquiriu Kardec dos espíritos que o assistiram:

— *Que devemos pensar da opinião segundo a qual todos os corpos da natureza, todos os seres, todos os globos do universo SÃO PARTES DA DIVINDADE e constituem, no seu conjunto, a própria divindade; em outros termos, que pensar da doutrina panteísta?*

E os Espíritos responderam:

— *"O homem, não podendo fazer-se Deus, quer ao menos, ser uma parte de Deus".*

(Allan Kardec — Livro dos Espíritos — Parte 1 Cap. 1, n.º 15).

Isto disseram os Espíritos.

E agora, aqui vai o comentário do próprio Sr. Allan Kardec, como sempre, claro, preciso, sem rodeios nem longo fraseado; simples, assimilável e magistral:

"Esta doutrina (o panteísmo) faz de Deus um ser material que, embora dotado de uma inteligência suprema, seria em ponto grande o que nós somos em ponto pequeno. Ora, a ser assim, e visto que a matéria se transforma incessantemente, Deus não teria estabilidade alguma, seria sujeito a todas as vicissitudes e mesmo a todas as necessidades da humanidade; faltar-lhe-ia a imutabilidade, um dos atributos essenciais da divindade. As propriedades da matéria não podem aliar-se à idéia de Deus sem rebaixá-lo no nosso pensamento, e todas as sutilezas do sofisma não conseguirão resolver o problema da sua natureza íntima. Não sabemos tudo o que ele é, mas sabemos que o que ele não pode deixar de ser. Esse sistema está em contradição com as propriedades mais essenciais da divindade e confunde o Criador com a criatura, exatamente como se se quisesse que uma máquina engenhosa fosse parte integrante do mecânico que a concebeu.

A inteligência de Deus revela-se em suas obras, como a de um pintor em seus quadros, mas as obras de Deus não são o próprio Deus, assim como o quadro não é o pintor que o concebeu e executou".

Não podemos terminar este estudo sem anotar, ainda, uma estupefaciente declaração do Sr. Roustaing.

Após tão categóricas afirmativas de que, "em menor escala, Jesus e o Espírito Santo SÃO FRAÇÕES DE DEUS, partes integrantes do todo", lê-se à pág. 353 o seguinte, que o nosso bom leitor apreciará devidamente:

"Graças à nova Revelação, sabeis agora: que Deus é o só e único princípio universal, NÃO DIVISIVEL, que cria, MAS NÃO pela divisibilidade da sua essência; que Deus É UNO".

Francamente... parece até pilhéria!

filho e de José, seu espôso, não tiveram dúvida os espíritos do Sr. Roustaing em "revelar" o processo utilizado e que foi o seguinte:

"Os ESPÍRITOS SUPERIORES que o cercavam em número, para vós, incalculável, todos submissos à sua vontade, seus dedicados auxiliares, FAZIAM DESAPARECER OS ALIMENTOS que lhe eram apresentados e que não tinham para ele utilidade. Aqueles Espíritos os subtraíam da vista dos homens, de modo a lhes causar completa ILUSÃO, à medida que PARECIA serem ingeridos por Jesús, COBRINDO-OS, para esse fim, de fluidos que os tornavam invisíveis. Feito isso, OS LEVAVAM E DISPERSAVAM de forma que pudessem servir e SERVISSEM PARA A SATISFAÇÃO DAS NECESSIDADES DE OUTRAS CRIATURAS. (V. 1. pág. 362).

LI

Apontamos, em nosso estudo anterior, mais uma flagrante contradição dos espíritos que "revelaram" ao Sr. Roustaing a chamada "Revelação da Revelação" ou "Os Quatro Evangelhos". Evidenciamos que após a "revelação" de ser Jesús e o Espírito Santo FRAÇÕES de Deus, embora em menor escala (pág. 352 do 1.º V.), esses mesmos espíritos reveladores, na página seguinte, afirmam que Deus é indivisível e que cria, mas não pela divisibilidade de sua essência. Além dessa positiva contradição, mostramos mais o que Kardec, quatro anos antes, já havia recebido, NÃO SO' DE UM ESPÍRITO, E POR UM SO' MÉDIUM, mas de diversos e por muitos médiuns, a respeito do assunto, ou seja da idéia pan-teísta, repelida por esses Espíritos com a significativa resposta de que "o homem, não podendo fazer-se Deus, quer, ao menos, ser uma parte de Deus".

Ainda e como desdobramento ao comentário sobre o jejum e tentação de Jesús, encontramos na obra do Sr. Roustaing, uma longa exposição sobre os meios de vida e de nutrição do corpo perispiritico de Jesús. E' a repetição enfadonha do que, repetidamente, se encontra no capítulo que trata do nascimento de Jesús. A nutrição de Jesús era fictícia. Ele não comia porque não tinha corpo material, tinha corpo "aparente". E tinha porque ASSIM ERA PRECISO PARA IMPRESSIONAR AS MASSAS, para poder cumprir a sua missão; da mesma forma que Maria, sua mãe, não sofreu as dores da maternidade, embora tenha sentido as dores do parto e tenha visto seu filho nascer na mangedoura, tudo isto segundo a revelação dos autores de "Os Quatro Evangelhos".

Mas, como era preciso que Jesús comesse algumas vezes, para que Maria não desconfiasse que ele era mesmo seu

Já analisamos essa absurda concepção aceita pelo Sr. Roustaing, aberrante do bom senso e de quem possui uma pequena dose de discernimento e de compreensão da doutrina. Ela faz do Cristo um fator a serviço da mentira. A intervenção desses ESPÍRITOS SUPERIORES que tornavam invisíveis os alimentos, os levavam e os dispersavam para que fossem satisfazer as necessidades de outras criaturas, é uma verdadeira heresia, é absurdo que não se pode admitir, é, ainda e em última análise, ferir o próprio Cristo com uma *captis diminutio* inconcebível.

Então, esse Jesús — que os Espíritos do Sr. Roustaing chamam de Espírito perfeito, que conhece, na imensidade, todos os seus efeitos, todas as suas combinações e transformações e todos os modos de empregá-los — precisaria da ajuda de Espíritos superiores para fazer com que os alimentos desaparecessem das vistas humanas por envolvimento de fluidos?

Não seria mais racional, mais lógico, mais aceitável, atribuir-se ao próprio Jesús a ação, do que cometê-la a Espíritos de ordem superior, sabido que os espíritos de ordem superior, mormente os que já conseguiram se aproximar do Cristo, não se prestam a execução de atos por demais materiais?

São perguntas que se justificam por si sós, e que nos induzem a uma série de raciocínios que nos levam à certeza de que a obra do Sr. J. B. Roustaing está cheia daquela "sus-

peita colaboração oculta" com que Leopoldo Cirne a fulminou no seu magistral livro "O Anti-Cristo".

Quanto a irem os alimentos destinados a Jesús e levados pelos Espíritos superiores satisfazer as necessidades de outras criaturas, não conseguimos descobrir a razão de ser da "revelação" dessa minudência. A única explicação que achamos, é de que uma vez que os Espíritos superiores não usavam o processo da desmaterialização dos alimentos que Jesús não devia comer, porque não precisava, preferindo ocultá-los das vistas humanas pelo processo de envolvimento fluídico, esses alimentos, forçosamente, teriam de ser levados para fora do ambiente para que não surgissem novamente quando cessasse a ação do envoltório fluídico. De fato dizem os espíritos do Sr. Roustaing, que aqueles Espíritos Superiores OS LEVAVAM, mas também dizem que os DISPERSAVAM. Ora, se os dispersavam, como poderiam esses alimentos irem satisfazer as necessidades de outras criaturas?

Tal é, meus pacientes leitores, a doutrina roustainiana, ou melhor e mais acertadamente, o que está escrito no livro "Os Quatro Evangelhos", obra mediúnica ditada pelos espíritos de Mateus, Marcos, Lucas e João, assistidos, ainda, pelos apóstolos, a uma ÚNICA médium, Sra. Collignon e na presença ÚNICA do Sr. J. B. Roustaing e que a Federação Espírita Brasileira propaga e insiste em dar-lhe os foros de obra básica para o estudo do Espiritismo, por ser parte integrante da Terceira Revelação codificada pelo insigne missionário que foi o Sr. Allan Kardec!

Não é possível a aceitação de semelhante absurdo!

LII

Encerrando o longo capítulo que trata do "Jejum e Tentação de Jesús", que vai da página 337 a 373 do 1.º volume, os espíritos reveladores da obra do Sr. Roustaing nos dão esta sensacional comunicação: "E' TEMPO DE EXPLICARMOS PORQUE FOI INDISPENSÁVEL ESSA "INCARNAÇÃO" ESPECIAL DE JESÚS, TAL COMO VOS VEM DE SER REVELADA".

A simples leitura desse pequenino trecho para logo nos aguça a curiosidade e reclama toda a nossa atenção, por isso que, uma vez provada a necessidade INDISPENSÁVEL da incarnação especial de Jesús, logicamente estaria aceita a debatida tese de ter sido fluídico o seu corpo quando entre nós habitou pelo espaço de trinta e três anos.

Vejamos, pois, porque foi INDISPENSÁVEL a "incarnação especial de Jesús":

"Se admitis que Jesús era um Espírito mais puro, mais perfeito do que qualquer outro adstrito ao vosso planeta; se admitis que, escolhido para guia desse planeta antes de ser ele tirado do cáos, isto é, da massa dos fluidos que lhe continham os germes, preciso era que tivesse supremacia sobre tudo e todos. Como podereis achar razoável que um Espírito tão sutil suportasse o contacto de matéria tão grosseira, qual a do corpo humano, tal como o compreendeis? Ah! eis aí onde estaria o "MILAGRE", pois HAVERIA UMA SUBVERSÃO DA ORDEM ESTABELECIDADA DESDE TODA A ETERNIDADE!" (pág. 370).

E' de pasmar mais esta sensacional "revelação" que atinge às raízes do inconcebível, quando se tem em mente ser ela transmitida por espíritos da envergadura de Mateus, Marcos, Lucas e João, como o afirma o Sr. Roustaing.

Realmente:

Dizer que a "incarnação" especial de Jesús foi indispensável, porque não seria razoável que "um Espírito tão sutil suportasse o contacto da matéria tão grosseira, qual a do corpo humano", não é explicar coisa alguma, será, quando muito, sugerir uma hipótese de estudo. Para alguém achar alguma coisa "razoável" depende apenas do seu critério, do ponto de vista em que se coloca, do ângulo em que observa o fato. O que é razoável para uns, pode ser absurdo para outros, sem que nisso haja qualquer violação da lei.

Mas, os espíritos do Sr. Roustaing avançam mais, muito mais: para eles, se assim não fosse, isto é, se Jesús não houvesse tido uma "incarnação" especial, teria havido um "milagre", porque "haveria uma subversão da ordem estabelecida desde toda a eternidade".

Esta segunda afirmativa tendente a explicar a INDISPENSÁVEL "incarnação" especial de Jesús, mas que na verdade nada explica, porque apenas revela uma suposição (a existência de um milagre), é bem mais grave que a primeira, e não resiste a uma análise séria.

Uma simples pergunta bastaria para destruir o fundamento do suposto "milagre" invocado pelos espíritos do Sr. Roustaing. Seria esta: Qual a "ordem estabelecida desde toda a eternidade" para o nascimento e vida do homem na Terra? Não nascem todos os homens igualmente, não têm todos a mesma constituição física para poderem viver dentro deste planeta que se chama Terra? Milagre, pois, seria, a existência de um ser humano que pudesse viver na Terra durante 33 anos sem ter um corpo de constituição física igual aos demais corpos humanos.

A teoria do "milagre" não pode pois servir de argumento para demonstrar a NECESSIDADE de ser fluídico e não material o corpo de Jesús, como nestes termos afirmam os espíritos do Sr. Roustaing:

"Realmente, só por milagre fôra possível que um Espírito tão sutil, tão etéreo, como o do Cristo, suportasse o contacto da matéria tão grosseira como

a do corpo humano, visto que tal fato estaria fora das leis naturais e imutáveis, importando, pois, numa subversão da ordem estabelecida desde toda a eternidade". (pág. 371).

Mas, prossigamos:

Vamos transcrever, agora, para mais uma vez evidenciar aos que acompanham estes estudos que estamos fazendo com o intuito único de mostrar que a obra do Sr. Roustaing, não pode ser tida como parte integrante e complementar da obra do Sr. Allan Kardec, como insiste em afirmar a direção da Federação Espírita Brasileira, — como as contradições se sucedem e se apresentam nítidas na obra do Sr. Roustaing, todas as vezes que a verdade dela se ausenta.

Toda a atenção, pois, para essa passagem que se lê à pág. 371, *in fine*:

"O espírito "imaterial", isto é, o Espírito purificado não pode retomar um invólucro consistente e material, QUE NÃO ESTEJA EM RELAÇÃO COM A SUA SUTILEZA. Pode apropriar para seu uso um invólucro muito inferior à sua natureza espiritual, mas NÃO PODE, TENDO CHEGADO AO MÁXIMO GRAU DE PURIFICAÇÃO, RETOMAR A MATÉRIA PRIMITIVA. Por ser essencialmente etéreo, o laço fluídico que haveria de prender o Espírito à matéria NÃO ADERIRIA à matéria corporal humana. Entretanto, o MESMO ESPÍRITO pode pôr-se em relação com um corpo fluídico que, para vós, é imaterial, mas que, de fato, é ainda grosseiro, relativamente ao estado de purificação e sutileza de certos Espíritos".

Deduz-se do que acima transcrevemos, que o Espírito que atingiu o máximo grau de purificação não pode RETOMAR A MATÉRIA PRIMITIVA, e isto porque, sendo essencialmente etéreo, o laço fluídico que haveria de prendê-lo à matéria não aderiria à matéria corporal humana.

E no entanto, depois de assim tão positivamente doutrinares, esses mesmos Espíritos concluem afirmando que Jesús, que possuía o máximo grau de purificação, teve um corpo de CARNE RELATIVA.

Lá está, à pág. 372:

"Tomando um corpo próprio de certos mundos elevados, Jesús tomava um invólucro relativamente material, para olhos humanos, UMA CARNE RELATIVA".

Carne relativa! Uma carne especial? Talvez, mas carne, e carne humana, revestindo uma organização física semelhante à que possui os que vêm habitar a terra, quer para expurgar no cadinho das provas, os erros do passado, quer para ensinar a Lei e exemplificar o Amor, como missionários divinos.

E agora, para terminar, o que devemos pensar, o que concluir, desta advertência:

"Haveis de convir em que há grande presunção da parte dos homens e especialmente dos que se obstinam em considerar a Jesús COMO UMA PARCELA DE DEUS, embora tenham Deus por invisível, quando pretendem que o Mestre revestiu um corpo igual aos vossos. De fato, ISSO EQUIVALE A DIZER QUE DEUS, o Espírito dos Espíritos, a essência de inapreciável sutileza, SE HAJA ENCERRADO NUM VASO DE ARGILA TÃO GROSSEIRO, COMO SÃO OS VOSSOS CORPOS!"

Estamos entre os presunçosos. Somos dos que se obstinam em considerar Jesús, parcela de Deus, porque não aceitamos a teoria segundo a qual o Cristo teve um corpo diferentes do nosso, um corpo fluídico, só admissível nos mundos superiores, nos mundos muito elevados e não na Terra, que é mundo muito inferior, muito material, muito atrasado.

E temos a certeza de que não estamos sós.

LIII

Não sem grande espanto vimos, no artigo anterior, que os espíritos reveladores da "Revelação da Revelação" ou "OS QUATRO EVANGELHOS" explicados pelos Evangelistas assistidos dos apóstolos", depois de revelarem ser o corpo de Jesús de natureza perispirítica, fluídico, aparente, deixaram escapar, por lamentável descuido, esta reveladora confissão:

"Tomando um corpo próprio de certos mundos elevados, Jesús tomava um invólucro relativamente material, para olhos humanos, UMA CARNE RELATIVA".

Que os nossos leitores observem as contradições que já apontamos e sobre elas meditem com o desejo sincero de se esclarecerem, e certo alcançarão a justa medida e o justo valor que lhes merecerá a obra do Sr. Roustaing, como "REVELAÇÃO" de ordem divina, que pretende ser.

Passemos adiante.

Embora a obra que estamos analisando tenha por título "Os Quatro Evangelhos" explicados em espírito e verdade pelos Evangelistas, com relação ao Cap. IV, vv. 12 a 17 de Mateus; Cap. I, vv. 14 e 15 de Marcos; e Cap. IV, vv. 14 e 15 de Lucas, que narram a prisão de João e o início da pregação de Jesús, apenas encontramos a seguinte explicação:

"Nenhuma explicação temos que dar aqui. Jesús levava a luz onde mais necessária era ela. Sua palavra tinha que ressoar em todos os ouvidos". (pág. 374).

O mesmo acontece na página seguinte que trata do Cap. IV, vv. 16 a 21, de Lucas, referentes à vinda de Jesús a Nazaré e da leitura da profecia de Isaías. A explicação dos Evangelistas cifra-se em dizer que Jesús afirmava ser o ungido do Senhor enviado à terra para preparar a regeneração humana.

Como explicação, dada a elevação espiritual dos explicadores, convenhamos que é por demais minguada e inexpressiva.

Mas, em compensação, sobre o que diz Lucas nos vv. 22 a 30 do Cap. IV, nos oferecem os espíritos reveladores da obra roustainiana uma larga dissertação explicativa, mormente acerca dos dois últimos versículos, o 29.º e 30.º que relatam o desaparecimento de Jesús das mãos dos que pretendiam lançá-lo morro abaixo.

Essa passagem, é uma das mais invocadas como argumento decisivo a provar a fluidez do corpo de Jesús. E assim é, porque a narrativa evangélica nos conta que estando Jesús cercado pelos que contra ele se haviam revoltado no Templo a ponto de o quererem lançar morro abaixo, ele, Jesús, "passando por entre eles, foi-se".

Notemos, desde já, que semelhante fato só é narrado por Lucas. Nem Mateus, nem Marcos, nem João, fazem sobre essa passagem, a mais leve referência.

Vejamos, agora, a explicação e observemos com atenção a sutilíssima habilidade com que os "Espíritos "reveladores" procuraram tirar do fato um argumento a mais, para fortalecer a teoria do corpo fluídico de Jesús, principal, senão único, escopo da obra "revelada" ao Sr. Roustaing.

Preparando o espírito do leitor, assim iniciam eles a sua argumentação:

"Admitis seja possível a um homem qualquer desaparecer das mãos de inimigos encarniçados que o cercam, decididos a sacrificá-lo?"

Podeis admitir que o caráter de Jesús se coadunasse com o emprêgo de algum miserável subterfúgio para alcançar a piedade ou o perdão de algos dispostos a precipitá-lo do cume da montanha abaixo?"

"O certo é, porém, que Jesús desaparece do meio deles".

Depois dessas duas infantis pergunstas, segue-se então a "explicação" do fato, nestes termos:

"Fazendo cessar a tangibilidade do seu corpo perispiritico, aparentemente humano, ele se libertou das mãos dos que o seguravam e lhes desapareceu das vistas. Ao mesmo tempo que fazia cessar aquela tangibilidade, os que o cercavam, impedindo-lhe a passagem, foram, por uma ação espirita praticada mediante o magnetismo espiritual, tomados de vertigem. Os que o agarravam, largaram-no sem saber porque motivo o faziam e, notando o seu desaparecimento, acreditaram que se havia ocultado sob a proteção de cúmplices".

Nessa explicação vemos três aspectos elucidativos do fato: primeiro, a cessação da tangibilidade do corpo de Jesús, vale dizer o seu desaparecimento; segundo, o estado de vertigem de que foram possuídos os que cercavam Jesús, de forma que não pudessem se aperceber do seu desaparecimento; e terceiro, a ação dos Espíritos superiores sobre os que agarravam Jesús, fazendo com que eles o largassem, sem saber porque motivo o faziam.

Assim, pois, para justificar essa passagem evangélica narrada somente por Lucas, houve necessidade de se eliminar por completo a "visão" e a "razão" dos que se achavam em torno do Mestre.

E se quisermos indagar o porque de tudo isso, lá está a invariável resposta: — Porque assim era preciso que acontecesse para que se acreditasse ser Jesús, homem.

E agora, para terminar, parodiando a pergunta formulada pelos Espíritos reveladores, acima transcrita, perguntamos também aos homens de bom senso:

Podeis admitir que o caráter de Jesús se coadunasse com o emprego de algum miserável subterfúgio para se libertar dos algos dispostos a precipitá-lo do cume da montanha abaixo?

LIV

Sob a epígrafe: "Vocação de Pedro, André, Tiago e João. — Pesca chamada milagrosa", encontramos o comentário aos v. v. 18 a 22, do Cap. IV, de Mateus; 16 a 20 do Cap. 1, de Marcos; e 1 a 11 do Cap. V de Lucas. A chamada "pesca milagrosa" só é referida por Lucas. Nem Mateus, nem Marcos, nem João dela nos dão notícia.

Esta observação, à primeira vista, parece não ter importância de certo valor, por isso que todos nós sabemos que os quatro Evangelhos, não são perfeitamente acordes nas narrativas dos fatos ocorridos durante a permanência de Jesús entre nós, e mesmo depois da sua desincarnação no tópo do Calvário. Sabido também é, que, essas divergências em nada invalidam o conjunto da obra, nem mesmo a verdade histórica, dada a maneira como cada um dos Evangelistas escreveu o seu evangelho e ainda o processo usado na formação da chamada "vulgata latina", condensação que é dos textos originais.

Uma coisa, porém, nos vem agora à lembrança, diante da obra do Sr. Roustaing que estamos estudando. E' que, afirmando o Sr. Roustaing que a chamada "Revelação da Revelação" ou "Os Quatro Evangelhos" é uma obra mediúnica, uma "revelação divina" trazida aos homens pelos próprios Evangelistas Mateus, Marcos, Lucas e João, assistida ainda dos apóstolos, estranho é que esses Evangelistas se mantinham no mais absoluto silêncio em torno dos seus próprios evangelhos, nada dizendo sobre as mutilações e interpretações que os mesmos sofreram para que ajustados fossem aos interesses da igreja romana.

E' interessante essa observação também já notada por um dos nossos cultos confrades, com enorme projeção no ambiente

espírita internacional, diretor que é de uma das mais modernas e das mais severas revistas propugnadoras do bom Espiritismo — a "Estudos Psíquicos" de Portugal, sob a direção e orientação de Isidoro Duarte Santos.

Esta aceitação plena, sem a mínima restrição, de todos os textos evangélicos por parte dos Evangelistas, quando é sabido que, o que eles escreveram sobre a vida de Jesús, não é, absolutamente, *verbo ad verbum* o que se contém nos atuais Evangelhos, esta aceitação completa, repetimos, dá que pensar e permite mesmo, pôr em dúvida a autenticidade das manifestações obtidas pela Sra. Collignon e aceitas pelo Sr. Roustaing.

Se, realmente, os iluminados espíritos dos evangelistas Mateus, Marcos, Lucas e João, quisessem e lhes fôsse permitido trazer à humanidade uma revelação, interpretativa dos Evangelhos, certo essa revelação teria que ser iniciada com o expurgo do que nos Evágelhos se contem de autoria outra que não a deles, evangelistas.

Assinalada, assim, mais essa pequenina observação, vejamos a explicação que sobre os textos acima indicados deram os "espíritos reveladores" ao Sr. Roustaing.

Quanto à vocação de Pedro, André, Tiago e João, se resume a explicação em dizer que eles atenderam à voz de Jesús que os concitava à obediência, e que o seguiram porque cederam "a uma espécie de atração que liga os espíritos simpáticos". E nada mais.

Com relação à chamada pesca milagrosa e a que somente Lucas se refere, os Espíritos do Sr. Roustaing a aceitam como verdadeira, mas não como milagrosa, e ao nos explicar como se processou o fenômeno que tanto maravilhou os que o presenciaram, **MAIS UMA VEZ DEIXARAM ESCAPAR UMA EXPRESSÃO** reveladora da verdade que lhes contraria o intento.

Para aquí trasladamos, como sempre o temos feito para melhor apreciação e julgamento dos nossos leitores, o que a respeito está escrito às páginas 384 e 385, do 1.º volume da obra do Sr. Roustaing:

"A pesca dita milagrosa resultou de uma ação toda natural, foi obra exclusiva da vontade de Jesús, que adquirira e possuía o conhecimento daquela

agente universal, daquela grande lei a que tudo está sujeito, da natureza, dos fluidos, das causas, o que lhe facultava poder remontar à origem das coisas, compreender e empregar a mesma poderosa alavanca.

"A CARNE não lhe obscurecia a vista, como sucede convosco. Seu olhar penetrava o seio das águas. Espírito, sempre espírito, revestido de um corpo perispiritico que lhe deixava intacta e completa a visão espiritual, ele percebeu, na massa líquida, os fluidos que envolviam certas espécies de peixes. Sua vontade potente, produzindo uma ação magnética, atraiu ao lugar em que se achava a barca os aludidos fluidos, e os peixes daquelas espécies, arrastados pela corrente desses mesmos fluidos, vieram lançar-se nas rédes dos pescadores".

Eis como nos explicam os espíritos do Sr. Roustaing, a chamada pesca milagrosa relatada por Lucas. Mas para explicá-la, como vimos, disseram: **A CARNE NÃO LHE OBSCURECIA A VISTA, COMO SUCEDE CONVOSCO.**

Mas então, admitem esses espíritos a existência de CARNE no corpo de Jesús; e se o corpo de Jesús tinha CARNE, embora ela não lhe obscurecesse a vista, ele era humano.

Em estudo anterior já notamos a declaração de que Jesús tinha tomado um corpo "relativamente material", para olhos humanos, **UMA CARNE RELATIVA**; agora encontramos, novamente, a declaração de que **A CARNE NÃO LHE OBSCURECIA A VISTA.**

E concluindo, como que temeroso da segurança dos seus ensinamentos, e pondo, mesmo, em cheque, a elevação de seus espíritos e a natureza da missão que diziam estar desempenhando, encontramos, pela segunda vez, esta defesa irresponsável:

"Não peçais explicação das causas, dos meios e das leis naturais e imutáveis a que recorreu Jesús para, por ato de sua vontade, produzir o efeito visível de atrair os fluidos e determinar eles as correntes que levaram os peixes às rédes.

"Ultrapassarieis os limites da vossa humanidade, porquanto ATUALMENTE VOS E' IMPOSSÍVEL COMPREENDER ESSAS CAUSAS, ESSES MEIOS E ESSAS LEIS".

Ora, se não nos é dado compreender **AS CAUSAS, OS MEIOS, e AS LEIS** de que se serviu Jesús para produzir os fatos chamados "milagres", para que então se deram os espíritos do Sr. Roustaing o trabalho de explicar ao mundo o que fez Jesús, tendo-se em vista que esses mesmos espíritos afirmam que o nascimento de Jesús foi milagroso!?

Para que então a pretendida "Revelação da Revelação"?

E para que veio o Espiritismo, senão para trazer aos homens o conhecimento dessas leis, dessas causas, e desses meios que lhes ensinarão a verdade e os tornarão um dia puros e sábios como Jesús o é?

Que reflitam os que quiserem meditar alguns minutos apenas.

LV

O "Sermão da Montanha" é, sem contestação possível, uma das colunas mestras a sustentar a magestosa e imperecível edificação que vem atravessando o rigor dos séculos com o nome de Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, — manancial divino onde o viajor cansado se dissidenta e onde o faminto de consolo e de esperança se conforta e se reanima para prosseguir na sua interminável jornada.

As famosas sentenças do Cristo que constituem o seu chamado sermão da Montanha revelam, cada uma delas, um mundo de ensinamentos, que, observados, conduzirão a humanidade ao seio do Criador.

Maior lição que a do Monte das Oliveiras, só a que foi exemplificada no outro monte: o Golgota. E' que no Monte das Oliveiras sintetizou o Cristo todo o seu Evangelho, e no Golgota deu ele o exemplo mais edificante de tudo quanto houvera pregado.

Pois bem. A chamada "Revelação da Revelação" transmitida ao Sr. Roustaing através a mediunidade de UMA ÚNICA MÉDIUM, Mme. Collignon, em UM SO' LUGAR, a sua residência, e perante DUAS CRIATURAS QUE OITO DIAS ATRÁS NÃO SE CONHECIAM, e cujo objetivo, segundo os referidos Espíritos reveladores, era trazer à humanidade a explicação do Evangelho em espírito e verdade através o comentário de todos os seus capítulos e versículos, — ao comentar as famosas sentenças do Sermão do Monte, condensadas nos v. v. 1 a 12, no Cap. V de Mateus, e v. v. 20 a 26 do Cap. VI de Lucas, o fazem (se é que o fazem) em quatro páginas e meia apenas.

Nessas reduzidas páginas só encontramos a explicação da 1.^a Bemaventurança relativa aos "pobres de espírito" e a do v. 11 referente às perseguições que sofrem os que servem à causa do Cristo, isto em relação a Mateus; quanto ao texto de Marcos, somente o v. 24: "Ai, porém, de vós, que sois ricos, pois que tendes a vossa consolação no mundo", lhes mereceu o comentário explicativo.

Assinalamos essa particularidade na obra do Sr. Roustaing que estamos estudando, porque ela nos fornece, sem dúvida, mais um argumento, e digamos, bastante ponderável, a reforçar a opinião da quase unanimidade dos espíritas do mundo inteiro, sobre a precariedade dessa obra, ditada por espíritos outros que não os seus signatários, com o único fito de trazer a discórdia e a sizania no meio espírita, e, mais que isso, lançar a confusão e o descrédito na obra da Terceira Revelação, que QUATRO ANOS ANTES, Allan Kardec havia publicado como o resultado do ensino acorde, de MILHARES de espíritos, dado por DIVERSOS médiuns e em VÁRIAS localidades.

Para sustentar a teoria do corpo fluídico de Jesus com derrogação das leis naturais, as páginas se sucedem; para explicar os sublimes ensinamentos do Sermão da Montanha, as páginas se restringem, numa dolorosa compressão!

E' que a finalidade da obra era sustentar o absurdo e não projetar a luz da verdade.

E que disseram esses Espíritos sobre a extraordinária sentença, riquíssima de ensinamentos: "Bemaventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus!"?

Apenas isto, que transcrevemos para admiração e estupefação dos que pensam em aprender alguma coisa através a obra do Sr. Roustaing:

"Os pobres de espírito são os que só confiam no Senhor e não em si mesmos; são os que, reconhecendo dever tudo ao Criador, reconhecem que nada possuem. Despidos de orgulho, são como o pobre despojado dos bens mundanos. Podem caminhar mais livremente, pois não temem os ladrões que durante a noite assaltam a casa do rico. Apresentam-se nus diante do Senhor, isto é, sem se terem apropriado de coisa alguma, cônscios de que tudo devem à bondade do pai celestial. A humildade lhes

aplaina o caminho a percorrer, afastando os obstáculos que o orgulho faz surgir de todos os lados".

Melhor e mais expressivo, é, sem dúvida, o comentjrio ao v. 24 de Lucas, que diz: "Ai de vós, ricos, que tendes a vossa consolação no mundo!"

Esta frase do Cristo, que para nós, ou para qualquer outro espírito ainda cheio de erros é uma enérgica, mas serena e fraterna advertência do Mestre, para os Espíritos do Sr. Roustaing é, simplesmente uma **MALDIÇÃO LANÇADA PELO MEIGO E JUSTO PASTOR!**" (pág. 408, v. 1)!!

Maldição?!!!

Pode-se lá crer em uma obra, — ditada por espíritos que se dizem ser os que na terra foram os Evangelistas Mateus, Marcos, Lucas e João —, na qual se afirma haver Jesús, um Espírito puro, lançado **MALDIÇÃO** aos ricos que tivessem a consolação no mundo?!...!

E' lá possível isto?

LVI

Um bom amigo que lealmente confessa achar-se de nós separado, embora não radicalmente, no tocante à questão ventilada no "A BEM DA VERDADE", dando-nos mais uma prova dos bons propósitos que o animam como operoso discípulo do Mestre que é, mui fraterno, em carta amiga, solicitou a nossa atenção para um "cochilo" em que incorremos no nosso artigo anterior, quando tratamos do Sermão da Montanha.

Agradecendo ao nobre amigo e prezado confrade a justa observação notada, vamos, desde já, retificar para todos os efeitos o erro cometido.

Dissemos no estudo último que o Sermão da Montanha havia sido pregado pelo Cristo no Monte das Oliveiras, o que não é, positivamente, exato, por isso que o Monte das Oliveiras, a cujo sopé se estendia o famoso jardim de Gethsemani, estava situado na Judéia, próximo de Jerusalem, ao passo que o Sermão da Montanha foi pregado na Galiléia. Como bem acentua o prezado amigo em sua elucidação fraterna que muito nos sensibilizou, nem Mateus nem Lucas, únicos evangelistas que se referem ao sermão das bemaventuranças, localizaram o monte sobre o qual foi proferida a grande lição, sendo que para certos autores, — nos informa o caro confrade — faz ele parte de um conjunto de colinas a que pertence, chamado Kurun-Hattin.

Para demonstrar ao prezado colega o quanto nos mereceu a sua ajuda esclarecedora, e por se tratar de matéria que deve interessar aos estudiosos da doutrina, mormente aos que têm a missão de divulgá-la pela palavra ou pela imprensa, vamos aquí registrar, num breve parêntesis, o que consegui-

mos colher no rápido manuseio que fizemos nos livros que formam a nossa pequena biblioteca.

Onde maiores detalhes obtivemos acerca da situação do chamado monte das bemaventuranças, foi na primorosa obra "Évangile selon S. Mathieu. Introduction critique et commentaires par M. l'abbé L. Cl. Fillion, professeur d'Écriture Sainte au Grand Séminaire de Lion. Edição de P. Lethiellieux — Paris — 1878.

Assim comenta o abade Fillion o trecho do evangelho, nesse passo:

"De même qu'on nous a montré au Sud, dans la Judée, la montagne de la Quarantaine, témoin de la tentation du Sauveur, de même on nous fait voir au Nord, dans la Galilée, la "montagne des Béatitudes", qui servit pour ainsi dire de chaire à Jésus en ce jour solennel. Elle se nomme en arabe "KOUROUN-HATTIN", les cornes d'Hattin. ELLE EST SITUÉE A' MI-CHEMIN ENTRE LE THABOR ET CAFARNAUM, A' PEU PRÈS EN FACE DE TIBÉRIADE ET SEULEMENT A' TROIS HEURES DU LAC DE GENNESARETH.

La position s'accorde fort bien avec l'ensemble du récit évangélique, car elle est facilement abordable de toutes parts et trouve justement dans la région où prêchait alors Notre-Seigneur".

Assim, podemos, baseados no abade Fillion, localizar o monte sobre o qual Jesús pregou o famoso sermão, entre o Thabor e Cafarnaum quasi em frente ao mar de Tiberiades, e até melhor elucidação, podemos dizer que esse monte era o Kurum-Hattin.

PERDRAU, em sua obra "LES SAINTS ÉVANGILES COMMENTÉS", à pág. 60 do vol. 1º. acompanha, *ipsis literis*, o comentário do abade Fillion, apenas difere na grafia de "Hattin" para Hatten".

Fica, pois, retificado, nesse passo, o nosso artigo anterior: não foi no monte das Oliveiras que Jesús pregou o Sermão da Montanha, mas sim no monte Kurum-Hattin, ou Kurum-Hatten, que fica entre o monte Thabor e Cafarnaum.

Retomemos, agora, o nosso estudo sobre a obra de Roustaing.

Depois do fugaz comentário feito sobre duas sentenças apenas, do Sermão da Montanha, e no qual estranhámos que os Espíritos dos Evangelistas houvessem interpretado uma simples e fraterna advertência do Cristo, como uma MALDIÇÃO aos que rejeitam às verdades que se lhes ensinam, encontramos a pág. 414 o Comentário aos Capítulos V de Matheus e XVI de Lucas, sob a apígrafe: "Jesús não veio destruir a lei, mas cumpri-la".

A explicação dada pelos Espíritos do Sr. Roustaing, nessa passagem do Evangelho, se resume, propriamente, nestas palavras:

"Dizendo que não viera abolir a lei, mas cumpri-la, o Cristo mostrava aos homens não ser a moral, que lhes éle pregava diversa da que antes lhes haviam ensinado os enviados do Senhor, Espíritos em missão ou profetas. Mostrava que, simplesmente, tudo tem que seguir a marcha do progresso da natureza".

E' um comentário muito restrito, mas contra ele nada se lhe pode opôr. Sintetisa uma verdade.

Mas, o que nos parece como que um corpo estranho enquistado na "explicação" desses versículos, é a exposição declaratoria que ao Sr. Roustaing aí fazem os Espíritos que lhe revelaram a "Revelação da Revelação", concebida nestes termos:

"Não penseis que tenhamos vindo destruir a lei e os profetas". Não; nada do que está na lei passará, porquanto a lei é o amor, que há de continuamente crescer, até que vos tenha levado ao trono eterno do Pai. Vimos lembrar, explicar, tornar compreensível em espírito e verdade — a doutrina moral, simples e sublime, do Mestre, os ensinamentos velados que éle transmitiu aos homens, as profecias veladas que fez durante a sua missão terrena. Não vimos destruir a lei e sim cumpri-la, ESCOIMANDO A DO CRISTO DAS ADIÇÕES QUE LHE INTRODUZIRAM, DAS TRADIÇÕES QUE LHE TOMARAM O LUGAR, DOS DOGMAS QUE, ORIUNDOS

DAS INTERPRETAÇÕES HUMANAS, LHE ALTERARAM OU FALSEARAM O SENTIDOS E A APLICAÇÃO". (Vol. 1. pág. 415).

Como se vê, os Espíritos que transmitiram ao Sr. Rousstaing a "Revelação da Revelação" se atribuem a missão de escoimar a lei do Cristo DAS ADIÇÕES QUE LHE INTRODUZIRAM, das tradições e dos dogmas que lhe alteraram ou falsearam o sentido e a aplicação.

Estamos no final do 1.º volume dessa chamada "Revelação da Revelação" e ainda não encontramos, nessas 415 páginas já percorridas, nada, absolutamente nada, uma palavra, sequer, denunciadora da existência de qualquer ADIÇÃO, TRADIÇÃO OU DOGMA, que esses mesmos espíritos houvessem ESCOIMADO como oriundos das interpretações humanas.

Tudo para eles tem sido aceito, como verdadeiro, como realmente escrito por eles próprios àquele tempo em que conviveram com o Cristo.

E então perguntamos: Quem está com a razão: S. Jerônimo quando confessa, em carta dirigida ao Papa Damazo, haver corrigido os Evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João de acordo com os mais antigos manuscritos gregos ALTERANDO-OS no que lhe parecera obscuro; ou os Espíritos reveladores da obra do Sr. Rousstaing quando declaram que vieram para escoimar a lei do Cristo das adições nela introduzidas, e a aceitam integralmente?!

Talvez haja quem diga: — Ora, isto são minúcias que nada afetam a obra. Assim poderia ser, respondemos, se não se tratasse de uma obra que se diz ser uma "Revelação divina" idêntica a que recebeu o missionário Allan Kardec.

LVII

No nosso último estudo tratamos da afirmativa dos espíritos reveladores da obra do Sr. Rousstaing quando disseram que vinham cumprir a lei do Cristo e reintegrá-la na verdade. Os demais capítulos que completam o 1.º volume da obra nada oferecem que nos possa merecer uma particular atenção, em face do objetivo que colimamos com este nosso trabalho, que não é — e o repetimos mais uma vez — senão o de evidenciar, por uma análise racional e concludente, que a obra do Sr. Rousstaing não pode absolutamente ser considerada, como se pretende, parte integrante da obra de Kardec.

Fica, assim, lido e estudado o primeiro volume da famosa obra "Os Quatro Evangelhos", do Sr. J. B. Rousstaing.

* * *

Abramos o 2.º Volume e passemos a fazer uma meditada leitura sobre as "revelações" que eles nos oferta.

Sob o título "Deus julga pelas obras" lemos à pág. 69 um perfeito comentário ao V. 21 do Cap. VII, de Mateus: "Nem todo aquele que me diz: Senhor! Senhor! entrará no reino dos céus".

Logo a seguir lemos o que se segue:

"Ao espírita muito será reclamado. Que ele, portanto, se prepare para prestar contas exatas do que lhe foi confiado".

No momento em que estas palavras acabavam de ser escritas, o médium, colocado espontaneamente sob nova influência, escreveu, com uma grafia DIFERENTE e MAGISTRAL, o seguinte:

(Nota do autor):

"Não basta se diga que uma moral é sublime; cumpre seja posta em prática. Não basta ser-se CRISTÃO e mesmo CRISTÃO-ESPÍRITA, se se não pratica a moral por mim ensinada. Assim pois, que os que querem entrar no reino de meu pai sejam seus filhos pelo coração e não pelos lábios. OBEDECAM COM SUBMISSÃO, ZELO E CONFIANÇA ÀS INSTRUÇÕES QUE RECEBERAM E RECEBEM HOJE DOS ESPÍRITOS ENVIADOS, de acordo com as minhas promessas, para ensinarem progressivamente aos homens todas as coisas, para conduzi-los à verdade e lembrar-lhes o que eu lhes disse:

"Que digam: Senhor, Senhor! mas que o digam do fundo de seus corações; que seus atos correspondam às suas palavras e o reino dos céus lhes pertencerá".

Por aquele, cuja mão protetora sustenta os humildes e os fracos e humilha os orgulhosos e poderosos.

ISABEL"

Temos, pois, uma mensagem ditada pelo Cristo e transmitida, psicograficamente, pelo espírito de Isabel, com grafia magistral e diferente da que vinha sendo usada pelos espíritos reveladores de "Os Quatro Evangelhos".

Não discutimos a possibilidade de serem obtidas comunicações inspiradas pelo Cristo e transmitidas aos humanos por intermédio dos Espíritos por Ele designados.

Mas, o que ninguém põe em dúvida é que tais mensagens são raríssimas, têm uma elevação moral inconfundível e têm sempre alguma coisa de muito imperioso e de muito necessário para a humanidade a justificá-las.

E, mais ainda: essas mensagens, em geral, não são dirigidas, senão excepcionalmente, a alguém ou a uma coletividade, elas abrangem a humanidade inteira porque visam o seu aperfeiçoamento moral ou objetivam alguma coisa que lhes é necessária e que somente a presciência divina, conhece.

Como exemplo, poderíamos citar as 3 grandes mensagens recebidas por Pietro Ubaldi, o médium de "A Grande Síntese".

Ora, a quem vem a interferência de Jesús no trabalho em

execução pela Sra. Collignon? O versículo que os Espíritos explicam já estava perfeitamente esclarecido, com desenvoltura mesmo.

Mas, verificamos que a intervenção se operou, justamente, quando os Espíritos se referiam aos espíritas, em particular, lembrando-lhes o preparo devido para a prestação de suas contas pelo que lhes fora confiado.

E se observarmos mais atentamente os dizeres da mensagem, verificamos, sem grande esforço, uma particularidade que de algum modo pode gerar fundadas dúvidas. Quere-mos nos referir à segunda condição imposta para os que quiserem entrar no reino de Deus, isto é:

*".....
que obedeçam com SUBMISSÃO, zelo e confiança às instruções que receberam e RECEBEM HOJE DOS ESPÍRITOS ENVIADOS, de acordo com as minhas promessas, para ensinarem progressivamente aos homens todas as coisas, para conduzi-los à verdade e lembrar-lhes o que eu lhes disse:"*

Se o Espírito de Isabel, recebeu realmente, do Cristo o que acabamos de escrever, que nos seja perdoado opor-lhe a nossa dúvida, dúvida que assim passamos a justificar:

Obedecer COM SUBMISSÃO às instruções dos Espíritos, é, positivamente, negar um dos princípios basilares da doutrina: o de livre-exame.

O Espiritismo veio revelar ao homem a verdade que o conduzirá à perfeição para que foi criado. Essa perfeição, diz o Espiritismo, ele a alcançará pela conquista da sabedoria e pelo aprimoramento das suas virtudes morais. Cérebro e coração são as duas potências a impulsionarem o homem para o seu destino. Para a conquista da sabedoria divina, Deus deu ao homem a inteligência e a razão, deu-lhe o infinito e lhe não traçou limites para perquirir, investigar, sondar esse mesmo infinito quando em busca da verdade ou quando quiser se certificar, se, por ela, já se sente iluminado.

E' nisto que está a imensa diferença entre o Catolicismo e o Espiritismo.

O católico deve crer com submissão, porque não tem o direito de perquirir onde está a verdade; por isso não sabe

porque crê. O espírita, ao contrário, deve ter a sua crença alicerçada no saber, por isso sabe por que crê.

Eis porque temos dúvidas em aceitar sem reservas, como do Cristo, essa mensagem que manda obedecer, com submissão, às instruções dos Espíritos.

E não se diga que estamos negando a atitude de submissão, de obediência, de conformação, que todos nós, cristãos espíritas ou não, devemos possuir.

Mas essa submissão é bem diferente da preconizada pela mensagem a que nos estamos referindo. Essa, engrandece, porque se nivela com a humildade. E' a submissão à vontade de Deus, é a nossa conformação com as Suas leis, sempre sábias, sempre justas.

E não encerremos esse estudo sem uma ligeira referência à declaração final do Espírito de Isabel, que assinou a mensagem "por aquele cuja mão protetora HUMILHA os orgulhosos e poderosos".

Estará certo? A mão protetora do Cristo humilha os orgulhosos, ou serão os orgulhosos que se sentirão humilhados pela natureza de suas provas em sucessivas reencarnações?

Fôrça de expressão? Forma de dizer?

Será admissível em Espíritos que merecem a distinção de serem intérpretes diretos do pensamento do Cristo?

LVIII

Ainda repisaremos no estudo de hoje, a pequena mas bem significativa mensagem recebida pelo Sr. Roustaing. como sendo de Jesús e transmitida ou assinada pelo espírito de Isabel, e que se lê à pág. 70 do 2.^o volume.

E o fazemos porque, na verdade, o assunto é delicado e exige mesmo uma maior soma de atenção, um melhor raciocínio, uma observação mais profunda, enfim, visto como sobre ela alimentamos fundadas dúvidas, quanto à sua procedência, vale dizer, sua autenticidade.

Além disso, tratando-se, como se trata, de uma obra que se lhe quer dar os foros de "Revelação Divina" transmitida pelos evangelistas assistidos, ainda, pelos Apóstolos, é bem de ver-se a quanto ficaria ela reduzida se provado ficasse que no seu texto existe uma mensagem atribuída a Jesús, mas cujo texto, por motivos vários, nos leva a crer ser ela de outra procedência, ou pelo menos haver sofrido uma forte influência estranha, seja de ordem espiritual ou de ordem humana.

E foi por tudo isto que nos dispomos, uma vez mais, a reler a dita mensagem, em momento de absoluta calma, e dentro de um ambiente que nos permitisse uma melhor compreensão, ou mesmo, uma intuição mais nítida da verdade que procuramos esclarecer.

O resultado de nossa meditada observação, aqui o vamos consignar por um dever de ordem espiritual, tão somente, sem querer contudo afirmar ser o fruto da nossa observação, uma verdade incontestável. Queremos frizar bem, que o que vamos expor é fruto da nossa observação conduzida, sem dúvida, por uma intuição de procedência espiritual, mas não o resultado de qualquer revelação transmitida pelos espíritos.

Todas as vezes que líamos e relíamos a referida mensagem, a nossa sensibilidade intuitiva era fortemente despertada na passagem do trecho que diz assim: "obedeçam com submissão, zelo e confiança às instruções que RECEBERAM e RECEBEM HOJE dos Espíritos enviados, de acordo com as minhas promessas, para ensinarem progressivamente aos homens todas as coisas, para conduzi-los à verdade e lembrá-los o que eu lhes disse".

Esse trecho nos sugeriu o comentário constante do nosso artigo anterior, em torno da "obediência, COM SUBMISSÃO, às instruções dos Espíritos". A par desse comentário, nos referimos também ao estilo da mensagem e à sua extemporaneidade, pois nada de novo veio ela elucidar sobre o ponto que fôra amplamente explicado pelos "espíritos reveladores".

Atraída, mais uma vez a nossa atenção, para essa passagem, e como que pressentindo que algo de mais importante ela continha e que necessitava ser conhecido, fortalecemos, no máximo, o nosso sincero desejo de receber a elucidação que precisávamos. E então, como que subitamente intuitivo ou inspirado, lançamos fora esse trecho que tanto nos havia impressionado, e fizemos, em seguida a fusão dos dois períodos da mensagem em um só. E eis o que resultou:

"Não basta que se diga que uma moral é sublime; cumpre seja posta em prática. Não basta ser-se cristão e mesmo cristão-espírita, se se não pratica a moral por mim ensinada. Assim pois, que os que querem entrar no reino de meu pai sejam seus filhos pelo coração e não pelos lábios; que digam: Senhor! Senhor! mas que o digam do fundo de seus corações; que seus atos correspondam às suas palavras, e o reino dos céus lhes pertencerá".

Confrontamos, depois, as duas mensagens, e confessamos, que sentimos uma sensação que dificilmente se pode traduzir, mas que é bem aquela que se sente sempre quando se acaba de cumprir um dever de ordem espiritual, sensação de tranquilidade, de paz espiritual.

Para que os nossos irmãos que, pacientes, vêm acompanhando este nosso estudo sobre a obra de Roustaing: "Os Quatro Evangelhos", possam melhor aquilatar do que acabamos de expor, sem a pretensão, — repetimos — de excluir o raciocínio de quem quer que seja, visto como não dogma-

tizamos mas estudamos, reproduzimos, lado a lado, a referida mensagem como consta da pág. 70 do 2.º volume, e com a supressão do período que nos causou estranheza e nos levou à conclusão a que chegamos. Eí-los:

TEXTO COMPLETO

"Não basta se diga que uma moral é sublime; cumpre seja posta em prática. Não basta ser-se CRISTÃO e mesmo CRISTÃO-ESPÍRITA, se se não pratica a moral por mim ensinada. Assim pois, que os que querem entrar no reino de meu pai sejam seus filhos pelo coração e não pelos lábios, OBEDEÇAM COM SUBMISSÃO, ZELO E CONFIANÇA ÀS INSTRUÇÕES QUE RECEBERAM E RECEBEM HOJE DOS ESPÍRITOS ENVIADOS, de acordo com as minhas promessas, para ensinarem progressivamente aos homens todas as coisas, para conduzi-los à verdade e lembrá-los o que eu lhes disse:

"Que digam: Senhor, Senhor! mas que o digam do fundo de seus corações; que seus atos correspondam às suas palavras e o reino dos céus lhes pertencerá".

Que Jesús conceda aos de boa vontade, a luz esclarecedora.

TEXTO COM A SUPRESSÃO DO PERÍODO DUVIDOSO

"Não basta que se diga que uma moral é sublime; cumpre seja posta em prática. Não basta ser-se cristão e mesmo cristão-espírita, se se não pratica a moral por mim ensinada. Assim, pois, que os que querem entrar no reino de meu pai sejam seus filhos pelo coração e não pelos lábios; que digam: Senhor! Senhor! mas que o digam do fundo de seus corações; que seus atos correspondam às suas palavras, e o reino dos céus lhes pertencerá".

LIX

Os versículos 28 a 34 do Capítulo VIII, de Mateus; 1 a 20 do Cap. V, de Marcos e 26 a 40, do Cap. VIII, de Lucas mereceram dos espíritos autores da obra do Sr. Roustaing uma longa e minuciosa "explicação" que vai da página 114 até 129 do 2.º Vol.

Nesses versículos nos relatam os Evangelistas aquela passagem em que Jesús, tendo aportado à terra dos Gerasênios, em frente à Galiléia, fôra abordado por um homem que se achava possuído de uma legião de "espíritos imundos", obcessores, que, ao presentirem que o Mestre os expulsaria, pediram-lhe lhes fôsse permitido "entrar" nos porcos que mais adiante se achavam pastando, o que lhe foi permitido, dizem os Evangelistas.

Explicando essa passagem à luz da Revelação, os espíritos autores da obra do Sr. Roustaing, ressaltam, desde logo, a impossibilidade da união, mesmo momentânea, entre o Espírito e o animal, isto é, "a subjugação corporal deste por aquele e, ainda menos, a substituição ou a posseção. Em outras palavras e, talvez, mais claramente: nenhum animal pode ficar subjugado nem ser possesso de um espírito humano, e isto porque, — explicam esses mesmos espíritos: "o perispírito do Espírito não pode atuar fluidicamente sobre os animais por ser impossível a combinação dos respectivos fluidos, uma vez que os princípios não são idênticos".

Mais adiante, encontramos a declaração de que o obsidiado era, inconscientemente médium de efeitos físicos e que ao se apresentar perante Jesús não trazia roupa alguma. A ação maléfica dos maus espíritos que subjugavam o tal homem; também é referida pelos espíritos esclarecedores, que

ainda explicam que eram os obcessores que lhe transmitiam as forças extraordinárias para quebrar as cadeias de ferro que o prendiam. As explicações que nos são dadas nessas passagens não nos revelam novidade nenhuma.

Quando, porém, os espíritos do Sr. Roustaing abordam o ponto em que os espíritos obcessores pediram a Jesús que os mandasse para os porcos afim de neles entrarem, encontramos na narrativa desses espíritos alguma coisa que está a reclamar ou uma corrigenda, ou uma melhor explicação, para melhor compreensão.

Tentemos esclarecer.

Assim disseram ao Sr. Roustaing, os Espíritos que lhe transmitiram a chamada "Revelação da Revelação":

"Quando, pelo órgão do subjugado, diziam a Jesús: "Manda-nos para aqueles porcos, afim de que neles entremos", os Espíritos impuros se achavam dominados e GOVERNADOS pelos espíritos superiores. ESTES é que os impeliram a se exprimir desse modo".

Não há negar que esta redação pode gerar dúvidas, e uma delas pode ser assim formulada: Os Espíritos Superiores, podem ter a missão de dirigir os chamados "espíritos imundos" ou sejam, os terríveis obcessores, a ponto de os induzir à prática de determinados atos?

E' certo, e não desconhecemos, que os Espíritos Superiores têm ascendência sobre os inferiores mas essa ascendência é sempre de ordem moral e não material, por isso mesmo é que são chamados Espíritos Superiores. Mas, continuemos:

"Logo que Jesús lhes concedeu a permissão pedida, eles se acercaram dos porcos, OS ESPANTARAM por meio de uma aparição só visível para os mesmos porcos e os impeliram na direção do lago, afim de que aí se precipitassem, perseguindo-os com aquela aparição, que revestia uma forma e fazia gestos e ameaças de natureza a os aterrorizar". "Para lhes infundir esse terror, os Espíritos impuros não se serviram da forma humana".

Está bem clara a intenção dos "espíritos reveladores" em afirmarem que, na verdade, os espíritos impuros que obsidia-

vam o possesso não *ENTRARAM* nos porcos, porque seria impossível essa união, mesmo momentânea, — mas deles se acercaram, “espantando-os por meio de uma aparição que lhes causou horror e espanto.

Há, porém, no final da explicação desse longo capítulo, uma nova “explicação” que nos deixa decepcionados, pela confusão que estabelece. E’ que tudo quanto, de forma aceitável e compreensível, os espíritos do Sr. Roustaing explicaram com relação a essa passagem evangélica, se desmorona, se destrói, se desarticula e se anula, com esta decepcionante “revelação”:

“Permitindo aos Espíritos impuros que entrassem nos porcos, Jesús lhes PERMITIA PERMANECER NAS REGIÕES HABITADAS PELOS HOMENS, circunvolvendo a humanidade, isto é, LHES CONSENTIA APROXIMAR-SE DESTA e FICAR EM CONTACTO COM ELA.

“Tal permissão lhes foi concedida para que, junto, assim dos que a título de provação ou de expiação viriam a ser vítimas de suas obsessões e subjugações, como dos que se interessassem por essas vítimas, pudessem eles receber o benefício das preces e encontrar os meios de reflexão e de encaminhamento moral. “Ela lhes foi sobretudo concedida para ensinamento dos homens, porquanto aqueles Espíritos impuros NÃO SE QUEDARAM INATIVOS E FORAM REPELIDOS PELOS DISCÍPULOS DE JESÚS”.

Se lermos com atenção e cuidado o que acima está escrito e consta da página 126 do 2.º volume da obra de Roustaing, e compararmos com o que anteriormente fôra dito por esses mesmos espíritos e que também já transcrevemos, para logo se nos patenteiam duas “revelações” que se repelem. De fato:

Na primeira narrativa os Espíritos impuros *NÃO ENTRARAM NOS PORCOS*, afugentaram-nos com uma aparição. A fuga desordenada dos porcos até caírem no lago, não foi porque eles estivessem “possuídos” dos espíritos impuros que, antes, se achavam obsidiando o homem possesso, mas sim, porque eles se apavoraram ante a visão aterradora que lhes foi projetada por aqueles mesmos espíritos impuros.

Na segunda narrativa, se diz que a esses mesmos Espíri-

tos impuros foi permitido entrarem nos porcos, para que, assim, pudessem permanecer nas regiões habitadas pelos homens, para ficarem em contacto com eles. E o que é mais curioso, o que mais espanta, o que mais decepciona são as justificativas dadas a essa permissão. E quais são elas? A de servirem esses espíritos impuros de prova ou de expiação aos que viriam a ser suas vítimas; e a de proporcionar aos que se interessassem por essas vítimas uma oportunidade para doutriná-los.

De forma que, para ser alcançado esse objetivo é que foi permitido àqueles espíritos impuros “permanecerem nas regiões habitadas pelos homens, circunvolvendo a humanidade”.

Nós, os humanos da terra, cheios de misérias e imperfeições, que nos achamos imensuravelmente distantes dos Espíritos Superiores, quando nos defrontamos com os espíritos impuros obsidiando de qualquer irmão nosso, não nos contentamos em libertar o nosso irmão obsidiado, mas nos esforçamos e tudo fazemos para doutrinar o obsidiante para que ele não busque uma nova vítima e sinta o desejo de se encaminhar na estrada do bem.

E’ bem grande a diferença.

LX

Encontramos à pág. 209 do 2.º Volume da obra de Rousstaing que estamos estudando com o único intuito de evidenciar, à luz da razão e dos fatos, não poder ser essa obra considerada como uma "Revelação" de ordem divina e parte integrante da "Terceira Revelação" codificada por Allan Kardec — a explicação daquela passagem evangélica referente ao amor da família relatada por Mateus, Cap. X. V. V. 37 a 39 e Lucas, Cap. XIV. V. V. 27 e 29.

Nessa passagem o Evangelista Mateus atribui ao Cristo estas palavras: "Aquele que ama a seu pai ou a sua mãe mais do que me ama, não é digno de mim; e aquele que ama a seu filho ou à sua filha mais do que me ama, de mim não é digno". E Lucas põe nos lábios de Jesus estas outras: "Aquele que vem a mim e não odeia a seu pai e a sua mãe, a sua mulher, a seus filhos, a seus irmãos, a suas irmãs e até a sua própria vida, não pode ser meu discípulo".

Estes dois versículos têm sido objeto de muita discussão pelos exegetas, quanto à interpretação do verdadeiro sentido que eles encerram. Tendo-se em conta o conjunto harmonioso da moral do Cristo e a sublimidade dos seus ensinamentos, todos eles tendo por fundamento o amor, a caridade, a renúncia e o perdão, a interpretação literal desses versículos é tudo quanto há de mais aberrante, de mais incompreensível, de mais absurdo e incoerente.

Como se compreender que o Cristo que só pregou o Amor, haja ensinado que para ser-se seu discípulo mistér se faz odiar pai e mãe, mulher e filhos?

Evidentemente, mais do que uma qualquer outra passagem evangélica, aqui ressalta a certeza de que o Evangelho

de Cristo tem que ser interpretado e compreendido "em espírito e verdade".

E essa fiel compreensão, essa exata apreciação das narrativas evangélicas só a poderemos obter mediante a revelação dos espíritos, que nos vêm desvendar os chamados mistérios e milagres que tanto encantaram e atraíram as civilizações dos primeiros séculos.

Daí o aparecimento, na devida época, da obra monumental e imperecível realizada por Allan Kardec: a "Terceira Revelação" que é a codificação dos ensinamentos dos Espíritos Superiores.

Ora, se — como se pretende fazer crer —, a obra do Sr. Rousstaing foi ditada por Espíritos Superiores que foram os Evangelistas e que se achavam, ainda, assistidos nessa missão pelos apóstolos, com o fim de revelar o sentido espiritual dos textos evangélicos, versículo por versículo, forçosamente teremos que encontrar na explicação desses dois versículos acima citados, a sua verdadeira interpretação, o significado exato do pensamento do Mestre.

Mas será assim?

Encontramos na explicação desses versículos uma completa elucidação que satisfaça plenamente o justo anseio de quem quer conhecer a verdade sem de forma alguma renunciar o direito que lhe assiste de usar dos poderes que a sua razão e a sua inteligência lhe concede? Não nos parece.

Senão, vejamos:

Eis o que se lê, à pág. 210, sobre os referidos versículos:

"Para o homem, o único interesse deve ser o do futuro de seu Espírito. Se, portanto, um laço humano qualquer é de molde a desviá-lo do caminho que deve trilhar, cumpre-se libertá-lo dele".

Conhevenhamos ser demasiadamente breve e demasiadamente incisiva esta explicação que nada explica, antes revigora o abandono da família, pois manda que nos libertemos de QUALQUER LAÇO HUMANO uma vez que ele seja de molde a nos desviar do caminho que devemos trilhar.

Ora, o caminho que devemos trilhar é o que nos conduz ao Pai, é o exemplificado por Jesus, logo, se qualquer laço

humano — e a família é um deles — nos desviar desse caminho, a conclusão que se impõe, é que rompamos esse laço, libertemo-nos dele, ou, em última análise, renunciemos a família.

E tanto é demasiada incisiva essa “explicação” referida, que, imediatamente, os espíritos que a deram, procuraram amenizar-lhe o efeito, senão mesmo destruir-lhe a funesta consequência. E então, emendaram, assim:

“Não suponhais que Jesús tenha pretendido pregar e que nós vos preguemos em seu nome o egoísmo místico e a sceura de coração. Longe disso, pois o homem pode amar a seu Deus acima de todas as coisas, e, contudo, ou antes: com mais forte razão, isto é, por isso mesmo, cumprir todas as obrigações que os deveres para com a família lhe imponham, quaisquer que sejam as dissensões existentes entre o pai e o filho, a mãe e a filha: dissensões no modo de pensar.

“O que Jesús quis fazer sentir é que, por condescendência ou por um interesse humano qualquer, a ninguém será lícito, jamais, renegar a lei de amor que ele veio pregar. Não pratiquéis, portanto, nenhuma ação repreensível, tendo em vista satisfazer a esta ou aquela pessoa, objeto do vosso amor na terra, pois, do contrário, **RENEGAREIS O VOSSO MESTRE, QUE A SEU TURNO VOS RENEGARÁ**”.

A explicação como se vê é por demais frágil para espíritos de tão elevados sentimentos e sabedoria, como os Evangelistas.

Muito menos explicativo é, também, o comentário ao versículo de Lucas que usou a expressão “odiar” a seu pai e a sua mãe”. Apenas nos dizem os espíritos do Sr. Roustaing que a expressão é forte e não encontrou equivalente nos nossos idiomas. Mas não nos dizem como a devemos interpretar e concluem condensando o ensinamentos do Mestre nestas palavras: “por aquelas palavras não pretendeu Jesús condenar e não condenou o amor da família, mas o **EXCESSO** que, em tudo, prejudica ao homem e o transvia”.

No entanto, quem abrir o Evangelho segundo o Espiritismo, do Sr. Allan Kardec, encontrará no Cap. XXIII, esta esclarecedora nota do Sr. Pezzani, a projetar a luz esclare-

cedora que aos espíritos do Sr. Roustaing não foi dado conhecer. Diz o Sr. Pezzani:

“Non odit, em latim; Kai ou Misei, em grego, não quer dizer ODIAR, porém AMAR MENOS. O que o verbo grego misein exprime, ainda melhor o expressa o verbo hebreu, de que Jesús se há de ter servido. Esse verbo não significa apenas odiar, mas, também, AMAR MENOS, NÃO AMAR IGUALMENTE, TANTO QUANTO A UM OUTRO. No dialeto siríaco, do qual, dizem, Jesús usava com mais frequência, ainda melhor acentuada é essa significação. Neste sentido é que o Genesis (Cap. XXIX. V. 30 e 31) diz: “E Jacob amou também mais a Rachel do que a Lia, e Jeovah, vendo que Lia era ODIADA...” E’ evidente que o verdadeiro sentido aqui é: MENOS AMADA. Assim se deve traduzir. Em muitas outras passagens hebraicas, e, sobretudo, siríacas, o mesmo verbo é empregado no sentido de NÃO AMAR TANTO QUANTO A OUTRO, de sorte que fôra contrassenso traduzi-lo por ODIAR, que tem outra acepção bem determinada. O texto de S. Matheus, aliás, afasta toda a dificuldade”. (Evangelho segundo o Espiritismo — 27.^a ed., pág. 311, nota 1)

E então ficamos, agora, sabendo que se os tradutores tivessem traduzido o V. 26 de Lucas assim: “Aquele que vem a mim e não AMA MENOS a seu pai e à sua mãe, a seus filhos, seus irmãos, suas irmãs e até a sua própria vida não pode ser meu discípulo”, não precisaríamos de dar interpretação a esse versículo porque ele está perfeitamente acorde com o primeiro mandamento: “Amar a Deus **SOBRE TODAS AS COISAS** e ao próximo como a si mesmo”.

sua palavra o meio dos homens se prepararem para entrar nos caminhos do Senhor”.

Quanto, porém, ao Cristo, isto é, com referência ao versículo 19 de Mateus e ao versículo 34 de Lucas, em que esses Evangelistas chamam Jesús de O FILHO DO HOMEM, e dizem que ele VEIO, COMEU e BEBEU, eis o que se contém na obra do Sr. Roustaing, como explicação a esse texto dos Evangelhos:

“Ao contrário de João, JESÚS VIVIA NO MEIO DOS HOMENS, afim de mostrar a todos o que é praticar o amor e a caridade. Vulgarizava, por assim dizer, as virtudes que pregam, afim de as tornar mais compreensíveis. INCORPORAVA-SE nas classes desprezadas, para mostrar aos orgulhosos que o primordial dever do homem é dispensar assistência, primeiramente aos que estão, ou que ele julga estarem, abaixo de si. ASSENTAVA-SE, diante dos homens, à mesa do pobre, para que este aprendesse a descobrir o verdadeiro sabor do seu pão. DORMIA (ao que todos supunham) sob o teto do portageiro, para lhe dar a ver a calma que resulta da pureza da consciência. NAVEGAVA com os pescadores, afim de lhes incutir o desprezo à morte, tendo por fundamento a fé e a eternidade. VIVIA A VIDA DO HOMEM NA COMPANHIA DO HOMEM, mas não na dos orgulhosos, razão porque os orgulhosos o acusavam de se comprazer nos centros abjetos da sociedade de então”.

Que se depreende dessa explicação, fielmente reproduzida? Nela se encontra, porventura, a negação de que Jesús não comia nem bebia? Há nela qualquer referência que contraria a qualidade de “filho do homem” atribuída a Jesús nos versículos citados? Absolutamente. O que se diz no trecho reproduzido é que Jesús “INCORPORAVA-SE nas classes desprezadas, “ASSENTAVA-SE à mesa do pobre, “DORMIA” sob o teto do portageiro, “NAVEGAVA” com os pescadores, “VIVIA A VIDA DO HOMEM” na companhia do homem.

Mas, tudo isto, que o Cristo fazia para exemplificar, para que os homens o tomassem como modelo, e realmente o era e é, tudo isso, repetimos, esses mesmos Evangelistas, — a se dar inteiro crédito à obra do Sr. Roustaing —, nos dizem nessa obra, que foi tudo uma ilusão, uma aparência, apenas,

LXI

Sob o título: “João e Jesús incompreendidos pelos Hebreus”, encontramos na obra do Sr. Roustaing, 2.º Vol., pág. 286, a explicação dada nos V.V. 18 e 19 de Mateus e 33-34 de Lucas. Estes versículos estão assim redigidos:

No Evangelho de Mateus:

“.....
18 — Veio João e, porque não come nem bebe, dizem: Está possesso do demônio.

19 — O filho do homem veio e porque come e bebe, dizem: Ali está um comilão e bebedor de vinho, amigo dos publicanos e dos pecadores. Mas a sabedoria é justificada pelos seus filhos”.

No Evangelho de Lucas:

“.....
33 — João Batista veio e, porque não come pão nem bebe vinho, dizeis: Está possesso do demônio.

34 — O filho do homem veio, come e bebe e dizeis: É um comilão e beerraz, amigo dos publicanos e dos pecadores”.

No que concerne a João Batista, isto é, com referência ao V. 18 de Mateus e ao Versículo 33 de Lucas, a explicação dada pelos Espíritos, autores da “Revelação da Revelação”, publicada pelo Sr. Roustaing, se restringe a nos cientificar que João, “assim procedendo cumpria a sua missão, dava, como Precursor, o ensinamento e o exemplo da PENITÊNCIA, que tinha por emblema o batismo às margens do Jordão, sendo a

aos olhos humanos, por isso que, na verdade, Jesús nunca comeu nem bebeu, nunca se misturou com as classes desprezadas, nunca se assentou à mesa do pobre, nunca dormiu sob o teto do portageiro ou qualquer outro, nunca navegou, nem nunca viveu a vida do homem em companhia do homem, e tudo isso pela simples razão de que Jesús, não foi homem, não teve carne, não sentiu as necessidades humanas, não nasceu nem viveu como todos os demais homens: ele foi uma aparição tangível, seu corpo era fluídico como fluídicos são os corpos dos Espíritos que, puros, habitam as regiões siderais.

E' por demais chocante a disparidade das duas afirmativas.

Porém, o que não deixa de ser interessante é a exortação incisiva e magnífica com que é terminada essa página do livro do Sr. Roustaing. Nesse remate os Espíritos "reveladores" nos conclamam a seguir o exemplo de Jesús, isto é, a comer e a beber, como ele o fez, à mesa do pobre, do desprezado, do réprobo. Aquí vai, para meditação de todos, a denunciadora exortação:

"Homens, espíritos, fazei como Jesús, sem vos preocupardes com os orgulhosos escribas e fariseus do vosso tempo. Pois que não viveis na solidão, como o Precursor, seguí o exemplo de Jesús: COMEI E BEBEI, COMO JESÚS, à mesa do pobre, do desprezado, do réprobo, porquanto lhes levareis então uma porção do alimento que o sustentará pelos séculos vindouros: o pão da vida que nutre a alma, clareia a inteligência e purifica o coração".

Comamos e bebamos, pois, como Jesús comeu e bebeu, à mesa do pobre, do desprezado e do réprobo.

LXII

Temos sob as nossas vistas a célebre narrativa de Lucas sobre o primeiro encontro de Maria Madalena com Jesús, na casa do fariseu chamado Simão. Acha-se ela no Cap. VII, v. 36 a 50, versículos esses transcritos integralmente na obra do Sr. Roustaing à pág. 239 do 2.º volume, tendo como título: "Pecadora que banha de lágrimas os pés de Jesús e os enxuga com os seus cabelos, derramando bálsamo sobre eles".

A figura de Maria Madalena é uma das que mais refulgem na vida do Cristo, que fez dela uma verdadeira fonte de grandes ensinamentos. Não nos cabe aquí expor a história de Maria Madalena, a pecadora que se lançou aos pés de Jesús e lhos regou com as suas lágrimas, enxugou-os com os seus cabelos e ungiu-os com os perfumes mais caros; que pôs à disposição de Jesús *todos os seus haveres* num gesto eloquentíssimo de arrependimento e de renúncia; que no tópo do Calvário se reúne às outras mulheres, Maria, mãe de Jesús e Maria, mulher de Cleofas; que vai ao túmulo onde José de Arimathea colocara o seu amado Jesús, para mais uma vez ungi-lo com os seus perfumes; que mereceu de Jesús ser a primeira mulher a quem Ele se dirigiu, após a sua morte; e que, finalmente, foi a feliz anunciadora da ressurreição do Cristo aos seus discípulos.

Apenas, como seguimento ao estudo que estamos fazendo da obra do Sr. Roustaing, "Os Quatro Evangelhos" ou a "Revelação da Revelação", nos abalançamos a emitir algumas considerações em torno da exposição explicativa dada pelos Espíritos que revelaram ao Sr. Roustaing a citada obra que se pretende seja considerada como uma Revelação de ordem divina, talqualmente a que foi revelada ao Sr. Allan Kardec.

Vejamos, pois, como os Espíritos que na obra do Sr. Roustaing dizem ser os Evangelistas Mateus, Marcos, Lucas e João, comentam a referida passagem da vida de Jesús.

A primeira impressão que sentimos após a leitura de todo o comentário foi a resultante da classificação dada a Madalena, a pecadora. Ressalta das expressões usadas pelos Espíritos do Sr. Roustaing que Madalena fora "uma mulher de costumes livres", "que vendia o corpo", "uma desclassificada", "mulher de vida dissoluta", "vivendo uma existência de deboche". Ora, não nos quer parecer, salvo melhor juízo, que Maria Madalena, houvesse sido uma debochada, uma desclassificada, uma dissoluta. Não, não o fôra. Nem podia tê-lo sido para que por seu intermédio pudesse o Cristo exemplificar, como exemplificou.

Madalena era uma pecadora sem dúvida, mas mulher de rara beleza, rica, e por isso mesmo possuía os mais caros perfumes, uma corteza que seduzia pela sua graça, sua formosura, seu esplendor, seus adornos riquíssimos. Fôra, justamente a fama grangeada por Jesús de ser um puro, e um homem que fazia milagres e despertava a atenção de todos que levou Madalena a procurá-lo. Era a visão enganadora de uma nova conquista que a movera, que a induzira a ir encontrar-se com o filho do carpinteiro. Supondo-se irresistível, julgava vencer. E venceu, realmente. Se não teve a vitória da carne, teve a do espírito, porque salvou-se.

No entanto segundo os espíritos "reveladores" da obra do Sr. Roustaing, eis o motivo do encontro de Madalena com Jesús:

"O fariseu queria sondar a Jesús para descobrir nele o ponto vulnerável. Só se aproximando do Mestre podia esperar consegui-lo. MESMO A INTRODUÇÃO DE MARIA NA SALA ERA UMA CILADA. De outra forma ele não houvera podido penetrar lá, do mesmo modo que, sem a vossa autorização, UMA DESCLASSIFICADA não entrará em vossas casas".

Que se deduz dessa explicação? Que um fariseu, chamado Simão, querendo descobrir o ponto vulnerável de Jesús, para perdê-lo, convidou-o a comer em sua casa, e para maior segurança e melhor êxito da sua intenção, convidou também a "desclassificada" Maria Madalena para lhe auxiliar na realização do seu desejo oculto.

E no entanto, mais adiante, ao comentarem a frase do Cristo, dirigida a Madalena: "Teus pecados te são perdoados", assim se expressam, EM FLAGRANTE CONTRADIÇÃO, esses mesmos Espíritos reveladores:

"A fé que ela tivera em Jesús é que lhe abrisse os olhos para o seu proceder. A comparação entre a vida sem mácula do Mestre e os excessos inumeráveis da sua própria vida de pecadora foi o que a impressionou E IMPELIU A VIR SUPLICAR O PERDÃO DE SUAS FALTAS, aos pés daquele que ela considerava um enviado celeste".

Ora, se foi a fé que levou Maria Madalena a procurar Jesús para banhar-lhe os pés com suas lágrimas, e enxugá-los com seus cabelos, a beijá-los e a perfumá-los com bálsamo; e se foi o procedimento do Cristo que a IMPELIU a ir suplicar-lhe o perdão para as suas faltas, como poderia ter sido uma cilada adrede preparada pelo fariseu para descobrir em Jesús o ponto vulnerável que o levaria à perdição?

Repetimos. Essas contradições, esses descuidos, que à primeira vista podem parecer de nenhuma importância ante o vulto da obra, seriam, talvez, tolerados senão se tratasse de obra que, por ser mediúnica, querem os seus intransigentes defensores considerá-la como parte integrante da obra imperecível codificada pelo insigne missionário Allan Kardec.

E não terminaremos sem transcrever mais um pequenino trecho que muito nos chocou e que bem melhor fôra não o reproduzíssemos. Mas assim é preciso para edificação dos que nos leem e alimentam o desejo de julgar com acêrto a aludida obra do Sr. Roustaing. Eis o pequenino trecho:

"Conquanto mulher de vida dissoluta, Maria tinha um coração sensível às misérias de seus semelhantes. De natureza fraca e impressionável, sua existência de deboche ERA MESMO DEVIDA AO EXCESSO DO SEU AMOR À FAMÍLIA, com a qual repartia, em larga proporção, o produto do seu vergonhoso comércio".

Que os nossos leitores meditem sobre a veracidade dessa "revelação" acerca de Maria Madalena, aquela que mereceu o perdão do Cristo e hoje, é, no plano sideral, a iluminada Thereza de Jesús!

LXIII

No Evangelho segundo Marcos, Cap. III, v.v. 3, 4 e 5 se lê o seguinte:

"3 — Disse então Jesús ao homem que tinha a mão seca: Vem aqui para o meio. 4. E perguntou: E' permitido em dia de sábadu fazer o bem ou o mal, salvar ou tirar uma vida? Eles se calaram. — 5. Perpassando então por eles o olhar, TOMADO DE CÓLERA, aflito pela cegueira de seus corações, disse ao homem: Estende a tua mão; o homem a estendeu e ela ficou sã".

Na obra do Sr. Roustaing, que estamos estudando, essa passagem evangélica traz o seguinte comentário:

"Relativamente aos escribas e fariseus, nas traduções da narrativa de Marcos (v. 5) se diz que Jesús os achou "tomado de cólera, aflito pela cegueira de seus corações". Palavras humanas. Não confundais nunca, nas narrativas evangélicas, o que reproduz as impressões, as idéias, a opinião, as apreciações dos que se grupavam em torno de Jesús, daqueles a quem ele falava, com as próprias palavras do Mestre, com a sua pessoa, com seus atos. A cólera jamais entrou no coração de Jesús".

Não resta a menor dúvida sobre o acêrto dessa advertência, manda a verdade que se diga. Realmente é de se ter o máximo cuidado em não confundir as palavras proferidas por Jesús, com as usadas pelos evangelistas ao narrarem os

atos praticados por Jesús. Está neste caso a passagem em estudo. A expressão que nos diz que Jesús foi tomado de cólera contra os escribas e fariseus é de autoria de Marcos. Não temos dúvida a esse respeito.

Mas os espíritos reveladores da obra do Sr. Roustaing não se limitarem a essa justa advertência e à afirmativa incontestada de que no coração de Jesús jamais entrou a cólera. Eles foram mais longe, abalançaram-se a interpretar a expressão usada por Marcos; e como o próprio Marcos, segundo nos diz a obra do Sr. Roustaing, é um dos espíritos que vieram dar-lhe a explicação de todos os versículos dos Evangelhos, segue-se que essa interpretação não pode deixar de merecer fé, por ser dada pelo próprio autor da expressão interpretada.

Vejamos, pois, a interpretação autêntica da narrativa de Marcos quando nos diz que Jesús foi tomado de cólera. Assim está ela redigida:

"A palavra do texto original, BEM INTERPRETADA, pode ser tomada nas acepções de CÓLERA e de INDIGNAÇÃO. Nesta ÚLTIMA E NÃO NAQUELA É QUE DEVE SER ENTENDIDA".

Temos, pois, a aceitar-se como sendo a obra do Sr. Roustaing uma "Revelação" de ordem divina, a afirmativa de que Jesús se mostrou indignado com os escribas e fariseus, porque eles não lhe deram resposta à pergunta que lhes fizera. Fica, assim, explicado pelos espíritos reveladores da obra do Sr. Roustaing, que Jesús NÃO FOI TOMADO DE CÓLERA, mas FOI TOMADO DE INDIGNAÇÃO.

Não há como fugir a essa conclusão, diante dos textos que reproduzimos, e que se acham, para qualquer conferência, no volume 2.º, págs. 265 e 266.

Mas, isso é positivamente um absurdo, uma coisa aberrante da noção que todos nós temos sobre a personalidade de Jesús.

Assim também o sentiram os Espíritos do Sr. Roustaing, manda a verdade que se diga. E então, como que para desfazer o péssimo efeito daquela dura interpretação, e justificar a afirmativa de que a cólera jamais entrou no coração de Jesús, procuram retificar, senão desfazer a absurda interpretação, dizendo:

“Como admitir-se que Deus e o Cristo, reprovando a cólera no homem, fossem dela passíveis? Jesús PARECEU, aos homens que o cercavam, INDIGNADO, por ver que os escribas e fariseus resistiam voluntariamente aos esforços que ele empregava para os reconduzir ao bom caminho”.

Com essa nova explicação, temos, resumindo:

a) *quando Marcos disse que Jesús foi tomado de CÓLERA, deve-se entender que ele quis dizer que Jesús foi tomado de INDIGNAÇÃO;*

b) *que essa indignação não existiu, realmente, porque Jesús não era passível de cólera, mas PARECEU, aos homens que o cercavam, que estava indignado.*

Ora, quer nos parecer, que a cólera, como a indignação, é uma manifestação positiva de um estado da nossa alma; é, bem se pode dizer, a manifestação exterior da nossa inferioridade espiritual. O colérico ou o indignado, para sê-lo, há de forçosamente dar expansão exterior da revolta que assaltou o seu espírito. Um homem não pode PARECER que está colérico ou indignado, a menos que esteja simulando, como fazem os atores no palco dos teatros. Assim sendo, de duas uma: ou o Cristo realmente se indignou, como nos diz a obra do Sr. Roustaing, o que é inconcebível; ou o Cristo SIMULOU que estava indignado. Na primeira hipótese temos a negação da pureza do Espírito de Jesús, na segunda, temos a declaração atrevida de que o Cristo foi um ator de primeiríssima ordem e não o enviado do Pai para ensinar aos homens o caminho, a verdade e a vida.

Essa a única conclusão.

LXIV

Em estudos anteriores, e mais do que uma vez, já aludimos ao fato de se encontrar na obra do Sr. Roustaing — e não nos esqueçamos nunca que ela foi ditada com o objetivo único de revelar a verdadeira interpretação de todos os versículos dos Evangelhos —, certas passagens não explicadas pelos espíritos que a ditaram sob a alegação de que ainda não nos achamos em condições de as compreender. É uma forma, essa, de remover com facilidade certas proposições muito difíceis de serem aceitas pela razão para serem compreendidas.

Na análise que constitue o nosso estudo de hoje, vamos encontrar, mais uma vez, a interpretação desse recurso, o que, evidentemente, constitue motivo de reparo e nos leva a não emprestar a essa obra aquela soma de credibilidade que seria natural, se, na verdade traduzisse ela o fiel pensamento dos Evangelistas Matheus, Marcos, Lucas e João sob a assistência dos apóstolos.

A nosso ver, esse é um ponto, entre muitos outros, vulnerável da obra em apreço. E assim o julgamos, porque se ela fosse realmente uma “nova revelação” necessária ao progresso da humanidade, certo ela não poderia conter ensinamento que não tivesse à altura da compreensão humana, ou melhor dizendo, ela não abordaria certos detalhes cuja formação ou cuja manifestação não fosse, ainda, dado ao homem conhecer. Era preferível o silêncio do que a afirmativa de certas teses cuja explicação não pode ser dada, mormente, repetimos, em se tratando de uma obra que se pretende colocar no mesmo pé de igualdade com a que foi recebida e codificada pelo insigne missionário Allan Kardec.

Isto posto, iniciemos o nosso estudo.

Encontramos à página 276, do 2.º volume, alguma coisa interessante, como "explicação reveladora" do que é "Deus". Vejamos:

"Deus, o Senhor onipotente, é, como sabeis pela que já vos dissemos, uno, único, indivisível — ESSE O GRANDE SEGREDO QUE SÓ REVELAREMOS INTEIRAMENTE QUANDO HOUVER SOADO A HORA. Eterno, infinito, ele reina sobre todos os universos, na imensidade sem limites. Criando continua e eternamente, é o pai de tudo e de todos, de tudo o que é, no infinito".

Perguntamos: que grande segredo é esse que só poderá ser revelado quando houver soado a hora?

Será que ainda não nos achamos suficientemente evoluídos, para compreender que Deus é uno, único e indivisível? Poderá isso constituir segredo para nós? Pois não está revelado no Livro dos Espíritos, de Allan Kardec, que Deus é eterno, imutável, imaterial, único, onipotente, e soberanamente justo e bom? Que segredo será esse tão cautelosamente guardado pelos espíritos reveladores da obra do Sr. Roustaing? Mistério!

Ora, perguntamos, que juízo se poderá fazer de uma obra, a qual se pretende dar foros de "revelação divina", em que se diz que a onipotência, a unicidade e a indivisibilidade de Deus constituem UM SEGREDO que só poderá ser revelado à humanidade quando houver soado uma determinada hora?

Que respondem os que têm vontade de conhecer a verdade, os que já se acham aptos a separar o jóio do trigo.

Não menos interessante e não menos curiosa é a explicação sobre a lei do progresso e a constituição dos mundos, que se lê logo a seguir, e que está assim redigida:

"Para todos os mundos promulgou a lei imutável do progresso, mas a cada mundo deu a constituição que lhe era apropriada. Nem todos têm que passar HUMANAMENTE, pelas mesmas fases. Assim como há Espíritos (conforme já o explicamos) que NUNCA FALIRAM, também HÁ MUNDOS QUE SE CONSERVARAM SEMPRE FLUÍDICOS E OUTROS MAIS OU MENOS MATERIAIS, de acordo com as necessidades dos espíritos a cuja habitação se destinam".

Já tivemos ocasião de expor, sucintamente, embora, — visto não ser o nosso intuito, no estudo que estamos fazendo, discutir as teses da infalibilidade dos espíritos que nunca se humanizaram e a da natureza do corpo de Jesus, mas sim demonstrar à luz da razão que a obra do Sr. Roustaing não pode ser tida como fazendo parte integrante da de Kardec e muito menos constituir obra básica do Espiritismo —, a inadmissibilidade da evolução do espírito sem a incarnation nos mundos materiais criados justamente para neles os espíritos fazerem o seu progresso moral e intelectual. E' a grande tese que assim se formula: A incarnation dos espíritos é uma necessidade ou uma expiação de falta cometida? Segundo os Espíritos que transmitiram a Kardec a Terceira Revelação, a incarnation é uma necessidade. E' o que nos ensina a resposta dos espíritos à pergunta assim formulada:

"133 — Os Espíritos que, DESDE O PRINCÍPIO, seguiram o caminho do bem, necessitam da incarnation?"

R — "Todos são criados simples e ignorantes; INSTRUEM-SE NAS LUTAS E TRIBULAÇÕES DA VIDA CORPORAL. Deus, que é justo, não podia fazer alguns felizes, sem penas e sem trabalho, e, por consequência, sem merecimentos".

Para os Espíritos reveladores da obra do Sr. Roustaing, muito ao contrário; só há incarnation quando o Espírito comete uma falta; se ele nunca falir, nunca se incarnará em mundo algum. Não só Jesus, como outros Espíritos puros, estão nesse caso, segundo a revelação Roustainiana, como se lê, à pág. 317, do 1.º volume:

"Não; a incarnation humana não é uma necessidade, é um castigo, já o dissemos. E o castigo não pode preceder a culpa".

Diante disto, desta flagrantíssima contradição, como admitir-se seja a obra de Roustaing, parte integrante da de Kardec, e como esta, uma "revelação" de ordem divina?

LXV

Vimos no nosso artigo anterior, que os Espíritos reveladores da obra do Sr. Roustaing, confirmando ser Deus uno, único e indivisível, dizem, entretanto, constituir isso *UM SEGREDO* para a humanidade que só poderá ser revelado quando houver soado a hora.

Aguardemos, pacientemente, mais essa nova revelação prometida.

Vamos, pois, concluir esse nosso artigo, como prometemos, analisando a parte final da transcrição feita, que é a seguinte:

“Assim como há Espíritos (conforme já o explicamos) que nunca faliram, também há mundos que se conservaram SEMPRE FLUÍDICOS e outros mais ou menos materiais, de acordo com as necessidades dos Espíritos a cuja habitação se destinam”.

Nesse pequenino trecho encontramos mais uma afirmativa que, a nosso ver, infringe os princípios constitutivos da lei da evolução dos seres e das coisas. Se aceitarmos a existência de mundos que *SEMPRE* se conservaram fluídicos para servirem de habitação a espíritos em via de progresso, somos forçados a admitir que Deus *CRIOU* duas qualidades de mundos; mundos perfeitos e mundos primitivos.

E' sabido que os mundos fluídicos são a morada dos espíritos já bastante evoluídos, espíritos esses que necessitam de um mundo superior em evolução para nele continuarem a progredir.

Ora, parece-nos ser ponto indiscutível, incontroverso, na

doutrina, a unicidade na criação divina. A origem de todos os planetas é a mesma, qualquer que seja a hipótese admitida. Nada surgiu no universo no seu estado de perfeição. Tudo evolue, essa a lei. Os Espíritos foram criados simples e ignorantes. Como, pois, admitir-se, essa incompreensível exceção, na criação dos mundos como pretendem os espíritos reveladores da obra do Sr. Roustaing?

Se na criação houvessem mundos que *SEMPRE FORAM FLUÍDICOS* para a habitação de espíritos superiores, estaria revogada a Lei.

Não, não pode ser assim.

Os mundos progridem como progridem os espíritos, porque estão sujeitos à mesma lei, lei que é eterna, imutável, inderrogável, por ser divina.

Assim não entendem, no entanto, os “Evangelistas” reveladores da obra “Os Quatro Evangelhos” recebida pelo Sr. J. B. Roustaing, através a mediunidade de uma única médium, Mme. Collignon a quem ele conhecera 8 dias antes!

Mas o que é curioso, o que é realmente interessante e não deixa de causar espanto, em se tratando de espíritos que vieram especialmente trazer à humanidade a “Revelação da Revelação” — é a explicação que esses Espíritos reveladores oferecem para esclarecimento da sua afirmativa sobre a existência de mundos que se conservaram *SEMPRE FLUÍDICOS*.

Apreciem os nossos leitores a justificativa apresentada. Ei-la:

“Quando chegar a ocasião de vos dizermos o que significam, em espírito e em verdade, estas palavras de Jesús: ‘Há muitas moradas na casa de meu pai’; dar-vos-emos, acêrca da natureza dos mundos, EXPLICAÇÕES QUE NÃO DAMOS AGORA, porque nos fariam sair do círculo em que presentemente nos devemos manter”.

Vejam, pois, a “explicação que se contém no comentário sobre as palavras de Jesús: “Há muitas moradas na casa de meu pai”.

Vejam-se nessa “explicação” encontramos algo que nos possa convencer da existência de mundos que *SEMPRE* se conservaram fluídicos.

A explicação está no 4.º volume, à pág. 420. Aí se lê o seguinte:

"V. 2 — Há muitas moradas na casa de meu pai. Se assim não fosse, eu vô-lo teria dito, porquanto vou preparar-vos o lugar".

"Desla forma Jesús afirma positivamente a habitabilidade que, para os Espíritos que vegetam no nosso planeta, oferecem os mundos disseminados pelo espaço E AFIRMA A HIERARQUIA ASCENSIONAL DESSES MUNDOS. A Casa do Pai é o Universo, a imensidade, o infinito. As diversas moradas que nela há são todos os mundos, indistintamente, os quais constituem habitações apropriadas às diversas ordens de espíritos, pois que A HIERARQUIA ASCENSIONAL dos mundos compreende a dos espíritos que os habitam".

Aquí se fala, como se vê, em *HIERARQUIA ASCENSIONAL DOS MUNDOS*.

E como se formou essa hierarquia? Pela evolução, sem dúvida.

E é o próprio Sr. Roustaing, quem assim responde, contradizendo-se, pois. Aquí está, segundo ele, como se estabelece a hierarquia dos mundos:

"Os mundos, considerados do ponto de vista do estado que lhes é próprio e do progresso planetário, estão sempre em relação com o estado e progresso dos Espíritos que o habitam. São materiais ou espirituais, classificando-se de materiais os que servem de habitação aos espíritos que incarnam na matéria. QUANTO AOS OUTROS, NÃO OS HÁ QUE SEJAM ESPECIALMENTE ESPIRITUAIS. Todos os são, desde que não mais os habitem Espíritos incarnados na matéria, isto é, Espíritos que revestam corpos materiais". (V. 2.º, pág. 476).

Lá está a afirmativa: "Quanto aos outros (mundos espirituais) NÃO OS HÁ que sejam ESPECIALMENTE espirituais. Todos os são desde que neles não mais habitem espíritos que revistam corpos materiais.

Ora, é incontestável que a condicional — "desde que não

mais os habitem espíritos incarnados na matéria", vale dizer que esses mundos já foram habitados por espíritos revestidos de corpos materiais, logo... não foram *SEMPRE FLUÍDICOS*. E assim sendo, se conclue, que os chamados mundos fluidicos são os mundos em que cessou a materialidade.

Quem o diz? O próprio Sr. Roustaing neste passo:

"No que respeita aos mundos, sejam de ordem material, sejam de ordem espiritual, tantas são as suas gradacões, dos pontos de vista DA SUA SUCESSÃO NA CATEGORIA DOS MUNDOS; DA SUA PROGRESSIVIDADE e da sua utilidade como mundos intermediários, que não se lhes pode formar a escala, quer se trate de ir dos mundos materiais aos que se acham no estado fluidico, quer se trate de ir destes, QUE SÃO OS EM QUE CESSOU A MATERIALIDADE, aos que atingiram o estado de pura fluidez".

Aí temos uma definição do Sr. Roustaing, do que sejam os mundos fluidicos: "Os em que cessou a materialidade".

Se cessou a materialidade, houve materialidade, se houve materialidade, não existem mundos que *SEMPRE* se mantiveram no estado fluidico.

A razão assim nos diz.

LXVI

Não menos interessante que as demais “explicações” por nós já estudadas, é a que se refere aos versículos 38 — 42 e 29 — 32, dos Capítulos XII e XI, respectivamente de Mateus e Lucas, e que se acha à página 295 *usque* 299.

Esses versículos se referem à narrativa do que se passara com o profeta Jonas que, segundo Mateus, estivera três dias e três noites no ventre de uma baleia.

O fato não foi verdadeiro, dizem os espíritos que trouxeram ao Sr. Roustaing a “Revelação” que estamos estudando. Não houve esse “milagre” na vida do Cristo. E’ o que lemos, no seguinte trecho:

“Houve, da parte do narrador, erro e falsa interpretação quando disse: ‘que Jonas fôra atirado ao mar; que Deus preparara um peixe imenso para engulir o profeta; que este passou três dias e três noites dentro de tal peixe; que o Senhor falou ao peixe e que este pela boca deitou Jonas na praia’.”

Vamos ver, então, o que realmente se passou com o profeta Jonas, segundo a “Revelação” do Sr. Roustaing: Assim está escrito à página 296:

“Jonas não foi lançado ao mar. Esteve, sim, três dias e três noites a ferros no fundo do navio que o levava. Um marinheiro devotado de lá o tirou e trouxe num bote até à praia, onde o deixou. Salvou-o, portanto, a dedicação de um homem, que serviu de instrumento à Providência, pois que, por influência e inspiração espíritas cumpriu a vonta-

de de Deus, libertando Jonas das cadeias que o prendiam, trazendo-o num bote do navio e depondo-o na praia. A credulidade e a atração que exerce no homem tudo o que revista o caráter de maravilhoso deram origem à crença num acontecimento miraculoso.

*O PEIXE OUTRO NÃO ERA SENÃO O NAVIO
a cujo bordo se achava Jonas e A BOCA DO PEIXE
— O BOTE que o depôs na praia.*

Depreendemos da revelação dada que não houve nenhum “milagre”. O que houve foi um grande erro praticado pelo Evangelista Mateus ao narrar o fato, confundindo, lamentavelmente, um peixe com um navio.

Mas teria sido assim, realmente? Seria que àquela época, os homens de saber, como eram os Evangelistas, desconheciam o que fôsse um navio, a ponto de o confundirem com uma baléia?

Ou será que essa nova revelação que nos diz tratar-se de um “navio” e de um “bote” seja uma forma sugerida para explicar uma passagem que mais se coaduna com uma lenda do que a expressão de uma realidade?

E’ verdade que o Evangelista põe nos lábios de Jesús a frase: “Esta geração má e adúltera pede um prodígio; nenhum outro lhe será dado senão o prodígio do profeta Jonas”. Se, pois, Jesús, proferiu estas palavras, Jonas, o profeta, fez qualquer coisa de prodigioso, diante do povo de Ninive. Que teria sido? O ter permanecido três dias e três noites no ventre de uma baléia? Absurdo, que a razão repele.

Mas como Jesús se referiu ao prodígio de Jonas, os espíritos que transmitiram ao Sr. Roustaing a chamada “Revelação da Revelação”, tinham necessidade de “explicar” essa passagem e outra solução não tiveram que transformar o peixe em navio. Mas, como a história diz que o Jonas fôra lançado à praia pela baléia, transformaram, também, a boca da baleia em um “bote”. E assim, parece haver sido solucionado o intrincado assunto.

Depois dessa explicação, e como que a completá-la, encontramos algumas poucas palavras acêrca de Jonas, parecendo-nos visarem elas confirmar que o prodígio realizado por Jonas, fôra, realmente, o haver ele passado três dias e três noites no ventre da baleia.

Essas poucas palavras, são estas:

“Jonas, que era um homem igual aos demais, foi tido pelos ninivistas como um ente excepcional na raça humana, visto que pudera viver dentro de um peixe e dali sair são e salvo, depois de haver passado lá três dias e três noites”.

Mas Jonas, que fôra um profeta, fôra também um pregador, e é o mesmo Evangelista Mateus, que nos diz no v. 41 que “os Ninivistas se levantarão no julgamento contra esta geração e a condenarão, pois que eles fizeram penitência ao ouvirem a pregação de Jonas. Lucas também fala da pregação de Jonas que levou os ninivistas a fazerem penitência.

Se assim foi, não era admissível que haja ele feito prodígios com sua pregação, a ponto do Mestre apontá-lo como exemplo, diante da interpelação dos escribas e fariseus que lhe pediram lhes mostrasse um prodígio por Ele feito?

E' bem possível.

E encerram os Espíritos do Sr. Roustaing a explicação desse nebuloso Capítulo com uma referência à ressurreição e ascensão de Jesus, que dizem ser uma consequência de sua missão e de sua organização fluídica.

E mais uma vez, repisando o que muitas vezes já disseram, assim concluem:

“Para o vulgo, mesmo para os discípulos, JESÚS ERA UM HOMEM IGUAL AOS OUTROS, COM UM CORPO DE CARNE E OSSOS COMO OS DELES”.

E mais adiante:

“Mas os homens daquela época, repetimos, presenciando a “ascensão” O QUE VIRAM FOI UM CORPO, FEITO DE MATÉRIA IMPURA, elevar-se, eternamente, lá onde tudo é espiritual”.

Mas... tudo isso era só na aparência, pois que na realidade, Jesus nunca teve carne humana, não nasceu como os demais seres humanos, e não morreu, como nós morremos, e isto porque o seu corpo era fluídico, segundo a “Revelação” dada ao Sr. J. B. Roustaing pelos Evangelistas Mateus, Marcos, Lucas e João, assistidos, ainda, pelos Apóstolos.

Que fazer?

LXVII

Mateus, o Evangelista, no seu evangelho, ou melhor, no Evangelho segundo o seu testemunho, escreveu assim, o versículo 43, do Cap. XII:

“Quando o espírito impuro tem saído de um homem, vagueia pelos lugares áridos em busca de repouso e não o encontra”.

Quem conhece alguma coisa de Espiritismo e quiser interpretar esse versículo, não terá dúvida em compreender que se trata da situação em que se encontra no espaço todo o espírito impuro, isto é, todo aquele que não conseguiu ainda se libertar das más paixões, ou que aumentou o peso da sua responsabilidade espiritual com a prática de novos delitos, novos crimes. Esse que assim agiu, que assim procedeu, ao deixar o corpo carnal, vagueia no espaço, busca repouso e não o encontra, sofre as consequências do seu erro. Esses “lugares áridos”, parece-nos que são aquelas regiões sombrias em que o espírito permanece, às vezes por longo tempo, sentindo naquele isolamento como que o remorso do mal praticado.

Foi assim, que Kardec doutrinou, com o auxílio dos espíritos.

Na obra do Sr. J. B. Roustaing, “Os Quatro Evangelhos”, explicados pelos Evangelistas Mateus, Marcos, Lucas e João, assistidos, ainda, pelos Apóstolos obra essa que a Federação Espírita Brasileira proclama e propaga ser parte integrante da Terceira Revelação, codificada por Allan Kardec — lemos, simplesmente isto, como interpretação do que sejam os “lugares áridos” referidos pelo Evangelista:

"Os lugares áridos por onde erra o Espírito impuro, o mau Espírito, sem achar abrigo, SÃO OS HOMENS PURIFICADOS que não lhes dão entrada às sugestões."

Para alicerçar essa interpretação nos dá o livro do Sr. Roustaing a explicação de que, nesse passo, Jesus fazia ver aos homens que lhes cumpria estar sempre em guarda contra as más paixões, e que esses Espíritos imundos, ou más Espíritos, são, na linguagem dos Evangelhos, o emblema das más paixões.

Nesse rumo, e como que a justificar a declaração de serem os "LUGARES ÁRIDOS" "OS HOMENS PURIFICADOS", explica, ainda, o Sr. Roustaing:

"Jesus, não o esqueçais, falava aos Judeus e os Judeus acreditavam que o ESPÍRITO IMPURO habitava no subjugado. O Mestre os deixava nessa crença, afim de que ainda mais horror lhes inspirasse a "possessão". Ora, falando para ser compreendido por aqueles homens, era natural que lhes figurasse o espírito impuro a procurar repouso nos lugares áridos sem o encontrar, isto é: a rondar os homens fortes e a encontrá-los surdos às suas instigações. Ai tendes, espíritas, NA ALTURA DO VOSSO ENTENDIMENTO, o ESPÍRITO despojado da LETRA".

Francamente, confessamos, não encontrar nessa confusa "explicação", coisa alguma que nos possa esclarecer, em espírito e verdade, o sentido desse versículo de Mateus. A confusão é lamentável e evidente.

Se, como afirma o Sr. Roustaing, os "Espíritos impuros", na linguagem do Evangelho, são as más paixões, E NÃO OS ESPÍRITOS propriamente ditos, como compreender-se uma "paixão má" procurando repouso nos homens purificados?

Por outro lado, que se trata de "Espíritos" e não de "paixões" bem nos esclarecem estes outros versículos que completam a narrativa:

"V. 44 — Diz então: "Voltarei para a casa donde saí". E voltando, a encontra vazia, limpa e ornada."

V. 45 — Parte então de novo, arrebanha SETE OUTROS ESPÍRITOS ainda piores do que ele, entram todos na casa e passam a habitá-la; e o último estado do homem fica sendo pior do que o anterior. Assim acontecerá com esta geração criminosa".

E' certo, ninguém contesta, e muito antes de aparecer a "revelação" do Sr. Roustaing já sabíamos que o homem precisa estar sempre em guarda contra as más influências que geram as más paixões. Essas más influências são projetadas pelos Espíritos imperfeitos, maus, imundos, na linguagem dos Evangelhos. Para isto, certo, melhor atitude não existe que a prática das boas ações, o exercício da caridade, a exteriorização dos bons sentimentos que atraem, sempre os bons espíritos e afastam os maus.

Ainda, e como remate à explicação desse versículo 44 de Mateus, encontramos uma longa dissertação sobre o "sacrifício da Eucaristia". Que tem a ver a Eucaristia com o citado versículo? Não alcançamos a razão de ser desse exêrto. Se ele não prejudica o estudo, não deixa, no entanto, de emprestar à obra, no seu conjunto, uma certa dose de desordem, o que não deve ser admissível em se tratando, como se quer fazer crer, de uma "Revelação" de ordem divina.

E não deixa de ser interessante que, após haverem os espíritos reveladores da obra do Sr. Roustaing sentenciado: "Não admitais que o corpo e o sangue reais do Salvador se possam equiparar aos alimentos humanos e ficar, desse modo, sujeitos às leis da digestão no corpo do homem", — façam, logo a seguir, esta conclamação:

"Cristãos de todas as seitas, católicos, protestantes, gregos, APRENDEI O QUE VOS ENSINA A NOVA REVELAÇÃO EM NOME DO CRISTO, isto é: que para o Espírito tudo deve ser espiritual, que o homem recebe "o corpo e o sangue" de Jesus apenas emblematicamente, "o corpo" para lhe alimentar a alma, "o sangue" para lavá-la de suas impurezas, mas que a matéria de modo algum participa desse "sacrifício".

Custa-nos muito a compreender como se poderá receber EMBLEMATICAMENTE o "Corpo" e o "Sangue" de Jesus para alimentar nossa alma e lavá-la de suas impurezas!!

E dizer-se que o Espiritismo veio para explicar em espírito e verdade, os ensinamentos do Cristo!

LXVIII

Um dos argumentos invocados pelos que não aceitam a obra do Sr. Roustaing como sendo uma "Revelação" de ordem divina, como é, inquestionavelmente, a obra de Kardec, é a lingaugame confusa e as contradições constantes que enxameiam o volumoso texto de toda a obra.

Sem dúvida, uma das características mais reveladoras da Terceira Revelação transmitida a Kardec é a clareza, a simplicidade, o estilo acessível a todas as inteligências. Isso se compreende, facilmente, pois sabido é que quanto mais evoluído for o espírito, tanto mais perfeita, clara e concisa, é a sua linguagem. A síntese é, também, uma das características reveladoras de superioridade espiritual.

Veja-se a obra de Kardec. Todas aquelas respostas dadas pelos Espíritos às múltiplas perguntas formuladas por Allan Kardec são de uma precisão absoluta, de uma clareza de estilo que as torna facilmente compreensíveis. Nessa obra do grande e inconfundível missionário não se vê o desperdício de palavras, as maçantes repetições que tanto cansam o leitor dificultando a compreensão.

Já tivemos ocasião de mostrar aos nossos leitores o quanto a obra de Roustaing nos oferece dessas imperfeições que a tornam, por isso mesmo, carecente de credibilidade como obra transmitida por Espíritos superiores, elevados, de alta hierarquia espiritual, como sejam os Evangelistas Mateus, Marcos, Lucas e João, assistidos, ainda, pelos Apóstolos.

Uma dessas denunciadoras imprecisões, encontramos à pág. 308, nesse passo:

"Sendo, com relação aos homens, pela sua pu-

reza, pelo seu poder, FILHO ÚNICO DO PAI e vindo dizer-lhes: Sois todos, como eu, filhos de Deus, Jesús precisava demonstrar qua punha em prática os ensinamentos que dava à multidão e provar que todos os seres humanos são de fato filhos de Deus, e, por isso, irmãos dele, Jesús, enquanto caminham nas vias do Senhor".

Ai temos um pequeno periodo cuja redação gera no espírito de quem o lê uma confusão, um embaralhamento de idéias, uma imprecisão, lamentáveis.

De início, temos a afirmativa de ser Jesús, *FILHO ÚNICO* do Pai, e nessa qualidade vem ele dizer aos homens que todos eles, *COMO ELE PRÓPRIO, SÃO FILHOS DE DEUS*. E porque Jesús assim procedeu? Simplesmente para "provar que todos os seres humanos são de fato filhos de Deus e, por isso, irmãos dele Jesús, enquanto caminham nas vias do Senhor".

Ora, o mais atrasado estudante de Espiritismo sabe que todos os Espíritos foram criados, igualmente, por Deus. Somos, pois, filhos de Deus, irmãos de Jesús, porque se ele existe também foi criado, como nós, pelo mesmo Deus, sendo pois nosso irmão de toda a eternidade, e não somente *"ENQUANTO CAMINHARMOS NAS VIAS DO SENHOR"*.

Tão simples isto: Por que, pois, dizer que Jesús é filho único do Pai? Não é isso lançar a confusão onde confusão não pode haver? Certo que sim.

E tanto assim é, que logo a seguir encontramos a explicação porque esses Espíritos reveladores usaram das expressões *"FILHO ÚNICO DO PAI"*.

Vejamos a justificativa. Assim está ela redigida:

"Referindo-nos a Jesús, acabamos de usar das expressões — filho único do Pai — Ele o era e é, no sentido de ser, pela sua elevação espiritual ÚNICA relativamente a de todos os Espíritos que se acham ligados ao nosso planeta, quem lhe preside os destinos. Desse ponto de vista e comparado a vós outros, Jesús pode e deve, já o temos dito, SER CONSIDERADO FILHO ÚNICO DE DEUS".

Deduz-se, do exposto, que a classificação de "filho único" dada pelos Espíritos do Sr. Roustaing a Jesús, provém

de ser ele possuidor daquela elevação espiritual que lhe permitiu presidir os destinos do planeta em que habitamos.

Nova confusão, e também mais uma contradição. A elevação espiritual que dá perfeição e pureza aos Espíritos não a tem só Jesús. Não é ele o *ÚNICO* espírito perfeito e puro capaz de ter merecido de Deus a maior de todas as missões que é a missão de velar pelo progresso de todos os espíritos que habitam um determinado planeta.

Vamos agora apontar aos nossos pacientes e estudiosos leitores a contradição a que acima aludimos. Eis o que se lê, na obra do Sr. Roustaing, à pág. 329 do 1.º volume:

“Não acrediteis, porém, que haja uma linha de demarcação entre os que faliram e os que se mantiveram puros, não. ENTRE ELES HÁ COMPLETA IGUALDADE DE PUREZA, DE DEVOTAMENTO E DE AMOR”.

Ora, se existem mundos outros assistidos por Espíritos “cuja perfeição se perde na noite das eternidades”, esses Espíritos puros estão, sem sombra de dúvida, em condições de perfeita igualdade perante o Pai, logo... Jesús que é um desses Espíritos puros, não é “filho único pela sua elevação espiritual” como explicaram ao Sr. Roustaing os Espíritos que lhe transmitiram a chamada “Revelação da Revelação”.

Kardec na sua codificação, não deixa a menor dúvida no espírito de quem a estuda: Todos somos filhos de Deus, qualquer que seja a nossa evolução, qualquer que seja a nossa condição. Jesús é, por isso, nosso irmão embora não haja termo de comparação entre a nossa imperfeição e a sua perfeição conquistada através os milênios de sua existência, da mesma forma, pelo mesmos procesos e sob o império da mesma Lei que rege a evolução de todos os Espíritos criados por Deus, simples e ignorantes.

Essa a verdade, pura e simples.

LXIX

Lê-se nos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas a narrativa de que certo dia, estando Jesús pregando para a multidão que enchia a sinagoga, sua mãe e seus irmãos o foram procurar mas, como grande era a multidão que o ouvia, não lhes foi possível avistá-lo, pelo que pediram a alguém que o avisasse de suas presenças. Jesús, dizem os evangelistas, ao receber o recado, proferiu estas palavras: — “Quem é minha mãe e quais são os meus irmãos?”, e concluiu: “quem quer que faça a vontade de meu pai que está nos céus, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe”.

Em “Os Quatro Evangelhos”, do Sr. J. B. Roustaing os Espíritos que os ditaram dizem ser exata a narrativa.

Ao explicarem, no entanto o que Jesús objetivou ensinar ao proferir aquela resposta, o fazem declarando de início ser um erro manifesto a suposição de que Jesús houvesse tido irmãos e irmãs carnisais.

E’ claro que os Espíritos do Sr. Roustaing não podiam se manifestar de outra forma, para serem coerentes com o plano geral da obra que, para eles constituia a “Revelação da Revelação”. Sustentando, como sustentaram, que Jesús NÃO nasceu, mas apareceu; que não tinha um corpo material mas sim fluídico, claro é que tornava-se muito difícil, senão mesmo de impossível aceitação, a existência de irmãos carnisais. Se Jesús tivesse irmãos, estes deveriam ser também fluídicos e como isso seria a subversão de todos os princípios fixados pela Lei Natural, a conclusão que se impõe é a de que Jesús não teve irmãos nem irmãs.

Mas, vamos ver como o Sr. Roustaing nos transmite,

sobre o assunto, a "revelação" dos Espíritos que lhe ditaram a obra que estamos estudando, com o único intuito de evidenciar que ela não pode ser tida como fazendo parte integrante da Terceira Revelação codificada por Allan Kardec.

Aquí está a "revelação":

"Só aos olhos dos homens, mas não na realidade das coisas, existia parentesco próximo entre Jesus e os que eram chamados seus irmãos e irmãs.

Em hebreu a palavra — irmão tinha várias acepções. Significava, ao mesmo tempo, o irmão propriamente dito, o primo co-irmão, o simples parente. Entre os hebreus, os descendentes diretos da mesma linha eram considerados irmãos, se não de fato, ao menos de nome e se confundiam muitas vezes, tratando-se indistintamente de irmãos e irmãs. Geralmente se designavam pelo nome de irmãos os que eram filhos de pais irmãos, os que agora chamais primos-irmãos. "OS CHAMADOS IRMÃOS e IRMÃS DE JESÚS ERAM, segundo o parentesco humano que entre eles havia aos olhos dos homens, SEUS PRIMOS-IRMÃOS.

Por essa "explicação" os espíritos reveladores da obra do Sr. Roustaing nos dizem que os chamados irmãos e irmãs de Jesús, não eram irmãos e irmãs por descendência de Maria e José, mas, sim, seus primos e primas por descendência de irmãos e irmãs de Maria e de José, parentesco esse que os antigos hebreus também designavam como — irmão e irmã.

Não discutimos aquí o significado que os hebreus davam a expressão — irmão —, como também não queremos indagar se quando Mateus disse: "Não é esse o filho do Carpinteiro, sua mãe não se chama Maria, NÃO SÃO SEUS IRMÃOS TIAGO, JOSÉ, SIMÃO E JUDAS, se referia aos filhos de Maria, mulher de Cleofas ou de Maria, mulher de José.

E' bom não esquecer que entre o povo hebreu era comuníssimo a existência de parentes com o mesmo nome, causando, muitas vezes, grande confusão e lamentáveis erros na interpretação de muitas passagens evangélicas.

Vamos admitir, como hipótese de estudo, que os IRMÃOS e as IRMÃS de Jesús eram seus PRIMOS-IRMÃOS e suas PRIMAS-IRMÃS.

Para serem, como dizem os Espíritos do Sr. Roustaing, primos-irmãos e primas-irmãs, forçoso seria serem filhos e filhas de irmã ou irmão de Maria, esposa de José e Mãe de Jesús.

Esse ponto, assim está esclarecido pelo Sr. Roustaing:

"Maria não era filha única; tinha uma irmã, que também se chamava Maria, mulher de Cleofas, e mãe de Tiago, de José, de Simão e de Judas, QUE OS HOMENS TRATAVAM DE IRMÃOS DE JESÚS". (Note-se a confirmação do que dissemos acima a respeito da dualidade de nomes na mesma família; espôsa de José tinha uma irmã, que também se chamava Maria).

Por consequência, temos que Tiago, José, Simão e Judas, filhos de Maria e de Cleofas são os PRIMOS de Jesús, tidos por seus IRMÃOS, dada a extensão atribuída pelos hebreus ao termo — irmão.

Mas Jesús, se referiu também AS IRMÃS. Quantas seriam elas? Seriam as suas primas-irmãs?

Mas Maria, mulher de Cleofas não teve filhas, só teve os quatro filhos acima citados. Logo, Maria, espôsa de José e Mãe de Jesús, teria tido outra irmã, ou José, seu espôso, teria outro irmão, uma ou outro com descendência feminina.

Isto é claro e a razão consente.

E no entanto, é profundo o silêncio a esse respeito, não só dos Evangelhos como dos "espíritos reveladores" do Sr. Roustaing, que vieram especialmente para "explicar" o texto evangélico.

Com relação às IRMÃS de Jesús, apenas isto se lê, como revelação:

"Do mesmo modo, as chamadas irmãs deste (Jesús) eram suas primas co-irmãs, de acordo com o parentesco humano que, segundo os homens, havia entre elas e o Mestre".

E nada mais. Os primos-irmãos de Jesús sabe-se que foram os filhos de Maria, mulher de Cleofas; as primas-irmãs de Jesús, sabe-se, apenas que... foram suas primas-irmãs,

filhas de pais que os espíritos do Sr. Roustaing desconheciam ou não nos quiseram revelar.

Não deixa de ser muito interessante, tudo isso, em se tratando de uma obra que se lhe quer dar os foros de ser uma revelação de origem divina, parte integrante da Terceira Revelação, codificada por Allan Kardec!

LXX

Os "Espíritos Superiores" que dizem haver transmitido ao Sr. Roustaing a "Revelação da Revelação" contendo a explicação, em espírito e verdade, de todos os versículos que compoem os quatro Evangelhos, ao explicarem a parábola em que o Cristo assemelha o reino dos céus ao grão da mostarda e ao fermento que leveda a massa, mais uma vez nos deixam senão confusos, impossibilitados de compreender o seu sentido oculto, por deficiência de exposição e clareza de linguagem.

Ora, se a finalidade dessa "Revelação da Revelação" revelada por Espíritos que disseram ser os próprios Evangelistas assistidos, ainda, pelos apóstolos, — é explicar ou revelar o sentido oculto dos versículos evangélicos que só hoje a humanidade está em condições de os compreender, claro é que essa explicação tem que obedecer a uma forma clara, compreensível, perfeitamente assimilável. E não se diga ser isto difícil ou impossível. Quando Espíritos Superiores são realmente investidos da alta missão de revelarem a verdadeira interpretação das verdades divinas, é porque eles possuem todos os requisitos necessários para essa missão: elevação moral e extraordinário progresso intelectual, afim de poderem atender às necessidades do meio em que vão operar.

Um eloquentíssimo exemplo do que acabamos de afirmar, encontramos na obra de Kardec. Veja-se a linguagem, o estilo, a concisão, a sobriedade das expressões usadas pelos Espíritos que lhe transmitiram os ensinamentos morais que enfeixam o Evangelho Segundo o Espiritismo — tesouro de imperecíveis consolações. Observe-se com atenção esse incomparável monumento que contém a síntese de todas as ciências e que se chama o Livro dos Espíritos na expressão

do seu saber e na forma com que plasmaram o seu pensamento.

Na obra Kardeciana tudo é claro, límpido, compreensível, mesmo às inteligências não cultivadas com remarcado acento; na obra Roustainiana, ao contrário, a confusão, o embaralhamento, as repetições constantes, o desperdício de palavras, a falta de clareza, enfim tornam-na incompreensível e contraditória, muitas vezes.

Isto é o que temos verificado no estudo que estamos fazendo com o único intuito, e mais uma vez o afirmamos, de evidenciar não ser possível equiparar-se essa obra com a realizada pelo Sr. Allan Kardec, o incomparável missionário da Terceira Revelação.

Ainda na explicação da parábola do grão de mostarda a que acima aludimos se verifica, mais uma vez, a evidência do que acabamos de mencionar.

Senão vejamos:

Uma dupla explicação nos dão os Espíritos do Sr. Roustaing, acêrca dessa parábola: uma aplicada à época em que Jesús falava; outra, segundo a revelação espírita. Em relação à época do Cristo, a explicação é esta:

“Assemelhando e comparando, na parábola, o reino dos céus ao grão de mostarda, Jesús mostrava à multidão que, por mínimo que seja o ponto donde se parta para chegar ao céu, ele se pode desenvolver e produzir grandes resultados”.

Sob o ponto de vista espírita, a explicação está assim revelada:

“A comparação do reino dos céus com um grão de mostarda, que se torna árvore grande, em cujos ramos os pássaros do céu vêm habitar, encerra uma figura alegórica. Nessa figura, o grão de mostarda representa o ponto de partida, a origem, o germen da planta e da humanidade terrena, o estado rudimentar de um e de outra; o crescimento oculto do grão, sua afloração, seu desenvolvimento e sua transformação em árvore simbolizam as fases por que passou, no estado latente, o nosso planeta durante a sua formação, que se operou, de acordo com

as leis naturais e imutáveis, sob a ação espírita dirigida pela vontade inabalável do Senhor onipotente; simbolizam as fases da formação dos reinos mineral, vegetal, animal e humano, as do aparecimento, desenvolvimento e progresso desses reinos, as da depuração e transformação física do planeta e da transformação física, intelectual e moral da humanidade. Os ramos da árvore, onde os pássaros do céu virão habitar, indicam o grau de desenvolvimento que o planeta tem de atingir para se tornar morada de paz e de felicidade, que os Espíritos purificados virão habitar, para com ela continuarem a progredir por uma nova via ascendente, que os levará à perfeição, mediante o auxílio e o concurso dos Espíritos do Senhor, sob a direção do Mestre”.

Tão longa dissertação para afinal nos vir “revelar” que sob o ponto de vista espírita o grão de mostarda a que se referiu o Cristo representa a origem, o germen do planeta e da humanidade terrena.

Bem mais compreensível parece ser a explicação dada segundo a época em que Jesús falava, isto é, que o grão de mostarda quer dizer que “por mínimo que seja o ponto donde se parta para chegar ao céu, ele se pode desenvolver e produzir grandes resultados”.

Não discutimos, é claro, a veracidade da interpretação dada pelos Espíritos do Sr. Roustaing; não temos elementos para negar que a explicação revelada seja, em verdade, a essência do pensamento de Jesús ao pronunciar aquela parábola. No entanto, com o devido respeito aos Espíritos Superiores que transmitiram a obra do Sr. Roustaing, nos abalancamos a revelar que Marcos, no versículo 19 diz que o reino dos céus “assemelha-se ao grão de mostarda que o homem toma e planta no seu horto, e Mateus, no v. 31, diz, também: “o reino dos céus se assemelha ao grão de mostarda que um homem tomou e semeou no seu campo.

Se a parábola nos diz que o grão de mostarda foi plantado pelo homem não se torna um pouco difícil o compreender-se que esse grão de mostarda representa a origem, o germen do planeta e da humanidade?

E, com o mesmo respeito devido a tão elevados Espíritos, aqui deixamos uma pequena pergunta para meditação dos nossos pacientes leitores:

Não seria mais fácil e mais compreensível explicar-se a parábola do grão de mostarda, mais ou menos assim: O homem, como o grão de mostarda, pequenino em relação ao todo, contém dentro de si, como o grão de mostarda, todos os elementos que, desenvolvidos e aprimorados, lhe permitirão entrar no reino dos céus?

Quem sabe?

E para terminar, vamos uma vez mais evidenciar que não faltamos à verdade quando afirmamos não nos merecer crédito a obra do Sr. Roustaing, como revelação de ordem divina.

Admirem os nossos leitores essa concepção originalíssima da marcha do progresso, que se lê à página 344, do 2.^o volume da discutida obra do Sr. J. B. Roustaing:

“Regular tem que ser a marcha do progresso daqui por diante, como regular foi até aqui, idêntica, embora inversa, à da bola que desce da montanha. De fato, enquanto que a bola desce, o progresso inversamente galga a montanha. Seus passos, são, a princípio, lentos e penosos; mas, pouco a pouco, vencidas as primeiras dificuldades, ele abre passagem mais facilmente e acaba por descobrir, cavado na rocha, o caminho que o conduzirá ao cume. Desde então acelera a marcha e, AOS SALTOS, COMO CABRITO QUE CAÇADORES PERSEGUEM, se lança em desabalada corrida, transpõe todos os obstáculos e chega afinal ao sítio bendito que buscava.

Essa de comparar o progresso com um cabrito aos saltos, perseguido por caçadores... francamente, não pode ser concepção dos Espíritos que foram, na terra, ao tempo em que Jesús viveu, os seus discípulos e, mais tarde, os chamados Evangelistas.

Tenham paciência!...

LXXI

Salientamos no nosso estudo anterior a estranha e originalíssima concepção da marcha do progresso revelada pelos espíritos que transmitiram “Os Quatro Evangelhos” do Sr. J. B. Roustaing, comparando-a, bizarramente, com um cabrito, aos saltos, em desabalada corrida, perseguido por caçadores. Isto está escrito na página 344 do 2.^o volume.

Hoje vamos nos ocupar do chamado milagre da multiplicação dos pães e dos peixes.

Dizem os Evangelistas Mateus, Marcos e Lucas, que certa vez Jesús se achava em um determinado lugar onde fôra curar grande número de doentes, e como se fazia tarde sugeriram-lhe os seus discípulos que ele mandasse embora toda aquela multidão afim de que pudessem ir às aldeias mais próximas comprar o que comer, ao que Jesús respondera: “não é necessário que se afastem daqui dai-lhes vós mesmos que comer”.

— Não temos mais que cinco pães e dois peixes, lhe responderam os discípulos.

Jesús, então, tomando desses cinco pães e dois peixes partiu-os e deu de comer à multidão calculada em cinco mil pessoas, sem contar as mulheres e as crianças, diz Mateus.

Assim nos contam os Evangelhos, segundo Mateus, Marcos e Lucas.

Para o povo daquela época isso foi um grande “milagre”, feito por Jesús, milagre que perdurou até que a Terceira Revelação codificada por Allan Kardec viesse trazer aos homens o esclarecimento da verdade, mostrando-lhes que não houve

milagre nenhum, mas, tão somente, a ação de uma lei até então ignorada.

Mas vejamos como na obra do Sr. Roustaing explicaram os "evangelistas" esse fenômeno da multiplicação dos pães e dos peixes. Assim, nos explicam eles:

"Eis aqui agora como se operou a multiplicação: Tendo na mão os pães e os peixes, Jesus os envolvia em fluidos apropriados à produção de tais alimentos fluidos produtores. Como deveis compreender, o Mestre para multiplicá-los entre os seus dedos, atraía a si os fluidos próprios ao efeito desejado e os tornava visíveis e tangíveis, dando-lhes o aspecto, a forma, o sabor de pedaços de pão ou de peixes, pois que jamais os cinco pães e os dois peixes teriam fornecido pedaços, ainda que de tamanho mínimo, na quantidade que era precisa. Por esse meio IA ELE SUBSTITUINDO nos pães e nos peixes as porções que deles tirava. Assim era que, com o auxílio dos fluidos produtores em que os envolvia, multiplicava os pães e os peixes e os pedaços em que os partia, pedaços que entregava aos discípulos e que estes colocavam nos cestos. No momento em que nos cestos eram depositados sob a forma de pedaços de pão e de peixe os produtos fluidicos obtidos por Jesus, logo a eles se juntavam os que os Espíritos, por sua vez, traziam e que imediatamente se tornavam visíveis e tangíveis. Esses fornecimentos de pedaços de pão e de peixe, OS ESPÍRITOS OS PREPARAVAM, NAS MESMAS CONDIÇÕES DOS QUE JESÚS ENTREGAVA AOS DISCÍPULOS, com o auxílio dos fluidos produtores E OS DEPOSITAVAM, INVISÍVEIS, NOS CESTOS VAZIOS. À medida que os discípulos deitavam nestes os pedaços que recebiam de Jesus, aqueles Espíritos tornavam visíveis e tangíveis os pedaços que já lá haviam depositado. Assim, de um lado, Jesus e os Espíritos tiravam indefinidamente dos fluidos produtores que o primeiro atraía para junto de si, os elementos e os meios de multiplicação dos peixes e dos pães e, de outro lado, os discípulos tiravam dos cestos indefinidamente os pedaços de pão e de peixe cuja provisão se renovava por si mesma, MAS SEMPRE MEDIANTE A INTERVENÇÃO DOS ES-

PIRITOS PREPOSTOS à produção de tal efeito, que se verificava à medida que os discípulos ali depositavam as pedaços que recebiam de Jesus".

"Foi desse modo que, pela ação de Jesus e dos Espíritos Superiores que invisivelmente o cercavam, se operou a multiplicação dos cinco pães e dos peixes e que os pedaços partidos pelo Mestre pareciam às vistas carnaís multiplicar-se infinitamente nas suas mãos e delas saírem para os cestos".

Por mais que se leia essa explicação tão minuciosa, não é com facilidade que se consegue uma integral compreensão do fenômeno realizado, e isto porque na explicação referida, se consigna a intervenção de espíritos em colaboração com o Mestre, produzindo eles o mesmo "milagre" que o Mestre.

Quem quer que haja lido e estudado a obra de Kardec, principalmente o Livro dos Espíritos, cuja publicidade antecedeu de 9 anos à obra de Roustaing, compreende perfeitamente como poudes Jesus com cinco pães e dois peixes dar de comer a mais de 5.000 pessoas. Sim, Jesus atraía, pela força do seu grande poder, os fluidos apropriados, e por ato de sua vontade, materializava esses fluidos, dando-lhes a forma e imprimindo-lhes o sabor de pão e de peixe.

Por que, pois se tornou necessário, como dizem os Espíritos do Sr. Roustaing, que outros Espíritos viessem em auxílio do Mestre colocando também no mesmo cesto pedaços de pão e de peixe que eles, da mesma forma que Jesus, preparavam?

Seria porque Jesus não tivesse capacidade bastante, para, ele só produzir a multiplicação necessária?

Seria para não fatigá-lo muito?

Essa intervenção de Espíritos, assim colocada em igualdade de função com o Cristo, veio, uma vez mais, revelar a insegurança dos Espíritos reveladores da obra do Sr. Roustaing, que por muito quererem explicar nos deixam, quase sempre, necessitados de outra explicação.

Atentemos para este trecho:

"No momento em que nos cestos eram depositados, sob a forma de pedaços de pão e de peixe os produtos fluidicos obtidos por Jesus, logo a eles

se juntavam OS QUE OS ESPÍRITOS, POR SUA VEZ, TRAZIAM, e que imediatamente se tornavam visíveis e tangíveis”.

Temos, pois, que no mesmo momento em que eram depositados nos cestos os pães materializados por Jesús, também os Espíritos colocavam os pães e os peixes *QUE TRAZIAM* (?) e *IMEDITAMENTE* esses pães e esses peixes se tornavam *VISÍVEIS* e *TANGÍVEIS*.

No entanto, mais adiante, vamos encontrar um detalhe que contradiz o *MODUS OPERANDI* acima narrado. Aqui está:

“A’ medida que os discípulos deitavam nestes (os cestos) os pedaços que recebiam de Jesús, aqueles Espíritos tornavam visíveis e tangíveis os pedaços que JA’ LA’ HAVIAM DEPOSITADO”.

Se, como acima se diz, no *MESMO MOMENTO* em que eram depositados nos cestos os pedaços de pão e de peixe materializados por Jesús, *IMEDITAMENTE* se tornavam *VISÍVEIS* e *TANGÍVEIS* os pedaços que os Espíritos, por sua vez, colocavam nos cestos, é claro, é evidente que não poderiam os Espíritos tornar tangíveis os pedaços *QUE JA’ HAVIAM DEPOSITADO*, e isto porque, quando foram depositados, *IMEDIATAMENTE*, eles se tangibilisaram como acima foi dito.

Não é isto claro, embora pareça confuso?

LXXII

Encontra-se à página 381 do 2.^o volume de “Os Quatro Evangelhos” do Sr. J. B. Roustaing a “explicação” dos versículos 23 a 33 do Cap. XIV e 46 a 52 do Cap. VI, de Mateus e Marcos, respectivamente. Nesses versículos os citados Evangelistas narram aquela passagem em que Jesús e Pedro caminhavam por sobre o mar.

Essa passagem tem servido de argumento para os que se filiam à corrente roustainiana, isto é, para os que, seguindo o Sr. Roustaing, não aceitam a natureza do corpo de Jesús, como semelhante à nossa, tendo nascido como nós nascemos e vivido como vivem os seres humanos no que concerne às suas condições físicas. Se verdadeira essa passagem da vida de Jesús, dizem os Roustainguistas, é ela uma prova evidente de que realmente o corpo de Jesús era fluidico, aparente, pois que, do contrário, ele não teria podido andar sobre o mar.

Esquecem-se, no entanto, os que assim argumentam, que a citada passagem nos diz, que Pedro, o discípulo, também andou sobre o mar, ao lado de Jesús e por ele conduzido pela mão. E no entanto, ninguém tem dúvidas de que Pedro era de carne e osso como qualquer um de nós.

Mas, como se diz que a obra do Sr. Roustaing foi a ele transmitida por intermédio de uma médium que se chamou Mme. Collignon, pelos evangelistas Mateus, Marcos, Lucas e João, assistidos, ainda, pelos apóstolos, como sendo a “Revelação da Revelação” para vir explicar, em espírito e verdade, todos os versículos desses mesmos Evangelhos que, há 18 séculos atrás, esses mesmos evangelistas haviam escrito, — vamos ver como eles explicaram o haver Jesús e Pedro caminhado sobre o mar. Aqui está a explicação:

"Do mesmo modo que o espírito pode atravessar os ares, podia Jesus UNICAMENTE PELA AÇÃO DA SUA VONTADE, privar o seu perispírito tangível do cunho humano que lhe ele imprimia E DAR-LHE AS CONDIÇÕES ETÉREAS das nossas formas espirituais".

Temos, pois, claramente explicado, que Jesus, por efeito da sua vontade, deixou de ter a tangibilidade corpórea, para revestir a condição de uma forma espiritual, etérea.

Muito bem. Houve, pois, uma transformação. Jesus, naquele momento, deixou de ser tangível para ser, realmente, fluídico, etéreo, não tangível

Prossigamos:

"No momento em que, caminhando por sobre o mar, veio ter com seus discípulos, ELE SE COLOCARA NAS CONDIÇÕES PERISPIRÍTICAS DAS APARIÇÕES. Seu corpo perispirítico, CONSERVANDO A APARÊNCIA DO CORPO HUMANO, A VISIBILIDADE E A TANGIBILIDADE (?), era, quando deu a mão a Pedro, mais leve do que a água, do que as ondas do mar, tendo-se em vista o peso específico destas".

Há evidente contradição nos períodos transcritos.

Se, como acima foi dito, e reafirmado no início da transcrição supra, Jesus, quando caminhava sobre o mar, se colocou "nas condições perispiríticas das aparições", privando, portanto "o seu perispírito tangível do cunho humano para dar-lhe as condições etéreas das nossas formas espirituais, não poderia ter, é claro, a tangibilidade necessária para que pudesse dar a mão a Pedro. Se deu a mão a Pedro, se o seu corpo tinha tangibilidade, seria então o mesmo corpo com que sempre andava, e não uma aparição.

Mas, assim também não podia ser, porque os seus discípulos, quando o viram caminhando sobre as águas, "julgaram tratar-se de um fantasma", e, dizem os "espíritos reveladores":

"Ficaram sem saber se o que viam era mesmo o Mestre ou uma SIMPLES APARIÇÃO. E' que, nessa ocasião, como acabamos de dizer, JESÚS SE COLOCARA NAS CONDIÇÕES PERISPIRÍTICAS

DAS APARIÇÕES que alguns deles já tinham podido observar".

Se os seus discípulos julgaram ver um fantasma sobre o mar, se não reconheceram nesse fantasma a figura do Mestre com quem conviviam, é claro, é manifesto, é concludente e é insofismável, que esse fantasma não era o mesmo Jesus de carne ou de perispírito tangível capaz de se confundir com a carne dos demais homens que eles estavam habituados a ver diariamente.

E que não era o mesmo Jesus tangível, nos afirma a "explicação" em estudo quando diz que "Jesus se colocara nas condições perispiríticas das aparições".

Como se explicar, então, que esse "fantasma", *QUE NÃO TINHA TANGIBILIDADE*, podia ter segurado a mão de Pedro e o conduzido a ele, pesado e corpulento, sobre a superfície das águas como se estivesse caminhando em terra firme?

Se o próprio Pedro, "médium vidente muito adiantado e muito desenvolvido", como dizem os espíritos do Sr. Roustaing, não reconheceu Jesus, o seu Mestre, julgando ter visto, como os demais, *UM FANTASMA COM A "APARÊNCIA INCONSISTENTE DAS APARIÇÕES*, como poderia ele, Pedro, ter se deixado conduzir por sobre o mar, levado por um "fantasma" desconhecido?

Não é fácil a compreensão.

Mas, como os espíritos do Sr. Roustaing, vieram para "explicar" tudo, também explicaram porque se deixou Pedro conduzir pelo "fantasma" desconhecido que vira caminhando sobre o mar.

E como "explicam"? Simplesmente, com duas palavras assim:

"Só quando Jesus o segurou pela mão verificou o apóstolo que era realmente o Mestre, pois ainda não tivera ensejo de EXPERIMENTAR A TANGIBILIDADE NAS APARIÇÕES".

Oh! essa declaração é de estarrecer um frade de pedra, como diz o ditado.

Atentemos bem, meus pacientes leitores e todos quantos se queiram esclarecer à luz da razão:

Dizem os Espíritos Superiores que transmitiram ao Sr. J. B. Roustaing a obra "Os Quatro Evangelhos" que Jesús não era humano; que seu corpo era de natureza fluidica, com tangibilidade; que ele aparecia e desaparecia quando queria e entendesse ser necessário, e no entanto, nunca Pedro, o seu primeiro discípulo, o seu devotado apóstolo, o havia sequer tocado no seu corpo, "experimentado a sua tangibilidade".

Aprimeira vez que Pedro teve ensejo de experimentar a tangibilidade do corpo de Jesús, foi justamente, quando ele, Jesús, lhe deu a mão para fazê-lo caminhar sobre o mar!

E' de se pasmar, diante de tanta ingenuidade!

E' essa obra que assim explica os Evangelhos que a Federação Espirita Brasileira exige que se aceite e estude para se ter o direito de fazer parte do seu corpo administrativo; é essa obra que ela proclama ser parte integrante da Terceira Revelação codificada por Allan Kardec e a inclui, por isso, na sua propaganda, como obra basilar do Espiritismo!

Seja tudo pelo amor de Deus!

LXXIII

Dissemos no estudo anterior não ser admissível, por incompreensível, a explicação contida na obra do Sr. Roustaing quanto a não haver Pedro reconhecido no fantasma que caminhava sobre o mar, a pessoa de Jesús, só o reconhecendo, quando ele, Jesús, o segurou pelas mãos.

Vejamos, hoje, o que se passou com Pedro, segundo revelaram ao Sr. Roustaing, para que ele também, como Jesús, caminhasse sobre as águas do mar. Assim se lê na obra do Sr. Roustaing:

"Estando Pedro decidido, pela sua fé, a obedecer a Jesús, ordenou este, mentalmente, aos espíritos que o cercavam, prepostos ao efeito de sustentarem o apóstolo sobre as ondas, que o sustentassem assim pôde ele caminhar também por sobre o mar. Foi ainda obedecendo a uma ordem mental de Jesús que os mesmos Espíritos deixaram que ele se submergisse um pouco, no momento em que lhe voltava a dúvida".

Aí está, com toda a simplicidade, explicado como e porque Pedro, sendo homem de carne e osso, nascido de mulher como todos os humanos, andou por sobre as águas do mar, causando, assim, grande admiração e espanto aos discípulos que se achavam na barca.

Comparando-se ambas essas "explicações", a referente a Jesús e a referente a Pedro temos, como vimos, a seguinte conclusão: Jesús, pelo imenso poder de sua vontade, colocou-se "NAS CONDIÇÕES ESPIRÍTICAS DAS APARIÇÕES", levando os seus discípulos a julgarem-no um fantasma, e um

fantasma diferente do que estavam habituados a ver todos os dias, por isso que não reconheceram nessa aparição a figura de Jesús, e assim caminhou por sobre as águas do mar; Pedro que não tinha poder bastante para, como Jesús, se transformar em uma aparição, realizou o mesmo fato de caminhar sobre o mar, sob o império de duas forças: a ordem dada por Jesús aos Espíritos prepostos para que viessem sustentar o seu corpo afim de torná-lo mais leve, e o auxílio da própria mão de Jesús.

Isto posto, raciocinemos:

Se Pedro que era de carne e osso e não nasceu de nenhuma virgem, pôde andar sobre as águas do mar, pela vontade de Jesús e auxílio dos Espíritos Superiores, porque razão não se admitir que Jesús, com seu corpo carnal, também pudesse caminhar sobre as águas do mar valendo-se do poder imenso da sua vontade, do seu querer, do seu domínio completo sobre a matéria, dada a sua elevadíssima evolução na escala espiritual?

Se Pedro, não tendo um corpo fluídico caminhou sobre o mar, Jesús, com muito mais sobradas razões, poderia, também, fazer o mesmo.

Não é, pois, argumento decisivo para prova de que o corpo de Jesús fosse fluídico e não material, como julgam os adeptos do Sr. Roustaing, o haver ele caminhado sobre as águas do mar.

Não deixa de ser interessante, sendo mesmo de causar estranheza, os comentários que se seguem, feitos por esses mesmos espíritos que "explicaram" com tanta simplicidade essa passagem dos Evangelhos de Mateus e de Marcos.

E' assim, que, talvez melhor ponderando, dizem que para que Pedro andasse sobre o mar, não era preciso a ajuda da mão de Jesús, bastava a assistência dos espíritos, como também, se não houvesse a ordem de Jesús aos espíritos, prepostos" eles não teriam auxiliado a Pedro.

Essa declaração de não ser preciso o auxílio da mão de Jesús, embora o texto evangélico afirme que o Mestre deu, efetivamente, a mão a Pedro para conduzi-lo sobre o mar, desperta-nos a atenção.

Observemos o texto do Sr. Roustaing, que é o seguinte:

"Não era preciso que Jesús desse a mão a Pedro para que este, caminhando com ele sobre as águas, voltasse à barca. O amparo dos espíritos prepostos à sustentação do apóstolo houvera bastado. JESÚS, PORÉM, QUERENDO DEMONSTRAR A PEDRO SER O MESMO MESTRE QUE ALI ESTAVA E QUEM O SUSTENTAVA PELO SEU PODER, LHE ESTENDEU A MÃO. De fato, assim era, porque, se Jesús não houvesse ordenado, os Espíritos não teriam auxiliado a Pedro a manter-se em equilíbrio caminhando pela superfície do mar".

Pelo que se lê acima, a única razão que levou Jesús a estender a mão a Pedro, foi a de dar-se a conhecer como sendo, realmente o Mestre, aquele que convivia diariamente com os seus apóstolos, aquele mesmo Jesús que palmilhou com ele, Pedro, as margens da Galiléia levando a sua palavra de amor a todos os seus irmãos e acendendo em cada coração a chama eterna da fé.

Logo, é permitido concluir-se que, se Jesús não houvesse dado a mão a Pedro, não só Pedro como os demais discípulos que se achavam na barca, não o teriam reconhecido. Por outro lado, se Jesús para se tornar conhecido, teve necessidade de dar a mão a Pedro, teve que tornar-se tangível, com aquele mesmo corpo com que era visto e tocado por seus discípulos durante o desempenho da sua inegalável missão, corpo esse que não podia ser diferente dos demais corpos para que não só os seus discípulos como os demais habitantes daquelas terras por ele percorridas o considerassem *HOMEM* e não *DEUS*.

E assim surge, mais uma evidência que contraria o falso argumento de que só com a admissibilidade do corpo fluídico de Jesús é que se pode explicar e compreender essa passagem relatada nos Evangelhos de Mateus e no de Marcos e silenciada no de Lucas.

LXXIV

Temos diante de nós o 2.^o volume de "Os Quatro Evangelhos", de J. B. Roustaing, e na página 452, lemos:

MATEUS: V. 21 — Em seguida começou Jesús a declarar aos discípulos ser preciso que ele fosse a Jerusalem, que aí SOFRESSE muito dos anciãos, dos escribas e dos príncipes dos sacerdotes; que aí fosse MORTO e ressuscitasse no terceiro dia".

MARCOS: V. 31 — E começou a lhes declarar ser preciso que O FILHO DO HOMEM SOFRESSE muito e que fosse rejeitado pelos anciãos, pelos príncipes dos sacerdotes e pelos escribas, que fosse MORTO e que ressuscitasse três dias depois".

LUCAS: V. 22 — E acrescentou: E' preciso que o FILHO DO HOMEM SOFRA MUITO e que seja rejeitado pelos anciãos, pelos príncipes dos sacerdotes e pelos escribas, que lhe seja dada a MORTE e que ressuscite ao terceiro dia".

Grifamos as expressões usadas pelos três evangelistas como proferidas pelo Cristo e com as quais ele se diz *FILHO DO HOMEM* e anuncia ser preciso que *SOFRA MUITO* e que venha afinal *A MORRER* para ressuscitar três dias após.

Observemos, com serenidade e à luz da razão, o que ao Sr. Roustaing foi "revelado" a respeito dessa passagem relatada pelos citados Evangelistas.

A primeira explicação que se lê é que essas palavras do Cristo visavam preparar os seus discípulos para o ato mais importante da sua missão, que era dar o maior exemplo de amor e de abnegação que na terra pudessem existir e que a sua *MORTE* e a sua crucificação "estavam *PREVISTOS*", pelo que não constituíram "acontecimentos puramente humanos".

Temos, pois, que o Cristo desceu à terra em missão de amor e de abnegação, abnegação que culminou no máximo sacrifício de suportar muitos sofrimentos e de morrer crucificado, sofrimentos e morte esses *JA' PREVISTOS* por ele próprio. Vale isto dizer que Jesús ao descer à Terra já sabia que teria de morrer na cruz e sofrer todos aqueles martírios que a história registra, para dar à humanidade o maior exemplo de amor e de abnegação. Eis pois, em síntese, o objetivo, a finalidade, a imensa missão do Cristo na Terra.

No entanto, aprendemos, na obra do Sr. Roustaing, que se diz ser uma revelação dada pelos Espíritos dos Evangelistas Mateus, Marcos, Lucas e João, a seguinte "revelação":

"Não houve nem MORTE, nem RESSURREIÇÃO, no sentido dado a essas expressões. HOÜVE SMPLES APARÊNCIA DE UMA E OUTRA COISA".
(pág. 454).

Se houve "simples aparência de *MORTE*, não houve morte, porque *APARÊNCIA* não é *REALIDADE*, logo Jesús não morreu na cruz. E assim sendo, o que se passou, o que os soldados romanos presenciaram no alto do Calvário, o que Maria viu naquela cruz a cujos pés, de joelhos, verteu aquelas lágrimas, fruto da sua imensa dor, não foi o corpo do seu amado filho, foi uma "simples aparência" de um corpo humano; quando o soldado físgou o crucificado com a sua lança, não foi o corpo de Jesús que ele ferira, como também aquele líquido vermelho que jorrou do golpe desferido, não foi o sangue do Cristo como todo o mundo supõe, porque não existia corpo naquela cruz nem sangue para gotejar, era tudo uma "simples aparência" e não uma realidade — segundo "revelam" os espíritos que transmitiram ao Sr. Roustaing a obra "Os Quatro Evangelhos" ou a "Revelação da Revelação", essa obra que dizem ser um monumento de sabedoria!!

E' lá possível admitir-se semelhante disparate?

Mas, como os Evangelhos dizem que o Cristo sofreu, an-

tes e depois, de ser crucificado, o que não é possível ser negado, preciso se tornava uma explicação elucidativa. Ei-la, então, segundo o Sr. Roustaing:

"Foram todos morais os sofrimentos que o Mestre suportou na cruz. O que das chagas lhe saia era uma COMBINAÇÃO PURAMENTE FLUIDICA COM AS APARÊNCIAS DE SANGUE".

Bem compreendemos que outra não podia ser a elucidação a ser dada. Se Jesús não tinha corpo e se sofreu, só podia ter sofrido espiritualmente. São as chamadas dores morais, mas essas, todos nós as sofremos com resignação e mesmo com abnegação, e, no entanto, quão distantes estamos do Cristo, quão distante estão esses sofrimentos de constituírem exemplos de amor para regeneração do nosso semelhante!

E teria perdurado, até hoje, na lembrança dos séculos, a lição do Cristo se não houvesse êle, realmente, sofrido todos aqueles padecimentos, tôdas aquelas torturas físicas que suportou no tópo do Calvário? Certo que não. Afirmamos com absoluta consciência.

Dores morais, ele as teve, sem dúvida, como todos nós as temos, nós que somos, ainda, um monturo de iniquidades e de vis paixões, que odiamos, ainda, o noso próximo e nos defendemos com as armas vis da hipocrisia e da calúnia.

Sofreu Jesús a dor moral quando viu, com ele, sentado à mesa pascal aquele seu querido discípulo em cujo cérebro germinava a idéia da traição; sofreu Jesús a dor moral quando recebeu o ósculo denunciador; sofreu Jesús a dor moral quando se viu três vezes negado por Pedro; sofreu também Jesús a dor moral quando assistia os falsos depoimentos perante Caifaz; e talvez que de todas essas dores morais sofridas, a maior delas, a mais pungente fosse aquela desferida pelo abandono de seus discípulos ao ser preso e condenado.

Mas, certo, não bastariam esses sofrimentos morais para que o objetivo da sua missão fosse colimado.

A humanidade daquele tempo só compreenderia a lição do Cristo se ela se materializasse. E a prova disso é que ainda hoje, dois mil anos decorridos, a humanidade conhecendo e rememorando a história do Cristo, ainda não lhe aprendeu a sublime lição.

Dizer-se, pois, que o Cristo quando na Terra, só sofreu moralmente, porque era espírito, porque era uma "aparência" de homem, é negar a sua missão de sacrifício, é mesmo duvidar da grandeza do seu espírito, porque seria julgá-lo incapaz de ter aquela mesma coragem e aquela mesma resignação heróica que sempre demonstrou possuir, se ele tivesse, como nós temos, um corpo material.

Este o absurdo a que nos conduz a afirmativa que exclue os sofrimentos físicos de Jesús.

LXXV

Segundo a "revelação" contida na obra "Os Quatro Evangelhos" do Sr. J. B. Roustaing, a transfiguração de Jesús no monte Tabor nos proporciona mais um elemento de convicção a favor da inadmissibilidade de ser essa obra aceita como fazendo parte integrante da Terceira Revelação codificada pelo Sr. Allan Kardec.

E' o que iremos mostrar aos nossos leitores que se interessam por estes estudos que estamos realizando, sem o intuito de travar polémica com quem quer que seja, mas tão somente com o intuito de esclarecer aos que supõem ser a obra do Sr. Roustaing uma revelação de ordem divina como foi e é, incontestavelmente, a do inconfundível missionário Allan Kardec.

Vejamos:

Lê-se na obra do Sr. Roustaing que a transfiguração do monte Tabor foi "uma estupenda manifestação espírita que teve por fim mostrar a elevação espiritual de Jesús e afirmar a sua missão como Cristo, filho de Deus vivo".

Essa estupenda manifestação espírita reveladora da elevação espiritual de Jesús, está assim explicada:

"Retomando, durante alguns momentos, à vista dos discípulos, por meio da transfiguração, OS ATRIBUTOS DA SUA NATUREZA, se bem que velados, pois de outro modo eles não teriam podido suportar-lhes o brilho, Jesús lhes dava uma idéia da sua elevação espiritual e da glória da vida que eles ambicionavam".

Que se compreende dessa explicação?

Que Jesús deixando, momentaneamente, o seu corpo fluídico mas tangível de forma a ter a "aparência" de um corpo humano igual ao nosso, como se afirma na obra Roustaiana, *RETOMOU* por meio da transfiguração, os atributos da sua natureza, vale dizer, mostrou-se tal qual é, realmente, como espírito puro, luminoso, sem corpo tangível, mas visível e perfeitamente reconhecível pelos seus três discípulos Pedro, Tiago e João.

E tanto foi assim que se operou a transfiguração que os Espíritos autores dessa revelação ressalvaram, desde logo, que a transfiguração não se verificou com todo o esplendor e luminosidade do Espírito de Jesús, porque, se tal se desse, os seus discípulos não poderiam suportar-lhes o brilho.

Vejamos agora, o que se lê mais adiante, à página 474. Aí encontramos, minuciosamente explicado, o *modus faciendi* de que se valeu Jesús para operar a sua transfiguração. A leitura desse trecho nos certificará de que essa segunda explicação invalida a primeira, deixando-nos, assim, mergulhados naquela dúvida que não devia existir se, realmente, a obra do Sr. Roustaing fosse, em verdade, a "*REVELAÇÃO DA REVELAÇÃO*", como dizem os seus autores. Assim está ele redigido:

"Afim de operar a transfiguração, Jesús, por ato da sua poderosa vontade, ATRAIU A SI os fluidos apropriados à produção dos efeitos que os três discípulos deviam ver. Com esses fluidos COBRIU ELE A APARÊNCIA CORPÓREA QUE LHE DAVAM O SEU PERISPÍRITO TANGÍVEL E AS ROUPAGENS HUMANAS QUE O REVESTIAM e tomou, para serem vistas pelos discípulos, a forma e as aparências sob as quais queria mostrar-se-lhes.

"Deveis compreender que, mostrando-se-lhes transfigurado, Jesús se colocou ao alcance da observação dos discípulos. Efetivamente, ao ver destes, o perispírito tangível do Mestre, que para eles era um corpo humano, desapareceu. Foi como se Jesús houvera despido as vestes que trazia e tomado outras. Vós, porém, deveis compreender que AS VESTES COM QUE JESÚS SE APRESENTAVA NÃO PODIAM DISSOLVER-SE PARA SE TORNAREM FLUIDICAMENTE LUMINOSAS, como o pode um

perispirito tangível. Jesús, portanto, o que fez foi cobrir aquelas vestes de fluidos luminosos que, sem ofuscarem os olhares humanos dos três discípulos, lhes dessem todavia uma idéia da glória que ambicionavam”.

A dúvida aqui está:

Se Jesús *RETOMOU*, momentaneamente, os luminossísimos atributos da sua natureza de espírito puro, embora veladamente, para não ofuscar os olhares dos discípulos, como foi dito, “ab initio”, forçosamente teria feito, pelo poder da sua vontade tantas vezes invocada pelos espíritos do Sr. Roustaing, desaparecer o seu corpo tangível para *RETOMAR* (vale dizer, tomar de novo) o seu corpo espiritual. E se, realmente, assim foi, não se compreende, por contrária, a outra hipótese, segundo a qual ele houvera atraído fluidos apropriados para com eles cobrir o seu corpo tangível e suas vestes materiais.

Na primeira hipótese, houve a desmaterialização tantas vezes invocada e alegada na obra do Sr. Roustaing para justificar que o Cristo não teve um corpo humano; na segunda hipótese houve permanência do corpo tangível porque as vestes que o cobriam não podiam dissolver-se para se tornarem fluidicas.

Qual das duas explicações dadas, será a verdadeira, desde que uma exclue a outra?

E’ certo que a segunda hipótese parece a preferida pelos espíritos reveladores da obra do Sr. Roustaing. Isso se depreende do final do trecho transcrito, quando dizem:

“Jesús, portanto, o que fez foi cobrir aquelas vestes de fluidos luminosos que, sem ofuscarem os olhares humanos dos três discípulos, lhes dessem todavia uma idéia da glória que ambicionavam”.

Mas, perguntamos, se o fenômeno da transfiguração assim se processou no monte Tabor, teria ele alcançado a sua finalidade? Teria Jesús mostrado aos seus discípulos a sua elevação espiritual e lhes afirmado a sua missão como Cristo, filho de Deus vivo?

Não parece isso muito pouco para tão extraordinária quão preciosa revelação?

LXXVI

Com o estudo de hoje, que é o 76.º, concluiremos a análise das mais evidentes passagens contidas no segundo volume do Sr. Roustaing e que nos fornecem elementos de convicção bastante para pôr em dúvida a citada obra como sendo uma Revelação de ordem divina, como foi a recebida e codificada pelo Sr. Allan Kardec.

E concluiremos com mais algumas considerações em torno do fenômeno da transfiguração do Cristo no monte Tabor.

Já vimos no estudo anterior a “explicação” dada pelos Espíritos Superiores que revelaram ao Sr. Roustaing a interpretação verdadeira dos versículos evangélicos acerca do *modus operandi* de que se serviu Jesús para se tornar luminoso diante dos seus discípulos Pedro, Thiago e João.

Em síntese, como se lê da transcrição que fizemos, Jesús atraiu uma grande quantidade de fluidos luminosos, — não muito luminosos para não ofuscar a visão dos discípulos —, e com eles se cobriu inteiramente. Assim procedia, disseram aqueles espíritos, **“PORQUE AS SUAS VESTES NÃO PODIAM DISSOLVER-SE PARA SE TORNAREM FLUIDICAMENTE LUMINOSAS”.**

Esta última declaração de que as vestes com que Jesús se cobria quando viveu entre os homens na terra, não podiam dissolver-se para se tornarem fluidicamente luminosas, traz ao nosso raciocínio um certo embaraço para uma exata compreensão do fim objetivado na obra do Sr. Roustaing.

Realmente:

Para o Sr. Roustaing, Jesús é um espírito puro, que nunca faliu, que assistiu à formação do nosso planeta, do qual é o governador, que conhece, na imensidade todos os fluidos, todas as suas propriedades, todos os seus efeitos, todas as suas combinações e transformações, todos os modos de empregá-los, todos os segredos da vida e da harmonia universais nos mundos superiores, ainda os mais elevados, como nos inferiores, que conhece a formação, a produção e a manifestação, *a priori*, de todos os seres em todos os mundos superiores e inferiores, — e no entanto, com todos esses poderes, possuindo toda essa ciência que bem analisada não sabemos o que falta para ser igual à do próprio Deus, não teve o poder de desmaterializar as vestes que trazia para se mostrar aos discípulos em toda a sua grandeza de espírito!!

Não parece isso, incompreensível?

Mas, por outro lado, encontramos na obra do Sr. Roustaing várias afirmativas de que Jesús aparecia e desaparecia, das vistas humanas sempre que necessário à realização da sua missão. Ora, Jesús, sempre andou vestido. Que era feito, então, das suas vestes, quando se ausentava do convívio social? Desmaterializava-as, naturalmente, da mesma forma que desmaterializava os alimentos que fingia engulir quando adulto e o leite que sugava quando recém-nascido.

Por que, pois, não poudes desmaterializar as suas vestes no monte Tabor para mostrar-se como Espírito? Por que preferiu cobrir-se de fluidos luminosos?

Seria porque a transfiguração não se operaria de outra forma? Não. E quem o afirma são os próprios espíritos do Sr. Roustaing, quando, mais adiante, explicam o mesmíssimo fenômeno da transfiguração de ser humano.

Aquí está, como num ser incarnado, o homem, pode se operar o fenômeno da transfiguração:

“A transfiguração se produz igualmente, ou pela vontade do incarnado, ou independente da sua vontade, mau grado seu, tanto tendo ele consciência do fenômeno, como não a tendo. No primeiro caso, a vontade do incarnado obra atraindo a si os Espíritos cujo concurso lhe é necessário. Para conseguí-lo, não precisa fazer evocação alguma. Basta-lhe a vontade de se transfigurar, desde que haja necessidade de que essa transfiguração se opere, isto é,

desde que haja um fim sério a alcançar, para que os espíritos que lhe são simpáticos o venham auxiliar. Quando a transfiguração se verifica independentemente da vontade do incarnado, mau grado seu, ele não passa de instrumento dos Espíritos que provocam o fenômeno, instrumento muitas vezes inconsciente, sobretudo se, por lhe ser estranha a ciência espírita, ignora as causas e os efeitos de tal manifestação”.

Vejamos, agora, o que é necessário para a realização do fenômeno:

“Em geral, para a realização do fenômeno da transfiguração concorrem o perispírito do incarnado e o do Espírito, ou os dos Espíritos que produzem o fenômeno. Em virtude desse concurso, DESA ADIÇÃO DE PERISPÍRITOS, há uma combinação fluídica, por isso que o Espírito toma de empréstimo ao incarnado uma parte do seu fluido animalizado. O Espírito que opera MISTURA O SEU PERISPÍRITO COM O DO INCARNADO e este, envolvido assim em fluidos perispiríticos combinados, toma a aparência que o primeiro lhe queria dar. Coberto de tais fluidos, que não lhe é dado ver nem sentir, mas que sobre ele se estendem formando uma espécie de campânula, o incarnado toma, para os que presenciam o fenômeno, a aparência que o Espírito entenda de lhe dar, seja qual fôr. Mascarado pelos fluidos que o envolvem, não o podeis ver, senão como vô-lo queiram mostrar”.

Aí está o fenômeno, dentro da lei que o rege. Humano que fosse Jesús, a transfiguração do Tabor se operaria da mesma forma e para a realização do mesmo fim.

LXXVII

O 3.º volume da obra do Sr. J. B. Roustaing "Os Quatro Evangelhos", ou a "Revelação da Revelação", principia com a interpretação daquela passagem narrada pelos três evangelistas Mateus, Marcos e Lucas em que um pai suplica a Jesus a cura de seu filho lunático que os discípulos do Mestre não conseguiram curar.

Explicando os versículos que constituem a lição, nos dão os Espíritos reveladores da obra do Sr. Roustaing uma noção aceitável do que seja a oração e o jejum aludidos pelos Evangelistas.

Que "a prece não é a repetição de palavras mais ou menos harmoniosas, mas ou menos senhoras, mais ou menos humildes, ditas com os lábios para que subam ao Senhor", é coisa que se não discute por sabido ser a prece a manifestação de um sentimento, de um estado d'alma e não o pronunciamento de palavras bonitas formando longos períodos que podem, quando muito satisfazer exigências literárias mas nunca expressar e exaltação de uma súplica ou de um sentimento de gratidão.

Já Allan Kardec, como todos sabem, ao codificar o Espiritismo que constitue a verdadeira e única "Terceira Revelação", assim nos ensinou.

Da mesma forma, manda a verdade que se diga, nada temos a objetar quanto ao que seja o jejum espiritual, segundo o pensamento dos espíritos reveladores da obra do Sr. Roustaing, que disseram consistir o jejum espiritual na abstenção de pensamentos máus e "em praticar a sobriedade na satisfação das necessidades materiais, a sinceridade na mo-

déstia, na regularidade dos costumes, na austeridade do proceder".

Quando, porém, esses mesmos Espíritos comentam o versículo 18 de Mateus e 27 de Marcos, assim redigidos: "*Por que não podemos nós outros expulsar aquele demônio? Qual a causa de não termos podido expulsá-lo?*", uma dúvida surge à nossa compreensão. Vejamos:

A "explicação" está assim redigida, à pág. 64, do 3.º volume:

"Esta pergunta, que os discípulos dirigiram a Jesus vos mostra que JA' ELES ANTES haviam curado doentes, EXPULSADO ESPÍRITOS OBCESSORES, LIVRADO A MUITOS DE SUBJUGAÇÕES. Se não possuíssem, já dentro de certos limites, essa faculdade, se não a houvessem já exercido, não se teriam espantado daquele insucesso, não teriam mesmo, em caso algum, tentado a prova.

Ora, se é certo que os discípulos já haviam curado doentes, expulsado espíritos obcessores e livrado a muitos da subjugação exercida pelos espíritos maus, e isto porque já haviam recebido o poder de curar enfermos e expulsar demônios, como se lê em Mateus, Cap. 10 — V.V. 1 e 8, como compreender-se o insucesso ocorrido com o menino suposto lunático?

Mateus, no V. 19, diz que Jesus atribuiu o insucesso à nenhuma fé dos seus discípulos. Citemos:

"V. 18 — Então os discípulos vieram ter com Jesus em particular e lhe perguntaram: Por que não podemos nós expulsar esse demônio?

"19 — Jesus lhes disse: Por causa da vossa nenhuma fé; pois, em verdade vos digo que, se tivésseis a fé do tamanho de um grão de mostarda, diríeis àquela montanha: Passa daqui para ali, e ela passaria; nada vos seria impossível".

Marcos, no V. 28, diz que Jesus afirmara o insucesso porque os obcessores daquela casta só pela prece e pelo jejum podem ser expulsos. Assim se lê:

"V. 27 — Quando Jesús voltou para casa, seus discípulos lhe perguntaram em particular: Por que não podemos nós expelir aquele demônio?

"28 — Jesús respondeu: Os demônios desta casta não podem ser expulsos senão pela prece e pelo jejum".

No entanto, o Sr. J. B. Roustaing, que acreditou piamente na revelação que lhe fizera um Espírito, de que iria receber através da mediunidade de Mme. Collignon a "Revelação da Revelação", transmitida pelos quatro Evangelistas assistidos, ainda, dos apóstolos, não logrou obter desses Espíritos Superiores, a explicação prometida. Nesse ponto falhou a Revelação.

Para que não se diga que falseamos a verdade, aqui vai o que disseram a respeito do insucesso da cura do chamado lunático, os Espíritos Superiores que ditaram a obra do Sr. Roustaing:

"Quanto à falta de poder, nos discípulos, para expulsarem aquele Espírito obcessor, a explicação desse fato se nos depara no que lhes disse Jesús. Nas palavras do Mestre está a explicação clara e precisa das causas que os impediam de afastar o espírito mau e muito sofredor que atuava sobre o menino".

Bela "explicação" para se explicar aquilo que se diz já se achar explicado.

Segundo o Sr. Roustaing, pode-se, pois, deduzir que o chamado lunático não foi curado, porque: a) — os discípulos não tinham nenhuma fé; b) — não possuíam a força da prece; c) — não tinham ainda praticado aquele jejum espiritual necessário.

E, no entanto, muito antes de lhes ser apresentado o menino lunático, esses mesmos discípulos já haviam curado enfermos e expulsado obcessores!!

LXXVIII

Na página 70 do 3.º volume da obra do Sr. Roustaing, que estamos estudando, encontramos os comentários daquela passagem referida por Mateus, Marcos e Lucas em que Jesús prediz a sua morte e a sua ressurreição três dias após.

Nessa passagem dos Evangelhos, os três citados evangelistas são acordes na reprodução do que houvera dito Jesús quando predisse aos seus discípulos a sua próxima morte e sua ressurreição três dias após. E' o que nos mostram o texto evangélico:

"MATEUS — V. 21 — Quando voltaram para a Galiléia, Jesús lhes disse: O FILHO DO HOMEM será entregue às mãos dos homens".

2 — E estes lhes darão a morte, mas ele ressuscitará ao terceiro dia.

MARCOS — V. 30 — Ensinando a seus discípulos dizia: O FILHO DO HOMEM será entregue às mãos dos homens, que o farão morrer mas ele ressuscitará ao terceiro dia depois da sua morte".

LUCAS — V. 44 — Todos pasmavam de grande poder de Deus e como se mostrassem admirados do que ele fazia, disse a seus discípulos: Guardai nos vossos corações o que vos vou dizer: O FILHO DO HOMEM há de vir a ser entregue às mãos dos homens".

Como se vê, temos a afirmação categórica, positiva, insofismável proferida pelo próprio Cristo de que ele era O FI-

LHO DO HOMEM, de que seria entregue às mãos dos homens que o fariam morrer, e, que no terceiro dia da **SUA MORTE** ressuscitaria.

Vejamos, agora, como os Espíritos reveladores da obra do Sr. Roustaing, "explicam" esses versículos. Aqui está a explicação:

"Estes versículos se explicam por si mesmos. Jesús revelava de antemão os acontecimentos que se iam dar, afim de tocar mais fundamentalmente o Espírito dos discípulos e de lhes aumentar a fé. Predisse-lhes que habitaria "com os mortos", afim de tornar mais fricante a "sua ressurreição". Aquelas não eram, de fato, para os discípulos, homens ignorantes mas devotados, palavras cobertas com o véu do luto? O que compreenderam foi que o Mestre se preparava para morrer. A "ressurreição" não era um problema que eles se propusessem a resolver. Consideravam-na fato tão extraordinário, que não se detiveram um instante sequer procurando compreender como poderia Jesús passar três dias longe deles".

Essa explicação, como se vê, é idêntica à que foi dada, como vimos no nosso último estudo, para explicar a falta de poder dos discípulos para expulsarem o espírito obsessivo que atuava no menino chamado lunático. Lá disseram que a explicação estava nas palavras do Mestre; aqui dizem que estes versículos se explicam por si mesmos.

E dizer-se /que esses Espíritos Superiores vieram das alturas expressamente para explicar ao Sr. Roustaing o verdadeiro sentido dos versículos que formam os quatro Evangelhos, explicação essa, disseram eles, só possível com a aceitação da nova revelação que traziam, segundo a qual Jesús foi apenas uma aparência de homem, porque não foi homem e não nasceu nem viveu como nós outros, por isso que o seu corpo não era material, mas sim fluídico!

E' extranhável semelhante atitude.

A expressão "**FILHO DO HOMEM**" se encontra repetida muitíssimas vezes nos Evangelhos, havendo mesmo quem afirme que 72 vezes. Ora, perguntamos: por que teria Jesús dito e redito tantas vezes, ser "filho do homem"? Não seria, justamente, para que os seus discípulos e o povo que o seguia não

supusessem nunca que ele era Deus, em virtude dos "milágres" que ele vinha realizando? Porventura algum homem houvera feito o que Jesús vinha fazendo, curando os enfermos, expulsando os obsessores, dando luz aos cegos e movimento aos paralíticos? Certo que não. E porque, àquela época, tais prodígios eram tidos por milágres de Deus, e porque, ainda, nunca afirmara que era Deus, antes pelo contrário, sempre ensinou que Deus era o Pai, e nós seus filhos, porque criação sua — houve ele por bem, para que não pairassem dúvidas sobre a sua pessoa, de afirmar constantemente, sempre que uma oportunidade se lhe deparasse, que era "**FILHO DO HOMEM**".

A este raciocínio que é claro e compreensível, opõem os Espíritos que ditaram a obra do Sr. Roustaing, a seguinte "revelação": Jesús se disse várias vezes "filho do homem" porque havia necessidade, para cumprimento da sua missão, que os homens acreditassem que ele era realmente filho do homem, isto é, filho de José e de Maria, mas, na verdade, segundo a nova "revelação" que traziam, ele não era "filho do homem" nem era "homem" porque era um Espírito puro, perfeito, que incarnou (?) na terra com um corpo fluídico com a **APARÊNCIA** de um corpo humano.

Os espiritistas que têm desejo de conhecer a verdade, que a buscam pelo estudo e com o auxílio da razão, certo dirão, a bem da verdade, e diante do que temos exposto, que a obra do Sr. J. B. Roustaing, com o pomposo título "**OS QUATRO EVANGELHOS**" ou "**A REVELAÇÃO DA REVELAÇÃO**", não é, em absoluto, uma obra fundamental do Espiritismo, não é uma Revelação de ordem divina igual a que recebeu o Sr. Allan Kardec, e, conseqüentemente, não pode ser tida como fazendo parte integrante da Terceira Revelação, como ostensivamente proclama e propaga a Federação Espírita Brasileira.

LXXIX

Vamos hoje nos referir a uma pequenina passagem da vida de Jesús que somente Mateus anotou no Cap. XVII — V. 23 — 26 do seu Evangelho, e que os Espíritos que transmitiram ao Sr. Roustaing “Os Quatro Evangelhos”, que estamos estudando, repetimos, com o único intuito de evidenciar que essa obra não pode, absolutamente, ser parte integrante da Terceira Revelação codificada por Allan Kardec — vieram explicar.

Refere-se Mateus a uma interpelação que os arrecadadores de tributos fizeram a Pedro em relação ao tributo de duas drachmas devido pelo Mestre, segundo as leis então vigentes. Ciente do que se passara, assim diz Mateus que Jesús dissera a Pedro:

“Vai ao mar, lança a tua linha, pega do primeiro peixe que apanhares e abre-lhe a boca que encontrarás dentro um moeda de prata de quatro drachmas; toma-a e vai entregá-la por mim e por ti aos que cobram o tributo”.

Que explicação deram os Espíritos Superiores de Mateus, Marcos, Lucas e João, assistidos pelos Apóstolos a essa passagem da vida do Cristo, referida, repetimos, exclusivamente por Mateus?

Foi a seguinte que passamos a transcrever:

“Por ato de sua vontade e auxiliado pelo magnetismo espiritual, o Espírito preposto à realização do fato com que nos ocupamos, exercendo uma ação

magnética, dirigiu para o lugar, onde, no fundo do mar, se achava o estátero, os fluidos que envolviam o peixe. Arrastado este, assim, para aquele lugar pela corrente desses fluidos, o Espírito preposto, acionando outra corrente magnética, fê-lo aspirar a moeda, reconduziu-o à superfície das águas e o encaminhou para o anzol que o tinha de fregar como fígou”.

Antes de procurarmos compreender o que acabamos de transcrever, uma pergunta se nos aflora à mente: Não seria bem melhor e muito mais consentâneo com a elevação espiritual desses Espíritos Superiores, porque foram os Evangelistas, tivessem eles se limitado ao que já haviam dito, linhas antes, por estes termos: “Acêrca deste fato nada mais há que dizer, além do que já sabeis relativamente a todos os que considerais milagrosos”?

Se o encontro das moedas na boca do primeiro peixe que fosse pescado por Pedro era mais um dos muitos “fatos milagrosos” praticados por Jesús, e, por outro lado, se sobre esse fato nada mais tinham os Espíritos do Sr. Roustaing a acrescentar além do que haviam dito comentando os outros casos milagrosos, porque, pois, a explicação detalhada, interessante, pitoresca e infantil, que fizeram?

Se sobre o fato nada mais tinham que dizer além do que já haviam dito, porque disseram mais?

Dir-se-á, como fragílissima defesa: para maior clareza, para melhor entendimento, ou ainda, para maior realce literário. Não colhe o argumento. Assim seria aceitável, se se tratasse de uma obra literária em que o seu autor procurasse sobressair entre os seus pares.

Mas, em se tratando, como no caso, de Espíritos Superiores, dos próprios Evangelistas Mateus, Marcos, Lucas e João, não é de se admitir a hipótese *ad argumentum*. Uma das características dos Espíritos Superiores, nos ensina Kardec, é justamente a sobriedade no falar, a expressão de síntese que possuem. Veja-se, como exemplo, no “Livro dos Espíritos” como abordaram os Espíritos reveladores da Terceira Revelação, os mais transcendentais problemas que a imaginação e a onimoda cultura de Allan Kardec formulou para serem respondidos. Não se vê, ali, redundâncias nem floreios. E' bem o reflexo da Verdade que ali se esbate.

Isto posto, à guisa de preliminar, façamos agora, uma rápida observação sobre o *modus agendi* descrito pelos Espíritos do Sr. Roustaing, e que, para evitar dúvidas, acima transcrevemos.

Podemos resumir assim o episódio:

No fundo do mar achava-se depositada uma moeda de prata no valor de 4 drachmas. Um dos Espíritos Superiores e prepostos que auxiliavam a missão de Jesús exercendo o "magnetismo espiritual" sobre um determinado peixe que tranquilamente vivia no mar, fez com que ele se dirigisse para o fundo do mar onde justamente se achava a moeda necessária ao pagamento do tributo devido por Jesús. Conseguindo isso, usando da mesma força magnética, fez com que o peixe aspirasse a moeda, que se chamava um estátero, e subisse à tona das águas. Depois, encaminhou o peixe para o anzol de Pedro para ser fígado, como fígado foi. E eis tudo.

Quanta simplicidade! Quanto ensinamento! Os Espíritos Superiores, prepostos à missão do Cristo, conduzindo peixes para serem fígados!!

Mas, há mais, para pasmo de todos os que quizerem fazer uso da sua razão, do seu entendimento para não aceitarem tudo aquilo que essa mesma razão repele por absurdo e contrário à lei já conhecida.

Isto que nos espanta por ser atribuído aos Espíritos chamados os Evangelistas, na obra do Sr. Roustaing é a coisa mais natural deste mundo.

E' o que se depreende com maior pasmo, ainda, da ingênua senão audaciosa pergunta assim formulada, no final do comentário:

"Que há de surpreendente em que o peixe, que teria de trazer à superfície do mar a moeda, haja sido, pela ação das correntes magnéticas, impellido para a lugar onde ela se achava e a tenha aspirado, ainda sob a ação de tais correntes, dirigidas estas pelo Espírito que, desse modo, fez do mesmo peixe o portador da dita moeda"?

Que respondam os que nos lêem.

Também surpreendente é a coragem com que afirmam os divulgadores da obra de Roustaing ser ela uma "Revelação divina" como o fôra a transmitida a Kardec e por todos nós respeitada como sendo a "Terceira Revelação".

LXXX

Uma das parábolas do Mestre que oferece um maior número de interpretações por parte dos estudiosos da doutrina, é, incontestavelmente, a chamada "parábola do mordomo infiel". Para muitos ela chega mesmo a ser incompreensível, porque do seu texto parece ressaltar a apologia de uma ação má praticada por um infiel mordomo que acarretou conscientemente, um prejuízo de ordem financeira, no patrimônio econômico de seu amo ou senhor. Há mesmo quem duvide da veracidade dessa passagem, dúvida essa baseada no fato de ser ela relatada somente por Lucas. Na verdade nem Mateus, nem Marcos nem João a ela se referem nos seus respectivos Evangelhos.

Ora, se obra de J. B. Roustaing que tem por título "OS QUATRO EVANGELHOS" ou, mais pomposamente, "A REVELAÇÃO DA REVELAÇÃO", é, como querem que seja, uma produção mediúnica, de ordem divina, revelada pelos mesmos Espíritos que quando na terra se chamaram Mateus, Marcos, Lucas e João, os Evangelistas, tendo por finalidade única "explicar em espírito e verdade todos os versículos que constituem o próprio Evangelho por eles redigido após a partida do Cristo, se assim é, repetimos, manda a boa razão e a boa lógica que tenhamos por completamente dissipadas todas as dúvidas e restrições que essa parábola tem despertado no entendimento dos que sentem prazer em conhecer o sentido oculto das parábolas do Mestre.

Vejamos, então, como na obra do Sr. Roustaing, os Espíritos que a ditaram, e que nunca devemos esquecer que foram os mesmos Evangelistas assistidos, ainda, pelos apóstolos para maior garantia da revelação, nos explicam a referida parábola.

Para maior evidência, e para não alongar demasiado este nosso estudo, vamos resumir a parábola, que os nossos leitores poderão ler na íntegra, no Cap. XVI, v. 1-9, do Evangelho de Lucas.

Havia um homem rico que tinha um mordomo que lhe fôra infiel na administração de seus bens. Sendo-lhe pedida uma prestação de contas como preliminar para a sua dispensa, o mordomo chamou os devedores do seu amo e reduziu-lhes consideravelmente os débitos, substituindo os títulos de dívida que eles haviam assinado. Assim procedeu ele, para que, uma vez despedido, pudesse contar com a proteção e a amizade desses devedores do seu amo a quem havia, fraudulentamente, perdoado grande parte das suas dívidas. Diz o Evangelista João que Jesús ao contar esse episódio aos seus discípulos, lhes afirmara que o amo havia louvado o mordomo infiel por haver ele procedido com atilamento, dizendo-lhes, ainda, e por acréscimo, estas palavras: "Empregai as riquezas de iniquidade em grangear amigos, afim de que, quando elas vierem a faltar-vos, eles vos recebam nos tabernáculos eternos".

Essa a parábola, em resumo fiel.

Agora a explicação contida na obra do Sr. Roustaing:

"Por esta parábola Jesús NÃO OFERECEU UM EXEMPLO, como o pretenderam a malevolência e a ignorância dos que se apegam a cada uma das letras de cada versículo. Formulava apenas uma comparação".

Temos, pois, a afirmativa de que Jesús, com essa parábola não teve em mira *"exemplificar"*, vale dizer, afastou-se temporariamente da sua grande missão, que era, incontestavelmente, dar cumprimento às leis divinas, pelo exemplo, e pelo exemplo mostrar à humanidade o caminho que a conduzirá ao reino de Deus. Formulou, apenas uma **COMPARAÇÃO** concluem os Espíritos do Sr. Roustaing.

E que "comparação" formulou Jesús ao contar aos seus discípulos a história do mordomo infiel?

Foi a seguinte, pela "explicação" revelada:

"A comparação que esta parábola encerra não tem sido compreendida. JESÚS O QUE DISSE foi:

Se o amo louva o administrador infiel que, para garantir o futuro, trata de fazer amigos entre os devedores do seu amo, aumentando-lhe as perdas, que não fará o Senhor por aquele que cuidou de preparar amigos para a vida eterna, empregando as riquezas humanas em praticar o bem, em socorrer seus irmãos, grangeando assim o reconhecimento e a afeição destes?"

Pedimos licença para refutar essa explicação, por não verdadeira. Que nos perdoem os Espíritos que a ditaram.

Jesús NÃO DISSE o que acima está dito. Se o houvesse dito tal qual o texto enunciado, deixaria de existir a parábola, porque seria o próprio Jesús a interpretar a sua própria parábola!

Se o que Lucas escreveu nessa parábola não foi dito por Jesús, parece-nos que a "explicação", a bem da verdade, deveria ser iniciada com a retificação de seus termos. O que se verifica no entanto, é justamente o contrário: Os Espíritos do Sr. Roustaing, aceitam-na como autêntica, e ao explicá-la, atribuem a Jesús como sendo ditas por ele, palavras que apenas estabelecem comparação entre duas hipóteses.

Mas perguntamos: Para Jesús dizer que Deus muito fará àqueles que na Terra, preparam amigos para toda a eternidade, teria necessidade de formular aquela parábola de tão difícil compreensão e que enche de tanta dúvida o cérebro de quem lhe procura o sentido oculto?

Quantas vezes e por quantas formas diferentes, claras, precisas, perfeitas e insofismáveis, já o havia dito o Cristo em cumprimento da sua missão?!...

Na página seguinte que tem o número 114, encontramos uma interessante nota do próprio Sr. Roustaing, na qual expõe a crítica que hão feito acerca dessa parábola. No próximo artigo, verificaremos quão frágil foi a resposta dos Espíritos do Sr. Roustaing a essa crítica.

— LXXXI —

Aludimos, no nosso último artigo a uma observação formulada pelo próprio Sr. Roustaing sobre a crítica que tem sido feita à parábola do mordomo infiel, e dissemos que a resposta dada pelos Espíritos reveladores mereceria a nossa atenção. Vamos, pois, apreciá-la, e veremos si ela nos traz, de fato, a desejada explicação.

Em nota sob nº 214, assim se dirigiu o Sr. Roustaing aos Espíritos que lhe transmitiam a chamada "Revelação da Revelação":

"Eis a crítica que hão feito dessa parábola do mordomo infiel: "Um homem pretende despedir a seu mordomo, por haver, ao que se diz, esbanjado os bens que lhe tinham sido confiados. Acresce que o mordomo, para se livrar de dificuldades futuras, junta às suas passadas infidelidades a seguinte notável tratantice: Chama os devedores de seu amo e combina com eles restituir-lhes os documentos que haviam firmado, em troca de outros de menor valor. Assim quem devia 100 passa a dever apenas 50 ou 80, e, dêse modo, o mordomo garante o seu futuro, adquirindo amigos. Ora, o amo foi informado (não se declara como) do procedimento do seu empregado. Que pensais vai ele fazer? Que vai punir o servidor deshonesto, ou, pelo menos, despedi-lo? De modo algum; a última maroteira mudou tôdas as suas intenções. Tal é o apreço em que tem aquilo que se dá o nome de esperteza, que louva o infiel mordomo por haver procedido com atilamento. Não se nos diz se o conservou; mas, facilmente se de-

preende que sim. A conclusão se aplica ao emprego dos bens mal adquiridos. Porém, não foi de bens mal adquiridos que o mordomo infiel lançou mão para salvar o seu futuro; foi de bens que lhe não pertenciam; foi tão somente de bens do seu amo. O ato que praticou é um roubo, nem mais nem menos".

"A explicação, do ponto de vista cristão, é esta: que se deve, por meio de esmolas dadas aos pobres, santificar as riquezas mal adquiridas".

A exposição que fundamenta a crítica de acôrdo com a narrativa evangélica, não se sabe onde o Sr. Roustaing a colheu. As aspas colocadas no início e no seu término, indicam a procedência alheia. O último período, referente a explicação da parábola sob o ponto de vista cristão, é de autoria do Sr. Roustaing. E' o seu modo pessoal de interpretar a referida parábola. Vejamos, agora, como os Espíritos autores da "Revelação" a explicam:

Assim nos dizem eles:

"A explicação não vale mais do que a crítica. E' mesmo pior, por isso que a crítica não visa senão julgar pelas palavras e não pelo espírito. O único meio de reparar os desvios da consciência, pelo que respeita ao que se adquire mal, consiste na restituição".

Não procede, pois, a "explicação" do Sr. Roustaing. Agora, a resposta dos Espíritos à crítica aludida:

"Nada mais temos que dizer, além do que pela terceira vez repetimos: Não há nesta parábola um exemplo a seguir, como o pretenderam a malevolência e a ignorância dos que se apegam a cada uma das letras de cada versículo. Há apenas uma comparação. Compara-se o juízo do homem relativamente a uma ação má, que lhe merece, louvores por considerá-la hábil e prudente, com o juízo de Deus acerca dos que se esforçam por fazer o bem, o que milita a favor deles, ainda quando precedentemente tenham cometido faltas".

Como se vê, a resposta à crítica consiste apenas em rea-

firmar que a parábola do mordomo infiel não representa um exemplo, uma lição do mestre, mas, apenas, uma historieta por ele contada para mostrar aos seus discípulos, por meio de uma comparação, a diferença entre o juízo do homem e o juízo de Deus.

Convenhamos que é fragílissima a explicação para quem veio das altuars, especialmente, revelar em espírito e verdade o sentido dos versículos que constituem os quatro Evangelhos !

A verdade é que desta parábola só o seu último versículo é suscetível de uma interpretação doutrinária. Quando o Mestre disse: "Empregai as riquezas de iniquidade em grangear amigos, a fim de que, quando elas vierem a faltar-vos, eles vos recebam nos tabernáculos eternos", — ensinava que devemos empregar parte dos nossos bens materiais, da nossa fortuna, dos nossos haveres, honestamente adquiridos, no grangeio de amigos, quer auxiliando-os a prosperarem, quer com eles permutando relações de ordem econômica, para que, se algum dia nos faltarem recursos possamos por eles ser socorridos. E' a manifestação da solidariedade, no terreno econômico, que essa parábola, a nosso ver, estabelece. A solidariedade, o amparo mútuo, o amor ao próximo, não se enquadra só nas relações de ordem espiritual, mas também, enquanto a Terra fôr planeta de provas e de expiação, nas de ordem material, porque assim o exige a Lei.

Entre esta simples explicação que a nossa imperfeição e o nosso atraso espiritual permitiu formulássemos e a "comparação" que os Espíritos Superiores dizem constituir a razão de ser da parábola, os nossos leitores saberão escolher.

— LXXXII —

Sob os títulos "O reino de Deus está dentro de nós" e "sinais precursores da segunda vinda de Jesus", nos dá o Sr. Roustaing, em sua obra "Os Quatro Evangelhos" explicados pelos Evangelistas assistidos pelos Apóstolos, a explicação interpretativa dos versículos 20 a 37 do Capítulo XVII do Evangelho de Lucas. Nenhum dos demais Evangelistas se referem a essa passagem da vida do Cristo.

O que a respeito dessa passagem se contém na obra do Sr. Roustaing como "explicação" que lhe foi transmitida pelos espíritos reveladores que declararam ser Mateus, Marcos, Lucas e João, é, sem exagêro de expressão, o que de mais irrespondível se pode imaginar como argumento precioso a confirmar a procedência suspeitíssima da citada obra, como "Revelação" de ordem divina idêntica ou similar a que recebera o Sr. Allan Kardec, QUATRO ANOS ANTES.

As contradições, os revesamentos, a confusão de idéias, o emaranhado de deduções forçadas, as fugas e desvios que se notam nessa "explicação", como iremos verificar, atestam a nossa afirmativa.

Acompanhemos a explicação dada:

Diz Lucas que o Cristo ao ser interrogado pelos fariseus sobre a vinda do reino de Deus, respondeu-lhes que o reino de Deus não virá de modo a que possa ser notado, porquanto o reino de Deus está dentro de nós. — Em seguida, — acrescenta Lucas — voltando-se para os discípulos disse: "Tempo virá em que quereis ver um dos dias do FILHO DO HOMEM e não O vereis. Dir-vos-ão: ei-lo aquí, ei-lo alí; não vedes, não os sigais; pois, tal como o relampago, que brilha de um

lado a outro do céu, ASSIM SERÁ O FILHO DO HOMEM no seu dia”.

Quanto à interpretação da resposta dada aos fariseus em relação ao reino de Deus, nada a objetar.

Quanto, porém, ao que disse Jesús aos discípulos e que constitui o versículo 22, há que estudar.

Vejamos. Eis o que disseram os Espíritos ao Sr. Roustaing, interpretando as seguintes palavras de Jesús: “Tempo virá em que desejareis ver um dos dias do filho do homem e não o vereis”:

“Aprendei bem o sentido daquelas palavras, que foram igualmente pronunciadas para o futuro. Muitas vezes tem já o homem aspirado à liberdade santa, filha do amor e da caridade. Muitas vezes tem procurado em não fazer que luza ainda um daqueles dias em que Jesús pregava e exemplificava a sua moral. Esse desejo o assalta sempre que ele compreende que o único remédio para os males da humanidade consiste na prática dos dois grandes preceitos do amor e da caridade — prática que implica, dentro da unidade e da solidariedade, a da justiça, do mútuo auxílio sob o ponto de vista do trabalho material, moral e intelectual, assim como a prática da fraternidade. Aqueles dias, porém, não voltaram. Ainda os esperais, vós outros espíritas, e para eles apelaís com tôdas as vossas forças. Muito, entretanto, tardarão ainda em vir, porque ainda não sois bastante clarividentes, para a luz deles; porque os vossos entendimentos ainda se não desapegaram das influências e dos apetites da matéria, fontes do orgulho, do egoísmo, do sensualismo e da sensualidade, de modo a poderem assimilar A MORAL DO FILHO DO HOMEM. Enfim, ainda não amadurecesteis para essa era nova em que o FILHO DO HOMEM VOLVERÁ AO VOSSO MEIO e em que vereis renascer o seu dia”.

De toda essa longa “explicação” se depreende que os Espíritos reveladores quiseram dizer que Jesús, O FILHO DO HOMEM, volverá ainda ao nosso meio mas que isso tardará muito, porque ainda não estamos suficientemente amadurecidos para essa nova era.

Semelhante explicação nos parece por demais pueril, em se tratando de Espíritos Superiores encarregados pelo Cristo de trazer aos homens da terra uma nova revelação que se chamaria a “REVELAÇÃO DA REVELAÇÃO”.

E a sua puerilidade está em que, se, realmente o Cristo voltar à terra, como o fez há vinte séculos atrás, certo só o fará quando o julgar conveniente e necessário. Mas, perguntamos, quando há dois mil anos o FILHO DO HOMEM, esse mesmo Jesús, pregou e exemplificou na Terra, estariam os homens mais “amadurecidos” que os de hoje? Teriam eles o entendimento desapegado “das influências e dos apetites da matéria, fontes do orgulho, do egoísmo, do sensualismo e da sensualidade de modo a poderem assimilar a moral do filho do homem?”

Mas, depois de afirmarem que o filho do homem, Jesús, volverá a Terra, como o fizeram os Espíritos reveladores ao explicarem o versículo 22, uma nova interpretação nos dão eles, acêrca DO FILHO DO HOMEM, na explicação do versículo 24, como se vê dêsse trecho que transcrevemos:

“(v. 24.) Pois como o relâmpago, que brilha de um lado ao outro do céu, assim será O FILHO DO HOMEM no seu dia. O filho do homem personifica a sua lei, a sua moral. No momento oportuno, essa lei pura, suave, será despojada dos falazes ornamentos com que a cobriram e se mostrará repentinamente aos homens em toda a sua pureza. Sua luz então, como a do relâmpago, brilhará de um extremo ao outro do horizonte. NESSA OCASÃO ESTARÁ PRÓXIMO A VERIFICAR-SE ENTRE NÓS O PRE-DITO ADVENTO DO FILHO DO HOMEM”.

Leram bem, os nossos leitores que se interessam pela verdade e desejam aquilatar do valor, do mérito que tem a obra do Sr. J. B. Roustaing, intitulada “Os Quatro Evangelhos” proclamada pela Federação Espírita Brasileira (única no mundo inteiro) como fazendo parte integrante da Terceira Revelação codificada pelo insigne missionário Allan Kardec? Leram bem? repetimos.

Já O FILHO DO HOMEM, não é o Jesús, filho de Maria e de José, mas a sua doutrina, a sua moral. E’ a sua doutrina, a sua moral que um dia brilharão como a luz de um relâmpago, de um extremo ao outro do horizonte. E então, só então,

ESTARA' PRÓXIMO a verificar-se entre nós O ADVENTO DO FILHO DO HOMEM.

Bem compreendemos a razão dessa metamorfose. A expressão FILHO DO HOMEM, tantas vezes repetida, embarça um pouco a divulgação do corpo fluidico de Jesús "revelado" em "Os Quatro Evangelhos".

Mas, para mostrar que Lucas não se referia à doutrina do Mestre, mas sim à sua pessoa física, temos o v. 25 que diz o seguinte:

V. 25 — *Mas é necessário que antes ele sofra muito e seja rejeitado por esta geração*".

Ele, quem? perguntamos. O FILHO DO HOMEM, — diz o bom senso, a razão, a mais rudimentar inteligência, o pior aluno do primeiro ano de qualquer escola.

Ainda e para maior edificação dos que nos leem, e já agora temos a certeza de que são muitos, pedimos que prestem atenção ao comentário ao v. 25, acima transcrito, que passamos a reproduzir.

"(v. 25) — *Antes que a lei trazida por Jesús pudesse vigorar, foi preciso que o LEGISLADOR LHE APUZESSE O SELO DO SEU AMOR. Entretanto, repeliu-a a geração que a recebeu, como a de hoje ainda a repele. E' que muitos Espíritos, rebeldes ao tempo da missão do Cristo, vivem de novo na terra, sempre rebeldes*".

Esse comentário, está visível e ardilosamente elaborado. Não pode ser de um espírito superior. O versículo diz, claramente, ser necessário que o FILHO DO HOMEM SOFRA MUITO e seja (êle, o filho do homem) REJEITADO por esta geração.

Não se trata aqui da lei. Não foi a lei que foi repelida pela geração que a recebeu. Foi Jesús, filho do homem, que sofreu pela ignorância e incompreensão dos homens e, por isso, foi rejeitado. — E' isto que diz o versículo 25 de Lucas.

E tanto assim é, que logo abaixo, em flagrante contradição com o que acima disseram, se lê esta retratação:

"Jesús, que desceu à Terra para dar aos ho-

mens o EXEMPLO do devotamento sem restrições, teve que levar esse devotamento aos seus limites extremos. Qual, efetivamente, para vós, o maior de todos os sacrifícios, senão o da vida?"

Se Jesús desceu à Terra para dar aos homens o EXEMPLO, uma única conclusão se impõe. A de que, realmente, como 72 vezes se repete nos Evangelhos e êle próprio o disse — êle foi O FILHO DO HOMEM.

— LXXXIII —

O versículo 20 do Cap. XVIII do Evangelho segundo Mateus está assim redigido: "Porque, onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí estarei eu no meio deles".

Após ligeiras considerações sobre o que seja estar reunido em nome de Jesús oferecidas pelos Espíritos, o Sr. Roustaing abordou a situação dos concílios celebrados pela Igreja Romana, a sua pretendida infalibilidade, e a afirmativa que ela proclama de que só Satanaz é que tem o poder de se comunicar mediunicamente com os homens. Com essas referências que desejava ver esclarecidas, provocou o Sr. Roustaing dos Espíritos que o assistiam e que estavam transmitindo a "Revelação da Revelação" por intermédio da médium Sra. Collignon, uma longa exposição sobre os assuntos ventilados.

E' interessante e não podemos deixar de anotar, o que o próprio Sr. Roustaing nos diz que aconteceu quando se dirigia aos espíritos, nesta breve nota assim por êle redigida:

"Nesse instante e quando ia eu prosseguir, fui interrompido. A mão do médium, fluidicamente impelida, escreveu isto em resposta".

E segue-se o que o Espírito ditou ao médium.

Não é esta a primeira vez que isto acontece. Já verificamos idêntico fato ocorrido anteriormente. Parece-nos que se confirma a intromissão de um outro Espírito, ou o trabalho que vinha sendo executado não o estava sendo feito pela mão do médium fluidicamente impelida, e, neste caso, teríamos a suposição de que "Os Quatro Evangelhos" é uma obra recebida através da *mediunidade intuitiva* da Sra. Collignon.

A não ser assim, à que vem aquela nota do Sr. Roustaing, assinalando diversidade no modo de ser transmitido o pensamento do Espírito comunicante?

Feita esta breve observação que servirá, apenas, para proporcionar aos que se estão interessando por este estudo um elemento a mais para consolidar as conclusões a que houverem chegado acêrca da obra do Sr. Roustaing, prosigamos:

Encontramos à pág. 151, *in fine*, o que passamos a transcrever:

"O Espiritismo, LEI NATURAL E IMUTÁVEL ESTABELECIDADA POR DEUS de toda a eternidade, pelo simples fato da sua existência, real, ou considerado como sendo apenas a comunicação entre o mundo espiritual e o mundo corporal, não é uma revelação nova. Não deveis tomar essa denominação como indicando que se vos há explicado um mistério recém-importado para vos reconduzir, não. Trata-se tão somente de uma ampliação dada hoje ao que sempre existiu. A liberdade de consciência de que hoje gozais, permitiu que fatos outrora abafados se pudessem agrupar, formando um conjunto que vos atraísse a atenção. Porém, essa amplificação das relações entre as almas livres e as prisioneiras não constituem UMA REVELAÇÃO NOVA. O Espiritismo vos traz uma revelação, não pelo simples fato de existir, repetimos, MAS PELAS EXPLICAÇÕES QUE VOS DÁ, em espírito e verdade, das vossas origens e fins, e pelos meios que vos proporciona de chegardes a êsses fins".

Temos algo nessa estranha "explicação" que nos dá que pensar. Mais que isso: que nos induz, uma vez mais, à certeza das nossas repetidas afirmações de que a obra do Sr. Roustaing, ao envez de esclarecer, confunde, mistura, embaralha, projetando sombras e dúvidas ao envez de luzes e certezas como seria, se de fato fosse obra dos Espíritos que a assinam e constituísse, realmente, mais uma "Revelação divina" a juntar-se às três já existentes.

Na verdade, não é lançar a confusão nos cérebros dos que ainda não se acham firmes na sua fé e robustecidos no conhecimento dos princípios basilares da doutrina, o dizer que o **ESPIRITISMO É LEI IMUTÁVEL** estabelecida por

Deus? Quem aprendeu com Kardec que "o Espiritismo marchando com o progresso, não será jamais excedido, porque, se novas descobertas lhe demonstram que está em erro sobre um ponto, ele se modificará sobre esse ponto, se uma nova verdade se revela ele a aceita", não se sentirá confuso, perturbado e cheio de justas apreensões ao ler em Roustaing que "O Espiritismo é imutável"?

Afirmar-se, ainda, que Espiritismo é "TÃO SÓMENTE UMA ampliação dada hoje ao que sempre existiu, e dizer depois, logo a seguir, que Espiritismo traz uma "revelação" pelas explicações que nos dá, em espírito e verdade, da nossa origem e fins, não tonteia o espírito dos que se iniciam no estudo da doutrina?

Se no dizer dos Espíritos do Sr. Roustaing, o Espiritismo não é uma revelação mas "uma ampliação do que sempre existiu", como se compreender, ainda, ou a que vem esta tirada reveladora, que se lê à página 155:

"As revelações são sucessivas e progressivas. Cada uma explica e desenvolve a que a precedeu e é explicada e desenvolvida pela que a segue. CADA UMA É SEMPRE APROPRIADA AO ESTADO DAS INTELIGÊNCIAS E ÀS NECESSIDADES DA ÉPOCA e vem pela vontade de Deus para, segundo a sua preciência e sabedoria infinitas, conduzir a humanidade pela senda ascensional do progresso".

Que meditem os que desejam conhecer onde está a verdade, sem se esquecerem de que a Terceira Revelação foi dada a Kardec em 1855 e a revelação dada ao Sr. Roustaing, teve início em 1861, apenas seis anos após.

— LXXXIV —

O Evangelista Mateus no versículo 27 do Cp. XIX do seu Evangelho, põe nos lábios do apóstolo Pedro, esta pergunta feita ao Mestre: "Eis aqui estamos nós que tudo deixamos e te seguimos; que recompensa será a nossa?" E a seguir nos diz ele que Jesus assim respondera:

"Em verdade vos digo que vós, que me seguistes, quando, ao tempo da regeneração, o filho do homem estiver assentado no trono da sua glória, também estareis assentados em doze tronos a julgar as doze tribus de Israel".

Explicando este último versículo, os Espíritos que "revelaram" ao Sr. Roustaing a "Revelação da Revelação" ou "Os Quatro Evangelhos explicados em espírito e verdade", assim o fazem, à pág. 205 do 3.º volume:

"O tempo da regeneração é aquele em que a REVELAÇÃO ESPÍRITA regenerará os homens, pondo-lhes desnudas ante os olhos as verdades que até então eles só puderam conhecer cobertas pela parábola, sob o véu da letra".

Raciocinemos, calmamente, sobre esta primeira explicação referente ao tempo da regeneração.

Em primeiro lugar, tenhamos bem patente que essas palavras atribuídas ao Cristo, foram proferidas há cerca de 2.000 anos, quando os homens ainda não podiam receber toda a luz da verdade, por não terem atingido aquela evolução necessária.

Por outro lado, se o tempo da regeneração, é aquele em que “a revelação espírita regenerará os homens pondo-lhes desnudas ante os olhos as verdades”, forçoso é concluir que esse TEMPO DA REGENERAÇÃO a que o Cristo aludiu, é o presente, o tempo que estamos vivendo, a era do Espiritismo, e isto porque a Revelação espírita já foi dada aos homens desde 1855, para pôr-lhes, ante os olhos, desnudas, aquelas mesmas verdades que outrora, na época do Cristo, só puderam conhecer através das parábolas, ou veladamente.

Note-se que isto, para a conclusão a que vamos chegar, é importantíssimo: Os Espíritos do Sr. Roustaing não dizem que o “tempo da regeneração” será aquele em que o homem (a humanidade) se achar regenerada pelo conhecimento da revelação espírita e exemplificação do que ela ensina; dizem sim, que o “tempo da regeneração é aquele em que A REVELAÇÃO ESPÍRITA REGENERARÁ os homens.

Muito bem. Isto posto, vejamos agora o que nos explicam esses mesmos Espíritos no período logo a seguir, que está assim redigido;

“O tempo em que o “filho do homem estará assentado no trono da sua glória” será a época em que todas as frentes forçosamente se curvarão, sob as irradiações da luz espírita, diante daquele que HA-DE SER O ÚNICO pastor do rebanho que o Senhor lhe confiou”.

Nesta segunda explicação, complemento da primeira, há evidentemente, mais uma contradição, ou, pelo menos, falta daquela clareza, daquela precisão inconfundível, que é a característica de controle no trabalho dos Espíritos Superiores quando em missão esclarecedora, como nos dizem que se achavam os que ao Sr. Roustaing transmiram a obra que estamos estudando.

De fato: Se o “tempo da regeneração”, “é aquele em que a REVELAÇÃO ESPÍRITA regenerará os homens” — tempo presente —, não poderá ser aquela época em que “todas as frentes forçosamente se curvarão sob as irradiações da luz espírita diante daquele que HA’ DE SER — tempo futuro — o único pastor do rebanho que o Senhor lhe confiou”. . .

Dir-se-á: isto é uma sutileza sem importância, notada somente por quem está animado do desejo de criticar, para destruir, uma obra. Não, não é, nem será nunca verdadeira

essa suposição. Primeiro, por se tratar de uma obra que se quer considerar como uma revelação de ordem divina, como a que foi revelada ao Sr. Allan Kardec. Se o fosse não estaria enxameada de contradições e deslises; em segundo lugar, porque o estudo que estamos fazendo, apontando essas contradições e a insustentabilidade de certos princípios que nela se contém e não aceitos por Allan Kardec, após estudá-los devidamente, visa apenas oferecer alguns elementos de convicção aos desejosos de aquilatar do grau de credibilidade que lhes deve merecer semelhante obra.

Prossigamos.

Há, ainda, alguma coisa mais a respigar nessa explicação que estamos analisando. E porque nos parece de suma gravidade, rogamos aos nossos leitores a sua preciosa atenção para que bem possam avaliar se temos ou não razão de pôr em dúvida o valor da obra do Sr. Roustaing, mesmo tendo a ampará-la e a sustentá-la toda a autoridade da Federação Espírita Brasileira.

Repitamos o texto, para maior facilidade de compreensão: Diz ele:

“O tempo em que o “filho do homem estará assentado no trono da sua glória” será a época em que todas as frentes forçosamente se curvarão, sob as irradiações da luz espírita, diante daquele QUE HÁ DE SER o único pastor do rebanho que o Senhor lhe confiou”.

Perguntamos: Quem é aquele “que HA DE SER”, (logo não é ainda), o único pastor do rebanho que o Pai lhe confiou? Perguntamos ainda: quem é “o filho do homem que estará assentado no trono de sua glória” ao tempo da regeneração, isto é, quando toda a humanidade se curvar diante daquele QUE HÁ DE SER, mas ainda não é, o único pastor dessa mesma humanidade?

Ora, há inúmeras passagens nos Evangelhos em que a expressão “filho do homem” só pode ser compreendida como se referindo ao próprio Jesus, e não à criatura humana, propriamente dita. E assim teríamos Jesus, em uma determinada época, diante daquele que “HA DE SER o único pastor” da humanidade. E a incompreensão é manifesta.

Se, por outro lado, aceitarmos “o filho do homem” como sendo qualquer outra criatura, continua a incompreensão,

ou melhor, a confusão desconcertante, por isso que negado fica *ser* Jesús aquele espírito “cuja perfeição se perde na noite das eternidades, protetor e governador do nosso planeta cuja formação presidiu”, e isto porque, se assim é, *êle NÃO “HA DE SER”* o único pastor do rebanho que o Senhor lhe confiou, *ÊLE JA O É*, por haver presidido a formação do planeta do qual é governador. Se *êle* governa o planeta, *êle é* o seu único pastor.

E aí têm, os nossos pacientes leitores, mais uma achêga para robustecimento daquela convicção de que a obra do Sr. Roustaing, não é de origem divina nem pode fazer parte integrante da Terceira Revelação codificada pelo seu insigne e inconfundível codificador, o Sr. Allan Kardec.

— LXXXV —

Com pequenas, naturais e compreensíveis divergências na redação, os três evangelistas Mateus, Marcos e Lucas relatam aquela passagem em que o Cristo expulsa do templo os mercadores. Vejamos como o fizeram. Segundo Mateus, o caso passou-se assim:

V. 12 — *Jesús entrou no templo de Deus e expulsou todos os que ali vendiam e compravam; DERRIBOU AS MESAS DOS CAMBISTAS E OS BANCOS DOS QUE VENDIAM POMBAS.* 13 — *Dizendo-lhes: Está escrito: “Minha casa será chamada casa da oração. “E fizestes dela um covil de ladrões”.*

Marcos redigiu assim:

“V. 15 — *Tendo voltado a Jerusalém, Jesús entrou no templo, donde expulsou os que ali vendiam e compravam’ DERRIBOU AS MESAS DOS CAMBISTAS E OS BANCOS DOS QUE VENDIAM POMBAS.* V. 16 — *Não permitia que ninguém andasse pelo templo carregando qualquer vaso.* V. 17 — *E ensinava dizendo: não está escrito que a minha casa será, entre tôdas as gentes, chamada casa de oração? E no entanto, fizestes dela um covil de ladrões”.*

E, finalmente, Lucas nos relata o fato, mais simplesmente, desta maneira:

“V. 45 — *E tendo entrado no templo, começou a expulsar os que ali vendiam e com-*

pravam, dizendo-lhes: 46 — Está escrito que minha casa é casa de oração; e dela fizestes um covil de ladrões”.

A divergência mais acentuada entre as três narrativas, se é que divergência existe, está em que Mateus e Marcos dizem que Jesus exerceu um *ATO DE VIOLÊNCIA*, derribando mesas e bancos, ao passo que Lucas diz que apenas expulsou os mercadores, silenciando sobre a forma porque o fizera; se com brandura, pela palavra; ou se com violência, pela ação.

Esta passagem evangélica, justamente por atribuir ao Cristo, personificação da bondade, do amor, da tolerância, exemplo vivo de todas as perfeições espirituais — o colérico procedimento relatado por Mateus e Marcos, não é aceita por muitos, pela simples e mui justificada razão de que o Cristo, que veio exemplificar o amor ao próximo, não poderia nunca usar da violência que lhe é atribuída pelos referidos evangelistas.

Parece-nos a nós e a quantos não aceitam o princípio romano do *credo quia absurdum* em matéria religiosa, que esta passagem do evangelho está mal contada. Não queremos dizer com isto que o fato não se tenha realizado, mas sentimos que ele não se processou da forma pela qual se acha narrada nos Evangelhos.

Como saber-se da verdade? Parece-nos que só pela manifestação dos Espíritos.

Ora, como se diz que a obra do Sr. Roustaing que tem por título “A REVELAÇÃO DA REVELAÇÃO” ou os Quatro Evangelhos explicados em espírito e verdade pelos próprios Evangelistas, assistidos, ainda, pelos Apóstolos, veio, justamente, “explicar” os Evangelhos, versículo por versículo, revelando o sentido oculto do seu texto, segue-se que devemos encontrar nessa obra a revelação que desejamos conhecer acerca dessa passagem evangélica que tanto tem atormentado o espírito de muita gente.

Abramos, pois, a obra do Sr. Roustaing, e procuremos nela a desejada “explicação”. Encontramo-la à página 235 do 3.º volume. Grande é a nossa surpresa, no entanto, por isso que, para tão magno assunto, para tão delicado aspecto da missão do Cristo, ao envez de encontrarmos uma exposição clara, lógica e convincente, negando o fato ou retifican-

do a narrativa por não concorde com a verdade, apenas deparamos com estas quatorze linhas que nada explicam, como se vê:

“JESÚS EXPULSOU DO TEMPLO OS VENDILHÕES”. Oh! Jesus, entrasses tú em todos os lugares onde tudo são mercadorias, onde o ouro deslumbra e paga a oração e o perdão, resgata o crime e faz das benções do Senhor vil objeto de comércio!

Disse ele: “ESTA’ ESCRITO QUE MINHA CASA É CASA DE ORAÇÃO; E DELA FIZESTES UM COVIL DE LADROES”. O pensamento, que estas palavras do Mestre exprimiam, compreendendo a época em que foram ditas e o futuro, é este: Desconfiai dos que vendem o perdão e as graças, dos que exploram a credulidade e a ignorância, porquanto cometem roubo, vendendo o que lhes não pertence, o que não têm nem mesmo para si.”

Ai têm, os que nos acompanham nestes estudos que estamos fazendo a bem da verdade, a “explicação reveladora” que os Espíritos Superiores que se assinaram Mateus, Marcos, Lucas e João deram ao Sr. Roustaing, através da mediunidade de Mme. Collignon.

Como se vê, a “explicação” nada explica. Lamentavelmente os Espíritos do Sr. Roustaing não foram sinceros quando prometeram explicar, versículo por versículo, os Evangelhos de N. S. Jesus Cristo. E isto é imperdoável, em se tratando de uma obra à qual pretendem dar os foros de uma Revelação de ordem divina.

E afinal, ficamos sem saber se Jesus violentamente derribou mesas e bancos como dizem Mateus e Marcos. Mas, como quem cala consente, e se Mateus e Marcos através da mediunidade de Mme. Collignon e a boa fé do Sr. Roustaing não invalidaram, ou não retificaram o que escreveram quando na Terra se achavam, pode se concluir, muito licitamente, que eles confirmaram a referida passagem evangélica tal qual ela se acha narrada.

E agora, perguntamos: Que valor pode merecer uma obra mediúnica, tida como Revelação de ordem divina, na qual depois de exaltar a sublime figura do Cristo como um Espírito puro, descido à Terra em um corpo fluidico, com aparência humana, lhe atribue atos de violência como o deribar

de mesas e de bancos para expulsar do templo homens, seus irmãos, a quem ele prégava que fossem mansos e humildes de coração?

E dizer-se que evidenciar absurdos dessa natureza é fomentar discórdias e dividir irmãos!

Não, absolutamente; o que procuramos fazer é despertar os que dormitam, porque a hora é chegada, e a verdade há de triunfar sobre o erro do passado. E triunfará, sem sombra de dúvida.

— LXXXVI —

A parábola da figueira que secou, mencionada somente nos Evangelhos de Mateus e Marcos, constitue, também, uma das narrativas de difícil compreensão, como tantas outras. Era de supor-se, pois, que os evangelistas que se propuzeram a explicar em espírito e verdade, à luz da Terceira Revelação e por uma nova revelação que é a "Revelação da Revelação", todos os versículos daquele Evangelho por eles próprios redigidos alguns anos após a desincarnação de Jesús, nos dessem, realmente, o sentido oculto e verdadeiro dessa parábola.

Mas, como vamos ver, com ela sucedeu quase a mesma coisa que sucedeu com a passagem da expulsão dos mercadores do templo, estudada em nosso último artigo:

Apreciemos.

Conta-nos Mateus que certa vez, Jesús *tendo fome* e vendo uma figueira à beira do caminho, dela se aproximou para colher um fruto e com ele se alimentar. Porém, não encontrando um só fruto, disse à figueira: "Nunca mais nasça fruto de ti". Nesse mesmo instante, diz Mateus, a figueira secou.

Marcos, por sua vez, confirmando que Jesús *tinha fome*, diz-nos que tendo ele encontrado uma figueira, para ela se dirigiu a ver se acharia nela alguma coisa, nada achando, porém, PORQUE NÃO ERA TEMPO DE FIGOS. E porque não houvesse encontrado o fruto para saciar-lhe a fome que sentia, disse à figueira: "Nunca mais coma alguém fruto de ti". No dia seguinte, continua Marcos, ao passarem pelo mesmo local, viram os discípulos que a figueira havia secado até à raiz.

A pequena diferença que se nota entre essas duas narrativas é que Mateus nos diz que a figueira secou imediatamente, logo após as palavras do Cristo; ao passo que Marcos nos relata que só no dia seguinte ao em que o Cristo a "amaldiçoara", é que ela se secou. Também esse mesmo evangelista acrescenta, como precioso elemento, que quando esse fato se passou "não era tempo de figos".

Temos, pois, resumindo, o seguinte: Jesús, certa vez, teve fome embora sabendo que não era tempo de figos, dirigiu-se a uma figueira a ver se encontrava nela algum fruto. Nada encontrando, condenou a figueira, fazendo com que ela se secasse para que nunca mais pudesse dar fruto. E' o que escreveram, há cerca de dois mil anos os Evangelistas Mateus e Marcos.

Vamos ver, agora, à luz do Espiritismo que é a Terceira Revelação ofertada aos homens para que conheçam a verdade e a possam compreender a fim de atingirem a perfeição espiritual, como nos explicam esses mesmos evangelistas, segundo se lê na obra do Sr. Roustaing, essa intrincada parábola.

Após uma ligeira advertência no sentido de não confundirmos as palavras e atos do Mestre com as opiniões e impressões humanas respeito à sua personalidade, natureza e origem, eis a explicação roustainiana:

"Jesús quis dar uma lição aos seus discípulos. Da narrativa de Marcos consta que naquele momento não se achavam na estação dos figos. Ora, SABENDO JESÚS QUE A ÁRVORE NENHUM FRUTO TINHA, outra cousa não visou senão lembrar, aos apóstolos e a quantos o seguiam, estes ensinamentos: QUE A ÁRVORE QUE NÃO DA FRUTOS É CONDENADA; que, em tempo algum, deve o homem ser estéril; que jamais deve deixar de dar frutos, trabalhando sem cessar pelo seu progresso, pelo seu adiantamento, pelo progresso e adiantamento de seus irmãos".

Para essa "explicação" trazida aos homens pelos Espíritos superiores encarregados de lhes transmitir a "Revelação da Revelação", segundo o Sr. Roustaing, ficamos sabendo: a) — que Jesús quis dar mais uma lição aos seus discípulos, condenando uma figueira que não tinha figos porque não era tempo de figos; b) — que toda a árvore que não dá fruto

é condenada; e, c) — que todo o homem deve produzir, trabalhando pelo seu progresso e pelo progresso da humanidade.

Procurando esclarecer o que tão sinteticamente haviam explicado, dizem mais os espíritos autores da "Revelação da Revelação":

"Dizendo à figueira, onde só fôlhas encontrara: 'Nunca mais de ti nasça fruto' e fazendo que a figueira secasse imediatamente, apenas teve em mira, não o esqueçais, atentos o estado das inteligências e as necessidades da época, BATER FORTE PARA SER COMPREENDIDO.

Este esclarecimento não deixa de nos causar certa surpresa: Se o ato de haver condenado a figueira pelo simples fato de não ter ela figos, se fez necessário para que os discípulos o compreendessem "dado o estado de suas inteligências e as necessidades da época", outra compreensão não poderiam ter tido eles senão a do "milagre", ou a do poder de Jesús, fulminando instantaneamente a figueira.

Se, dado o estado das inteligências dos discípulos e as necessidades da época, era preciso que o Cristo batesse forte para ser compreendido, fazendo secar imediatamente a figueira, é claro que esses mesmos discípulos, por força da pouca inteligência que possuíam, como se lê do texto transcrito, não poderiam nunca ter interpretado a condenação da figueira como sendo uma lição do Cristo ensinando que os homens devem produzir frutos, trabalhando pelo seu progresso e pelo progresso da humanidade.

Só poderiam compreender semelhante fato como mais uma manifestação do poder de Jesús, repetimos. Mas essa prova do poder de Jesús já eles a tinham testemunhado um sem número de vezes.

Como se vê, pois, continua a parábola da figueira que secou a constituir objeto de cogitação e estudo para os que se sentem atraídos pelos estudos evangélicos, por isso que a "explicação" roustainiana, mais uma vez, se ressentia daquela clareza, precisão, lógica e senso de verdade que devem revestir toda a "Revelação" quando ela é, efetivamente, de ordem divina, tal qual se dá com a que foi recebida pelo inconfundível missionário Sr. Allan Kardec!

— LXXXVII —

Contam-nos os Evangelistas Mateus, Marcos e Lucas que, certa vez, fôra Jesús interrogado pelos príncipes dos sacerdotes e os anciãos do povo nestes termos: "Com que autoridade fazes estas coisas e quem te deu este poder?"

A resposta de Jesús, segundo os mesmos evangelistas, foi dada sob a forma interrogativa, assim concebida: "Donde era o batismo de João? do Céu ou dos homens?"

— "Não sabemos", responderam os príncipes dos sacerdotes e os anciãos que o haviam interrogado.

— Replicou-lhes, então Jesús: "Também não vos direi com que autoridade faço estas coisas".

Adiantam-nos, ainda, os referidos evangelistas que a resposta negativa dos príncipes dos sacerdotes fôra motivada após haverem êles raciocinado assim: "Se respondermos que era do Céu, êle nos dirá: porque então não crestes nele? Se dissermos que era dos homens, todo o povo nos apedrejará, pois está convencido que João era profeta".

Por que silenciara Jesús, ante a pergunta formulada, esquivando-se de dizer donde provinha a sua autoridade já sobrejamente manifestada em várias ocasiões e o seu poder tão fartamente demonstrado na série de curas por êle realizadas?

Apenas para que os príncipes dos sacerdotes, os escribas e os fariseus não abreviassem o cumprimento da sua missão, é o que revelam os Espíritos que ditaram ao Sr. J. B. Rous-taing a "Revelação da Revelação" ou "Os Quatro Evangelhos, explicados em espírito e verdade".

E' o que se lê à pág. 248, *ibi*:

"Jesús se dirigia aos que, tendo sido testemunhas dos atos de João, não se renderam à evidência. Não tendo compreendido em que fonte hauria êle a sua força, ainda menos compreenderiam e admitiriam o testemunho da sua palavra.

Se lhes respondera que o poder lhe vinha de Deus, houvera provocado os príncipes dos sacerdotes A APRESSAREM O MOMENTO EM QUE A SUA MISSÃO TERMINARIA. E' o que deixou claramente transparecer, evitando responder diretamente à pergunta que lhe fôra feita".

E' estranhável essa "revelação" como explicação da passagem evangélica a que nos estamos referindo. E o é, porque, de certo modo ela nos permite subordinar a missão do Cristo à vontade dos escribas e fariseus.

Será aceitável, supor-se que, se os escribas e fariseus soubessem que o poder de Jesús vinha de Deus, teriam força bastante para impedir que o Cristo cumprisse até o fim a sua missão, apressando a sua morte?

Não nos parece.

E não nos parece porque dentro dos Evangelhos e em mais de uma passagem, encontramos claramente a afirmativa feita por Jesús, de como agia, donde provinha a sua autoridade, o seu poder.

Vamos prová-lo, ofertando aos nossos leitores as seguintes palavras de Jesús, mencionadas por João, no seu Evangelho:

"— O que crê em mim, não crê em mim, mas naquele que me enviou". — (Cap. XII — V. 44);

— "Porque eu não falei de mim mesmo, mas o Pai, que me enviou, é o mesmo que me prescreveu pelo seu mandamento o que eu devo dizer e o que eu devo falar". — (Cap. XII — V. 49);

— "Não credes que eu estou no Pai, e que o Pai está em mim? As palavras que eu vos digo não as digo de mim mesmo; mas o Pai que está em mim, êsse é o que faz as obras". — (Cap. XIV — V. 10);

— “Eu não posso de mim mesmo fazer coisa alguma. Assim como ouço, julgo; e o meu juízo é justo, porque não busco a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou”. — (Cap. — V. 30);

ainda, e mais frisantemente:

— Mas eu tenho maior testemunho que o de João, porque as obras que meu pai me deu que cumprisse, as mesmas obras que eu faço, dão por mim testemunho de que meu Pai é quem me enviou”. — (Cap. V — V. 36).

Não temos aí, nessas passagens do Evangelho de João, a resposta clara ao que os príncipes dos sacerdotes, fariseus e anciãos do povo perguntaram a Jesus, relativamente à sua autoridade e ao poder que tinha de fazer aquelas coisas que tanto os impressionava?

Não se aprende, através dessas citações, que a autoridade e o poder de Jesus, vinha de Deus?

Como, pois, compreender-se e aceitar-se a “explicação” dada ao Sr. Roustaing pelos espíritos reveladores de “Os Quatro Evangelhos”, segundo a qual se Jesus houvesse respondido que o seu poder vinha de Deus “houvesse provocado os príncipes dos sacerdotes, os escribas e os fariseus a apressarem o momento em que a sua missão terminaria?

Que digam os que têm olhos de ver.

— LXXXVIII —

Em o nosso artigo anterior da série de estudos que estamos fazendo, não para avivar discussões ou lançar a divisão entre os espíritas, como insinuam os que discordam do nosso modo de pensar mas, unicamente, com o intuito de esclarecer e de fundamentar a nossa não aceitação da obra do Sr. Roustaing, como sendo uma “Revelação” de ordem divina, mostramos, com citações do texto evangélico, não ser aceitável, por duvidosa e inoperante, a “explicação” dada pelos Espíritos do Sr. Roustaing à resposta proferida por Jesus à interpelação que lhe fôra feita sobre a autoridade e o poder com que ele agia.

Depois dessa passagem, seguem-se, na obra do Sr. Roustaing as explicações de muitas outras, explicações que deixamos de analisar por não conterem elas nada de novo, nenhuma revelação. Não temos a pretensão de comentar todas as “explicações” contidas nos “Os Quatro Evangelhos”, mas, unicamente apontar aquelas que, por contrárias aos princípios da doutrina, codificada por Kardec, tornam a obra do Sr. Roustaing carecedora de crédito como “Revelação” de ordem divina.

Isto posto, estudaremos hoje o início do grande sacrifício de Jesus, que, como é sabido, teve a sua primeira manifestação do Horto de Getsmani.

Tanto o Evangelista Mateus, como Marcos e Lucas nos dizem que Jesus, acompanhado de seus discípulos Pedro, Tiago e João, subiu o monte das Oliveiras, e aí, num horto chamado Getsemani, disse-lhes: ficai aqui e vigiai, enquanto eu vou orar ao Pai. Essa oração dizia assim: “Meu pai, se é possível, passa de mim este cálice; todavia, não seja com eu

quero, mas como o queiras tu". E depois de assim orar por três vezes e de haver verberado os discípulos que dormiram ao envez de vigiarem, disse-lhes: "Vamos, aproxima-se aquele que me há de entregar".

Para os que conhecem os Evangelhos, para os que buscam conhecer-lhe o sentido que a Terceira Revelação codificada por Kardec veio revelar aos homens, essa passagem evangélica marca, indiscutivelmente, o princípio da segunda fase da grande missão do Cristo. A primeira fase consistiu na sua pregação, cuja expressão máxima temo-la no grande e incomparável Sermão da Montanha, síntese de todo o Evangelho, condensado de todos os ensinamentos e prédicas proferidas pelo Mestre na sua missão evangelizadora; a segunda fase, que foi a iniciada no Horto de Getsmani, foi a que nos deu a EXEMPLIFICAÇÃO de tudo quanto êle havia pregado, foi a que revelou aos homens toda a extensão do seu puro amor provado pelo sacrifício da crucificação.

Não há dúvidas, não pode haver discussão a respeito disso. Até os Espíritos do Sr. Roustaing, aceitam e proclamam essa tese. São deles estas palavras que se lêem à fls. 414, do 3.º Volume:

"Jesús desceu ao meio dos homens para lhes ensinar a viver e a morrer, tendo em vista o progresso do Espírito. Todos os seus atos, todas as suas palavras tiveram êsse objetivo.

"Depois de lhes haver ENSINADO A VIVER, foi ao Horto de Getsmani, no monte das Oliveiras, ENSINAR-LHES A MORRER. TUDO O QUE ALI SE PASSOU OCORREU UNICAMENTE COMO ENSINAMENTO, COMO EXEMPLO DADOS AOS HOMENS.

Pelo que acabamos de transcrever da obra do Sr. Roustaing, parece não deixar nenhuma dúvida no espírito de quem tem o desejo de estudar e de aprender, quanto à missão do Cristo, que outra não foi, senão a de "ENSINAR A VIVER" e "ENSINAR A MORRER".

Como ensinou ele a viver? Pregando, sem dúvida, como ensinou êle a morrer? Exemplificando através daquela sucessão de dores que vai de Getsmani ao Calvário. Não há contestação possível.

Como que confirmando o que acima foi transcrito, disseram mais os espíritos reveladores da obra do Sr. Roustaing.

"Deveis igualmente compreender que O QUE SE DEU TINHA QUE SER ASSIM, lembrando-vos de que os homens então acreditavam ser puramente humano, TAL QUAL A VOSSA, a origem de Jesús, TUDO, POIS, TINHA QUE SER E FOI, NOS FATOS COMO NAS PALAVRAS, apropriado à essa crença.

Cumpramos observar que estas palavras dos "Espíritos reveladores" não constituem, propriamente, a "explicação" dos primeiros versículos dos evangelistas referentes à presença de Jesús no Horto de Getsmani; elas foram ditadas como introito, como preparo, como advertência prévia, às "explicações" que iam ser iniciadas.

Ora, perguntamos: se o que se deu, isto é, tudo quanto aconteceu com o Cristo até à sua morte, vale dizer, o beijo de Judas, a sua prisão, a negação de Pedro, os açoites, as blasfêmias e injúrias recebidas, a condenação de Pilatos, a corôa de espinhos, os flagelos, o pêso da cruz sobre os ombros, a escalada do monte das Caveiras, a crucificação, o talho produzido pela lança do soldado, a sede que sentiu e o fel que bebeu na esponja que manchou os seus lábios que só proferiram palavras de amor e de perdão, — se tudo isso, *tinha que ser assim*, para que Jesús pudesse, realmente, ensinar os homens a morrer; se, ainda, tudo isso *"tinha que ser e foi, nos fatos como nas palavras"* para que os homens acreditassem ser a origem de Jesús puramente humana como a nossa; se assim foi, realmente, como nos dizem os Espíritos do Sr. Roustaing, como se compreender não tivesse êle um corpo material para poder exemplificar toda essa sublime e divina demonstração de paciência, resignação, renúncia e perdão?

Difícil harmonizar-se, racionalmente, a missão exemplificadora do Cristo pelo sacrifício de sua morte, sem nele reconhecer a existência de um corpo material.

Assim o entendeu, assim o proclamou com a inquestionável e insuperável autoridade, universalmente reconhecida, o Sr. Allan Kardec, o missionário da codificação do Espiritismo, como teremos, ainda, oportunidade de provar, nos conseqüentes estudos que faremos, se a tanto nos ajudar, como nos tem ajudado, a bondade divina manifestada na assistência espiritual que não nos tem faltado.

— LXXXIX —

Concluimos o nosso anterior estudo invocando a autoridade insuperável de Kardec ao afirmarmos ser difícil harmonizar, racionalmente, a exemplificação dos martírios que precederam a morte de Jesús desde a sua prisão, sem reconhecer nele a existência de um corpo material.

Se bem que seja sobejamente conhecido de todos o que a respeito da corporeidade do Cristo pensava o Sr. Allan Kardec, constituiria uma grave falha a ser apontada nestes estudos se deixássemos de transcrever, aqui, a sua opinião tão clara, tão insofismável e tão positivamente manifestada e publicada em "Genesis", à pág. 343, 9ª. ed.

Allan Kardec comentando à luz da doutrina o desaparecimento do corpo de Jesús, nos divide a estada de Jesús na terra em dois grandes períodos: o que precedeu e o que se seguiu à sua morte. No primeiro período, diz ele, tudo se passa normalmente, atestando a corporeidade de Jesús; no segundo, após a sua morte, tudo nele revela o ser fluídico.

Após essa observação, esplan a Mestre a diferença entre o corpo carnal e o corpo fluídico. Para maior clareza e melhor compreensão, transcrevemos o seu ensinamento que está assim redigido:

"O corpo carnal tem as propriedades inerentes à matéria propriamente dita, propriedades que diferem essencialmente das dos fluidos etéreos; naquela, a desorganização se opera pela rutura da coesão molecular. o penetrar no corpo material um instrumento cortante lhe divide os tecidos; se os órgãos essenciais à vida são atacados, cessa-lhes o

funcionamento e sobrevém a morte, isto é, a do corpo. NÃO EXISTINDO NOS CORPOS FLUIDICOS ESSA COESÃO, a vida aí já não repousa no jogo de órgãos especiais e não se podem produzir desordens análogas àquelas. Um instrumento cortante ou outro qualquer penetra num corpo fluídico como se penetrasse numa massa de vapor, SEM LHE OCASIONAR QUALQUER LESÃO.

Tal a razão porque NÃO PODEM MORRER os corpos dessa espécie, e porque os seres fluídicos, designados pelo nome de ageneres, NÃO PODEM SER MATADOS.

Perguntamos:

Será possível exigir-se maior clareza na exposição de uma verdade? Quem, diante dessa lição tão facilmente assimilável poderá ignorar as propriedades dos corpos materiais e as dos corpos fluídicos?

Poderia, em face disto, se fluídico fosse o corpo de Jesús, ser pregado na cruz com três enormes cravos de ferro que lhe trespassaram as mãos e os pés? Poderia jorrar o sangue de seu corpo, quando o soldado lhe físgou o dorso com a lança ponteaguda?

Que o digam os que raciocinam livremente.

Kardec, raciocinando, disse:

"Se Jesús sofreu materialmente, do que não se pode duvidar, é que ele tinha um corpo material de natureza semelhante ao de toda a gente". (Genesis, pág. 343).

Mas, como se não bastasse a clareza desse seu raciocínio para refugar e invalidar a teoria dos espíritos que ditaram a obra do Sr. Roustaing na qual "revelaram" que Jesús não nasceu, mas apareceu, nem teve um corpo material, mas, sim, um corpo fluídico, o mestre, com aquela sua reconhecida competência e com a meticulosidade com que analisava os fatos para deles tirar as conclusões exatas, não se satisfaz com que já havia dito, e retorna ao assunto observando-o sob outro aspecto. E então, assim conclue:

"Aos fatos materiais juntam-se fortíssimas considerações morais.

Se as condições de Jesús, durante a sua vida, fossem as dos seres fluidicos, ele não teria experimentado nem a dor, nem as necessidades do corpo. Supor que assim haja sido E' TIRAR-LHE O MÉRITO DA VIDA DE PRIVAÇÕES E DE SOFRIMENTOS QUE ESCOLHERÁ, COMO EXEMPLO DE RESIGNAÇÃO.

Se tudo nele fosse aparente, todos os atos de sua vida, a reiterada predição de sua morte; a cena dolorosa do Jardim das Oliveiras, sua prece a Deus para que lhe afastasse dos lábios o cálice de amarguras, sua paixão, sua agonia, tudo, até ao último brado no momento de entregar o Espirito, não teria passado de vão simulacro para enganar com relação à sua natureza e fazer crer num sacrifício illusório de sua vida, numa comédia indigna de um homem simplesmente honesto, indigna, portanto, e com mais forte razão, de um ser tão superior. Numa palavra: ele teria abusado da boa fé dos seus contemporâneos e da posteridade. Tais as consequências lógicas desse sistema, consequências inadmissíveis, porque o rebairariam moralmente, em vez de o elevarem.

JESUS, POIS, TEVE. COMO TODO O HOMEM, UM CORPO CARNAL E UM CORPO FLUIDICO, o que é atestado pelos fenômenos materiais e pelos fenômenos psíquicos que lhe assinalaram a existência". (op. cit., pág. 343 e 344).

Depois disto que acabamos de transcrever, dizer-se que o Sr. Allan Kardec não contrariou nem refutou a obra do Sr. Roustaing, é, positivamente, ato da mais requintada má fé.

Dizer-se, ainda, que a obra do Sr. Roustaing é parte integrante da Terceira Revelação codificada pelo missionário Allan Kardec, é abusar, conscientemente, da boa fé alheia.

— XC —

Com a transcrição que fizemos da opinião abalisada da maior autoridade em Espiritismo, que é incontestavelmente o seu próprio Codificador, o Sr. Allan Kardec, irresponsavelmente provada está a sua completa discordância com a teoria do Sr. Roustaing quanto à natureza do Corpo de Jesús. Kardec, como vimos, afirma haver sido de carne o corpo de Jesús; Roustaing, segundo a nova revelação que lhe transmitiram os evangelistas através de um único médium, sustenta haver sido fluidico.

Parece-nos, pois, repetimos, não ser admissível qualquer dúvida a esse respeito, tal a linguagem clara, insofismável e irretorquível usada pelo Sr. Allan Kardec.

Apesar disso, no entanto, e é bem triste dizê-lo, há confrades de inegável cultura, que proclamam não haver contradição entre a obra de Kardec e a de Roustaing, pelo que esta deve ser considerada complemento e parte integrante daquela!...

Mas, prossigamos no estudo da passagem evangélica que nos fala de Jesús no Horto de Getsmani.

Os V.V. 39 a 44 de Mateus, 35 a 40 de Marcos e 40 a 42 de Lucas, se referem àquele momento em que Jesús, orando ao Pai, supplica-lhe o afastamento do cálice das amarguras, e observa os três discípulos que dormiram ao envez de vigiarem como lhes havia solicitado o Mestre.

Essa passagem que suporta um amplo comentário, pois se por um lado encerra o ensinamento de que quando presentimos a aproximação das dores, das amarguras da vida, devemos orar pedindo ao Pai forças e resignação, por outro

lado, também nos deixa perceber, em relação a Jesús, uma certa dose da fragilidade humana.

Não é absurdo o seguinte raciocínio: Se não era humano o corpo de Jesús, dada a grandeza do seu espírito que, segundo Roustaing, está para a Terra assim como Deus está para o Universo, por que receiar a grande prova do seu calvário? Por que pedir ao Pai que afastado lhe fosse o cálice das amarguras, se ele tinha poder bastante para o fazer, se o quisesse, como tinha também, todos os requisitos necessários para suportá-las com resignação e humildade como as suportou realmente?

Não teremos nesse passo do Evangelho uma prova, um subsídio apreciável a nos induzir que Jesús tinha um corpo humano, e daí o receio natural, porque a carne restringe, de certo modo, as possibilidades do espírito?

Que cada um medite para sentir o reflexo da verdade que deseja conhecer.

Mas, há, ainda, uma frase proferida por Jesús, nessa mesma ocasião, que para nós, tem altíssimo valôr, e esclarece, robustecendo, a tese da humana encarnação de Jesús. Esta frase é a seguinte: *"O Espírito, na verdade, está pronto, mas a carne é fraca"*.

Esta frase tão elucidativa do Mestre, apenas mereceu dos Espíritos autores da "Revelação da Revelação" do Sr. Roustaing, o seguinte comentário:

"O Espírito está sempre pronto a conceber tanto as obras boas como as obras más. A carne, porém, desfalece e o Espírito não a sabe dominar".

Ora, francamente, nenhuma novidade encontramos nessa "explicação", que, na verdade, nada explica em relação ao fato que a provocou.

Silenciaram os Espíritos do Sr. Roustaing, porque não lhes era muito fácil ensombrar o sentido verdadeiro que naquela reveladora sentença se encontra.

Vamos nós, sugerir uma explicação, e os espirítistas que vêm se interessando por estes estudos usarão do seu raciocínio e do seu livre arbítrio.

Vejamos:

Jesús sabe que se aproxima a hora da prova máxima, do coroamento da sua missão de sacrifício, a hora suprema da EXEMPLIFICAÇÃO. Sobe ao monte e ora ao Pai pedindo-lhe, se possível, lhe fosse afastado o cálice das amarguras que deveria sorver, e, em seguida diz aos discípulos: "O espírito na verdade, está pronto, mas A CARNE é fraca".

"O Espírito está pronto", vale dizer, está na plena posse de suas forças, consciente da sua missão, apto para escrever a mais bela página da história religiosa de todos os tempos, mas... como esse espírito não está liberto, está enclausurado na masmorra da carne, seja ela de que natureza for, essa carne que é sempre fraca, em relação ao espírito, exige dêste uma vigilância constante, para não arrastá-lo às tentações geradoras do erro, impedindo, muitas vezes o cumprimento de determinadas tarefas ou missões.

Dai a sentença evangélica: "Orai e vigiai".

Se Jesús, por isso orou no horto de Getsmani pedindo forças por saber que a CARNE era fraca, embora o seu Espírito estivesse pronto, parece-nos que podemos ver nesse seu gesto, não só um ato de submissão aos designios de Deus como também a revelação bem nítida de que ele era humano, e como tal, sujeito às fraquezas da carne.

Nisto não há diminuição alguma da grandesa e superioridade do seu Espírito, porque essa grandeza e essa superioridade que tanto respeito nos causa, está, justamente na vitória alcançada pelo triunfo completo da sua excelsa missão, vencendo a carne para glorificar o Espírito.

— XCI —

Somente o Evangelista Lucas se refere ao aparecimento de um anjo do céu que descera para confortar o Mestre quando ele orava no horto de Getsmani.

Este versículo de Lucas motivou dos Espíritos reveladores da obra do Sr. Roustaing uma longa dissertação cuja forma nos dá ensejo a uma observação que nos parece de grande importância para o objetivo que estamos visando com estes estudos e que outro não é, repetimos mais uma vez, senão o de evidenciar que a obra do Sr. Roustaing não pode merecer o mesmo crédito que merece a do Sr. Allan Kardec, nem, por isso mesmo, ser considerada como parte integrante dela, como propaga e proclama a Federação Espírita Brasileira.

E' a seguinte a observação que nos induziu a leitura da "explicação" dada ao Capítulo XXII de Lucas:

Que dizem ser a obra do Sr. Roustaing, pomposamente chamada de "Revelação da Revelação"?

Dizem, os que nela creem: que ela é uma nova revelação transmitida aos homens de boa vontade pelos Espíritos Superiores e iluminados dos Evangelistas Mateus, Marcos, Lucas e João assistidos, ainda, pelos apóstolos; que essa "revelação" tem por fim "explicar" em espírito e verdade os Quatro Evangelhos elaborados há cerca de 20 séculos por esses mesmos Espíritos quando na Terra viveram ao tempo de Cristo; e, finalmente, que dada a sua origem de ordem divina, deve ela ser considerada parte integrante da Terceira Revelação codificada pelo inconfundível missionário Sr. Allan Kardec.

Uma obra, que se assinala com essas características de tão alta significação, indubitavelmente só deve conter em suas páginas a exposição doutrinária que comporta cada versículo do Evangelho vasada naquela linguagem compatível com a elevação dos espíritos que a ministram. Não deve tal obra conter matéria de crítica e muito menos expressões que valiam por censuras aos que não pensam como eles, os Espíritos reveladores.

Na obra de Kardec os Espíritos revelaram a doutrina sem se valerem dos argumentos dos que nela não acreditavam ou mesmo dos que a hostilizavam. E' que não estavam fazendo uma obra de crítica, mas sim cumprindo a missão de revelar ao mundo a chamada "Terceira Revelação".

Na obra do Sr. Roustaing, que se pretende considerar como "Revelação" de ordem divina, a crítica, os argumentos para formar convicção, as comparações interpretativas, constituem a forma usada para "revelar" o sentido oculto dos versículos evangélicos.

Para que os nossos leitores que se interessam por estes estudos possam bem aquilatar da forma com que os Espíritos do Sr. Roustaing elaboraram a "Revelação da Revelação", transcrevemos a "explicação" dada ao citado versículo 43 de Lucas, que é a seguinte:

"Apareceu-lhe então um anjo do céu a confortá-lo; e ele, presa de agonia, com mais instância orava".

Agora a "explicação" com o seu estilo flagrantemente humano:

"Aos que admitem a divindade de Jesus, o Cristo, pergunta-se: Deus precisava de amparo? Não trazia ele em si mesmo a sua força?"

Aos que negam as manifestações espíritas e consideram Jesus um homem como os outros, com uma veste de carne igual às dos demais homens, pergunta-se: Como se há de admitir que um anjo do Senhor se tenha mostrado a Jesus-Homem e aos três apóstolos? Não, os que negam as manifestações espíritas não podem admitir isso e desde então, se foi Jesus quem deu ciência dessa manifestação a seus discípulos, ELE ERA UM IMPOS-

TOR. Como, porém, nada prova que o Mestre lhes tenha falado de tal coisa, aquela manifestação não passou de pura invencionice dos discípulos. Mas, com que fim a teriam êstes inventado, uma vez que procuravam estabelecer uma divindade na qual, como o reconhecerá quem se coloque no ponto de vista dessa CLASSE de contraditores, êles não podiam deixar de crer?

“Aos espíritas que acreditam nas manifestações, mas que pretendem, ou crêm que o Mestre era um homem como qualquer outro, com uma veste de carne igual à deles, perguntaremos: Como é que, podendo dar-se todos os fatos concernentes a Jesús, só o seu nascimento não podia deixar de ser um ato inteiramente humano? Mas, neste caso, são falsas as revelações que o anjo fez a Maria e depois a José?

“Se Jesús tivesse sido fruto de uma união humana, falso seria o mistério que lhe cerca o nascimento. Ora, admitir a mentira, a falsidade, com relação a êste fato fôra deixar livre o campo para admiti-lo em todos os outros casos. Atentai o espírita nessa consequência e veja em que situação ela o coloca diante dos que negam as manifestações espíritas, dos que declaram fabulosa a obra evangélica, da qual só aceitam, caprichosamente, o que lhes convem à incredulidade admitir. Abra o espírita os olhos à luz da nova revelação que vos trouxemos, da revelação da revelação, que vem cumprir e não destruir, explicar e não rejeitar; que, pondo o espírito no lugar da letra, vem explicar aos homens, em espírito e em verdade, a origem e a natureza de Jesús, de que modo e em que condições se deu o seu aparecimento na terra”.

A análise dessa interessante “explicação” tão cheia de dúvidas e de argumentos tão frágeis a faremos no próximo estudo.

— XCII —

Diz o evangelista Lucas ao narrar a cena do Getsmani:

“Apareceu-lhe, então, um anjo do céu a confortá-lo; e êle, presa de agonia, com mais instância orava”.

Para “explicar” essa passagem, os Espíritos que transmitem ao Sr. Roustaing “Os Quatro Evangelhos” ou a “Revelação da Revelação”, obra essa que estamos estudando com o único intuito de pôr em evidência a sua flagrante oposição à Terceira Revelação codificada pelo Sr. Allan Kardec, — estabeleceram duas hipóteses interessantes: uma, para os que negam as manifestações espíritas e consideram Jesús de natureza humana; outra para os que acreditam nas manifestações espíritas e também na veste carnal de Jesús.

Para fundamentar a primeira hipótese, argumentam os Espíritos do Sr. Roustaing de forma tão pueril que para logo se tem a certeza de que tal raciocínio está muito aquém do progresso intelectual que incontestavelmente possuem os Espíritos que, quando na terra, se chamaram Mateus, Marcos, Lucas e João, a quem se pretende atribuir a autoria da obra do Sr. Roustaing. Admiremos essa argumentação que está assim redigida:

“Aos que negam as manifestações espíritas e consideram Jesús um homem como os outros, com uma veste de carne igual à dos demais homens, pergunta-se: Como se há de admitir que um anjo do Senhor se tenha mostrado a Jesús-homem e aos três apóstolos? Não, os que negam as manifesta-

ções espíritas não podem admitir isso e desde então, se foi Jesus quem deu ciência dessa manifestação a seus discípulos, ELE ERA UM IMPOSTOR. Como porém, nada prova que o Mestre lhes tenha falado de tal coisa, aquela manifestação não passou de pura invencionice dos discípulos”.

Como se vê, a “explicação” cifra-se no seguinte: para quem não acredita nas manifestações espíritas, a aparição daquele anjo narrada por Lucas, é pura invencionice. Como explicação, convenhamos que é por demais infantil.

Nessa mesma “explicação” se diz que não foi Jesus quem deu ciência aos discípulos dessa manifestação, porque se o fôra, ele seria tido como um impostor por aqueles que não acreditam nas manifestações dos espíritos.

Mas, se não foi Jesus quem noticiou a aparição do anjo, foi Pedro, Tiago ou João, porque eram somente estes os três discípulos que estavam com Jesus no Getsmani. Acontece porém, que a narrativa evangélica nos diz que enquanto Jesus orava os referidos apóstolos dormiam. E se dormiam, não poderiam ter presenciado a aparição do anjo. E se mais ninguém lá estava, a conclusão a que se chega é que o fato foi relatado por Jesus. Mas não o foi, dizem os Espíritos do Sr. Roustaing, porque se o fosse ele seria tido como um impostor.

Como então, conciliar-se o argumento invocado sem negar a aparição do anjo, aliás só relatada por Lucas?

Muito facilmente, porque como já temos examinado não há dificuldades insolúveis, para os Espíritos do Sr. Roustaing. E quando essas dificuldades surgem de forma assustadora, são vencidas com o argumento máximo: “Era preciso que assim fosse para que os homens acreditassem que Jesus era humano, embora não o fosse”.

Nesse caso da aparição do anjo, a dificuldade foi vencida. Como? Com a simples afirmativa de que os três discípulos não dormiam um sono ordinário, porque o sono deles era um *SONO FÍSICO*, não era um *SONO MORAL*.

UM SONO FÍSICO, MAS NÃO MORAL!! eis como dormiam ou não dormiam os três discípulos: Pedro, Tiago e João!...

Parece isso incompreensível? Estarrece o nosso espírito a existência de um sono moral? Não dormir um sono ordi-

nário, mas dormir um sono físico, mas não moral, é absurdo que toca as raias de um delírio mental?

Nada disso.

Para os Espíritos Superiores que revelaram ao Sr. Roustaing a “Revelação da Revelação”, assistidos dos Apóstolos, tudo isso nada tem de extraordinário. Sono ordinário, sono físico, sono moral são explicáveis para os Espíritos do Sr. Roustaing.

Vejam e analisem os nossos leitores, como é facilíma essa “explicação”. Dizem eles:

“Os três discípulos não dormiam um sono ordinário, como o entendeis. O DELES ERA UM SONO FÍSICO, MAS NÃO MORAL. Quer dizer que, conservando-se sujeito ao corpo, o Espírito percebia as sensações deste último. Achavam-se nesse estado de entorpecimento exterior, que apresenta todas as aparências do sono e permite que o espírito acompanhe, como se os visse através de um veu, os atos que se praticam em redor de si e ouça o rumor que se faça, as palavras que se pronunciem. O corpo então DORMITA e REPOUSA, mas o Espírito que SE NÃO DESPRENDEU, tudo percebe pelos órgãos materiais entorpecidos, produzindo sobre o cérebro, o que ele percebe, o EFEITO DE UM SONHO.

Aquele sono foi, em Pedro, Tiago e João, EFEITO DA FADIGA E DA VIGÍLIA. Não vos sucede às vezes cair no estado em que os três se achavam e que vimos de descrever? NÃO DORMIAM; VIRAM E OUVIRAM. Quando Jesus se aproximava deles, os olhos se lhes tornavam pesados sob a influência magnética, afim de motivar o conselho que lhes dava o Mestre”.

Deixemos aos que, com sinceridade, desejam possuir um critério seguro sobre a obra do Sr. Roustaing, o estudo do que acabamos de transcrever e que se encontra à fls. 416 do 3.º volume.

Não menos desconcertante é o argumento que fundamenta a outra hipótese referente aos espíritas, isto é, aos que acreditam nas manifestações dos espíritos.

Veremos no próximo número.

— XCIII —

Vimos no nosso estudo anterior que a explicação dada pelos Espíritos do Sr. Roustaing ao V. 43, do Cap. XXII, de Lucas aos que negam as manifestações espíritas é tudo quanto há de mais incompreensível, incoerente e contraditório, culminando a "explicação" com a sensacional revelação de que o sono que atingiu os discípulos Pedro, Tiago e João enquanto o Cristo orava, não era um sono ordinário, *era um sono físico, mas não moral!* A incompreensão, a incoerência, a contradição ressaltam, com uma clareza meridiana destas próprias palavras do Cristo, citadas pelos Evangelistas Mateus e Marcos:

MATEUS: 40 — *"Veio depois ter com seus discípulos e, ENCONTRANDO-OS A DORMIR, disse a Pedro: Pois que! não pudeste velar comigo uma hora?"*.

MARCOS: 37 — *"Foi ter com os discípulos e ACHANDO-OS A DORMIR, disse a Pedro: Dormes, Simão? Pois que! não pudeste velar uma hora!"*.

Vejamos, agora, a "explicação" desse mesmo versículo de Lucas, para os "espíritas" que acreditam nas manifestações, mas que pretendem ou crêm que o Mestre era um homem como qualquer outro, com uma veste de carne igual a deles".

A "explicação" do aparecimento do anjo do céu para confortar Jesus no monte de Getsmani, segundo a narrativa de Lucas no V. 43, consiste, apenas, na seguinte pergunta:

"Como é que, podendo dar-se todos os fatos concernentes a Jesus, só o seu nascimento não podia deixar de ser um ato inteiramente humano? Mas, neste caso, são falsas as revelações que o anjo fez a Maria e depois a José!"

Estupenda essa explicação!

Mas então, porque se acredita no fenômeno espírita, é forçoso que se aceite o corpo fluídico de Jesus?

Justamente por se conhecer Espiritismo é que o nascimento de Jesus não pode deixar de ter sido um ato inteiramente humano; como nos ensina a Terceira Revelação codificada por Allan Kardec.

Pelo exposto se deduz que o argumento que fundamenta o não haver Jesus nascido como os demais homens, segundo a "Revelação da Revelação" do Sr. Roustaing, foi a anunciação feita por um anjo descido do céu.

Convenhamos que é ir muito longe no abuso da boa fé do próximo e da tolerância humana, porque isso não é "explicação" e muito menos uma "revelação". É simplesmente uma reprodução do que está na bíblia.

Pretender explicar em espírito e verdade os chamados mistérios da vida de Jesus e aceitar esses mesmos mistérios como fundamento daquilo que se pretende explicar, é método desconhecido nos domínios da hermenêutica, é querer forçar a aceitação de um fato por uma confusão imposta com o fim de evitar o exercício da razão que observa, distingue e escolhe.

E' o que se verifica na obra do Sr. Roustaing.

Mas, há melhor e que bem define a qualidade e o progresso desses Espíritos que ao Sr. Roustaing revelaram a sua obra intitulada "Os Quatro Evangelhos". É esta declaração reveladora que passamos a transcrever:

"Se Jesus tivesse sido fruto de uma união humana, FALSO SERIA O MISTÉRIO QUE LHE CERCA O NASCIMENTO".

De forma que, para não ser FALSO O MISTÉRIO que cerca o nascimento de Jesus sacrifica-se a verdade e se anula a Grande Lei estabelecida por Deus para reger toda a sua Criação!...

Ora, como o Sr. Roustaing não acredita que Jesús tivesse sido fruto de uma união humana, segue-se que, para ele, Sr. Roustaing, verdadeiro é o mistério que cerca o nascimento de Jesús; logo, o mistério existe para o Sr. Roustaing e existe como um elemento de convicção.

Vejamos agora, para maior espanto, porque o Sr. Roustaing aceita o mistério e dele se serve para fundamentar a natureza fluidica do corpo de Jesús. Diz ele:

"Ora, admitir a mentira, a falsidade, com relação a este fato (o mistério), fôra deixar livre o campo para admiti-la em todos os outros casos. Atenhai o espirita nessa consequência e veja em que situação ela o coloca diante dos que negam as manifestações espiritas, dos que declaram fabulosa a obra evangélica, da qual só aceitam, caprichosamente, o que lhes convém à incredulidade admitir".

Mas, perguntamos: que tem a ver o mistério do nascimento de Jesús, com a aparição do anjo que veio confortar o Mestre no monte de Getsmani? Por que os Espíritos do Sr. Roustaing se apegam ao mistério que cerca o nascimento de Jesús e às revelações do anjo à Maria para fundamentar as suas "explicações"?

O objetivo visado se depreende d'este final contido na mesma página 417:

"Abra o espirita os olhos à luz da NOVA REVELAÇÃO que vos trouxemos, da revelação da revelação, que vem cumprir e não destruir, explicar e não rejeitar, que, pondo o espirito no lugar da letra, VEM EXPLICAR AOS HOMENS, em espirito e em verdade, A ORIGEM E A NATUREZA DE JESÚS, de que modo e em que condições se deu o seu APARECIMENTO na terra".

Aí temos o único objetivo, lealmente confessado, da obra dos Espíritos do Sr. Roustaing: *explicar a origem e a natureza de Jesús e de que modo e em que condições se deu o seu APARECIMENTO na terra.*

E, para fazê-lo, só mesmo argumentando com mistérios, porque com a verdade, à luz da razão e em face da Lei imutável e eterna do Criador dos Mundos e dos Seres, a origem

do espírito de Jesús é a mesma que a de todos os demais espíritos e ele *APARECEU* na Terra, como todos os demais espíritos incarnados *APARECEM*, porque a lei é uma só e não há exceções nem privilégios na criação divina.

E tanto assim é, tão frágil é a argumentação dos Espíritos do Sr. Roustaing, tão falhos do poder de convicção eles se achavam quando fizeram a audaciosa relevação, do corpo fluidico de Jesús, que fizeram, como que para conciliar a difícil situação em que se colocaram, a seguinte significativa exortação:

"QUALQUER QUE SEJA O INVÓLUCRO que lhe atribuem, admirai em Jesús o espírito. NÃO VOS DIVIDAIIS, oh! espiritas! Homens, quem quer que sejais, que ainda não sois acessíveis à luz da nova revelação, deixai de lado os fragmentos do vaso e recolhei cuidadosamente o perfume que ele encerrava, porquanto os que o respiram respiram a vida eterna".

Sim, todos admiram em Jesús o Espírito. Desceu Kardec e nos ensinou a compreender a missão de Jesús no plano divino. Depois, veio Roustaing e nos ofereceu um outro Jesús, sem corpo material, todo fluidico, misteriosamente aparecido. E os homens deixaram de admirar em Jesús o espírito para admirar-lhe o invólucro fluidico. Como consequência, a divisão. De quem a culpa?

que ao Sr. Roustaing revelaram a "Revelação da Revelação".
Ei-la:

— XCIV —

A grande cena do beijo de Judas e a consequente prisão de Jesús mereceu dos espíritos que ditaram ao Sr. Roustaing a "Revelação da Revelação" um cuidado especial, pois que não se limitaram a "explicar" as narrativas existentes nos Evangelhos por eles próprios escritos após a partida do Mestre. Excepcionalmente, ditaram ao Sr. Roustaing "a narrativa integral dos fatos, tal como se passaram, no conjunto e nas particularidades".

Assim, tendo os Espíritos dos Evangelistas recebido a missão especial de trazer ao Sr. Roustaing, através da mediunidade de Mme. Collignon a "Revelação da Revelação" que é a explicação, em espírito e verdade" dos quatro Evangelhos, e tendo esses espíritos feito uma narrativa completa, com todas as particularidades da cena relativa à prisão de Jesús, é bem de ver-se que, como nos dizem eles, tal narrativa, forçosamente há de nos trazer uma melhor compreensão acêrca da referida passagm evangélica. Se assim não fôra, eles se valeriam das narrativas já existentes.

Não deixa de ser interessante, no entanto, a declaração inicial que precede a nova narrativa. Essa declaração é a seguinte: "SÃO FATOS HISTÓRICOS E NÃO RECLAMAM COMENTÁRIOS".

Ora, se são fatos históricos e não reclamam comentários, temos que os aceitar como verdadeiros e não aparentes.

Dito isto, como ligeira advertência nossa à estranha declaração prévia a que nos referimos, passamos a transcrever, "a narrativa integral dos fatos, tal qual se passaram, no conjunto e nas particularidades" segundo a versão dos espíritos

"Judas, ao aproximar-se de Jesús para o oscular, disse: "Mestre, eu te saúdo!" Jesús lhe respondeu: "Meu amigo, que vieste buscar aqui?" Ao mesmo tempo, os que acompanhavam a Judas avançaram. Jesús lhes veio ao encontro e perguntou: "A quem buscais?" Eles responderam: "A Jesús de Nazaré". Jesús retrucou: "Sou eu". Todos recuaram e caíram por terra. Segunda vez Jesús lhes perguntou: "A quem buscais?" Eles responderam: "A Jesús de Nazaré". Jesús lhes replicou: "Já vos disse que sou eu: e, pois que é a mim que buscais, deixai que estes se vão". Dirigindo-se a Judas disse: "Pois que, Judas! entregas o filho do homem com um beijo!"

Os que rodeavam a Jesús, vendo o que ia suceder, disseram: Senhor, se os passássemos à espada? E Simão Pedro, levando a mão à espada, a desembainhou e, de um golpe, cortou a orelha direita de um dos servos do Sumo Sacerdote, o de nome Malco. Jesús, voltando para Pedro, disse: Embainha a tua espada, pois que os que puxarem da espada pela espada perecerão". E, tocando com a mão a orelha de Malco, o curou. Continuando, disse ainda: "Pensas que não posso rogar a meu Pai e que este não me mandaria aqui, de pronto, mais de doze legiões de anjos? Mas, não é preciso que eu beba o cálice que meu pai me deu? Como se cumpririam as escrituras que declaram que isto tem que ser assim?". Em seguida, falando à multidão que os judeus mandaram para prendê-lo, aos príncipes dos sacerdotes, aos oficiais do templo, aos anciãos, que com ela vieram, disse: "Aqui viestes armados de espadas e páus para me prender, como se eu fôra um ladrão. Entretanto, todos os dias me tinheis sentado entre vós no templo a ensinar e não me prendestes. E' que é preciso que as escrituras se cumpram. E' que esta é a vossa hora e o poder das trevas". Então, os soldados, os oficiais e a gente mandada pelos Judeus se apoderaram dele e o amarraram. Tudo isso se passou assim, afim de que se cumprisse tudo quanto os profetas escreveram. Nessa ocasião, os discípulos de Jesús o abandonaram e fugiram todos. Entre os que seguiam a Jesús ia um mancebo coberto unicamente com um

lençol e fugiu nú das mãos dos que o tinham prendido”.

Se assim foi, realmente, que se passaram os fatos que formam a cena evangélica da prisão de Jesús no Horto das Oliveiras, segundo a narrativa revelada ao Sr. Roustaing, acentuadas divergências se patenteiam em relação às narrativas contidas no Novo Testamento.

E então, já não é o beijo que Judas depositaria na face de Jesús o sinal convencionado para distinguir aquele que devia ser preso pelos soldados armados de espadas e varapáus, mas sim a fraterna saudação “Mestre! eu te saúdo”.

Essa a primeira divergência que nos aponta a narrativa da “Revelação da Revelação”. Lá está: “*Judas ao aproximar-se de Jesús para o oscular*, disse: “Mestre, eu te saúdo!”. Não diz que Judas o beijara, mas que, apenas dele se aproximara para beijá-lo.

Este silêncio sobre o beijo de Judas despertou sobremaneira a nossa atenção. E' um fato histórico, cantado em prosa e verso e mesmo confirmado por diversos espíritos em diversos lugares e por diversos médiuns estranhos uns aos outros que o beijo de Judas foi o início da trajetória do Cristo no seu Calvário de martírios. Como, pois, admitir-se tamanha omissão na narrativa dada ao Sr. Roustaing por espíritos que vinham trazer à humanidade a “Revelação da Revelação”?

Assim meditávamos, quando sentimos que uma intuição nos aconselhava a cotejar o texto que acabávamos de transcrever da página 425 do 3.^o volume da 3.^a edição portuguesa de “Os Quatro Evangelhos”, do Sr. J. B. Roustaing, com o que se encontra as edições originais, tanto na autêntica como na enxertada, ambas francesas.

Do cotêjo a que procedemos, verificamos, realmente, não haver motivo para retificação na passagem em apreço. Não foi a saudação de Judas, mas sim o beijo que êle deu em Jesús, o sinal convencionado. A tradução portuguesa omitiu a ação do beijo. Acreditamos num cochilo do revisor.

Tanto no original autêntico como no adulterado está escrito:

“Judas s'approcha de Jesus pour le baiser, lui disant: “Maitre, je vous salue”: ET IL LE BAI-SA...”.

Na edição portuguesa, como vimos, foi emitida a expressão “et il le baise”: — “e o beijou”.

Com esta pequenina retificação que êstes estudos nos proporcionaram ofertar aos possuidores da obra do Sr. Roustaing, deixamos para os estudos subseqüentes a continuação do que estamos realizando.

pre se encontram organizações que mediunicamente podem ser utilizadas, em havendo necessidade. Sabeis também que os espíritos superiores não precisam recorrer a esses meios e podem, sem o concurso nem auxílio dos fluidos animalizados tomados aos incarnados, atrair a si os fluidos de que necessitam".

— XVC —

Nas narrativas dos evangelistas Mateus, Marcos e Lucas não se encontra a mínima referência à queda dos soldados que avançaram para prender o Mestre. Essa cena só a descreve o evangelista João. Da descrição feita pelos Espíritos do Sr. Roustaing e por nós transcrita no estudo anterior, esse episódio acha-se mencionado: Uma ligeira comparação entre essa narrativa e a feita por João, nos dá a certeza de que esta foi a fonte geradora daquela.

E por que teriam os espíritos autores da "Revelação da Revelação" aceito o fato narrado por João e silenciado por Mateus, Marcos e Lucas? Certo, porque ele se realizou. E se se realizou, objetivou um ensinamento ou um exemplo a ser imitado. Assim deve ser compreendida a passagem do Cristo pela terra. Quando ele disse: "Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida, deixou bem patente que toda a sua ação contém um ensino e todos os seus atos um exemplo a seguir.

Vejamos, pois, como os espíritos que transmitiram a obra do Sr. Roustaing nos explicam a lição que decorre da queda dos soldados que foram prender o Mestre. Assim explicam eles:

"Quanto à queda dos primeiros que avançaram para se apoderarem de Jesus, ELA RESULTOU DE UMA AÇÃO FLUIDICA EXERCIDA PELOS ESPÍRITOS QUE CERCAVAM O MESTRE. Em todos os tempos houve, como há em vossos dias, exemplos desses efeitos, notadamente quando um subjugado é, pelo seu obsessor, atirado ao chão. ASSIM FOI QUE AQUELE EFEITO FÍSICO SE PRODUZIU. No meio de uma multidão qualquer, sem-

Como se vê, a "revelação" do Sr. Roustaing, consiste em tornar público que não foi a pessoa do Mestre, a vibração e a luminosidade do seu espírito, a sua grande elevação moral, a profunda serenidade com que recebera os soldados que o iam prender, a causa do recuo e queda desses mesmos soldados. Nada disso. A queda dos soldados "resultou de uma ação fluidica exercida pelos espíritos que cercavam o Mestre".

Temos, pois, Espíritos Superiores a lançar por terra os soldados que apenas cumpriam ordens recebidas. Convenhamos que não é muito próprio de espíritos superiores, auxiliares diretos do Cristo, guerrear os homens, pondo-os por terra, embora por força de uma ação fluidica... talqualmente é atirado por terra um subjugado pelo seu obsessor!...

Equiparar, — numa interpretação dos Evangelhos feita por Espíritos que se dizem missionários do Cristo para trazer ao mundo a "Revelação da Revelação" —, a ação dos Espíritos Superiores, de hierarquia tal que mereceram ser auxiliares diretos do Cristo, com a ação dos espíritos obsessores quando atiram ao chão as vítimas de sua subjugação, é uma afirmativa tão descabida, tão audaciosa, tão reveladora da fonte impura que a produziu, que só mesmo o completo desconhecimento da doutrina espírita ou a crença aferrada nos dogmas da igreja romana a podem justificar.

Uma obra como "Os Quatro Evangelhos" de J. B. Roustaing, que se pretende seja considerada como parte integrante da Terceira Revelação codificada por Allan Kardec, obra que se quer fazer acreditar haja sido revelada pelos espíritos dos quatro Evangelistas, assistidos, ainda, pelos apóstolos, para maior segurança, uma obra assim, contendo comparações deste quilate e explicações que nada explicam, antes tudo confundem, como já o temos evidenciado à luz da razão, positivamente não pode merecer crédito por parte dos que ainda não alijaram de si a faculdade de raciocinar e desejam saber, pela compreensão, e não crer porque lhe disseram que assim é.

A cura da orelha de Malco que é a "explicação" que se segue à da queda dos soldados, repisa o que Kardec já havia escrito acerca das possibilidades dos fluidos, sua ação e seus efeitos. A cura da orelha de Malco obedeceu ao mesmo processo de muitas outras praticadas por Jesús.

Há, apenas, a se notar, nessa "explicação" que, segundo os Espíritos do Sr. Roustaing, a orelha de Malco não foi decepada, como nos diz Lucas, mas, apenas cortada, como narraram os demais Evangelistas, inclusive João.

O episódio da prisão de Jesús que estamos analisando, termina com a fuga de um mancebo, que sendo preso pelos soldados, conseguiu fugir, nú, deixando-lhe nas mãos o lençol que era a sua única vestimenta.

Esse fato, que parece de nenhuma importância, está assim mencionado pelos Evangelistas:

"Entre os que seguiam a Jesús ia um mancebo coberto unicamente com um lençol. Os soldados o prenderam; ele, porém, largou o lençol e lhes fugiu nú das mãos".

Os espíritos reveladores da obra do Sr. Roustaing, também encontram nesse fato uma grande lição a ser explicada: a de que o mancebo, com o lençol, simbolisava a lei antiga, e sem o lençol, isto é, nú, simbolisava o exemplo de como nos devemos apresentar diante do Senhor!

E' o que iremos aprender com o próximo estudo, se Deus o permitir.

— XCVI —

Somente o evangelista Marcos no Cap. XIV — V. V. 51 e 52 se refere ao caso do mancebo que fugiu nú, deixando nas mãos do soldado que o prendera, o lençol com que se achava coberto. Os Espíritos reveladores da obra do Sr. Roustaing, como vimos no estudo anterior, fizeram um resumo dos fatos relativos à prisão de Jesús, dizendo ser "a narrativa integral dos fatos, tal como se passaram". — Nessa narrativa está incluída a presença do tal mancebo que fugiu nú. Está assim redigida essa parte da narrativa:

"Entre os que seguiam a Jesús ia um mancebo coberto unicamente com um lençol e fugiu nú das mãos dos que o tinham prendido". (pág. 426 do 3.º Vol).

O texto de Marcos é este:

"51 — Seguiu-o um mancebo, coberto unicamente, com um lençol, e os soldados o prenderam.

52 Ele, porém, largando o lençol, lhes fugiu nú das mãos". (pág. 424).

À pág. 428, precedendo a explicação dada pelos espíritos do Sr. Roustaing a esses versículos, encontramos a seguinte citação:

"Entre os que seguiam a Jesús ia um mancebo coberto unicamente com um lençol. Os soldados o prenderam; ele, porém, largou o lençol e lhes fugiu nú das mãos". (pág. 428).

Transcrevemos os três textos para que os nossos leitores

res possam verificar a diversidade de redação que neles se nota, sendo de observar que o que serve de epígrafe ao estudo (pág. 428), embora entre aspas, não o encontramos em nenhum dos evangelistas, nem na narrativa dos espíritos dada a Roustaing.

Bem sabemos que isto são nugas que em nada afetam a verdade da narrativa, contudo, como se quer considerar a obra do Sr. Roustaing, como uma obra de grande mérito chegando mesmo, os que a defendem, a dizer que ela é a maior obra mediúnica de todos os tempos, bom é que essas pequeninas diferenças *que não se justificam, sejam apontadas para conhecimento de todos e melhor julgamento dos que ensejam ter uma opinião segura sobre o valor da obra em apreço.*

Passemos agora a considerar a "explicação" desses versículos, segundo os espíritos reveladores da obra do Sr. Roustaing.

E' simplesmente espantoso, inconcebível mesmo o que se lê como explicação dada pelos espíritos que foram, quando na terra, os evangelistas Mateus, Marcos, Lucas e João. E' mesmo, pode-se dizer, um atentado à boa fé do próximo. Mas, deixemos de lado os qualificativos que possa merecer a obra do Sr. Roustaing e vejamos a curiosa interpretação revelada. Ei-la:

"A presença desse mancebo tinha uma razão de ser; encerrava, segundo o espírito, um ensinamento. Previsto e preparado fôra tudo quanto houvesse de concorrer para a realização da obra que o Mestre descera a executar, desempenhando a sua missão terrena".

"O espírito do mancebo, antes de incarnar, aceitara a missão de servir de instrumento e meio para a lição que resultaria da sua presença ali. Assim, sob a inspiração do seu guia e protetor, impellido pelo espírito, ele se foi colocar, coberto apenas por um lençol, entre os do séquito de Jesus, na ocasião em que este ia ser preso e conduzido ao Pretório. De sorte que, POR INFLUÊNCIA ESPÍRITA, se deu aquilo que havia de suceder".

"Aquele mancebo, que, envolto num lençol, seguia a Jesus, SIMBOLIZAVA A LEI ANTIGA, que

trazia consigo o emblema da morte. Detida no seu curso, ELA SE DESPOJA DAS SUAS INSIGNIAS E SE MOSTRA TAL QUAL O SENHOR A FEZ".

Ai temos mais uma estupefaciente revelação! O mancebo que fugiu nú, era o símbolo da Lei antiga!

Preso o mancebo, isto é, DETIDA A LEI, ela, a lei, se despoja de suas insígnias — o lençol —, e se mostra —, nua — tal qual o Senhor A fez.

Esse o grande ensinamento que a presença do mancebo encerrava!

Essa a GRANDE MISSÃO que o espírito desse mancebo veio cumprir na terra, auxiliado e sob a inspiração de seu guia e protetor!

Que qualificativo merece tal explicação, como doutrina, revelada por espíritos que se dizem portadores de uma revelação de ordem divina?

Qualquer estudioso da doutrina, ou mesmo alguém que de Espiritismo nada entenda, ao ler êsses versículos que somente Marcos inseriu no seu Evangelho, para logo, sem grande dificuldade, sem esforço de interpretação, compreende que êsse mancebo nada tem a ver com a doutrina do Mestre, não representa motivo algum para da sua pessoa ou da sua ação se tirar qualquer ensinamento de ordem doutrinária como parte da missão do Cristo.

Esse mancebo, era um homem do povo, um desocupado, um curioso, como tantos existem por aí, que vendo aquela cena se aproximou para saber do que se tratava. Foi a curiosidade que ali o levou, tal geralmente acontece com muita gente ansiosa e muitas vezes imprudente que gosta de ver o que foi que aconteceu quando se lhe depara um aglomerado de pessoas na via pública, ou quando um acidente qualquer ocorre despertando a atenção pública.

Naquela natural confusão, ou porque o tal mancebo, talvez algum garoto, houvesse se portado de forma inconveniente ou por qualquer motivo outro, ou mesmo sem motivo algum, foi preso. O instinto de liberdade, fê-lo, possivelmente, resistir e conseguiu desvencilhar-se do seu detentor deixando-lhe nas mãos o lençol que era a sua única vestimenta. E assim, nú, ganhou o mundo.

Não é isto racional? não é isto mais natural mais acei-

tável à luz da razão, do que ver-se num simples incidente, com o qual o Mestre nenhuma participação teve, e talvez mesmo nem dele tivesse tido conhecimento, uma imperiosa razão de ser para dele dar o Cristo uma lição, revelar um ensinamento?

E que lição, que ensinamento, deu o Cristo com a fuga do mancebo nú? A de que êse mancebo era o símbolo da lei antiga, dizem os espíritos reveladores da obra do Sr. Roustaing.

Convenhamos, amigos, que tal revelação é até atentatória à dignidade, à moral e à elevação do Cristo.

Pois então, precisaria o Cristo servir-se de um fugitivo nú para por meio dele dar um ensinamento aos seus discípulos?

E' aceitável que êste mancebo que é um anônimo na história do Cristo, tivesse vindo à terra com a MISSÃO de servir de *instrumento e meio* para um lição que o Cristo ira dar, missão que consistiria em fugir nú dexando um lençol, sua única veste, nas mãos do policial que o prendera? Isso é missão?

E mais:

Dizem ainda os Espíritos reveladores da obra do Sr. Roustaing que esse mancebo que descera com essa *missão*, agiu "sob a inspiração do seu Guia e protetor, sendo pois, "por influência espírita que se deu aquilo que havia de suceder".

Foi, pois, esse pobre mancebo uma simples vítima da ação espiritual do seu guia e protetor, que lhe inspirou, aquela curiosidade, causa da sua prisão.

E concluem, finalmente, os espíritos reveladores da obra do Sr. Roustaing com esta exortação, hábilmente preparada, para amenizar a sensação causada pela aberrante explicação dada:

"Imitando o mancebo que acompanhava a Jesus, deixai vós todos OS VOSSOS LENÇÕES nas mãos dos incrédulos que procuram deter-vos os passos. Despojai-os das insignias da morte. Estais envolvidos em fraudes, maldades e vícios. E' êsse O LENÇOL QUE VOS COBRE, porquanto, perante

Deus sois corpos mortos. Abandonai esse invólucro fúnebre; abandonai-o nas mãos dos que tentam deter-vos os passos na senda do progresso moral. APRESENTAI-VOS NÓS diante do Senhor, isto é, levando unicamente um coração puro, tal como ele vô-lo deu".

.....

Imitação difícil; porque o lençol do mancebo era de pano e o nosso é de grandes maldades e vícios, como nos dizem os espíritos do Sr. Roustaing.

Diante disto, pode-se admitir ser a obra do Sr. Roustaing uma "revelação" de ordem divina, parte integrante da Terceira Revelação codificada por Allan Kardec?

XCVII

Procedíamos à leitura dos Capítulos e Versículos que se seguem à prisão de Jesús e que constituem a narrativa dolorosa de todo o seu suplicio, para a glorificação máxima de sua redentora missão, quando fomos despertados por uma intuição que não queremos deixar de registrar, para que os nossos leitores, por sua vez, possam dela tirar qualquer conclusão, se a tanto forem levados. E' o seguinte:

Desde o fato do "aparecimento" de Jesús até à sua subida ao monte das Oliveiras para proferir aquela prece que bem traduz a sua condição humana, os Espíritos do Sr. Roustaing se estendem em longas e repetidas explanações, ocupando páginas e páginas, repisando explicações já dadas, tornando, enfim, enfadonha a leitura e incompreensível, muitas vezes, o sentido do texto em explicação.

Ao tratar, porém, do sacrificio de Jesús, que abrange os fatos que tiveram início com a prisão do Mestre e culminaram com a sua crucificação, fatos esses da máxima importância, pois constituem, como é sabido, a *EXEMPLIFICAÇÃO* de todas as lições por ele próprio ministradas aos seus discípulos, encontramos, lamentavelmente, uma assombrosa e significativa parcimônia por parte dos mesmos Espíritos, que se limitam, apenas, a algumas palavras que, alinhadas, enchem uma página e pouco mais.

A que atribuir essa carência de explicações? Acaso o sacrificio do Mestre não comporta ensinamentos que mereçam explicados em espirito e verdade? Será que ele se explica por si só, tal a sua evidência e incontestável poder de conversão? Ou será porque seriam insuperáveis as dificuldades que surgiriam para tornar compreensíveis, a quem raciocina, o interrogató-

rio de Caifaz, as bofetadas que recebeu, a corôa de espinhos que suportou, o julgamento de Pilatos que o condenou, a marcha pela colina acima sob o pêso da cruz, e finalmente a sua crucificação com a dilaceração da sua carne pelos três grandes cravos que a perfuraram sob as pancadas soturnas de um martelo, — sem que Jesús tivesse, realmente, um corpo material para tudo isso suportar?

Deixamos a resposta à compreensão de cada um.

Vejamos, contudo, o que dizem os Espíritos do Sr. Roustaing, acerca dos martírios de Jesús.

A negação de Pedro, cena que comportaria interessantes e instrutivos comentários por se tratar, justamente, do primeiro discípulo do Mestre, apenas mereceu-lhes a advertência de que Pedro fôra um fraco mas não um culpado e que Jesús não estava perto de Pedro, quando o olhou no momento em que o galo cantou. O fato passou-se assim, como se lê, à pág. 436, do 3.º Vol.:

"No momento em que o galo cantou, Jesús não estava perto de Pedro. Mas, naquele instante, Pedro sentiu uma impressão fluídica que, por efeito de mediunidade, a que podeis dar o qualificativo de "MENTAL" lhe recordou as palavras de Jesús, fazendo-o ao mesmo tempo ver o semblante doce e calmo do Mestre, que se limitava a lhe dirigir um olhar triste, quando com a ingratidão era pago da afeição que lhe testemunhara".

O suicídio de Judas, apenas ensejou a "revelação" de que o campo chamada HACELDAMA onde foi enterrado o cadáver de Judas, não foi adquirido pelo próprio Judas, mas sim pelos príncipes dos sacerdotes e pelos anciãos com as trinta moedas que Judas atirara no templo, arrependido, após a prisão de Jesús.

A grande cena de Jesús perante Pilatos, mereceu, na obra, do Sr. Roustaing, apenas, o seguinte comentário:

"Nenhuma explicação se faz necessário acêrca do que ocorreu na presença de Pilatos e do que se passou entre este e Jesús, constituindo os fatos principais narrados por Mateus, Marcos e Lucas. A apresentação de Jesús ao sucessor de Herodes não foi mais do que UM INCIDENTE, QUE NENHUMA INFLUÊNCIA TEVE SOBRE AQUELES FATOS".

Como se vê, nenhum ensinamento nos mostram os espíritos do Sr. Roustaing, na grande cena do Pretório. Em compensação nos dizem que a apresentação de Jesús ao sucessor de Herodes, fora um simples INCIDENTE, sem nenhuma influência. Ora, à página 428, e em outros lugares da citada obra lê-se:

“Previsto e preparado fôra tudo quanto houvesse de concorrer para a realização da obra que o Mestre descera a executar, desempenhando a sua missão terrena”.

Se tudo fôra PREVISTO E PREPARADO, se até o mancebo que fugiu nú das mãos dos soldados, foi previsto e preparado pelos espíritos, porque somente a apresentação de Jesús ao sucessor de Herodes não fôra mais do que um INCIDENTE? Não será isso, dar mais importância ao mancebo nú, do que ao sucessor de Herodes?

Poderão, ainda, repetir os adeptos do Sr. Roustaing: “— são coisas mínimas essas que não podem prejudicar a finalidade da obra que tem a garantir-lhe a mediunidade da Sra. Collignon e a sinceridade do Sr. Roustaing”.

E nós responderemos: Uma “revelação de ordem divina” transmitida por Espíritos de grande elevação moral e intelectual em missão de caráter universal, se caracteriza, justamente, pela omissão de dúvidas e contradições, pela justeza de seu enunciado e perfeita concordância de seus princípios com a lei geral dentro da qual, ou sob cuja influência, toda a criação se movimenta e progride.

A obra do Sr. Roustaing é a negação de tudo isso.

XCVIII

Como já notamos em nossos anteriores estudos, a *via crucis* do Mestre desde a sua prisão até a sua morte, na obra do Sr. Roustaing não apresenta aqueles fartos comentários tão prodigamente dispensados em várias outras passagens da sua vida.

E, no entanto, repetimos, as cenas do Calvário constituem sem dúvida, os maiores ensinamentos do Cristo, porque é a exemplificação perfeita de tudo quanto êle houvera pregado.

E' que é muito difícil senão impossível mesmo, explicar os flagelos do Cristo, a sua crucificação e o sepultamento do seu corpo, sem se aceitar a corporeidade humana de Jesús, repetimos, mais uma vez.

E nesse passo, Kardec nos dá, com precisão inconfundível, um argumento irrespondível. Diz êle:

“Se as condições de Jesús, durante sua vida fossem as dos seres fluídicos, êle não teria experimentado nem a dor nem as necessidades do corpo. Supor que assim haja sido E' TIRAR-LHE O MÉRITO DA VIDA DE PRIVAÇÕES E DE SOFRIMENTO QUE ESCOLHERA, como exemplo de resignação. Se tudo nele fosse aparente, todos os atos de sua vida, a reiterada predição de sua morte, a cena dolorosa do jardim das Oliveiras, sua prece a Deus, para que lhe afastasse dos lábios o cálice de amarguras, sua paixão, sua agonia, tudo, até ao último brado, no momento de entregar o espírito, não teria passado de vão simulacro, para enganar com rela-

ção à sua natureza e fazer crêr num sacrifício illusório de sua vida, numa comédia indinga de um homem simplesmente honesto, indigna, portanto, e com mais forte razão, de um ser tão superior. Numa palavra: ele teria abusado da boa fé dos seres contemporâneos e da posteridade. Tais as consequências lógicas desse sistema, consequências inadmissíveis, porque o rebaixariam moralmente, em vez de o elevarem". (Genesis — 9ª. ed. pág. 343)

E quando esses mesmos Espíritos que ditaram ao Sr. Roustaing "Os Quatro Evangelhos" ou a "Revelação da Revelação" tentam "explicar" certas passagens, a contradição surge como que a gritar contra a procedência dessas explicações.

E' o que mais uma vez verificamos na explicação dada sobre a morte de Jesús. Vejamos:

"No Golgota, ninguém lhe arrancou, ou tirou a vida. Ele por si mesmo a deixou, no momento em que seu Espírito, retomando a sua inteira liberdade, ABANDONOU NA CRUZ O INVOLUCRO que revestira, de natureza perispiritica, tangível, com a aparência do corpo humano. E, de acôrdo com o mandamento que recebera de seu Pai, ele a retomou para reaparecer, operando o que se chamou a sua ressurreição e concluir a missão terrena que desce-o elevarem". (Genesis, 9ª. ed. pág. 343)

E logo a seguir, completando e reafirmando o que acima foi dito, assim concluíram os Espíritos do Sr. Roustaing:

"Deixou-a, por si mesmo, DEFINITIVAMENTE, quando, terminada aquela missão, realizou o fenómeno conhecido pelo nome de ascensão, DESPINDO-SE EM DEFINITIVO DAQUELE INVOLUCRO, RESTITUINDO OS ELEMENTOS FLUIDICOS QUE O COMPUNHAM AS REGIÕES A QUE HAVIAM SIDO TOMADOS".

Temos pois, segundo a "Revelação da Revelação" do Sr. Roustaing, que Jesús, finda a sua missão terrena, deixou, por si mesmo, a vida, despindo-se do involucrio de que se servira de formação perispiritica, restituindo, finalmente, os elementos fluidicos que compunham esse seu involucrio, às regiões a que haviam sido tomados.

Ora, se assim foi, logo que se operou a restituição dos elementos que formavam o corpo perispiritual de Jesús às suas respectivas fontes donde o próprio Jesús os havia tomado, incontestavelmente teria desaparecido o seu corpo aparente, pelo processo da desagregação dos fluidos que o compunham.

Isto é claro. Se foram restituídos às regiões a que haviam sido tomados os elementos fluidicos que compunham o involucrio de que se serviu Jesús, esse involucrio, dada essa restituição, desapareceu, dissolveu-se, deixou de existir, mesmo na sua forma aparente.

E no entanto, quando esses mesmos Espíritos explicaram a intervenção de José de Arimathea junto a Pilatos no sentido de lhe ser entregue o Corpo de Jesús para ser por ele sepultado, como realmente o foi, reconheceram a existência do corpo de Jesús.

Essa passagem evangélica relatada por Mateus, Marcos e Lucas nos V.V. 57 a 61, 42 a 47 e 50 a 56, respectivamente, mereceram dos Espíritos do Sr. Roustaing, este reduzidíssimo comentário:

"São fatos históricos que dispensam comentários. O CORPO de Jesús é deposto no sepulcro e os acontecimentos vão continuar o seu curso".

Nessas três linhas, no entanto, está afirmada a existência do corpo de Jesús, depois da sua morte na cruz, o que evidentemente contradiz a "explicação" anteriormente dada pelos espíritos do Sr. Roustaing, sobre o desaparecimento do corpo de Jesús pela restituição dos fluidos que o formavam, às suas respectivas fontes.

Diante disto, que podemos dizer sobre a autenticidade, como revelação de ordem divina, da obra do Sr. Roustaing chamada pomposamente "REVELAÇÃO DA REVELAÇÃO"?

Que o digam os que raciocinam e têm desejo de conhecer a verdade à luz da razão.

XCIX

Já por mais de uma vez nos temos referido à linguagem usada pelos Espíritos na obra do Sr. Roustaing, linguagem destoante da elevação desses Espíritos, se, realmente, eram os Evangelistas Mateus, Marcos, Lucas e João. Mais uma vez se nos depara oportunidade para frisar esta observação que é, incontestavelmente, de grande valia para se aferir da autenticidade, ou não, de uma mensagem de determinado Espírito.

Do estudo que estamos fazendo colimamos evidenciar que a obra "Os Quatro Evangelhos" ou a "Revelação da Revelação" de J. B. Roustaing não é, absolutamente, uma revelação de ordem divina como, incontestavelmente, é a que foi codificada por Allan Kardec, e, muito menos, ainda, pode ela ser considerada parte integrante da obra de Kardec.

Para isso demonstrar além das contradições aberrantes que temos notado, e das interpretações absurdas e infantis que temos apontado, dentre as quais avulta a que se refere ao mancebo que fugiu, nú, das mãos do soldado que o prendera, — a forma de expressão, a linguagem usada, constituem elementos apreciáveis.

Quem lê o "Livro dos Espíritos" de Kardec e compara a forma expositiva, a concisão, a justeza de expressões, que desde a primeira à última página, uniformemente, se mantêm com a redação de "Os Quatro Evangelhos", de Roustaing, para logo, sem grande esforço, verificará a disparidade existente entre ambas essas obras e se certificará de que a segunda não pode ser o complemento da primeira, nem ser dela parte integrante.

Como mais um exemplo disso, ofertamos, hoje, aos nossos leitores, o que se lê à página 475 e 476 do 3.º volume.

Nessas páginas encontramos referências à atitude dos príncipes dos sacerdotes e dos fariseus após a morte do Cristo, quando foram pedir a Pilatos que mandasse guardar o sepulcro afim de que o corpo do Mestre pudesse servir de prova material para desmentir a sua prometida "ressurreição", caso ela se verificasse.

Insistem, repetidamente, os Espíritos do Sr. Roustaing, na afirmativa de que quando o sepulcro foi selado e posto sob a vigilância dos guardas, o corpo de Jesús estava, realmente, no sepulcro. Compreende-se essa insistência, por constituir o desaparecimento do corpo de Jesús um dos assuntos básicos, para corroborar a "revelação", que vinham fazer sobre a natureza do corpo de Jesús, "revelação" essa segundo a qual Jesús não nascera, mas aparecera; não tivera um corpo material, mas sim um corpo fluidico; não sofreu a dor física dos martírios por que passara, porque só sofrera moralmente.

Assim é que após se referir ao suborno dos soldados para que dissessem que o corpo de Jesús havia sido roubado pelos seus discípulos, nestes termos se expressam:

O corpo, conseqüentemente, estava no sepulcro quando eles lá foram.

Reflitam nisto OS DEMOLIDORES (?) TÃO OBSTINADOS QUÃO INHÁBEIS, que pretendem ter sido insuficientes e tardias as precauções tomadas pelos judeus e declaram que, antes de haver estes posto em prática as suas medidas de previdência, aos discípulos sobrava tempo para subtraírem o corpo de Jesús, desde que o quisessem".

"Supõem ESSES MEDOLIDORES (?) que os príncipes dos sacerdotes e a horda inimiga, que assistiram "aos últimos momentos" de Jesús, tenham sido tão ingênuos que nenhuma precaução hajam tomado, uma vez que se viam obrigados a esperar que a festa do sábado acabasse, para poderem dar os passos necessários no sentido de serem a vigilância da junta e a salvaguarda dos seus interesses confiados à autoridade?"

Perguntamos:

Quem são "OS DEMOLIDORES TÃO OBSTINADOS QUÃO INHÁBEIS", a que se referem os Espíritos dos Evangelistas que transmitiram ao Sr. Roustaing, essa "Revelação da Revelação"?

Vamos raciocinar:

O Cristo morreu na cruz. O seu corpo foi entregue a José de Arimateia, que o sepultou em um túmulo de sua propriedade. Três dias depois, dizem as escrituras, o Corpo desapareceu do sepulcro, que fôra violado. Esta a história.

A esse tempo, não havia, ainda surgido a Revelação do Sr. Roustaing, para dizer que o corpo se volatizara, porque era fluídico. Perguntamos: como se poderia, então, explicar o desaparecimento do corpo de Jesús? De duas maneiras, apenas. Ou ele não fôra ali sepultado; ou, se o fôra, o seu corpo teria sido roubado.

Isto parece-nos, claríssimo, racional, insofismável.

Porque, pois, e com que autoridade, — mormente em se tratando de Espíritos missionários como se dizem os que ao Sr. Roustaing transmitiram a "Revelação da Revelação", — se chama de "demolidores obstinados e inhâbeis" os que assim raciocinam?

Se tal linguagem é aberrante e depõe contra a elevação moral do espírito que a usa, que dizer-se, então, dêste outro tópico que encerra o comentário e que está assim redigido:

"Qual DESSES DEMOLIDORES ENCARNIÇADOS E INHÂBEIS se confessaria tão confiante, tão crédulo, tão... (não queremos aplicar o termo que aqui se poderia empregar) que fosse fechar uma porta, depois de já se haver escapado o preso, sem ao menos verificar o estado do local?" (pág. 476 — 3.º Vol.).

Será crível que Espíritos de ordem superior, que quando na Terra conviveram com o Cristo, que redigiram, para a Humanidade o Evangelho, que é o roteiro, a fonte donde jorra, incessantemente, o ensino das lições do Cristo, teriam pensado em um nome tão feio que não pudesse ser escrito?!

Eis porque, a nós repugna a aceitação da obra do Sr. Roustaing, como "revelação" de "ordem divina", como complemento e parte integrante da Terceira Revelação, codificada pelo insigne missionário Allan Kardec.

E temos a certeza de que não estamos sós, assim pensando.

C

Com o objetivo de prevenir os leitores contra as naturais divergências que se notam nas narrativas evangélicas, os Espíritos reveladores da "Revelação da Revelação" transmitida ao Sr. B. J. Roustaing advertem, *ab initio* da explicação dos textos relativos aos Capítulos XXVIII, XVI e XXIV de Mateus, Marcos e Lucas, que os Evangelistas escreveram as suas narrativas debaixo da influência espírita, conservando, no entanto, cada um deles a independência da natureza que lhe era peculiar. Com essa observação, pretendem justificar a diversidade das narrativas, quanto à forma e as omissões que se notam em algumas delas. E' o que nos dizem a página 479 neste trecho:

"Debaixo da influência espírita, cada evangelista conservava a independência da natureza que lhe era peculiar. Eis como se explica que, escrevendo eles de acôrdo com as versões correntes e por inspiração, de um lado varie quanto à forma, embora permaneça o fundo sempre o mesmo, a narração de fatos que ocorreram sob suas vistas e, de outro lado, que o que haja de incompleto ou de omisso em a narração de um seja mencionado, sob a ação mediúnica, nas dos outros. E' nesse sentido que cada evangelista teve a sua parte na narrativa".

Explicada, assim, a causa de algumas omissões, e divergências notadas nas narrações evangélicas, a seguir nos oferecem os Espíritos do Sr. Roustaing a narrativa certa, exata, de como os fatos se passaram realmente, completando, assim, as narrativas dos Evangelistas.

Vejamos, então, como êsses Espíritos, reveladores ditaram

ao Sr. Roustaing a violação do sepulcro onde Jesús fôra sepultado.

Foi assim que aconteceu, segundo a "revelação" dada ao Sr. Roustaing:

"Pasado o dia de sábado, Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago e de Salomé, Joana e as outras que com elas andavam juntas partiram alta madrugada, quando o dia mal começava a alvorecer e CHEGARAM AO SEPULCRO ao nascer do sol, levando os aromas que haviam comprado e preparado para o embalsamamento do corpo de Jesús. (Mateus XXVIII, V. 1. — Marcos, XVI, V. 1-2, Lucas XXIII, V. 55-56 e XXIV, V. 1).

"Diziam entre si: Quem nos tirará a pedra do sepulcro? (Marcos, V. 2).

"De repente um grande terremoto se fez sentir E NO MESMO INSTANTE a pedra que fechava a entrada do sepulcro, quebrados os selos que lhe haviam apostado, foi atirada para o lado. De tal pavor se encheram os guardas, que ficaram como mortos. Então as mulheres viram (elas e não os guardas, pois só elas eram médiuns videntes e, além disso, audientes), um anjo do Senhor (um espírito superior) cujo semblante resplandecia qual relâmpago e cujas vestes eram alvas como a neve, que, tendo descido do céu, se assentara sobre a pedra POR ÉLE removida do lugar. (Mateus XXVIII, V. 2, 3, 4). E' o que as narrações de Marcos, Lucas e João, incompletas pela omissão dos pormenores referem dizendo: "que Maria Madalena e Maria, mãe de Tiago e de Salomé olhando, deram com a pedra, que era muito grande, já removida" (Marcos XVI, V. 4); "que as mulheres encontraram removida a pedra que fôra colocada à entrada do sepulcro" (Lucas XXIV, V. 2); "que Maria Madalena viu que a pedra fôra tirada do sepulcro" (João XX, V. 1).

Temos, pois, diante dos nossos olhos, devidamente retificada pelos Espíritos Superiores que em missão vieram "explicar", em espírito e verdade, "Os Quatro Evangelhos", a passagem evangélico da violação do sepulcro onde Jesús fora sepultado.

Essa retificação, ou essa "explicação reveladora", parece-nos se revestir de grande importância, porque ela está em flagrante oposição ao que, relataram todos os quatro Evangelistas, e custa-nos a crer, que todos êles se enganassem na constatação de um simples fato.

Vejamos e raciocinemos.

Segundo a obra do Sr. Roustaing a abertura do sepulcro, deu-se NA PRESENÇA de "Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago e de Salomé, Joana e as outras que com elas andavam juntas", e foi por força de um "grande terremoto" que a grande pedra que fechava a entrada do sepulcro foi atirada para o lado. Segundo, porém, os Evangelhos quando se mulheres chegaram ao túmulo, já encontraram removida a pedra que o fechava.

Sem dúvida, claramente se compreende a necessidade de não ser aceita pelos espíritos do Sr. Roustaing a versão dada pelos evangelistas. E' que tendo sido a pedra do sepulcro removida por força de um terremoto e na PRESENÇA das mulheres que logo a seguir verificaram que o corpo de Jesús não mais lá se achava, a versão corrente e por todos admitida de que o corpo de Jesús fôra roubado, torna-se inadmissível, ficando, conseqüentemente, reforçada a "revelação" por êles feita de que o corpo de Jesús era de natureza fluídica e não humana, tanto assim que o seu corpo se volatilizara após haver sido sepultado.

Mas como a verdade é sempre a verdade e não há inteligência que a possa destruir, essa mesma verdade nos induz a perguntar: Se o corpo de Jesús se volatilizou, por ser fluídico, dentro do sepulcro, que necessidade havia do tal terremoto para arrancar a pedra que o fechava?

Não seria dada aos homens uma prova insofismável e indestrutível se, verificada a inexistência de algum vestígio de violação, fosse o túmulo aberto diante das mulheres e dos soldados que o guardavam, ficando, assim, testemunhado o real desaparecimento do corpo de Jesús?

Uma rápida reflexão dirá a quem quiser conhecer a verdade.

Observemos. Dizem os Espíritos do Sr. Roustaing:

"A primeira aparição de Jesús a Maria Madalena foi simplesmente visível e audível, mas não tangível.

Maria NÃO RECONHECEU DE PRONTO A JESÚS, porque êste no primeiro momento, não se lhe apresentou com o aspecto sob que ela até então o vira. Ele usara, para lhe falar, de uma voz que lhe era desconhecida. Em seguida, retomou a que Maria tantas vezes escutara e que, impressionando-a a fez voltar-se de novo. Então o Mestre lhe mostrou o semblante que tinha habitualmente.

PROIBIU-LHE QUE O TOCASSE, PORQUE SÓ TERIA ENCONTRADO O VACUO, porquanto a aparência humana que diante dela estava era impalpável para o homem".

Por que, perguntamos nós, Jesús se apresentou a Maria com outro aspecto diferente do que sempre tivera antes da sua morte? Por que usou êle de uma voz diferente quando se dirigiu a Maria? Por que, finalmente, logo a seguir, questão de minutos talvez, o Mestre retornou à sua voz conhecida e retomou o mesmo aspecto que tivera quando entre os homens? Por que, ainda, proibiu que Maria o tocasse?

Aquí está a razão dêsse proceder, segundo o Sr. Roustaing:

"Procedendo assim, da primeira vez que appareceu a Maria, quis Jesús, poupando-a à perturbação e à surpresa, prepará-la para o reconhecer, para guardar a impressão do seu aspecto, e conservar na memória a lembrança das palavras que cumpria fossem por ela repetidas".

Não merece o mais ligeiro comentário essa "explicação" dada. Se a aparição do Mestre se deu sob aspecto diferente, vale dizer, se Jesús appareceu a Maria com outra fisionomia diferente da que tinha, a ponto de Maria não o reconhecer, como poderia, assim agindo, prepará-la para o reconhecer, minutos após? Até parece história para criança, semelhante explicação.

Quanto à proibição imposta a Maria para que não o

-- CI --

Já por várias vezes temos dito no decorrer dêstes estudos e ainda uma vez mais repetimos, que o objetivo único que nos levou a iniciar êste trabalho foi o de evidenciar à luz da razão e dos princípios que a Terceira Revelação consagra como verdades reveladas, que a obra "Os Quatro Evangelhos" ou a "Revelação da Revelação" do Sr. Roustaing não é uma revelação de ordem divina como a que recebeu Allan Kardec nem, muito menos e conseqüentemente, pode ela ser considerada como parte integrante da Terceira Revelação, como alardeiam os seus adeptos e intensamente propaga a Federação Espírita Brasileira.

Consequentemente não discutimos como se passaram os fatos narrados pelos Evangelistas ou pelos Espíritos do Sr. Roustaing, quanto à sua realidade. Apenas ressaltamos as contradições, os absurdos, as divergências que se encontram na citada obra e o que ela nos fornece como elemento de convicção para sustentarmos não merecer ela o crédito que se lhe pretende dar, como obra similar à de Kardec.

Reafirmada, assim, a nossa posição, não discutiremos aquí o desaparecimento do corpo de Jesús, fato que constitue um dos esteios em que se apoiam os Espíritos do Sr. Roustaing para sustentar a teoria de que o corpo do Cristo não era material.

Em relação, porém, ao que nos diz a "Revelação da Revelação" sobre a primeira aparição de Jesús a Maria Madalena, somos levados a examinar a narrativa porque ela nos traz mais um esclarecimento, mais um argumento, mais uma prova que muito fartalecem a insustentabilidade da teoria do Sr. Roustaing.

tocasse... nem uma só palavra; o silêncio é completo. Será que os Espíritos do Sr. Roustaing não tinham ou não podiam arranjar uma "explicação" para tão esquisita, estranha e incompreensível imposição? *Chi lo sa?*

Mas, como nenhum dos três Evangelistas, Mateus, Marcos e Lucas se referem a êsse encontro de Jesús com Madalena, tendo, apenas, Marcos, no V. 9 dito "Jesús, que ressuscitara na manhã cedo do primeiro dia da semana, apareceu" primeiramente a Maria Madalena, da qual expulsara sete demônios", fomos examinar o 4.º volume da obra do Sr. Roustaing, que condensa o Evangelho de João, em busca de um esclarecimento. E aí deparamos com a seguinte "explicação" à pág. 509:

"Sôbre estes versículos (1 a 18 do Cap. XX) já demos tôdas as explicações necessárias ao comentarmos os três primeiros Evangelhos, COORDENANDO A NARRÇÃO DE JOÃO COM AS DE MATEUS, MARCOS E LUCAS. Reportai-vos a essas explicações."

Vejamos, agora, como os Espíritos do Sr. Roustaing COORDENARAM, nesse passo, a narração de João com a dos demais evangelistas. Essa COORDENAÇÃO, consiste, simplesmente, na transcrição dos V.V. II a 17 do Evangelho de João, sem nenhum outro comentário, sem a mínima explicação.

Isto é significativo e por demais denunciador.

Os Espíritos do Sr. Roustaing ao se referirem ao desaparecimento do Corpo de Jesús depois de sepultado, se estendem em longas considerações; timbram em afirmar e reafirmar, várias vezes, que ninguém podia ter tirado o corpo de Jesús do sepulcro porque êle estava vigiado como vigiado foi o próprio José de Arimathéa; negam a possibilidade do furto, analisam o pretendido suborno; não se cansam em repisar e perguntar como havia podido desaparecer o corpo de Jesús estando chumbada a pedra que fechava o sepulcro; — e no entanto... coisa estranha, nenhuma palavra sequer para "explicar", porque Jesús não permitiu que Maria o tocasse!

Por que? insistimos em perguntar.

E' que, positivamente, o corpo com que o Cristo se apresentava a Madalena depois da sua morte no Calvário, NÃO

ERA O MESMO CORPO com que êle vivera entre os homens, como humano que fôra.

A verdade, pois, está com Kardec, que afirmou:

"A estada de Jesús na Terra apresenta dois períodos: o que precedeu e o que se seguiu à sua morte. No primeiro, TUDO se passa, pelo que respeita à sua mãe, como nas condições ordinárias da vida. Desde o seu nascimento até à sua morte, tudo em seus atos, na sua linguagem, e nas diversas circunstâncias da sua vida, REVELA OS CARACTERES INEQUÍVOCOS DA CORPOREIDADE. São acidentais os fenômenos de ordem psíquica que nele se produzem e nada têm de anômalos, pois que se explicam pelas propriedades do perispírito e se dão, em graus diferentes, noutros indivíduos. Depois de sua morte, ao contrário, TUDO NELE REVELA O SER FLUÍDICO. E' tão marcada a diferença entre os dois estados, que não podem ser assimilados". ALLAN KARDEC — Genesis — 9ª ed. — págs. 341 e 342).

Diante disto, como dizer-se que a obra de Roustaing é parte integrante da de Kardec? Como admitir-se que a obra de Roustaing não contraria a de Kardec?

E' crime de lesa-doutrina, tamanha tolerância.

velaram os Espíritos autores da obra do Sr. J. B. Roustaing. Dizem eles:

"A aparição de Jesús aos dois discípulos, que eram inconscientemente médiuns videntes e audientes, foi visível, tangível e audível."

Para o fim de aparecer aos dois discípulos e de caminhar ao lado deles pela estrada, Jesús TORNOU TANGÍVEL O SEU CORPO FLUÍDICO, de natureza perispiritica.

Os olhos de ambos, diz o Evangelista, foram como que fechados, a fim de não o poderem reconhecer. Quer isto dizer que JESÚS SE LHES APRESENTOU COM UMA FISIONOMIA DIFERENTE DA QUE ELES CONHECIAM E ESTAVAM ACOSTUMADOS A VER. Só quando se achou à mesa na companhia dos dois, os olhos destes se abriram e eles o reconheceram. E' que SÓ NESTE MOMENTO a figura habitual do Mestre se lhes mostrou, SÓ ENTÃO O CRISTO SE LHES APRESENTOU COMO ELES O CONHECIAM E TINHAM SEMPRE VISTO."

Ora, semelhante "explicação" ao invés de esclarecer faz nascer mais uma dúvida no espírito de quem quer se certificar se, realmente, a obra do Sr. Roustaing é parte integrante da Terceira Revelação codificada pelo missionário, Sr. Allan Kardec.

E aqui está a dúvida:

Se Jesús tornou TANGÍVEL O SEU corpo fluídico para aparecer aos discípulos, evidentemente, racionalmente, êsse corpo tangível PARA SER O CORPO DE JESÚS não poderia ter uma fisionomia diferente daquela com que Jesús sempre se apresentou aos seus discípulos e a todas as demais pessoas até a sua morte no Calvário.

Evidentemente, se a materialização que a vidência dos discípulos permitiu observar na estrada de Emaús tinha uma fisionomia diferente da do Cristo, forçoso é concluir-se que não foi o Cristo, não foi o Mestre, não foi Jesús que apareceu aos discípulos.

Admitir o contrário será negar a lógica e repudiar a razão.

— CII —

O Evangelista Lucas no Cap. XXIV, V.V. 13-15 do seu evangelho relata a aparição de Jesús aos dois discípulos que iam para a aldeia de Emaús. Nessa narrativa diz Lucas que dois discípulos do Mestre caminhavam juntos por uma estrada, caminho de uma aldeia chamada Emaús, conversando sobre a ressurreição do Cristo, quando apareceu Jesús, deles se aproximando e com eles caminhando também. Diz ainda a narrativa evangélica que os olhos dos dois viandantes "foram como que fechados" a fim de não ser o Mestre por eles reconhecido. A certa altura, continua o evangelista, disse-lhes Jesús: — "De que ides falando um com o outro a caminhar e por que estais tristes?" Ao que, Cleofas, que era um deles, respondeu: — "Serás tú o único forasteiro em Jerusalém que não saiba o que ali se tem dado nestes dias?"

Consta também da narrativa que ao se manifestarem surpresos os dois discípulos com a anunciada ressurreição do Mestre dada a ausência do seu corpo no sepulcro, Jesús assim lhes dissera: — "Oh! estultos e de corações tardos em crer tudo que os profetas anunciaram! Não importava que o Cristo sofresse todas essas coisas e assim entrasse, na sua glória? E, a começar de Moisés, referiu-se a todos os profetas, explicando-lhes o que dele se achava dito em todas as escrituras."

Segundo, pois, êsse evangelista, Jesús, após a sua morte, apareceu na estrada de Emaús caminhando ao lado de dois de seus discípulos; falou a ambos e ambos lhe responderam; ambos não o reconheceram porque "os seus olhos foram como que fechados."

Vejamos agora, o que a respeito dessa passagem nos re-

A tudo isso, atrescente-se, ainda, o seguinte:

Diz o Sr. Roustaing que Jesús tornou tangível o seu corpo, falou aos discípulos e os discípulos responderam. Mas diz, também, que Jesús, embora tendo se apresentado com o seu corpo tangível, não usou da palavra articulada quando falou aos seus discípulos, fez, apenas, com que os seus pensamentos repercutissem no íntimo de ambos.

E' estranha e confusa semelhante afirmativa? Dissipemos dúvidas transcrevendo o que disseram os "Espíritos reveladores" do Sr. Roustaing:

"Os dois discípulos, que eram inconscientemente, médiuns, não só videntes, mas também audientes, receberam a impressão das palavras de Jesús E ACREDITARAM QUE AS TINHAM ESCUTADO, como sucede quando supondes que alguém vos falou enquanto dormieis.

FORA INÚTIL PRONUNCIAR PALAVRAS, para falar-lhes uma vez que bastava aquele outro meio, mais natural, dadas as disposições especiais dos dois discípulos."

Diante disto, raciocinamos: Se Jesús tangibilisou o seu corpo para aparecer aos discípulos na estrada de Emaús e lhes falou, por que não articulou as palavras proferidas, como sempre o fizera, preferindo emití-las pela força do pensamento?

Para esta pergunta que o raciocínio impõe, encontramos a seguinte e fulminante resposta dada pelos espíritos iluminados e reveladores da obra do Sr. Roustaing: — Porque eram médiuns os dois discípulos.

Isto é resposta?

No próximo estudo apreciaremos a cena que se passa quando o Mestre, com eles à mesa, se dá a conhecer.

— CIII —

Concluindo o nosso estudo anterior sobre a aparição de Jesús aos dois discípulos, na Estrada de Emaús, vamos ver como os espíritos do Sr. Roustaing nos "explicam" o meio utilizado por Jesús para ser reconhecido por êsses dois discípulos e para lhes desaparecer das vistas, como nos dizem, em sua narrativa, o evangelista Lucas, nos V.V. 30 e 31, do Cap. XXIV, assim redigidos:

V. 30 — *Estando os três à mesa, Jesús tomou do pão, abençoou-o e, tendo-o partido lho deu.*

V. 31 — *Nesse momento os olhos se lhes abriram e ambos o reconheceram. Logo, porém, êle desapareceu de suas vistas".*

Para maior clareza vamos recapitular, sumariamente embora, o episódio em estudo, de acôrdo com a interpretação que lhe foi dada na obra do Sr. Roustaing.

Diz o Sr. Roustaing: que a aparição de Jesús aos dois discípulos foi visível, tangível e audível; que para aparecer aos discípulos tornou Jesús tangível o seu corpo fluidoico, mas com uma fisionomia diferente de forma que os discípulos não o reconheceram; que lhes falou, e êles, discípulos, o ouviram, mas que não lhes falou por meio da palavra articulada, mas sim por transmissão do seu pensamento; que convidado pelos discípulos Jesús entrou com êles na cidade e quando estavam sentados à mesa, Jesús ao partir o pão, fez com que fosse reconhecido e desapareceu em seguida.

Vejamos agora, como os espíritos superiores que transmitiram ao Sr. Roustaing a "Revelação da Revelação" ou "Os

Quatro Evangelhos", explicam tudo isso: Foi assim, dizem eles:

"Para ser reconhecido, no momento em que partia o pão, Jesús fez que CESSASSE A TANGIBILIDADE DO SEU CORPO FLUÍDICO e deu a este os traços, a aparência humana que eram familiares aos dois discípulos e, RESTITUINDO-LHE, SOB ESSE NOVO ASPECTO, A TANGIBILIDADE, partiu o pão.

Para lhes desaparecer das vistas, NOVAMENTE fez que CESSASSE A TANGIBILIDADE do SEU CORPO de natureza perispiritica e o tornou INVISÍVEL, voltando esse corpo, como já muitas vezes temos explicado, ao espaço, onde ficou até à aparição subsequente. Tudo, no tocante ao seu reconhecimento pelos dois discípulos, à partição do pão e à desapareição, TUDO FOI INSTANTÂNEO e se passou quando o Mestre se achava com eles à mesa."

Temos, pois:

Jesús, depois da sua morte no Calvário, apareceu a dois dos seus discípulos em plena estrada de Emaús, acompanhando-os na caminhada, mas não com aquele corpo tangível que possuía quando vivo, mas com outro diferente de forma a não ser reconhecido. Quando quis ser reconhecido, desmaterializou-se, e imediatamente, instantâneamente, tornou a materializar-se aparecendo com um corpo tangível igual ao que tivera quando vivera com seus discípulos. Foi com este corpo tangível que êle partiu o pão, e uma vez partido o pão, instantâneamente de novo se desmaterializou, tornando-se invisível para os discípulos, "voltando esse seu corpo de natureza espírita para o espaço, ONDE FICOU ATÉ A APARIÇÃO SUBSEQUENTE!

E tudo isto foi realizado em poucos minutos, no tempo preciso para a partida de um pão.

Bem se compreende que de outra forma não poderiam os espíritos do Sr. Roustaing explicar êste interessante episódio da história do Cristo após a sua morte, de vez que o que objetivavam era fazer crer que Jesús não tivera um corpo material quando entre os homens vivera, embora houvesse ele dito, dezenas de vezes, ser filho do homem.

Mas para os que reconhecem na pessoa de Kardec o missionário escolhido para ser o codificador da Terceira Revelação, não podem aceitar a teoria do Sr. Roustaing, a menos que abrindo mão da faculdade de raciocinar a aceitem como dogma de fé, tal qual aceitam os católicos o mistério da Santíssima Trindade e outras "cositas más".

— CIV —

Logo de início, os Espíritos que transmitiram ao Sr. Roustaing, por intermédio da médium Sra. Collignon, a “Revelação da Revelação” ou “Os Quatro Evangelhos” explicados em espírito e verdade, fizeram a seguinte advertência:

“Não confundais nunca, nas narrações evangélicas, as palavras ditas pelo Mestre, os atos por ele praticados, as revelações, os acontecimentos, com o que, em tais narrativas, reflete e reproduz, como havia de suceder, as impressões, opiniões e interpretações dos homens da época, feitas de acôrdo com os seus preconceitos, ou com as tradições relativas a essas palavras, atos, revelações e acontecimentos, à natureza e ao caráter que revestiam.”

Nessa advertência procuraram os Espíritos reveladores distinguir as palavras proferidas pelo Cristo das palavras com que os discípulos e os evangelistas interpretaram ou comentaram o que o Cristo ensinou, por palavras, atos e ações, vale dizer, as narrativas dos evangelistas podem divergir umas das outras; as palavras ditas pelo Mestre são incontestes, exprimem, realmente o seu pensamento, a verdade que ele veio revelar aos homens.

E’ bem compreensível semelhante distinção.

Assim, seguindo esse critério, as afirmativas do Mestre aceitas pelos autores da Revelação da Revelação, isto é, aquelas palavras que o Cristo proferiu e que na obra do Sr. Roustaing não se lhe nega a autoria, são verdadeiras, exprimem uma verdade, mesmo porque não se pode admitir que o Cristo mentisse.

Isto nos parece fora de tôda a dúvida.

Isto posto, iniciemos o nosso estudo de hoje, transcrevendo uma pequena parte do cap... XXIV de Lucas o qual se refere à aparição de Jesús aos apóstolos. Assim estão redigidos os V.V. 36 a 40:

“V. 36 — Quando ainda falavam dêsses fatos, Jesús se apresentou no meio deles e lhes disse: A paz seja convosco; SOU EU; não temais.

37 — Eles, porém, espantados e perturbados, imaginaram estar vendo um espírito.

38 — Disse-lhes, então, Jesús: Por que vos perturbaís e se levantam tantas dúvidas em vossos corações?

39 — Vêde minhas mãos e meus pés e reconhecei QUE SOU EU MESMO; apalpai-me e lembrai-vos de que UM ESPÍRITO NÃO TEM CARNE, NEM OSSOS, COMO VEDES QUE TENHO.

40 — E, dizendo isso, lhes mostrou as mãos e os pés”.

Estas palavras do Mestre não são negadas pelos Espíritos do Sr. Roustaing. São, pois, verdadeiras. Foram proferidas pelo Cristo.

Que nos dizem elas?

Em primeiro lugar, afirmou Jesús ser êle próprio que ali se achava entre os seus discípulos. — “A paz seja convosco; SOU EU”, disse êle, para que os seus discípulos nada temessem.

Em seguida, como houvesse verificado que os seus discípulos estavam em dúvida, se era êle mesmo ou se era a aparição de qualquer outro espírito, deu-lhes, então, a prova denunciadora de que, realmente, êle era o Mestre, dizendo-lhes: “Apalpai-me e lembrai-vos de que um espírito NÃO TEM CARNE, NEM OSSOS, COMO VEDES QUE TENHO”.

Ora, raciocinemos:

Se Jesús, para se tornar RECONHECIDO pelos seus discípulos, para que êles tivessem a certeza de que se achavam

diante daquele mesmo Mestre a quem eles tanto amavam, e não diante de uma aparição espírita como lhes parecia; se Jesús, repetimos, para ser reconhecido, lembrou aos seus discípulos QUE TINHA CARNE E OSSOS, permitindo-lhes que o apalpassem para bem se certificarem, parece lógico, concludente e insofismável que era assim, dessa forma, COM CARNE E OSSOS, que ele havia vivido entre os seus discípulos.

Ora, se Jesús disse que um espírito não tem CARNE nem OSSOS, e estando fora de toda a dúvida que ele tinha um corpo quando entre os homens, é indubitável, a razão nos obriga a compreender que esse corpo com o qual ele viveu, sofreu e exemplificou toda a beleza da sua doutrina e toda a sublime epopéia do seu martírio, era de carne e tinha ossos, como de carne e ossos se compõe todo o corpo humano.

Não deixa de ser interessante, no entanto, esta pergunta dos Espíritos do Sr. Roustaing:

“Não lhe cumpria firmar nos homens a idéia de que seu corpo era de natureza material, humana?”

Se lhe cumpria isso, se lhe cumpria “incrementar neles o reconhecimento que o seu sacrifício devia inspirar”, como se admitir não tivesse ele um corpo de natureza material, humana?

Acaso pode-se admitir em Jesús, cujo espírito houvera atingido o estado de pureza que todos nós lhe reconhecemos, tivesse usado de artifícios, para fazer crer aos homens que ele era, também, como eles, possuidor de um corpo material?

Teria, ainda Jesús faltado a verdade quando disse: “Sou eu mesmo, apalpai-me, um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho”?

Quem ousará afirmá-lo, conscientemente?

— CV —

Com o nosso último estudo terminamos a farta colheita que nos foi dado fazer no 3.^o volume da obra do Sr. Roustaing, com o objetivo único, mais uma vez o repetimos, de evidenciar que “Os Quatro Evangelhos” ou a “Revelação da Revelação” não pode ser tida como revelação de ordem divina, nem, muito menos, ser parte integrante da Terceira Revelação, codificada pelo missionário Allan Kardec.

Iniciamos hoje o estudo do 4.^o e último volume da referida obra. Este volume se refere somente ao Evangelho, segundo João, o discípulo amado do Mestre.

Inicia-o uma “Explicação” do tradutor da obra, na qual noticia a inclusão nesse volume de algumas mensagens recebidas pelo Sr. Roustaing e não incluídas nos volumes anteriores. Segue-se-lhe o “Prefácio” no qual se encontram transcritos trechos de mensagens do espírito de João, filho de Zacarias e de Isabel e outras já constantes do 1.^o volume.

O final desse “Prefácio”, no entanto, despertou a nossa atenção, talvez mesmo despertada pela força de uma intuição de ordem espiritual, o que nos obrigou a reler a edição francesa que serviu de original para a tradução da obra, edição essa que o ilustre tradutor diz ser a segunda. E não nos enganou a feliz intuição.

Vamos esclarecer alguma coisa que julgamos de utilidade para os que, realmente, desejam fazer um juízo seguro sobre a obra do Sr. Roustaing.

A pág. 71 do “Prefácio” do 4.^o volume, se lê uma longa comunicação firmada por Moisés, Mateus, Marcos, Lucas e João, assitidos pelos apóstolos. Essa mensagem, NÃO CONS-

TA absolutamente, da 2ª. edição francesa, original de que se serviu o tradutor.

A pág. 75, dêsse mesmo volume se lê, também, o seguinte:

"Do ponto de vista dessa prova a que está sujeito o homem e das condições necessárias a que a verdade triunfe foi que Simeão, inspirado, pronunciou estas palavras, transitórias e preparatórias do advento do espírito, referindo-se a Jesus, que é "a luz do mundo", que é "o caminho, a verdade, a vida".

"Meus olhos viram o Salvador que nos deste e que destinas a ser exposto à vista de todos os povos, como a luz que iluminará as nações e a glória de Israel teu povo."

E que, abençoando a José e a Maria, acrescentou: "Este menino vem para ruína e para ressurreição de muitos em Israel e para ser alvo das contradições dos homens."

Deus, que governa, prepara, por meios secretos, os corações e as inteligências para aprenderem o que lhes é possível compreender.

Com esta obra, que eles nos fizeram executar e que damos à publicidade, os Ministros do Senhor, explicando em espírito e verdade os Evangelhos, e os Mandamentos, têm por fim, a felicidade do gênero humano e sua purificação. Ela é publicada com a intenção de glorificar e honrar a Deus e de dar aos homens paz, esperança e ventura, por isso que prepara o advento da unidade das crenças e da fraternidade humana e, pois, mediante o cumprimento das promessas do Mestre, o advento do reino de Deus na Terra, sob o império da lei de Amor e de Unidade. Confiamos que alcançará êsse objetivo".

Esse longo trecho, também NÃO CONSTA da 2ª. edição francesa, original de que se serviu o tradutor.

Ainda, nesse mesmo prefácio e à mesma pág. 75, após o seguinte período:

"A verdade para triunfar, para ser aceita, tem primeiro que se chocar com as contradições humanas", para melhor compreensão e fiel observância do que está escrito na referida 2ª. edição deve-se intercalar todo o longo período que consta do 1.º volume, à pág. 71, assim iniciado: "Mas, se todo o erro está destinado a perecer..."

Por que êste salto, quebrando assim a unidade da narrativa?

Há evidentemente, em tudo isso, lamentável confusão que não se explica facilmente. Por que a tradução não seguiu, fielmente, o original da 2ª. edição?

E' que esta edição é fraudulenta. A edição autêntica, a que não foi adulterada pelos discípulos do Sr. Roustaing, únicos interessados, data de 1866. A chamada 2ª. edição, contém no frontespício do 1.º volume a mesmíssima data de 1866, e dele não consta a declaração de ser uma segunda edição. E no entanto, uma difere da outra.

E tanto difere uma edição da outra, que a citada mensagem de fls. 71 do 4.º volume omitida na chamada 2ª. edição, se contém, integral, na 1ª., de pág. XXV a XXX do respectivo Prefácio. Da mesma forma, a desmascarar o embuste, o citado trecho constante da pág. 75, do 4.º volume iniciado na 25ª. linha, também se encontra na edição autêntica, à pág. XXXI a XXXIII.

Uma dúvida, então nos assalta o espírito.

Se a tradução da obra do Sr. Roustaing contém matéria que não se acha no original da chamada 2ª. edição, mas se encontra na primeira e única edição, por que foi preferida a 2ª. edição e não a primeira que é a autêntica, publicada sob o contrôle do seu autor?

Possuimos ambas essas edições, e daria um livro muito curioso se cotejássemos uma com a outra.

Tranquilizem-se, no entanto, os convictos defensores da obra do Sr. Roustaing. Não o faremos. Não nos sobeja o tempo.

“Assim escrita, a narração evangélica que compus na época determinada e dentro dos limites que me traçaram a influência e a ação mediúnicas, teve por objeto e por fim, como o tiveram a obra da missão terrena de Jesus e a da de Paulo, conforme se vos acaba de explicar — aparelhar e executar a transição que era necessário se operasse e ainda preparar e estabelecer as bases, os elementos e os meios, a sanção prévia, da futura revelação do Espírito da Verdade”.

— CVI —

Iniciamos hoje, o estudo do quarto volume da obra “Os Quatro Evangelhos” do Sr. J. B. Roustaing. Este volume, que é o último da obra, se refere exclusivamente ao Evangelho segundo João. Sobre este evangelho há quem lhe atribua certas restrições. Há nele um profundo misticismo, ao passo que nos demais evangelhos chamados sinóticos o sentido histórico da personalidade do Cristo é bem mais evidente.

Mas não nos cabe a nós o penetrar nessa seara, pois que não pretendemos estudar e muito menos analisar o valor dos Evangelhos; o nosso intuito é, apenas e mais uma vez repetimos, mostrar aos nossos leitores que a obra do Sr. Roustaing, não pode, de forma nenhuma, ser considerada parte integrante da Terceira Revelação codificada pelo missionário Sr. Allan Kardec.

Aliás, confirmando essa assertiva aceita pelos que se dedicam ao estudo exegético dos Evangelhos, encontramos na própria obra de Roustaing, a confissão dessa verdade, proclamada pelo próprio evangelista João. Diz ele, à pág. 134:

“Eu, João Evangelista, quando incarnado, partilhei pessoalmente da idéia, da opinião, comuns entre os outros discípulos e o povo. ACERCA DA DIVINDADE DE JESUS CRISTO. Mas, escrevendo o que escrevi como apóstolo, como evangelista, fui o que foram Paulo e os demais Apóstolos — instrumento das vontades do Senhor, sob a inspiração dos Espíritos Superiores que me assistiam e guiaram no desempenho da minha missão, a fim de que o que tinha de ser dito e feito o fosse, conservando-me, entretanto, inconsciente dessa inspiração.

Dessa confissão se depreende que o evangelista João partilhava dos que defendiam a divindade de Jesus, vale dizer Jesus-Deus, porque só assim podiam compreender a sua ação, os seus milagres. E' sabido que a divindade de Jesus, foi teoria sustentada por muitos e adotada, ainda hoje, pela Igreja Católica.

O Evangelho de João, pois, compreendendo Jesus sob este aspecto, há de, forçosamente, apresentar diferenças sensíveis na apreciação dos atos de Jesus com relação aos demais evangelistas.

Como justificativa de haver escrito o seu evangelho sob a impressão da divindade de Jesus, diz-nos o evangelista João que assim agiu sob influência e ação mediúnicas dos Espíritos Superiores que o assistiam e o guiaram na sua missão, a fim de preparar e estabelecer as bases para a futura revelação do Espírito da Verdade.

Semelhante justificativa se realmente promana do espírito de João Evangelista, nos sugere o seguinte raciocínio: Todos os evangelistas eram médiuns, também tinham os seus Espíritos Guias que os inspiravam. Ora, se era necessário sustentar a divindade de Jesus transformada em dogma pela Igreja de Roma, a fim de preparar e estabelecer as bases da futura Revelação do Espírito da Verdade, por que Mateus, Marcos e Lucas não receberam, também, de seus guias inspiradores, essa mesma inspiração, formando assim, a unidade doutrinária, que é, sem dúvida, alicerce seguro e indestrutível de toda a crença?

Mas, deixemos de lado as considerações que sugerem a confissão de João e passemos a observar a “explicação” que ele nos dá, do seu próprio Evangelho, 1.800 anos após o haver escrito.

"V. I — No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus".

Vejamos a explicação:

"De Deus, Espírito genérico, emana todo princípio espiritual. Nesse sentido é que o Verbo, denominação dada a Jesús, COMO TODO ESPIRITO, estava com Deus desde toda a eternidade, era Deus. Também nesse sentido é que TODOS OS ESPÍRITOS CRIADOS SÃO DEUSES, são filhos do Altíssimo. E' que todos, considerados como princípio espiritual, TÊM A MESMA ORIGEM DIVINA. Todavia, COM RELAÇÃO A JESÚS HÁ UMA DISTINÇÃO A FAZER-SE, em virtude da qual êle se nos apresenta COMO TENDO UMA ORIGEM EXCEPCIONAL. Provém essa distinção do fato de não haver êle jamais falido."

Temos, pois, desdobrando o enunciado:

- a) — todo o princípio espiritual emana de Deus;
- b) — todo Espírito, inclusive Jesús, eram deuses, porque sendo "Verbo" estavam com Deus desde toda a eternidade;
- d) — todos, sendo "Verbo" ou princípio espiritual emanado de Deus, têm a mesmo ORIGEM divina;
- c) — Jesús, embora sendo o "Verbo", princípio espiritual emanado de Deus e tendo como todos os outros espíritos, que também são "Verbo", também são princípios espirituais emanados de Deus, a MESMA ORIGEM, tem, todavia, UMA ORIGEM EXCEPCIONAL porque jamais faliu!

Parece-nos, salvo melhor juízo, que estamos diante de mais uma indiscutível contradição e de uma lamentável confusão. A contradição está em que tendo todos os espíritos a mesma origem divina por serem todos "princípio espiritual emanado de Deus" não é admissível que Jesús tenha uma ORIGEM EXCEPCIONAL, a menos que se fira de frente a justiça divina, com flagrante violação do princípio da unidade que rege a criação divina. A confusão resulta de

que essa ORIGEM para ser excepcional com fundamento na infalibilidade, pressupõe já uma longa existência desse espírito. Como se poderá saber se um espírito nunca faliu, quando se o observa na sua ORIGEM, isto é, antes de ter entrado no meio evolutivo dentro do qual êle irá provar que o atravessou sem falir?

Como pois, admitir-se, a obra de Roustaing como fazendo parte integrante da Terceira Revelação codificada por Kardec, quando êste inconfundível missionário nos dá o seguinte ensino dos espíritos:

"Todos (os espíritos) são criados simples e ignorantes, instruem-se nas lutas e TRIBULAÇÕES DA VIDA CORPORAL. Deus que é justo, não podia fazer alguns felizes, sem penas e sem trabalho, e, por consequência, sem merecimentos.

(Livro dos Espíritos — 5ª. ed., pág. 53).

Que bem ajuizem os que têm vontade de serem esclarecidos para bem julgar da obra confusa que espíritos obscuros e imperfeitos transmitiram ao Sr. Roustaing.

— CVII —

Vimos no artigo anterior que o evangelista João, explicando o seu próprio evangelho escrito cerca de 100 anos após a morte de Cristo, nos dá o significado da expressão “Verbo” empregada por ele no versículo I, do seu evangelho.

“Verbo” segundo o sentido desse versículo é a “denominação dada a Jesús, COMO TODO ESPÍRITO. Fixemos bem: Jesús era o “Verbo”; todo espírito é “Verbo”.

Vejamos agora como o evangelista nos explica ser a expressão “Verbo” denominação dada a Jesús, COMO TODO ESPÍRITO: Diz ele:

“A palavra — Verbo — designa a “CAUSA”, o “SER”. Como “CAUSA”, entende-se a ação por efeito da qual a terra foi tirada do caos, segundo a expressão bíblica, o que quer dizer: foi tirada da massa dos fluidos, que Deus preparara e dispusera para serem os materiais constitutivos desse planeta, fluidos que continham em si as essências espirituais destinadas A SE TORNAREM CRIATURAS do mesmo planeta e os elementos formativos deste.

“Como “SER”, entenda-se a personificação da vontade de Deus em Jesús, sempre como entidade distinta do ente supremo, que é uno, indivisível, criador incriado, sem cujo querer nada se produz; a PERSONIFICAÇÃO de Jesús, como órgão direto de Deus, para sustentação de tudo, respeito à terra (), pelo poder de sua palavra; personifica-*

ção que tomou forma material para as vistas humanas, enquanto o Mestre desempenhou sua missão na terra”.

Temos pois: Se “Verbo” é a denominação dada a Jesús e a *todo espírito*; se “Verbo” designa a “causa” e se “causa” é a “ação por efeito da qual a terra foi formada ou constituída pela massa dos fluidos que Deus preparara, resulta, evidentemente, que espíritos outros, e não somente Jesús, tomaram parte na formação do planeta, de vez que todo espírito é “Verbo” e “Verbo” é “causa” e “causa” é a ação que formou a terra”.

Compreende-se que a dificuldade que se nota na explicação do evangelista está em que, significando a expressão “Verbo” o Espírito, ou talvez, melhor, aquela essência espiritual cuja origem não nos é dado conhecer, como muito bem diz Kardec, difícil é harmonizar esta definição, ou esta compreensão com a ORIGEM EXCEPCIONAL que ele dá ao espírito de Jesús.

Daí esse jogo de palavras que, reunidas, nos dão, quando muito, uma tentativa de explicação compreensível.

Por outro lado, essa emaranhada “explicação” lida com cuidado e atenção nos leva a um raciocínio cuja conclusão nos força a negar a origem excepcional do espírito de Jesús, que lhe empresta a obra do sr. Roustaing.

Vejamos. Diz a “explicação”:

“A terra foi tirada da massa dos fluidos, que Deus preparara e dispusera para serem os materiais constitutivos desse planeta, FLUIDOS QUE CONTINHAM EM SI AS ESSÊNCIAS ESPIRITUAIS DESTINADAS A SE TORNAREM CRIATURAS DO MESMO PLANETA e os elementos formativos deste.”

Essa “explicação” nos sugere o seguinte raciocínio:

Os fluidos com os quais foi formada a Terra “*continham em si as essências espirituais destinadas a se tornarem criaturas*, diz o evangelista. Que se deve entender por *essência espiritual*? o espírito com o seu livre arbítrio, sua responsabilidade, ou aquele princípio espiritual criado por Deus, emanção de sua vontade, vibração do seu pensamento? Pare-

(*) Esta frase “respeito à terra”, é uma intercalação, pois não consta do original francês.

cé-nos que a segunda hipótese é a que deve responder à pergunta formulada.

Assim também pensam, Mateus, Marcos e Lucas, na obra do sr. Roustaing, Vo.l I, pág. 289, onde se lê:

“O espírito, na origem da sua formação, COMO ESSENCIA ESPIRITUAL, princípio de inteligência, SAI DO TODO UNIVERSAL. O que chamamos “todo universal” E’ O CONJUNTO DOS FLUIDOS EXISTENTES NO ESPAÇO”.

E mais adiante:

“A vontade do Senhor Deus todo poderoso, única essência de vida no infinito e na eternidade, anima esses fluidos para lhes dar o “SER”, isto é, para, mediante uma combinação sutilíssima, cuja ESSENCIA só nas irradiações divinas se encontra, fazer deles ESSÊNCIAS ESPIRITUAIS, princípios primitivos do Espírito EM GERME e DESTINADOS A SUA FORMAÇÃO”. (Pág. 289, V. 1).

Essência espiritual é, pois, no dizer de Roustaing, princípio primitivo do Espírito em germe, destinado à sua formação, logo, dizemos nós, sem responsabilidade, ainda, sem livre arbitrio.

Ora, se essas “essências espirituais” que se continham nos fluidos com que a terra foi formada, **ERAM DESTINADAS** pelo Criador **A SE TORNAREM CRIATURAS**, indubitavelmente, forçoso é concluir-se que sendo a mesma a origem de todos os espíritos, impossível se torna atribuir-se a algum deles a isenção desse destino, sem quebra da justiça divina.

Como se vê, clareza e lógica primam pela ausência na obra do sr. Roustaing. Como, pois, pode ela ser considerada parte integrante da Terceira Revelação recebida por Allan Kardec?

— CVIII —

O versículo 14 do Evangelho de João, pela clareza do seu enunciado positivando uma afirmativa contrária à teoria do corpo fluidico de Jesús, nós dá ensejo a tecer novas considerações sobre a “explicação” que lhe empresta a obra do Sr. Roustaing, ditada pelo espírito do próprio evangelista, segundo crêm e afirmam os seus adeptos.

Reproduzimos este célebre versículo que tantas dores de cabeça tem causado aos que sustentam que Jesús não teve um corpo carnal. Ei-lo:

V. 14 — *E o Verbo SE FEZ CARNE e habitou entre nós, cheio de graça e verdade, e vimos a sua glória, glória como a de um gênito do Pai.”*

Se João, o evangelista, diz que **O VERBO SE FEZ CARNE**, depois de haver dito, como vimos, que o Verbo era a denominação dada a Jesús, **COMO TODO O ESPÍRITO**, manda a razão que se proclame, sem receio de erro, que Jesús, **EM CARNE**, habitou entre nós. Para assim não ser, é preciso que carne não seja carne e que Jesús não seja o Verbo.

Destruir, ou negar, com palavras explicativas, mesmo que se lhes dê o título de “Revelação”, tão clara e insofismável afirmativa, não é possível. Só há uma forma de empanar a clareza do enunciado. E’ tecer-lhe considerações que dificultem o raciocínio impondo a dúvida. Esse o método usado na obra do Sr. Roustaing.

A prova disso aqui a damos, mais uma vez.

Não podendo dizer que **CARNE** não é carne, assim se expressa para contornar a dificuldade:

"Revestindo um corpo próprio de certos mundos elevados, Jesús tomava um invólucro corpóreo, relativamente material, UMA CARNE VERDADEIRA (terrível confissão), mas relativa, porquanto "nem toda a carne é a mesma carne" como o disse Paulo (1ª. Epístola aos Coríntios, XV, v. 39-41, 44, 45 e 47), servindo-se de palavras cujo sentido exato não compreendia, palavras apropriadas ao futuro, do ponto de vista da aplicação que viriam a ter nos tempos, então distantes, da nova revelação."

Mas, com essa explicação, em nada modifica o texto do versículo 14 do evangelista João, antes o confirma com a expressão: "UMA CARNE VERDADEIRA" colocada entre duas vírgulas para melhor compreensão do leitor (vide pág. 143, do 4.º vol.). E' certo que logo a seguir (e aí está o método de confundir), diz que essa "carne verdadeira" é relativa, justificando essa relatividade com o dizer de Paulo "nem toda a carne é a mesma carne".

Sem querermos indagar o que seja uma "carne verdadeira" e ao mesmo tempo "relativa", perguntamos, no entanto: Pelo fato de nem toda a carne ser a mesma carne, deixa de ser carne? Evidentemente não. Pouco nos importa a qualidade da carne, ela pode ser ótima, boa, sofrível, má ou péssima mas, será, mesmo assim, carne.

Mas, parece-nos, que ao ditar essa "explicação", o espírito revelador da obra do Sr. Roustaing, ou se esqueceu momentaneamente do que acabara de ditar ou sofreu uma benéfica influência de um outro espírito superior. E assim o julgamos, porque na página seguinte, na 144ª, encontramos completamente destruída, nulificada, a concepção da relatividade da carne de Jesús. Parece até mentira, mas é verdade. E' que a força da verdade ninguém a oculta por muito tempo.

Aquí está, dito pelo próprio evangelista João, se é que foi ele mesmo quem ditou à Sra. Collignon a obra "Os Quatro Evangelhos" de J. B. Roustaing, a sua contraditória "explicação":

"Relativamente à essência de Jesús, o corpo de natureza perispiritica que ele tomou ERA CARNE, ERA CARNE VERDADEIRA, CARNE COMO A DE QUALQUER OUTRO HOMEM, o que quer dizer:

era relativamente material às vistas humanas e à opinião que os homens tinham de formar e conservar." (Vol. 4.º, pág. 144).

Aí está, em toda sua plenitude, a verdadeira explicação do versículo "E o Verbo se fez carne e habitou entre nós". Essa carne em que o Verbo se transformou, ou se fez, e com a qual habitou entre nós, foi CARNE VERDADEIRA, CARNE COMO A DE QUALQUER OUTRO HOMEM, diz o Evangelista João na obra do Sr. Roustaing.

Poderão objetar-nos que esse mesmo evangelista diz, também, que esse corpo era de natureza perispiritica. E nós responderemos: a sustentação dessa afirmativa é imprescindível, é básica, é fundamental, para a sustentação do dogma da virgindade de Maria, objetivo único da obra do Sr. J. B. Roustaing.

— CIX —

Explicando o sentido das palavras do Mestre: *"Em verdade, em verdade te digo que ninguém pode entrar no reino de Deus se não nascer de novo"* dirigidas a Nicodemus, certa noite, ao lhe dizer este que sabia ser ele o enviado de Deus, pois só assim poderia fazer os "milagres" que fazia, — diz o Sr. Roustaing:

"Entretanto, declarando: "Em verdade, em verdade te digo que ninguém pode entrar no reino de Deus se não nascer de novo". Jesús tinha em mente afirmar A REALIDADE DA LEI NATURAL E IMUTÁVEL do renascimento, da reincarnação; a obrigação de reviver na carne, como sendo, para o Espírito, O ÚNICO MEIO DE SE DEPURAR E DE PROGREDIR, DE CHEGAR À PERFEIÇÃO, de entrar, assim, no reino dos céus."

Esta sentença do Mestre afirmando, positivamente, de forma insofismável, de maneira a não deixar que as interpretações, humanas ou reveladas, possam suscitar dúvidas, ser necessário "nascer de novo" para alguém poder entrar no reino de Deus, esta sentença do Mestre, repetimos, não pode permitir qualquer exceção, e isto porque ela dimana de fonte divina. Logo, não se pode admitir que haja algum espírito que goze das delícias do viver no reino de Deus sem haver nascido de novo, vale dizer, sem haver suportado os efeitos da lei das reincarnações.

A verdade que o Cristo veio revelar aos homens não se restringiu, exclusivamente, às coisas da Terra, à vida ou a existência de tudo quanto se passa no nosso planeta, mas sim e indubitavelmente a tudo quanto existe no universo, na cria-

ção de Deus, em todos os mundos e planetas, pois que a verdade divina, para ser "verdade" tem que ser universal, absoluta, não pode sofrer restrições.

Se, pois, para se entrar no reino de Deus, é mister a reincarnação, Jesús, — que pela sua pureza e perfeição habita o reino de Deus, isto é, um plano espiritual de eterna paz e luminosidade tanto que não podemos descrever, indiscutivelmente, por força de sua própria afirmativa proferida em nome de Deus, porque de Deus ele era o enviado, — não podia deixar de ter experimentado também, como todos os espíritos criados por Deus, o cadinho da reincarnação.

Mesmo que se admita e se aceite a concepção dos Espíritos reveladores da obra do Sr. Roustaing, segundo a qual "Jesús é a maior essência espiritual depois de Deus" e presidiu a formação do nosso planeta, tal "revelação" não exclui, de forma nenhuma, o cumprimento daquela lei natural, por isso que, muito antes da Terra existir já existiam muitos outros planetas por onde, certamente, por força da lei, transitaram os espíritos até chegarem à perfeição, ou ao estado de pureza a que chegou Jesús.

Admitida esta hipótese, teríamos, quando muito, que Jesús não reincarnou na Terra para expiar faltas, para resgatar culpas, porque já o houvera feito em mundos outros; mas para cumprir a maior de todas as missões que pode receber um Espírito: a de exemplificar como deve ser recebido todo o sofrimento moral ou físico, nos mundos onde o sofrimento e a dor são condições para todo o resgate.

Mas, a "explicação" acima transcrita diz também que Jesús ao responder a Nicodemus tinha ainda em mente afirmar A OBRIGAÇÃO DE REVIVER NA CARNE, como sendo para o espírito o único meio de se depurar e de progredir, DE CHEGAR À PERFEIÇÃO, de entrar, assim, no reino dos céus.

Do exposto parece, pois, que esses mesmos Espíritos, que ditaram ao Sr. Roustaing "Os Quatro Evangelhos" ou a chamada "Revelação da Revelação", se contradizem quando procuram, em longas e repetidas estiradas literárias, estabelecer o princípio de que Jesús atingiu à perfeição sem nunca haver incarnado, e isto porque, embora criado simples e ignorante como todos os espíritos, jamais faliu, jamais fez mau uso do seu livre arbítrio, vale dizer, sempre soube discernir o bem do mal, a verdade do erro!

Mas, perguntamos nós: pode-se discernir o "bem" do

“mal”, a “verdade” do “erro”, sem se conhecer o “mal” e sem se saber o que é “erro”; se o “mal” e o “erro” não são manifestações causais, mas sim, meros efeitos de uma causa, consequências inevitáveis da transgressão, consciente das leis divinas?

A infalibilidade dos espíritos, criados simples e ignorantes para a perfeição a fim de poderem entrar no reino de Deus, não se coaduna, evidentemente, com a afirmativa solene do Mestre, concedida a Nicodemus: “Em verdade, em verdade te digo que ninguém pode entrar no reino de Deus se não nascer de novo.”

— CX —

Conta-nos o Evangelista João, e só êle, que certa vez Jesús viera com seus discípulos para a Judéia e ali se demorou com êles a batizar. Simultaneamente, João, também batizava em Enon, perto de Salim. Este fato, diz-nos ainda o Evangelista, deu lugar a que surgisse uma questão entre os discípulos de João e os judeus, acêrca do batismo. A questão foi motivada por esta pergunta feita a João por seus discípulos: — “Mestre, êsse que estava contigo além Jordão e de quem dêste testemunho, também batiza e todos vão a êle.” Ante essa estranheza dos seus discípulos, João lhes respondeu: — “Não pode o homem receber coisa alguma, se do céu não lhe foi dada. Vós mesmos me sois testemunhas de que eu disse não sou o Cristo, sou apenas um enviado adiante dele”.

Mateus, Marcos e Lucas silenciam por completo esta passagem.

Mas ponhamos de lado essas ligeiras observações que em nada diminuem o valor moral do Evangelho, e passemos a considerar a “explicação” dada ao Sr. Roustaing pelo próprio autor do 4.º Evangelho, acêrca dessa questão por êle mencionada. Assim nos “explica” êle:

“Quanto à questão que surgiu entre os discípulos de João e os judeus, acêrca do batismo, ou da purificação, porque no caso os dois têrmos são sinônimos, ela se originou de não reconhecerem os judeus a Jesús o direito de fazer o que João fazia. Não esqueçais que, quando Jesús deu começo à sua missão, João já era considerado como um profeta enviado à casa de Israel. JESÚS, POIS, ERA TI-

DO GERALMENTE POR UM IMPOSTOR, QUE USURPAVA O RESPEITO DEVIDO A JOÃO, OU POR UM DISCÍPULO INFIEL, QUE DESVIAVA DO MESTRE A MULTIDÃO.

Para eles o Messias tinha que se anunciar com mais brilho. Refleti nisso e lembrai-vos de que esperavam um chefe temporal, que viria restabelecer o reino de Israel." (Vol. 4, pág. 203).

Essa afirmativa, assim tão categórica, de que os discípulos de João consideravam Jesus, o Messias, UM IMPOSTOR, UM USURPADOR, é demasiada forte para ser atribuída a um Espírito Superior, da estatura moral de um João Evangelista, que pelo seu caráter, sua austeridade, sua elevação espiritual, mereceu no Golgotha, a recomendação do Cristo para que recebesse Maria como sua mãe.

Ao demais, e como que a pôr em dúvida a veracidade dessa "explicação", lembremo-nos de que o povo judeu, quando o Cristo foi batizado por João, já tinha conhecimento dos seus feitos, já a sua fama de homem extraordinário, corria de boca em boca, já ele havia produzido o "milagre" da conversão da água em vinho, nas bodas de Caná; já o velho Nicodemus, tinha ciência do seu poder, e por isso, é que o foi procurar, às ocultas, naquela noite em que recebeu o conhecimento da reencarnação.

Acresce, ainda, que ao ser batizado Jesus, foi anunciada a sua origem e a sua missão, por um espírito "com forma corporal de uma pomba", segundo os citados evangelistas.

Assim sendo, é fora de dúvida, que os judeus, não podiam considerar o Cristo *um impostor e um usurpador*.

Como então justificar a "explicação" dada? Como resguardá-la da crítica imposta por um raciocínio isento de qualquer influência ou parcialidade?

Nenhum outro meio se afigurou aos autores da obra do Sr. Roustaing senão o de estampar uma outra "explicação" para explicar a primeira "explicação".

E então temos:

"Não vos admireis de que, em consequência dessa questão, os discípulos de João lhe tenham ido dizer: 'Mestre, aquele que estava contigo além

Jordão e de quem deste testemunho, eis que também batiza e todos vão a ele". SÔMENTE ALGUNS deles haviam assistido ao que se passara entre João e Jesus às margens do Jordão. Esses mesmos, porém, à falta de faculdade e de ação mediúnicas, NÃO TINHAM VISTO, NEM OUVIDO, as manifestações espíritas."

Quase ousariamos dizer que somente um hábil advogado lançaria mão de tão concludente argumento.

Para não dizer que dos discípulos de João que o interrogaram sobre o estar Jesus, também, batizando, nenhum deles se achava presente quando a pomba falou às margens do Jordão, e por isso ignoravam "a origem e missão" do Cristo, dizem os espíritos do Sr. Roustaing que SÔMENTE ALGUNS assistiram. Mas, como, mesmo assim, esses alguns podiam ter sido dos que interrogaram a João, resolvem os Espíritos reveladores da obra do Sr. Roustaing liquidar de vez a questão, não permitindo qualquer dúvida a respeito da afirmativa feita. E então, concluem, dogmáticamente:

"Esses mesmos, porém, à falta de faculdade e de ação mediúnicas, NÃO TINHAM VISTO, NEM OUVIDO as manifestações espíritas."

Estupenda lição!

Magistral explicação de Espíritos que, sob a designação de Mateus, Marcos, Lucas e João, assistidos ainda, pelos apóstolos, revelaram ao Sr. J. B. Roustaing "Os Quatro Evangelhos" ou a "Revelação da Revelação".

E' lá possível admitir-se que semelhante obra, possa ser uma "Revelação" de ordem divina e ser considerada como parte integrante da Terceira Revelação codificada pelo missionário Allan Kardec?

— CXI —

Encontramos na página 242 do 4.º volume da “Revelação da Revelação” do Sr. J. B. Roustaing que estamos estudando, a interpretação dos versículos 17 a 30 do Cap. V do Evangelho de João. Os versículos 17 e 18 estão assim redigidos:

“V - 17 — *João então lhe disse: Meu pai até agora não cessa de obrar e eu também obro incessantemente.*

“V - 18 — *Isso fez que os judeus procurassem ainda com mais ânsia dar-lhe a morte, porquanto ele não só violava o sábadó, como dizia que Deus era seu pai, fazendo-se assim igual a Deus.*”

Indiscutivelmente, a revelação de Jesús, dizendo-se filho de Deus, a quem chama, freqüentemente de Pai, objetivou o grande ensinamento de um só Deus, uno, indivisível e eterno, criador de todas as coisas, e, conseqüentemente, a afirmativa de que todos somos irmãos, porque filhos do mesmo criador. É o princípio da unicidade divina e o da fraternidade humana que se condensam na citada passagem evangélica. Sabido é que os judeus acreditavam na existência de vários deuses, segundo a lei mosaica. Uma das facetas da missão do Cristo foi, justamente, revelar a existência de um só Deus, nosso Pai, porque foi o criador de todos os espíritos.

Vejamos agora a interpretação, ou melhor, a “explicação” que, segundo a obra do Sr. Roustaing, lhe deram os Espíritos de Mateus, Marcos, Lucas e o próprio João. Ei-la:

“Ao passo que os judeus o acusam de querer fazer-se igual a Deus, por haver dito, referindo-se

a este: “Meu pai”, Jesús, pronunciando estas palavras, afirma, numa linguagem velada e figurada, a sua posição inferior relativamente a Deus, dependente deste, ao mesmo tempo que evidencia sua posição e seus poderes de Messias, de enviado de Deus.

“O espírito vem iluminar a letra e mostrar que o Mestre proclamou veladamente a sua condição de espírito fundador, protetor e governador do planeta terrestre, encarregado do seu desenvolvimento e do seu progresso e do desenvolvimento da humanidade terrena, de encarregado de a levar à perfeição.”

Como se vê, é uma “explicação” que não contém em si nenhuma revelação; ela não nos dá o sentido verdadeiro que aquelas expressões contém, objetivando mais uma lição. Dizer-se que por haver Jesús usado a expressão “Meu pai” em relação a Deus, proclamara, veladamente embora, “a sua condição de espírito fundador, protetor e governador do planeta terrestre, encarregado do seu desenvolvimento e do seu progresso” é forçar de mais o sentido das coisas, é revelar carência de provas ou de recursos para sustentar uma tese duvidosa.

Filhos de Deus, são todos os espíritos; porque todos os espíritos são criação sua. O fato, pois, de Jesús ter chamado de “meu pai” a Deus, apenas afirmava, como dissemos, o princípio da paternidade, e nunca a extravagância de se dizer, ele próprio, “fundador, protetor e governador da terra”.

Uma outra assertiva do Mestre que põe em situação de sérias dificuldades os espíritos que ao Sr. Roustaing transmitiram a chamada “Revelação da Revelação”, é a constante dos versículos 25 a 27, onde **ESSE MESMO FILHO DE DEUS** se diz **FILHO DO HOMEM**.

Assim se acham redigidos os citados versículos:

“V - 25 — *Em verdade, em verdade vos digo que vem a hora, e já veio, em que os mortos ouvirão a voz do filho de Deus, e os que a ouvirem viverão.*

“V - 26 — *Pois, assim como o pai tem a vida em si mesmo, também deu ao filho ter a vida em si mesmo.*

“V - 27 — *E lhe deu o poder de julgar, PORQUE É O FILHO DO HOMEM.*”

Temos, pois, distintamente, dentro de um mesmo relato evangélico, as duas expressões proferidas por Jesús: a de filho de Deus e a de filho do Homem.

Explicando a primeira, diz o Sr. Roustaing que ela revela ser o Cristo, o fundador, protetor e governador do planeta terrestre; quanto à segunda, eis como a "explica":

"São figuradas essas expressões. Quer isso dizer: porque mau grado a superioridade que adquiriu pelas suas obras, ele se acha em relações com os obreiros ainda presos à obra que se executa sob a sua suprema direção."

Qualquer estudante de Religião que interrogado fosse, acerca da distinção existente entre "filho de Deus" e "filho do homem", responderia imediatamente, sem grande esforço nem demorado raciocínio, que "filho de Deus" é todo espírito criado por Deus; e "filho do homem", é todo espírito incarnado na terra de acôrdo com a lei que preside a formação e incarnação dos seres humanos que vivem na Terra.

Parece-nos que sobre isto não haverá contestação, formulada de boa fé.

Mas assim não é, entretanto, no entender dos espíritos do Sr. Roustaing, como se lê da "explicação" acima transcrita. Para o Sr. Roustaing, "filho do Homem" são expressões figuradas que querem dizer achar-se o espírito de Jesús "em relações com os obreiros ainda presos à obra que se executa sob a sua suprema direção."

E' possível que semelhantes "explicações" tidas como dos evangelistas Mateus, Marcos, Lucas e João satisfaçam plenamente ao entendimento de alguns cristãos que creem piamente, dada a sua grande boa fé ou ogerisa pelo estudo raciocinado.

Para quem analisa, confronta e raciocina, para bem distinguir o que sob o véu da letra se oculta para melhor compreender a missão e o sacrifício do Cristo, semelhante "explicação" nada explica, apenas baralha, confunde idéias, abala e destrói princípios deduzidos de leis eternas e imutáveis ou divinas.

— CXII —

Estamos estudando o quarto Evangelho, o de João, que encerra grande número de narrativas que se encontram também nos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas, por nós já apreciadas. Assim e porque este nosso trabalho visa apenas mostrar, aos que querem ver, as lacunas, as incongruências, os absurdos, as imperfeições e as flagrantes contradições que enxameiam a obra do Sr. J. B. Roustaing sob o título "Os Quatro Evangelhos" ou a "Revelação da Revelação" em face da Terceira Revelação codificada pelo Sr. Allan Kardec, as nossas observações, versarão, de preferência, sobre o que formos encontrando de mais interessante como refôrço à farta documentação que alinhamos nos 111 artigos que já escrevemos sem interrupção.

Uma das muitas interessantes interpretações denunciadoras da carência de lógica com que se houveram os Espíritos que revelaram ao Sr. Roustaing que Jesús não nascera, mas aparecera a Maria por obra e graça do Espírito Santo, está na forçada "explicação" que deram ao V. 42 do Cap. V do citado Evangelho de João.

Esse versículo está assim redigido:

42 — "Mas eu vos conheço e sei que não tendes em vós o amor de Deus."

Este versículo, de expressão tão simples e de facilíssima compreensão para quem quer que possua os conhecimentos preliminares da vida e obra do Cristo quando na Terra, mereceu dos Espíritos "evangelisadores" da obra do Sr. Roustaing, a seguinte interpretação, cujo qualificativo deixamos

a critério dos nossos leitores. Aquí está a “explicação” interpretativa:

“Dessa forma declara Jesús que lê os pensamentos dos que o serviam e os conhece. Fazendo essa declaração, afirma as suas faculdades extra-humanas e a consciência que delas tem. AFIRMA, PORTANTO, A SUA NATUREZA E A SUA ORIGEM TAMBÉM EXTRA-HUMANAS”.

Então, por haver Jesús dito que conhecia os homens e que sabia não existir neles o amor de Deus, é afirmar que a sua natureza e a sua origem são extra-humanas?

Será possível acreditar-se que João Evangelista, Espírito superior incontestavelmente, o discípulo amado do Mestre, a quem pela sua elevação espiritual mereceu no Golgotha aquelas palavras dirigidas pelo Cristo como testemunho do seu amor e prêmio da sua dedicação, haja dito semelhante sandice?

Onde descobrir-se na frase “mas eu vos conheço e sei que não tendes em vós o amor de Deus” a afirmativa de que Jesús tinha um corpo fluidico e que não nasceu como nasceram todos os homens?

São perguntas essas cujas respostas bem definem a natureza e a origem da obra do Sr. Roustaing, pomposamente chamada “*A Revelação da Revelação*”, que a Federação Espírita Brasileira adota e propaga como sendo a maior obra mediúnica e parte integrante da Terceira Revelação codificada por Allan Kardec !

“Mirabile dictu”.

A prevalecer tão extraordinária e desconcertante interpretação, Moisés, Elias, José, Maria, Mateus, Marcos, Lucas, todos os profetas do velho e do novo testamento, que médiuns foram, também tiveram natureza e origem extra-humanas, porque todos eles, pela mediunidade que possuíam — também conheciam o pensamento dos que os cercavam, também tinham intuições, também estavam a serviço da vontade de Deus.

Pois não é verdade que Pedro sendo interrogado por Jesús sobre quem era o “filho do homem”, respondeu: — Tu és o Cristo, filho de Deus vivo?”

Então, porque Pedro sabia que Jesús era o Cristo, filho de Deus vivo, pode-se admitir que ele Pedro tivesse uma natureza e origem extra-humanas?

Então, porque João Batista, pela sua grande mediunidade, houvesse dito, nas margens do Jordão, referindo-se ao Cristo:

“Eis aquí o Cordeiro de Deus, eis aquí o que tira o pecado do mundo.

“Este é o mesmo de quem eu disse. Depois de mim vem um homem que me foi preferido, porque era antes de mim.”

pode-se inferir que a sua natureza e origem fossem extra-humanas?

Vê-se, pois, que pelo fato de Jesús ter manifestado publicamente possuir faculdades extra-humanas (no dizer do texto) não é lícito concluir-se que tivesse uma natureza e uma origem extra-humanas.

A expressão “faculdade extra-humana” usada no texto, corresponde a “mediunidade”. Ora a mediunidade muitos a possuem, havendo mesmo quem afirme que *todos* a possuem.

Se, pois, admitirmos a “explicação” em foco dada ao Sr. Roustaing, não estaremos longe de afirmar que todos os médiuns têm natureza e origem extra-humanas.

Não pode haver, maior absurdo, não se pode articular maior heresia.

Como, pois, dizer-se que a obra do Sr. Roustaing é parte integrante da obra do Sr. Allan Kardec?..

— CXIII —

O versículo 63, do Cap. VI, do Evangelho de João, que estamos respigando, está assim redigido:

“Que será então, se virdes o filho do homem subir para onde estava antes?”

Explicando êste versículo, lemos à pág. 291, o seguinte:

“Fazendo essa observação a seus discípulos, por estarem murmurando do que acabava êle de dizer, Jesús alude ao fato, então vindoiro, da sua chamada ascensão, atrai para êsse fato a atenção dos discípulos e sobretudo dos apóstolos e mais uma vez afirma serem extra-humanas a sua natureza e a sua origem. Não tendo sofrido a encarnação humana, êle habitava as regiões etéreas e para lá voltaria, terminada a sua missão.”

Mais uma vez se depreende dessa explicação o único intuito de levar ao espírito do leitor a convicção de serem extra-humanas a natureza e a origem de Jesús.

Mas, perguntamos: como assim concluir?

Todos os espíritos que vivem na Terra, uma vez terminada a sua missão, a sua tarefa, a sua provação, subirão, também, para onde estavam antes, isto é, para o espaço, para as regiões etéreas, para o plano da espiritualidade que é a pátria de todos os espíritos. E porque assim é, poder-se-á dizer que a origem e natureza dos espíritos que vivem na terra, sejam extra-humanas? Responder afirmativamente será negar a evidência de uma verdade para aceitar a imposição de uma mentira.

Não menos interessante e bastante revelador da “elevação moral” dos Espíritos que revelaram ao Sr. Roustaing “Os Quatro Evangelhos” ou a “Revelação da Revelação” é o seguinte raciocínio assim redigido, para corroborar a afirmativa de serem extra-humanas a natureza e a origem de Jesús:

“Para admitir-se que tal tenha sido a realidade (a de haver Jesús sofrido encarnação material), preciso é se admita igualmente que os discípulos de Jesús fossem VELHACOS ou bastante INSENSATOS, ao ponto de sacrificarem suas vidas pelos devaneios de UM QUE SABIAM SER IMPOSTOR. Sim, JESÚS NÃO PODIA SER PARA SEUS DISCÍPULOS SENÃO UM IMPOSTOR, desde que êstes se tivessem visto obrigados a fazer que o corpo do Mestre desaparecesse, a fim de acreditarem, sem dúvida êles mesmos, na veracidade do que lhes ele dissera.”

Ousamos perguntar:

Qual o espírito de luz, habitante das regiões superiores do plano da espiritualidade, cuja elevação lhe permitiu ser um dos colaboradores na inegalável missão do Cristo, ensinando aos homens o Caminho, a Verdade e a Vida para que êles se tornassem um dia espíritos purificados e assim gozassem o reino do Céu, — seria capaz de formular uma hipótese apoiada na velhacaria ou na insensatez dos discípulos de Jesús?

Qual o Espírito iluminado que, para argumentar ou sustentar um princípio, teria necessidade de admitir a qualificação de “impostor” na pessoa de Jesús?

Nenhum, afirmamos e afirmarão todos quantos têm conhecimentos da doutrina dos Espíritos, codificada pelo missionário insigne que foi o Sr. Allan Kardec, de indiscutível autoridade em tudo quanto o Espiritismo ensina.

E para que não paire a menor dúvida sobre o que acima escrevemos, acêrca das expressões grosseiras usadas pelos espíritos que “revelaram” ao Sr. Roustaing a chamada “Revelação da Revelação”, reproduzimos aqui a lição do mestre Allan Kardec, ao tratar da “Identidade dos Espíritos”, na sua obra “O Livro dos Médiuns”.

Assim ensina Allan Kardec:

“A bondade e benevolência são, ainda, atributos essenciais dos espíritos purificados; não têm ódio

aos homens nem aos espíritos; lamentam as fraquezas, criticam os erros, mas sempre COM MODERAÇÃO, SEM FEL NEM ANIMOSIDADE.

Se se admite que os Espíritos verdadeiramente bons so podem querer o bem e dizerem boas coisas, concluir-se-á daí que TUDO QUANTO MANIFESTA, NA LINGUAGEM DOS ESPÍRITOS, FALTA DE BONDAD E DE BENEVOLÊNCIA, NÃO PODE EMANAR DE BONS ESPÍRITOS."

Não podemos encerrar este nosso estudo, sem uma ligeira observação que, certo, trará aos que nos lêem, um elemento a mais para reforçar a sua opinião sobre a obra do Sr. Roustaing.

E' incontestável que o objetivo máximo, senão único, da obra do Sr. Roustaing, pomposamente chamada "Revelação da Revelação" é "revelar" a natureza e origem extra-humanas de Jesus. Dizem os Espíritos que lhe "revelaram" a obra, que Jesus não teve um corpo material, mas sim fluídico, pelo que, Maria, sua mãe, continuou virgem, mesmo depois do parto, que foi simplesmente aparente. Foi essa a doutrina que eles vieram revelar.

Antes do aparecimento da obra do Sr. Roustaing, ninguém, que nos conste, havia revelado que Jesus tinha um corpo fluídico por ter sido fluídica a sua incarnação. Ninguém, pois, podia admitir essa incarnação fluídica, por isso que a ignoravam, por não ter sido ela revelada aos homens.

Como, pois, entender-se as seguintes palavras dos Espíritos do Sr. Roustaing:

"Os homens só não compreendem, SO' NÃO QUEREM ADMITIR A INCARNAÇÃO FLUÍDICA DE JESUS, única que podia tolerar um espírito da natureza do seu, por se acharem demasiadamente presos à matéria."

Ora, se os Espíritos estavam "revelando" a incarnação fluídica de Jesus, como poderiam os homens não quererem admitir essa mesma incarnação, de vez que a não conheciam, porque ainda não lhes tinha sido revelada?

E insistem, ainda, os adeptos e crentes da obra do Sr. Roustaing, em considerá-la parte integrante da Terceira Revelação codificada por Kardec!...

E', sem dúvida, um verdadeiro atentado à memória do ilustre e emérito Codificador.

— CXIV —

Há no Capitulo X do Evangelho segundo João, um versículo que tem o número 39, assim redigido:

V. 39 — *"Tentaram então os Judeus prendê-lo, mas elle se lhes escapou das mãos: Exiit de manibus eorum."*

Neste versículo, encontraram os Espíritos "reveladores" da obra do Sr. Roustaing, mais um argumento para sustentarem a "revelação" que estavam dando ao mundo sobre a origem e natureza extra-humanas de Jesus, que, segundo essa revelação é espírito que nunca falira, nunca tivera uma incarnação corporal e que, finalmente, viveu na terra 33 anos, com um corpo fluídico, mas tangível, que aparecia e desaparecia do ambiente terreno segundo as necessidades impostas pela sua missão.

E' o que nos evidencia, a "explicação" que lemos à pág. 357, sobre o citado versículo, explicação assim redigida:

"Este fato vem confirmar a natureza extra-humana de Jesus e a põe em evidência."

Escapou das mãos dos Judeus, que já o tinham querido apedrejar, que se achavam tomados de furor e o cercavam, visto que estavam reunidos em torno d'ele. Já tivemos ocasião de vos falar d'este fato. Jesus se lhes escapou das mãos, vós o sabeis, fazendo desaparecer a tangibilidade do seu corpo fluídico."

Compreende-se do versículo e da "explicação" que os Ju-

deus haviam prendido o Mestre, tanto assim que o tinham nas mãos. Mas essa detenção não perdurou, por isso que Jesus, valendo-se do seu poder e da prerrogativa de possuir um corpo fluídico, fez desaparecer a tangibilidade dêsse seu corpo, vale dizer, volatilizou-se, desapareceu, sem deixar o menor vestígio nas mãos do Judeu que o tinha seguro, nem sequer um pedaço da sua vestimenta, da roupa que certamente usava, deixou nas mãos do seu detentor, o que nos deixa supor que também era fluídica.

Mas, perguntamos: Por que o Evangelista disse que Jesus se escapou das mãos do judeu que tentara prendê-lo, é argumento bastante e convincente para que se possa deduzir dêsse fato ser fluídico o corpo do Mestre?

Então porque alguém se escapar das mãos de quem o prende, pode-se-lhe atribuir a posse de um corpo fluídico?

Não será isto querer estabelecer um princípio, um postulado, um credo, com exclusão do raciocínio, da razão, da lógica e do bom senso? Certo que sim.

Para maior evidência do absurdo ou da infantilidade com que os Espíritos do Sr. Roustaing argumentam na sustentação da doutrina que vieram "revelar" aos homens, basta lembrar aqui, uma outra passagem evangélica, muito semelhante a essa da prisão do Cristo, em que também se verificou a escapula de um preso, sem que, por isso, afirmado fosse que êsse preso, que se escapara das mãos de seu detentor, tivesse um corpo fluídico!

Essa passagem, descreve-a Marcos ao relatar a prisão de Jesus, onde se lê os seguintes versículos:

V. 50 — *"Então abandonando-o, seus discípulos fugiram todos."*

51 — *"Seguia-o um mancebo, coberto unicamente com um lençol, e os soldados o prenderam."*

52 — *"Ele, porém, largando o lençol, lhes fugiu nu das mãos."*

Aqui temos um mancebo que foi preso e conseguiu fugir das mãos do seu detentor, e no entanto, na interessantíssima "explicação" que a êsses versículos deram os Espíritos do Sr. Roustaing, não sustentaram que o corpo desse fugitivo fosse fluídico. Mas sustentaram coisa muito mais absurda

e que chega mesmo a ser pilhérica, como já observamos em uma das nossas apreciações da série dêstes estudos.

Estamos, pois, diante de uma prova irrecusável da precariedade da nova teoria que a "Revelação da Revelação" do Sr. J. B. Roustaing, veio revelar.

Quando espíritos que se assinam como sendo os Evangelistas, lançam mão de recursos desta natureza para sustentar uma teoria, é evidente que essa teoria não contém em si aquela partícula da Verdade que a torna invulnerável.

Evidenciado fica, pois, que por haver Jesus escapado das mãos do judeu que o prendera, não confirma, em absoluto, a sua natureza extra-humana, como pretende o Espírito que, sob o nome de João e dizendo-se assistido pelos demais Evangelistas e ainda pelos Apóstolos, revelou ao Sr. Roustaing a obra "Os Quatro Evangelhos" ou "Revelação da Revelação".

NMUMA RELAÇÃO TINHAM COM A IMPRESSÃO DOLOROSA QUE CAUSAM A AMPUTAÇÃO DE UM MEMBRO, A CONTUSÃO NUMA PARTE QUALQUER DO CORPO HUMANO! Era, porém, suscetível de receber impressões exteriores que repercutiam no moral com violência, para vós, inaudita. Eis porque vos dizemos que Jesus, vítima voluntária do amor que consagra a seus protegidos — os homens da terra, se bem não sofresse do ponto de vista carnal, sofreu violentamente.”

— CXV —

Dedicam os Espíritos autores da obra “Revelação da Revelação”, transmitida ao Sr. J. B. Roustaing, uma larga exposição explicativa sobre os sofrimentos de Jesus, objetivando desfazer o argumento de que se não fôra carnal o seu corpo não teria ele sofrido os suplicios que lhe foram infligidos, desde a sua prisão até à sua crucificação.

Para o Sr. Roustaing o Cristo não sofreu as dores físicas, porque não possuía um corpo material, mas sofreu as dores morais, porque seu espírito, pela sua excelsa pureza, possuía uma elevadíssima sensibilidade que lhe permitia receber tôdas as impressões exteriores.

Aquí está como argumentam os Espíritos do Sr. Roustaing:

“Oh! vós, que recusais valor ao sacrificio de Jesus, por não se achar ele revestido de um corpo de carne, perecível como os vossos, abri os vossos próprios corações e perscrutai, com sinceridade, o fundo de vossas almas. Que preferiríeis: suportar a tortura do corpo, ou suportar o desespero de testemunhar a ingratidão, a negrura da alma, o crime, naqueles a quem mais amor tendes do que a vós mesmos?”

E mais adiante, como que concluindo:

“Seu corpo fluídico, de natureza perispiritica, tangível e visível para os homens, não era suscetível de experimentar a dor material, porque EFETIVAMENTE, AS SENSACÕES QUE RECEBIA, NE-

Todos os espíritos que a bondade de Jesus tem permitido baixar até nós para trazer-nos o esclarecimento da sua doutrina, são unânimes em afirmar, por médiuns sem conta, que a sublime missão do Cristo quando entre os homens, se desdobrou em duas grandes metades: uma que constituiu a sua pregação, o ensino da Verdade, a evangelização das almas; outra que consistiu na exemplificação, pelo sofrimento, pelo sacrificio de sua própria vida. Só assim poderia ele confirmar ser “o Caminho, a Verdade e a Vida”. O que distingue Jesus dos grandes e iluminados Espíritos que o antecederam na terra, como Sócrates, Buddha, Confúcio e tantos outros que também pregaram o amor ao próximo e exaltaram uma moral perfeita, — é justamente a sua exemplificação pelo sacrificio.

E o que exemplificou o Cristo, no topo do Calvário quando na cruz pregado? A resignação na dor, a conformação com a vontade de Deus, o perdão que devemos dar aos nossos inimigos, e, finalmente, o testemunho vivo de que bem houvera cumprido a sua missão terrena.

E foi por isso que ele se deixou prender e foi crucificado. Se ele possuía todo aquele poder que os Espíritos do Sr. Roustaing lhe atribuem e que nós, também, lhe reconhecemos como Espírito puro que é, bem poderia, se o quisesse, evitar a sua prisão, emudecer os que contra ele blasfemavam, paralisar a ação dos que o açoitavam, a todos confundindo e a todos demonstrando que realmente era o Messias prometido, o Enviado anunciado pelo Batista às margens do Jordão.

Logo, o seu sacrificio, a sua morte na cruz, fazia parte integrante da sua missão, para beneficio da humanidade, e esse sacrificio e essa morte não podiam deixar de ser reais, verdadeiros, materiais, porque SÓ ASSIM seriam compreendidos pelo povo daquela época.

Não lamentar, não blasfemar, não se mostrar sequer irritado diante da dor física é, sem dúvida, exemplificar a resignação, a conformação com o sofrimento; é grandioso, é sublime, é divino. Mas, ser açoitado, ser pregado numa cruz com dois enormes cravos a perfurar as mãos e outro a perfurar os pés, SEM TER UM CORPO DE CARNE, não é, positivamente, exemplificar o sofrimento com resignação, não é, absolutamente, exemplificar como devemos suportar as dores físicas que nos acicatam; mas é, incontestavelmente, ilustrar a quantos assistiram à dolorosa cena do Calvário.

Contudo, dizem os Espíritos do Sr. Roustaing: o Cristo sofreu mais, sofreu violentamente, porque sua dor foi moral.

Mas, perguntamos: a quem aproveita as dores morais? Certo a quem as sabe suportar. Quem há que possa avaliar, com precisão, a dor moral de outrem, admitindo-se, mesmo, que se possa conhecer da sua existência? Ninguém.

Ora, o Cristo, Espírito perfeito, não tinha necessidade de suportar as dores morais para a sua própria evolução, por isso que já alcançou a perfeição moral, patrimônio dos espíritos puros; por outro lado, de nada lhe valeria, para cumprimento da sua missão terrena, o sofrimento moral, por isso que os seus algozes, os seus perseguidores e toda a humanidade daquela época, não se achava ainda em situação de compreender essa dor moral que se reflete no espírito, porque a evolução de seus espíritos ainda não lhes permitia semelhante compreensão.

Certo o Cristo sentiu a grande dor moral que a ingratidão dos homens lhe causou, mas essa dor sentem-na todos os Espíritos esclarecidos e que ainda estão muito longe de possuírem a perfeição já atingida pelo Mestre.

Essa dor moral, pois, que o Cristo sofreu, não pode ser considerada como exemplificadora da sua incomparável missão na terra, ensinando aos homens os esplendores da VERDADE e exemplificando-lhes o CAMINHO que os fará viver um dia, a verdadeira VIDA.

— CXVI —

Em o nosso artigo anterior, ao tecermos considerações em torno do versículo 23 do Cap. XII, do Evangelho segundo João, no tocante aos sofrimentos de Jesus e com as quais procuramos evidenciar que não bastariam os sofrimentos morais padecidos pelo Cristo para que cumprida fosse a sua missão, como querem fazer crer os Espíritos do Sr. Roustaing, nesse nosso estudo, repetimos, dissemos o seguinte: *"Logo, o seu sacrifício, a sua morte na cruz, faziam parte integrante da sua missão, para benefício da humanidade, e esse sacrifício e essa morte não podiam deixar de ser reais, verdadeiros, materiais, porque SÓ ASSIM seriam compreendidos pelo povo daquela época."*

Continuando a leitura desse capítulo, encontramos à pág. 397 a plena confirmação do nosso verdadeiro e exato raciocínio manifestado nas palavras que acima reproduzimos. Quer isto dizer, que, a despeito de tudo, para o Sr. Roustaing também, para que os judeus compreendessem o valor dos sofrimentos de Jesus, estes teriam de ser, realmente, materiais e não exclusivamente morais. Consequentemente, para que assim fosse, preciso era que o corpo do Cristo fosse material e não fluídico, pois que nos corpos fluídicos um instrumento cortante ou qualquer outro nele penetra "como se penetrasse numa massa de vapor sem lhe ocasionar qualquer lesão", como nos ensina Allan Kardec (Genesis, pág. 342).

Ora, ninguém nega, nem mesmo o Sr. Roustaing, que o corpo do Cristo sofreu lesões. De sua fronte jorrou sangue ao penetrar nela os agudos espinhos da corôa com que o coroaram; suas mãos e seus pés foram perfurados pelos cravos que o prenderam ao madeiro no cimo do Calvário; a lança do qua-

drilheiro lhe produziu aquela profunda lesão, que bem simboliza a perversidade a serviço da maldade humana!

Se tudo isso se passou com o Cristo, incontestavelmente, o seu corpo foi de natureza humana. São, ainda de Kardec, estas palavras de clareza meridiana:

“Se as condições de Jesús, durante a sua vida, fossem as dos seres fluídicos, êle não teria experimentado nem a dor, nem as necessidades do corpo. Supor que assim haja sido é tirar-lhe o mérito da vida de privações e de sofrimentos que escolhera, como exemplo de resignação.”

Dissemos, acima, que havíamos encontrado, à pág. 397, do 4.^o Volume que estamos estudando, a confirmação da nossa afirmativa de que SOMENTE tendo o Cristo um corpo material poderia ser compreendido pelos judeus daquela época. Vamos transcrever o trecho que se lê na referida página. Ei-lo:

“Aos homens materiais daquela época era, necessário, primeiramente, O ASPECTO HUMANO DA REVELAÇÃO E DOS SOFRIMENTOS MATERIAIS, ÚNICOS QUE ÊLES PODIAM COMPREENDER, ÚNICOS QUE PARA ÊLES TINHAM VALOR.”

Ora, aí temos, bem claramente positivado, segundo os próprios Espíritos que revelaram ao Sr. Roustaing a “Revelação da Revelação”, que os sofrimentos humanos eram OS ÚNICOS que os homens daquela época podiam compreender, eram OS ÚNICOS que para êles tinham valor.

Isto vem provar, mais uma vez, o que muitas vezes já afirmamos, isto é, que a obra do Sr. Roustaing é um verdadeiro emaranhado de idéias, de princípios e de deduções que se chocam constantemente, deixando o leitor num estado de confusão tal que o inibe de ter uma compreensão perfeita sobre a nova teoria que a obra pretende revelar. Ora nos revela o Sr. Roustaing que se não fôra de natureza fluídica o corpo de Jesús, não se explicariam várias passagens das narrativas evangélicas; ora nos declara que se não fôra material o corpo de Jesús, os homens daquela época não poderiam compreender os sofrimentos físicos do Mestre como objetivo da sua missão exemplificadora da resignação e da submissão aos designios da vontade do Pai. E quando se torna muito difícil uma explicação aceitável, êsses mesmos “Es-

piritos Superiores” que disseram ao Sr. Roustaing serem Mateus, Marcos, Lucas e João e se acharem assistidos, ainda, dos Apóstolos, — para maior segurança e maior credulidade — não se perturbam, e dizem calmamente, com uma naturalidade espantosa: — “Assim tinha que ser”, “era preciso que assim tudo se passasse para cumprimento da missão de Jesús”, e outros dizeres semelhantes, que enxameiam a obra.

Mas, a despeito de tudo isto, que é visível e facilmente verificável a quem manuseiar a “Revelação da Revelação”, ainda há quem endosse a afirmativa amplamente divulgada pela Federação Espírita Brasileira, de que a obra do Sr. Roustaing é a maior produção mediúnica de todos os tempos e deve ser considerada como parte integrante da 3.^a Revelação codificada pelo Sr. Allan Kardec, a despeito mesmo de ter êle, insofismavelmente, afirmado que, até confirmação mais ampla, as explicações contidas nessa obra NÃO DEVEM SER TIDAS COMO PARTE INTEGRANTE DA DOUTRINA ESPÍRITA!

Diante disso...

— CXVII —

Os Versículos 25 e 26 do Cap. XIV do Evangelho segundo João, têm, na obra do Sr. Roustaing, esta redação:

"V. 25 — Tenho-vos dito estas coisas, estando ainda convosco.

V. 26 — Mas o Consolador, que é o Espírito Santo, que meu pai enviará em meu nome vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar tudo o que vos tenho dito".

Esse Consolador prometido pelo Cristo, todos nós sabemos que é o Espiritismo, ou a Terceira Revelação codificada por Allan Kardec, por isso que ela condensa o ensino dos Espíritos Superiores, ensinos esses que não só nos revelam "tôdas as coisas", embora em princípio, como nos lembram tudo quanto o próprio Cristo houvera dito durante sua gloriosa missão.

Essa noção que possuímos do que seja o "Consolador", aprendemos em Kardec que assim comenta os referidos versículos:

"Jesus promete outro consolador: O Espírito da Verdade, que o mundo ainda não conhece, por não estar maduro para o compreender, consolador que o Pai enviará para ensinar tôdas as coisas e para relembrar o que o Cristo há dito. Se, portanto, o Espírito da Verdade tinha que vir mais tarde ensinar tôdas as coisas, é que o Cristo não dissera tudo; se ele vem relembrar o que o Cristo disse, é que o que este disse foi esquecido ou mal compreendido.

"O ESPIRITISMO vem, na época predita, CUMPRIR A PROMESSA DO CRISTO: preside ao seu advento o Espírito da Verdade. Ele chama os homens à observância da lei; ENSINA TÔDAS AS COISAS FAZENDO compreender o que o Cristo disse por parábolas. Advertiu o Cristo: "Ouçam os que têm ouvidos para ouvir. O Espiritismo vem abrir os olhos e os ouvidos, porquanto fala sem figuras, nem alegorias; levanta o véu intencionalmente lançado sobre certos mistérios. Vem, finalmente, trazer a consolação suprema aos desherdados da terra e a todos os que sofrem, atribuindo causa justa e útil a tôdas as dores".

Vejamos, agora, a interpretação, ou melhor a "explicação" que os Espíritos que se assinaram Mateus, Marcos, Lucas e João deram ao sr. J. B. Roustaing, por intermédio de um único médium, a Sra. Collignon e que se encontra na sua obra "Revelação da Revelação" ou "Os Quatro Evangelhos".

Assim se lê, à página 437, do 4.º Volume:

"Jesus anuncia AOS DISCÍPULOS o amparo que LHES trarão os Espíritos do Senhor, incumbidos de SECUNDÁ-LOS na missão terrena que vão desempenhar".

Como se vê, Kardec amplia o pensamento do Cristo, pois para ele o Consolador prometido é o Espiritismo, com o seu caráter de universalidade, como fonte onde toda a humanidade poderá beber a linfa pura que lhe mitigará a sede de Verdade e de Justiça, e onde, também, encontrará o consolo e o conforto para todos os males e aflições. O Sr. Roustaing, ao contrário, restringe o pensamento do Cristo, pois explica que o Consolador personifica os Espíritos Superiores incumbidos de amparar os seus discípulos e auxiliá-los na missão terrena que vão desempenhar. E tanto assim é que, logo a seguir, completa desta forma a "explicação":

"O Mestre não promete que os Espíritos do Senhor LHES vem trazer o conhecimento da ciência universal, mas, apenas que LHES virão ensinar tôdas as coisas correspondentes às necessidades da época".

E se quizeramos nos cientificar mais claramente, de que

os Espíritos do Sr. Roustaing interpretaram o Espírito Consolador como sendo, apenas, os bons espíritos que inspiravam e inspirariam os discípulos e os apóstolos do Cristo para que eles pudessem cumprir a missão que lhes estava reservada basta ler, com a devida atenção, este pequeno resumo, à página 437, *in fine* e 438:

"Compreendidas de acôrdo com o pensamento que as ditou, entendidas segundo o espirito que vivifica aquelas palavras significam o seguinte: "Mas, os Espíritos Superiores, os bons Espíritos, que Deus ENVIARA' em seu nome, para vos inspirar e guiar; ensinar-vos-ão, POR INSPIRAÇÃO, tôdas as coisas que correspondam às necessidades da ÉPOCA PRESENTE, AO DESEMPENHO DA VOSSA MISSÃO e, também PELA INSPIRAÇÃO, vos farão lembrar de tudo o que vos tenho dito".

Quem quer que leia atentamente os trechos transcritos, e os leia com desejo sincero de conhecer a verdade, ficará sabendo se realmente a obra do Sr. Roustaing recebida através da mediunidade de Mme. Collignon, é obra que mereça ser classificada como "Revelação de ordem divina" e parte integrante da Terceira Revelação codificada por Allan Kardec e transmitida ao mundo através da mediunidade de centenas de médiuns localizados em diversos pontos do globo.

E não nos esqueçamos de que, sobre os versículos em apreço, temos ainda, a palavra insuspeita, até hoje, do próprio "Espírito da Verdade", que assim se manifestou:

"Eu venho, como outrora entre os filhos desgarrados de Israel, trazer a verdade e dissipar as trevas. Ouvi-me. O ESPIRITISMO COMO OUTRORA MINHA PALAVRA, tem que lembrar aos incrédulos que acima deles reina a imutável verdade: o bom Deus, o Deus Grande que faz germinar a planta e se levantem as ondas."

E', pois, o próprio "Espírito da Verdade" que nos diz, ser o Espiritismo o Consolador prometido.

— CXVIII —

Estamos a terminar o 4.º e último volume da obra do Sr. J. B. Roustaing, e, assim, a tarefa a que nos propusemos, de evidenciar que ela não é uma Revelação de ordem divina e, conseqüentemente, não pode ser tida como parte integrante da Terceira Revelação, codificada por Allan Kardec.

O estudo que hoje vai merecer a nossa atenção, revestese, sem dúvida, de grande importância pela insofismável conclusão a que ele nos leva; conclusão essa que destrói por completo toda arquitetura extravagante, arditamente projetada, para levar aos de boa fe e aos desprevenidos a convicção insustentável de que Jesus não nasceu como os demais seres humanos, mas "apareceu" num estábulo de Belém, sendo, por isso, um ser extra-humano, possuidor de um corpo fluidico que aparecia e desaparecia segundo a sua vontade, sempre que necessário fosse ao cumprimento da grande missão que viera realizar na Terra.

Pedimos, pois, aos nossos leitores, aquela acentuada atenção que se torna necessária sempre que nos dispomos a pesquisar a verdade onde quer que ela se encontre. Vejamos:

Os versículos 23 e 24 do Cap. XIX, do Evangelho segundo João, estão assim redigidos, em "Os Quatro Evangelhos" de J. B. Roustaing, a fls. 498 do 4.º Volume:

"V. 23 — Os soldados, tendo-o crucificado, tomaram de suas vestes e as dividiram em quatro partes, uma para cada soldado. Tomaram também da túnica, mas, como não tivesse costura e fosse tecida de alto a baixo.

24 — disseram entre si: Não a rasguemos: deitamos sorte para ver quem a terá; afim de que se cumprisse esta palavra da Escritura: Repartiram entre si as minhas vésies; deitaram sorte sobre a minha túnica. — E, efetivamente, os soldados assim fizeram”.

Segundo essa narrativa feita por João, o Evangelista, a cena se passara assim: Jesús, tendo sobre suas vestes uma túnica e sobre seus ombros uma pesada cruz de madeira, havia chegado ao topo do Calvário. Os soldados encarregados de cumprir a sentença proferida por Pilatos, despiram-no e o crucificaram. Depois, dividiram-lhe as vestes em quatro partes e cada um dos soldados ficou com a sua. Quanto à túnica, não a rasgaram porque nela não viram costura alguma; deitaram sorte para ver a quem ela tocaria. Diz, ainda, o Evangelista, que assim se passou para que cumprida fosse a palavra da Escritura.

Está, pois, perfeitamente caracterizada a existência de, pelo menos, duas peças de roupa sobre o corpo de Jesús. Uma que lhe cobria o corpo e outra que lhe servia de túnica. Essas peças de vestuário, eram confeccionadas com tecido fabricado por mãos humanas, como todos os demais tecidos. Não era, absolutamente, de formação fluídica, de forma aparente, ou de fluido tangibilizado, como era o corpo de Jesús, segundo a “Revelação da Revelação”, do Sr. J. B. Roustaing.

Que as vestes de Jesús não eram fluídicas, afirmam-no também, nesse passo, os Espíritos que “revelaram” “Os Quatro Evangelhos”. E’ o que se lê na “explicação” que deram a esses versículos, assim redigida:

“Nenhuma importância tem o fato relativo à túnica, que, segundo o uso, ERA FEITA DE UM TECIDO DE FABRICAÇÃO HUMANA. A singularidade notada nela, pelos que entre si repartiram as vestes de Jesús, PROVEIO DE UMA INFLUÊNCIA MAGNETO-ESPÍRITA, QUE OS IMPEDIU DE VER AS COSTURAS DA FAZENDA”.

Como se vê, dúvida não existe no tocante a serem de fabricação humana as vestes que cobriam o corpo de Jesús, durante a sua permanência na terra, entre os homens. Nos 33 anos que viveu, sempre andou vestido, e porque não era alfaite, forçoso é concluir-se que ele adquiria a sua roupa

em qualquer parte, e para adquiri-la tinha que ir com o seu “corpo fluídico” a qualquer estabelecimento fazer a compra e pagar o preço.

Seria possível tudo isso?

Um corpo fluídico, pode suportar uma vestimenta que não seja também fluídica, ou melhor dizendo, que não tenha a mesma formação, a mesma constituição do corpo que vai revestir? Não nos parece.

Dir-se-á que nas materializações de espíritos, eles nos aparecem com vestes de tecido. Mas, objetamos, essas vestes, esses tecidos, têm a mesma formação que os corpos que revestem, não são fabricados nos teares industriais por mãos humanas.

Ora, se realmente Jesús possuía vestes de “fabricação humana” e não fluídica como poderia ser e o seu alto poder o permitia, é porque também humana era a sua formação.

A lógica assim nos mostra.

E para finalizar, mais uma flagrante contradição que talvez tenha passado despercebida aos estudiosos: Diz a narrativa evangélica, confirmada, sem contestação, pelos demais Evangelistas, que a túnica usada pelo Cristo, não tinha costuras, era tecida “de alto a baixo”. Pois bem, essa particularidade é contestada pelos Espíritos Superiores que “revelaram” ao Sr. Roustaing “Os Quatro Evangelhos”. Segundo essa nova “revelação” a túnica do Cristo tinha costuras, apenas... elas não foram vistas pelos soldados, porque uma “influência magneto-espírita” os impediu de vê-las...

— CXIX —

No Evangelho, segundo João, Cap. XIX, os versículos 28, 29 e 30, estão assim redigidos à pág. 499, do 4.º Volume de "Os Quatros Evangelhos" do Sr. J. B. Roustaing:

"28 — Em seguida, sabendo Jesús que tudo estava cumprido, disse, afim de que se cumprisse uma outra palavra da Escritura: Tenho sede.

29 — Como estivesse ali um vaso cheio de vinagre, os soldados ensoparam no vinagre uma esponja, ataram-na a um hissopo e lha chegaram à boca.

30 — Jesús, tendo tomado o vinagre, disse: Tudo está consumado, e, deixando pender a cabeça, rendeu o Espírito".

Ao lermos estes versículos veio-nos à mente o seguinte: Como teriam os Espíritos que ao Sr. Roustaing "revelaram" a "Revelação da Revelação" explicado houvesse o Cristo bebido vinagre, quando na cruz expirava. A "explicação" se encontra em três linhas, apenas, assim redigidas:

"Já dissemos, comentando os três primeiros Evangelhos: JESÚS NÃO BEBEU O VINAGRE. E, a esse respeito, demos tôdas as explicações necessárias".

Ora, Mateus e Marcos nos relatam, também, a mesma cena, isto é, que ao Cristo foi dado uma esponja embebida em vinagre. Assim sendo, a negação do fato contida na obra do

Sr. Roustaing, para os estudiosos da doutrina, é assunto de relevância, motivo de instrução e, quicá mesmo, elemento para mais consolidar a sua convicção.

Abrimos, pois, o 3.º Volume da obra do Sr. Roustaing em busca da "explicação" prometida, e encontramos à pág. 459 os versículos correspondentes, que são o 48 segundo Mateus e o 36 segundo Marcos. Quanto porém, a "explicação" prometida no 4.º Volume, nem uma só palavra, nem a mínima referência, nem a mais leve insinuação acerca da esponja embebida em vinagre e dada a Jesús para matar-lhe a sede, segundo relata João.

Ora, que se depreende disto, em se tratando de uma obra que se diz ser uma nova revelação de ordem divina, transmitida pelos Espíritos dos próprios Evangelistas?

De duas, uma: ou essa obra não é uma "Revelação", como foi a codificada por Allan Kardec, ou teremos que admitir que os Espíritos Superiores que a revelaram são mentirosos ou esquecidos. E porque a Doutrina nos ensina que os Espíritos Superiores, os de ordem elevada, não mentem, não iludem, nem afirmam nada que esteja em desacordo com as eternas e imutáveis leis naturais ou divinas, segue-se, insofismavelmente, que a obra do Sr. Roustaing, "Os Quatro Evangelhos" ou "Revelação da Revelação", não foi ditada pelos Espíritos Superiores, que, quando na Terra, ao tempo do Cristo, se chamaram Mateus, Marcos, Lucas e João.

Não menos concludente dessa nossa afirmativa é o que nos dizem esses mesmos Espíritos sobre o fermento feito no corpo de Jesús, com uma lança, por um dos soldados encarregados da execução da sentença de Pilatos.

Diz Roustaing, na sua obra:

"Aquele sangue e aquela água que lhe saíram do lado, logo após o lanço, FORAM UM EFEITO FLUÍDICO, idêntico, na aparência, para os olhares dos homens, ao efeito material que o golpe produziria num corpo humano".

Com essa "explicação", do corpo do Cristo não saiu sangue humano nem água por efeito do lanço, mas sim um líquido, de formação fluidica, com aparência de sangue e água.

Mais adiante, no entanto, respondendo a uma objeção

formulada pelo Sr. Roustaing responderam-lhe os Espíritos reveladores nos seguintes termos:

"Aos que tal pretendem, e colocando-vos no seu ponto de vista, podeis fazer notar que Jesus acabava de exalar o último suspiro e que o golpe de lança foi dado na região do corpo que, PELA SUA MESMA POSIÇÃO E PELO GÊNERO DA MORTE QUE SE DERA, conserva mais o calor e, consequentemente, vida animal. Nada, pois, de surpreendente haveria em que o sangue, MESMO QUE FOSSE SANGUE HUMANO, estivesse ainda suficientemente líquido para se apresentar nos bordos da ferida, separando-se das partes aquosas que contém e que dele se dissociam ao dar-se a coagulação".

Aqui temos, evidentemente, uma retratação, a mais, do que fôra anteriormente dito.

De fato: Se não era sangue humano o que foi vertido do corpo do Cristo pelo golpe de lança que lhe desferira o soldado, como "explicaram" os Espíritos do Sr. Roustaing, como admitir-se, agora, a nova afirmativa de que o sangue correrá líquido do corpo de Jesus, porque o golpe fôra dado em uma região do corpo que pela sua posição e PELO GÊNERO DA MORTE QUE SE DERA, havia mais calor, mais vida animal, de forma a não permitir a imediata coagulação do sangue?

E é assim, com contradições a cada passo, com sofismas habilmente arquitetados, com avasivas flagrantes e emaranhados de idéias para gerarem dúvidas e confusões que a obra do Sr. Roustaing se apresenta como sendo uma Revelação de ordem divina, parte integrante da Terceira Revelação codificada por Allan Kardec, "a maior obra mediúnica de todos os tempos", no dizer da Federação Espírita Brasileira, única no mundo inteiro que a propaga da tribuna e pelo livro.

— CXX —

Com o estudo anterior terminamos a análise do 4.º e último Evangelho, que é o de João, e que se encontra na obra do Sr. J. B. Roustaing. Como complemento dessa mesma obra, nos dá o seu autor "OS MANDAMENTOS explicados em espírito e verdade". Não nos deteremos em pesquisar o que neles se contém em abono do que, convictamente, pensamos a respeito da obra do Sr. Roustaing.

Apenas, para evidenciar aos nossos leitores, o grau de credibilidade em que deve ser tido êsse adendo da obra, aqui deixamos esta amostra:

Referindo-se ao massacre que Moisés ordenou fosse feito, em nome do Senhor, dentro do acampamento hebreu, conforme narrado está, em Exodo, cap. XXXII, dizem os Espíritos "reveladores" da obra do Sr. Roustaing:

"Os que tombaram mortos aos golpes dos levitas tiveram uma sorte prevista e por eles pedida, porquanto uns pertenciam à categoria dos que haviam tomado por missão manter na terra e popularizar a idéia da unidade de Deus e rogado que o curso da existência terrena lhes fosse detido, caso faltassem aos seus compromissos; pertencendo os outros à dos que, tendo de expiar assassinios por eles cometidos anteriormente, pediram aquela expiação e a sofreram. "Foi assim e nenhum golpe se perdeu, porque em circunstâncias tais, como deveis compreender, OS ESPÍRITOS PROTETORES PREPOSTOS A VIGIAR AS PROVAS E EXPIAÇÕES DE CADA UM, PARA QUE ELAS SE CUMPRISSEM, IMPELINDO OS CULPADOS OU DIRIGINDO AS

ESPADAS DOS QUE ACUTILAVAM, faziam que aqueles recebessem o golpe que os prostraria. Deu-se ali o que se dá com a bala que deve ferir a este ou aquele e que segue a sua trajetória, mesmo quando toda a probabilidade era de que se perdesse".

Isto está escrito à página 527 do 4.º Volume de "Os Quatro Evangelhos" de J. B. Roustaing, obra que a Federação Espírita Brasileira diz ser parte integrante da Terceira Revelação codificada por Allan Kardec!!

E' realmente, de causar estupefação, pasmo, atordoamento e espanto o admitir-se Espíritos protetores dando direção às espadas dos guerreiros para que os adversários recebessem o golpe mortal!

Que bela lição sôbre a missão dos Espíritos Superiores!

Diante disto, não se torna necessário prosseguir na leitura de "Os Mandamentos" explicados em espírito e verdade pelos Evangelistas Mateus, Marcos, Lucas e João, assistidos pelos Apóstolos constantes da obra do Sr. J. B. Roustaing, sob o título "Os Quatro Evangelhos" ou "Revelação da Revelação".

Não prosseguiremos, pois.

Basta.

De nossa parte está cumprido o árduo, mas agradável dever que nos foi imposto, Graças a Deus e aos bondosos Guias que do mundo espiritual tudo fizeram para que o cansaço não nos vencesse, e não fôssemos arrastados pelas tentações de todo o gênero, armadas pelos descontentes para desviar-nos da linha reta e obstar a serenidade de espírito que sempre mantivemos no decorrer do nosso trabalho.

Alinharemos a seguir, para mais completa elucidação dos que ainda têm dúvidas a respeito do valor da obra do Sr. Roustaing, a opinião de alguns vultos de incontestável valor e indiscutível responsabilidade da difusão do Espiritismo.

Ao nosso confrade e amigo Sr. Fred. Figner que nos ensinou este trabalho, aqui deixamos consignado o nosso agradecimento pelo muito que aprendemos.

ALGUMAS OPINIÕES SOBRE "OS
QUATRO EVANGELHOS" OU A
"REVELAÇÃO DA REVELAÇÃO",
DO SNR. J. B. ROUSTAING

“Não nos oferecem garantia algumas as revelações de Rousstaing. Tudo o que elle afirma, sob sua responsabilidade, não é somente inverificável; entesta com o absurdo, aberra do bom senso, está em opposição flagrante aos principios provados. Ele não demonstra coisa alguma; excepciona, dogmatiza.

Invejoso de Allan Kardec, e sem possuir o seu critério filosófico, ele ambicionou a glória de lhe corrigir a obra, dando-se afoitamente como enviado de Deus”.

AMERICO WERNECK — *Um Punhado de Verdades*,
pág. 27.

*
* *

“As obras de Rousstaing não têm tido em França, nenhuma influência. Somente no Brasil é que elas têm sido consideradas dignas de atenção”.

DR. H. HUBERT FORESTIER — *Secretário Geral da União Espírita Francesa* — (De uma carta dirigida ao Sr. Mariano Rango d'Aragona).

*
* *

Em a brilhante revista “La Idea” que se publica na República Argentina, e que é sem favor nenhum uma das publicações espiritistas onde encontramos os mais preciosos estudos doutrinários firmados pelos expoentes mais iluminados da cultura literária e científica do país amigo, Humberto Mariotti, em um magistral artigo seriado sob a epígrafe “O Fun-

dador do Cristianismo através dos livros medianímicos", assim se manifesta a respeito da obra do Sr. Roustaing:

.....

"Mas em que consiste o espírito da obra mediúnica de Roustaing ditada por Mateus, Marcos, Lucas e João? Consiste na sustentação da doutrina do corpo fluídico de Jesus — Segundo essa obra o Nazareno não veio ao mundo pelo mesmo processo material dos demais seres que habitam a Terra, por isso que foi uma materialização como as que se produzem nas sessões espíritas".

.....

"Sobre o assunto chamamos a atenção dos nossos irmãos do Brasil para que possam verificar que Kardec não confirma, absolutamente, a tese de Roustaing. Entretanto, nesse país amigo costuma-se dizer constantemente que Kardec veio confirmar a obra do autor de "Os Quatro Evangelhos".

.....

"Os Quadro Evangelhos são, na sua maioria, glosas evangélicas que pouco diferem uma das outras. Se Cristo não teve um corpo de carne e osso, como tiveram os homens de todos os tempos, nunca poderá ser tido como o divino paradigma da nossa humanidade. E isto porque o drama do Calvário, o mais heróico, o mais doloroso e divino que a História registra resultará numa simples ilusão, um fato sem relação alguma com a natureza humana que compreende o Cristo e seu martírio como o princípio da eterna revelação e o início de sua redenção evolutiva e divina. Cristo é, por autonomasia, a Incarnação. Sem ela o homem e a própria História careceriam de sentido. Ao passo que com Cristo e sua Incarnação surge no homem a consciência de si mesmo, e ao mesmo tempo a noção de corpo e alma, ou seja, um perfeito conhecimento do espírito incarnado".

.....

"Os espíritas do Brasil deverão considerar o Cristo como um ser vivente e incarnado segundo a natureza do mundo, se querem alcançar o verdadeiro sentido da História. Se fosse como afirma Roustaing em "Os Quatro Evangelhos", uma entidade de corpo fluídico, nada lhe deveria a humanidade nem dele teria que se ocupar tanto."

.....

"Um Cristo de corpo fluídico, como está empenhada em difundir a Federação Espírita do Brasil, a qual admiro e respeito pela obra espírita que realiza, é um Cristo anti-histórico; teria sido uma simples aparição engenhosa que falou aos homens de amor e fraternidade sem sentir em seu próprio ser a dor que caracteriza a condição de espírito incarnado. O homem não poderia deslumbrar-se nem tomar como arquétipo espiritual a um ser de aparência ilusória e que não sabe o que é lutar e padecer nos combates da carne".

HUMBERTO MARIOTTI — "El fundador del Cristianismo através de los libros medianímicos". — "La Idea". Rev. argentina — Janeiro — Fevereiro — Março — Abril e Maio.

*
*
*

LEON DENIS, o apóstolo do Espiritismo na feliz expressão de Gaston Luce, o discípulo querido de Allan Kardec, autor de "DEPOIS DA MORTE", "NO INVISÍVEL", "CRISTIANISMO E ESPIRITISMO", "O PROBLEMA DO SER E DO DESTINO", "JOANA D'ARC MEDIUM", "O GÊNIO CÉLTICO E O MUNDO INVISÍVEL", "O GRANDE ENIGMA", "O MUNDO INVISÍVEL E A GUERRA", e grande número de monografias, assim se expressou sobre as obras de Roustaing:

"Quanto às obras de Roustaing devo dizer-vos que elas não gozam de nenhum crédito em nosso país. Nelas a imaginação teve um papel bem mais preponderante que a mediunidade. Ninguém mais pensa nelas, entre nós, há muito tempo".

(Apud., "Mascaras abaixo", de Ricardo Machado, pág. 13)

*
*
*

Sr. L. MARTIN, diretor da "Revue Suisse de Sciences Psychiques", em carta dirigida ao redator da Revista "A Verdade", assim se manifestou sobre a obra do Sr. J. B. Roustaing, em 27 de outubro de 1914:

Meu caro Confrade:

Vossa carta datada de 1 de agosto não me chegou senão estes dias e eu me apresso em vô-la responder.

Refutar em uma carta os três grossos volumes de Roustaing sobre os Evangelhos, é impossível; mas o que, em meu

entender, responderá a tôdas as teorias reunidas por este autor, é a data da edição da sua obra, que remonta efetivamente a 1866. Se compararmos esta data com a dos fenômenos que trouxeram na América a eclosão do moderno espiritismo, verificaremos que cerca de vinte anos somente separam estas duas datas.

Ora, todos conhecem o acolhimento feito ao moderno espiritualismo nessa época e é fácil compreender que as mentalidades de 1866 não podiam ter sobre tais questões as idéias que atualmente possuímos. Roustaing, homem já encanecido, levava em suas experiências idéias preconcebidas sobre coisas que considerava como tendo bases indiscutíveis e tais idéias influenciaram poderosamente seu médium; então não se falava de inconciente, de leitura e transmissão de pensamentos, de exteriorização do corpo astral, etc., etc. — tudo isto era inteiramente desconhecido do público e no entanto explica muitas coisas.

O grupo de discípulos de Roustaing existente no Brasil, deveria refletir e sobretudo estudar tôdas as questões que servem em nossos dias para eliminar os fenômenos duvidosos do espiritismo, afim de conservarem somente aqueles que só podem ser explicados pela teoria espirita, e este grupo compreenderia então que Roustaing pôde dar de boa fé explicações completamente errôneas.

CONSIDERAR ROUSTAING COMO CHEFE DE DIREÇÃO, E' QUERER ABISMAR-SE VOLUNTARIAMENTE NO ERRO.

Não sei quais as opiniões professadas no Brasil, em relação ao Cristo; provavelmente são várias e opostas; sou, pois, obrigado a vos dar a que tenho sobre este assunto, para vos dar ensejo de ajuizar como pude apreciar a obra de Roustaing. Para mim, como para o maior número dos espiritas franceses, o Cristo é homem e não Deus, homem evoluído ao supremo grau, homem que se propôs a incarnar-se na Terra com plena consciência da missão, assás terrível e bela que aceitou, tendo o objetivo de transmitir aos homens, seus irmãos em Deus, a série de instruções precedentemente dadas à humanidade por numerosos instrutores que o tinham precedido.

Esta missão era bela, porque Ele trazia a idéia de um Deus bom — em substituição ao Deus feroz até então adorado; mas, missão terrível, porque o Cristo vinha a este mundo, sabendo que seu Evangelho o poria em oposição com os que

dispunham da força bruta e que tais pessoas, ávidas de conservar o poder e as riquezas, trata-lo-iam como os homens de outras éras haviam tratado os instrutores que tinham vindo antes d'Ele.

A missão aceita pelo Cristo foi escrupulosamente executada por Ele, mas, convém notar, que ficaram ainda muitas coisas por ensinar; pois que Ele mesmo disse: — "Eu teria ainda muitas coisas que vos dizer, mas não as poderíeis reter". Roustaing sabia já mais coisas que os discípulos de Jesus, mas não soube tudo, porque seu espirito, imbuído de idéias atrasadas, professadas durante cinquenta anos, não poderia aceitar o que nós aprendemos, assim como nós não poderíamos compreender e reter o que nossos descendentes hão de aprender e assim sucessivamente durante toda a vida da humanidade terrestre; cada época de trabalho faz dar um passo para a frente à nossa pobre humanidade, que terminará a sua evolução terrestre para continuá-la alhures.

Eis a minha opinião sobre o Cristo e é esta a opinião que não cesso de sustentar; acrescentarei que o Cristo não diminui, porque se o tenha despojado da sua auréola divina. Aliás eu o considero engrandecido e exaltado à mais sublime altura, pelo seu devotamento e pelo seu amor para com seus irmãos e esta auréola de fraternidade, levada até ao sacrificio, vale mais que a que se lhe tira. Creio ter-me estendido sobre esta questão suficientemente para vos fazer compreender que Jesus — homem, **VEIO A ESTE MUNDO COMO TODOS OS HOMENS**; sou do lado oposto à teoria de Roustaing, como à teoria católica romana que o faz ressuscitar depois de sua morte, porque para mim tôdas as manifestações de sua pessoa depois de sua morte, são fluidicas e simplesmente de materializações.

Desejo a vossa obra toda a prosperidade que merece e peço-vos aceitar com todos os meus votos, a saudação fraterna.

L. MARTIN — Diretor da "Revue Suisse de Sciences Psychiques" — Petit Lancy, près Genève (Suisse)
— 27 de outubro de 1914.

... E FINALMENTE

A CONFISSÃO DE ROUSTAING

Encerrando a série de estudos que vimos fazendo sobre a obra "Os Quatro Evangelhos" ou "A Revelação da Revelação", do Sr. J. B. Roustaing, reproduzimos uma comunicação inserta no livro "Páginas de Além Túmulo", que enfeixa uma esplêndida coleção de mensagens obtidos psicograficamente pelo médium Carlos Gomes dos Santos.

Rogamos a atenção dos nossos leitores para esta comunicação, cuja forma expositiva e cujos termos claros e precisos nos induzem a acreditar na sua autenticidade, como manifestação espontânea do espírito do Sr. J. B. Roustaing.

Cumpre notar, também, que essa mensagens não foi transmitida ao médium que a recebeu, isoladamente. Ela faz parte de um conjunto de notáveis mensagens de diversos espíritos sobre vários assuntos da doutrina, mensagens essas que, como acima dissemos, foram reunidas em volume sob o título "Páginas de Além Túmulo", já com a sua segunda edição completamente esgotada.

Está assim redigida a comunicação em aprêço, que tem por título a conhecida frase latina "GUTTA CAVAT LAPIDEM..." e, como sub-título "UMA CONFISSÃO

"Que as harmonias espirituais se façam em as vossas almas — são os meus mais ardentes desejos.

Irmãos, da mesma forma que a gota da locução consegue furar a pedra, eu, gota animada do espírito, também hei de conseguir, por mercê de Deus, arrazar a edificação, em muitos pontos falha, que a minha fragilidade, aliada a

outros do espaço, arquitetou, na melhor das intenções, porém, sem reflexão.

Sou, meus irmãos, uma pobre alma, que seria contada no número das que já desfrutam a felicidade integral, se, em mim, na minha própria consciência, não pairasse um cúmulo de desgostos.

Quando entre vós, nas mesmas condições vossas, tendo sido despertado de minha cegueira moral pelos lampejos brilhantíssimos da Luz Divina a nós outorgada por intermédio do missionário a que todos veneramos, sob a designação de Allan Kardec, quis também seguir-lhe as pisadas e, para tal o fazer, depois de acurado estudo do que ele já havia conseguido dos Espíritos reveladores, pensei alguma coisa construir que, se não ultrapassasse, pelo menos concorresse para a conquista da glória, que tanto me agitava.

Pensei — de mim para mim — porque somente a ele lhe foi concedida a gloriosa tarefa de rasgar ao mundo o véu negro que esconde o brilho da Luz diamantina que ilumina as almas? Por que não a outro, de boa vontade, também aspirante das recompensas porvindouras?

E nessas conjecturas caminhava eu... quando, por uma circunstância toda especial, fui induzido a execução do plano que em mim agazalhava. Então comecei por realizar o meu intuito, sim, o meu intuito que não era precisamente meu; não vos admireis desta negativa, porque vos declaro, à face da verdade, que eu nada mais era, naqueles instantes, que instrumento dos inimigos invisíveis da verdade, que, das sombras misteriosas do Além, se aproveitavam de minha irreflexão para toldar, como se fôra isto possível, a brilhantura da água cristalina que manava daquela fonte maravilhosa de que vos falei. Sim, não vos admireis — repito — que tenho servido de veiculador da confusão, eu que tanto ansiava pelo destaque entre os meus pares.

E' infelizmente esta a triste verdade que confesso neste momento, como hei confessado já noutros pontos, onde me tem permitido Deus que faça o meu aparecimento. Mas, irmãos, quereis ver até onde vai minha tortura? Pois bem; em quase todos os meios, onde tenho feito esta sincera confissão, tenho sido repellido por aqueles que, na melhor das intenções, porém despercebidos, vão se envenenando na fonte impura dos ensinamentos que hei deixado.

Fui, meus irmãos, um brinquedo dos inimigos da Luz-ver-

dade; pois foram eles os autores responsáveis de tudo quanto fiz contrariando a doutrina lúdima que vinha sendo ensinada por Allan Kardec.

Mas — dizeis — tenho bebido, através de vosso feito, a água pura da verdade. E responder-vos-ei: — Não, irmãos, a água pura que bebeis, através do estudo de minha obra não é minha, não foi obtida por mim. Esta é dele, porque eu e os que me induziram a semelhante atentado, quando não podíamos de todo contrariar, imitávamos, dando, todavia, ao que imitávamos, uma aparência de novidade verdadeira.

Hoje, porém, que se me depara mais uma ocasião de falar aos homens, venho, olhos d'alma fitos no Pai Universal, dizer-lhes que mal andei tentando obumbrar a Luz brilhantíssima que irradiava do farol divino que é Allan Kardec.

Irmãos, por caridade, ouvi-me:

A verdade está no que ele vos legou e não no que vos hei deixado. Lembrai-vos que há, como sempre houve, usurpadores dos alheios direitos como das alheias glórias, e, eu, confesso, fui um deles.

Assim, amigos, desta outra face da vida, em benefício vosso e também no meu próprio, suplico-vos abandonardes a fonte má que aí deixei e voltardes para aquela, donde emana a pureza que é a Verdade, esta mesma Verdade que é a Luz.

Abri pressurosos os tesouros Kardecianos e esquecei — peço-vos — o que aí ficou do pobre e muito pobre

ROUSTAING”.

“Que Deus vos esclareça para poderdes caminhar, sem maiores tropeços, em busca da felicidade eterna. Adeus”.

* * *

Está cumprido o nosso dever. O que escrevemos nos 120 artigos publicados em “Mundo Espírita”, não o poderíamos ter feito sem uma assistência espiritual a nos instruir. Aos que se interessam pela verdade e sentem prazer no estudo da doutrina espírita, possivelmente, encontrarão na nossa análise alguma coisa que lhes desperte o desejo de uma mais profunda investigação, e estamos certos de que se o fizerem, se certificarão da autenticidade da confissão de Roustaing com que concluímos este nosso trabalho “A BEM DA VERDADE”.

